

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM
ESTUDOS APLICADOS DE LINGUAGEM

**ETNICIDADE LINGUÍSTICA EM MOVIMENTO: OS PROCESSOS DE
TRANSCULTURALIDADE REVELADOS NOS BRASILEIRÍTAOS DO EIXO RIO
DE JANEIRO-JUIZ DE FORA**

Niterói
2017

MARIO LUIS MONACHESI GAIO

**ETNICIDADE LINGUÍSTICA EM MOVIMENTO: OS PROCESSOS DE
TRANSCULTURALIDADE REVELADOS NOS BRASILEIRÍTAOS DO EIXO RIO
DE JANEIRO-JUIZ DE FORA**

Tese de Doutorado em cotutela apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, Estudos Aplicados de Linguagem, da Universidade Federal Fluminense (UFF), e à *Kulturwissenschaftliche Fakultät* da *Europa-Universität Viadrina* (EUV) como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor pela UFF e Dr. Phil. pela EUV. Orientadoras: Profa. Dra. Mônica Maria Guimarães Savedra (UFF) e Prof. Konstanze Jungbluth (EUV)

Niterói

2017

MARIO LUIS MONACHESI GAIO

**ETNICIDADE LINGUÍSTICA EM MOVIMENTO: OS PROCESSOS DE
TRANSCULTURALIDADE REVELADOS NOS BRASILEIRÍTALOS DO EIXO RIO
DE JANEIRO-JUIZ DE FORA**

Tese de Doutorado em cotutela apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, Estudos Aplicados de Linguagem, da Universidade Federal Fluminense (UFF), e à *Kulturwissenschaftliche Fakultät* da *Europa-Universität Viadrina* (EUV) como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor pela UFF e Dr. Phil. pela EUV. Orientadoras: Profa. Dra. Mônica Maria Guimarães SAVEDRA (UFF) e Prof. Konstanze Jungbluth (EUV)

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Mônica Maria Guimarães SAVEDRA (Orientadora)
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof^ª. Dra. Konstanze Jungbluth (Orientadora)
Europa-Universität Viadrina (EUV)

Prof. Dr. Hildo Honório do Couto
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Pierre François Georges Guisan
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof^ª. Dra. Telma Cristina de Almeida Silva Pereira
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr. Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Dedico

A Tânia, cúmplice de aventuras, alicerce da minha existência e parceira eterna; a Luca e Laura, extensões bem melhores do meu ser e intermináveis fontes de inspiração.

Sem eles minha vida não teria nenhum sentido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

a minha família, pelo suporte e compreensão;

a minha irmã Marília, pelo acolhimento maternal ao longo desses anos de pesquisa acadêmica;

a meus pais (*in memoriam*), que provavelmente não entenderiam os caminhos que escolhi seguir, mas que certamente teriam me apoiado;

à professora e orientadora Mônica Savedra, por orientar-me com precisão, e por mostrar-me o caminho nos momentos de apreensão;

à professora e orientadora Konstanze Jungbluth, pelo apoio incondicional, e pelas sugestões sempre adequadas às minhas necessidades;

à professora Telma Pereira (UFF) e ao professor Peter Rosenberg (EUV), pela amizade e disponibilidade;

à colega alemã Rita Vallentin, pelo espírito colaborativo e pela serenidade contagiante;

à amiga e colega Layla Cristina Iapechino Souto, pelo essencial suporte durante meu ano acadêmico em Frankfurt (Oder);

à professora Patrícia Gonçalves, pelo apoio em meu estágio de docência;

à CAPES, pelo suporte financeiro concedido;

à professora Ana Cláudia Peters Salgado, por me apontar o caminho da vida acadêmica;

aos colegas pesquisadores da linha 3 do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF, pelos debates enriquecedores;

aos colegas pesquisadores da *Kulturwissenschaftliche Fakultät* da EUV, pela oportunidade que me proporcionaram de enxergar novos horizontes.

“Se a língua fosse um produto do espírito lógico, e não do poético, teríamos apenas uma”. (Christian Friedrich Hebbel)

É preciso fazer a própria vida como se faz uma obra de arte. É preciso que a vida de um homem inteligente seja produzida por ele. A verdadeira superioridade não passa disso. (Gabriele D'Annunzio)

“Viver é plural”. (Guimarães Rosa)

RESUMO

A presente tese discute língua, cultura e sociedade e se insere no âmbito da sociolinguística. Interessa também a outros campos do saber dentro das ciências sociais e humanas, como a Sociologia e a Antropologia. O objeto da investigação é um processo complexo que parte do fenômeno do Contato de Línguas, perpassa os seus efeitos tais como *language shift*, convergência e empréstimos, prossegue até o efeito mais drástico, a perda total de falantes, e deixa um legado (trans)cultural através dos processos de etnicidade que estão em movimento. A composição multiétnica da população brasileira é profundamente marcada por traços culturais de diversos povos, entre os quais se incluem os italianos. Apesar do imaginário coletivo que associa imigração italiana aos estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro também foram receptores de imigrantes provenientes da multifacetada Itália. A cidade mineira de Juiz de Fora foi o mais importante centro de triagem de imigrantes aportados no Rio de Janeiro com destino ao estado de Minas Gerais. Esses carregavam suas próprias identidades linguísticas e culturais, com implicações nas suas sensações de pertencimento que ultrapassaram as gerações. Os imigrantes, dialetófonos em sua maioria, mantiveram por alguns anos Comunidades de Fala difusas e complexas (COUTO, 2016b), mas preteriram suas línguas em favor da língua dominante, o português brasileiro. Contudo, seus ecossistemas culturais penetraram nos ecossistemas culturais locais e por eles foram penetrados, tornando seus descendentes sujeitos transculturais. Nesta perspectiva, o termo brasileiro-italiano é proposto para definir uma ressignificação dos termos ‘italiano’ (condição herdada) e ítalo-brasileiro (categoria hifenizada), ambos já preconizados nos estudos da área (LESSER, 2014). Imigrantes sempre se apoiaram em Redes Sociais (MILROY & MILROY, 1985; MILROY, 2007; BORTONI-RICARDO, 2011) para estabelecerem-se e estas se desfaziam ao longo do tempo pela natureza urbana do contexto de imigração estudado neste trabalho. Vez por outra surgiam Comunidades de Prática (WENGER, 2006 [1998]) motivadas pela italianidade, que agregavam cidadãos e descendentes num escopo comum. A identidade e a sensação de pertencimento (*belonging*) são aqui tratadas com aporte teórico em Brubaker & Cooper (2000); Bauman (2004); Jungbluth (2007; 2015); Pfaff-Czarnecka (2011); Anthias (2013); Dervin & Risager (2015). O Contato de Línguas e seus efeitos são analisados com base nos estudos de Weinreich (1968 [1953]); Mufwene (2008); Couto (2009); Savedra & Gaio & Carlos Neto (2015); Thomason (2001); Winford (2003). A transculturalidade é abordada a partir do conceito seminal de Ortiz (1999 [1940]) até chegar às definições de Welsch (1999), sobre as quais se apoia nosso trabalho. A perspectiva ecolinguística (COUTO, 2007, 2009, 2016a, 2016b, 2016c; MUFWENE, 2004, 2008, 2016; TRAMPE, 2016) encerra nosso arcabouço teórico e através dela investigamos uma específica Comunidade de Fala não mais existente que fora constituída por imigrantes. Esta pesquisa tem cunho qualitativo e teve suporte metodológico em Dodsworth (2014), Hoffman (2014) e Puskás (2009). A metodologia utilizada constituiu-se de aplicação de entrevistas semiestruturadas a descendentes de italianos. Como material de apoio foram aplicados questionários a líderes de associações ligadas à italianidade.

Palavras-chave: transculturalidade; etnicidade em movimento; contato de línguas; línguas de imigração; linguística ecossistêmica; ecolinguística; imigração italiana

ABSTRACT

This thesis discusses language, culture, society, and it inserts itself in the realm of sociolinguistics. It is also connected to other fields of knowledge within the human and social sciences, such as Sociology and Anthropology. The object of investigation is a complex process which starts from the phenomenon of Language Contact, goes through its effects such as language shift, convergence and borrowings, continuing until its most drastic effect, the total loss of speakers, leaving a (trans)cultural legacy through the processes of ethnicity which are in motion. The multiethnic composition of the Brazilian population is profoundly marked by cultural traces of numerous peoples, among which is found the Italians. Despite the collective imaginary, which associates the Italian immigration with the states of Rio Grande do Sul and São Paulo, Minas Gerais and Rio de Janeiro were also recipients of immigrants from multifaceted Italy. The city of Juiz de Fora, in the State of Minas Gerais, was the most important screening center for immigrants docked in Rio de Janeiro *en route* to Minas Gerais. They carried their own cultural and linguistic identities, with implications to their sense of belonging that surpassed generations. The immigrants, dialectophones in their majority, kept for some years complex and scattered Speech Communities (COUTO, 2016b), but abandoned their languages in favor of the dominant language, Brazilian Portuguese. However, their cultural ecosystems penetrated the local ones and were by them also penetrated, making their descendants transcultural individuals. In this perspective, the term *Brasileiritalo* (or *Brazilianitalic*, in its English suggested version, a portmanteau of the words Brazilian and Italic, in reference to Italy) is proposed to define a resignification of the terms Italian (as an inherited condition) and Italian-Brazilian (hyphenated category), both recommended in the studies of the area (LESSER, 2014). Immigrants have always relied on Social Networks (MILROY & MILROY, 1985; MILROY, 2007; BORTONI-RICARDO, 2011) to establish themselves and which disappeared over time due to the urban nature of the context of immigration studied in this work. Eventually there were Communities of Practice (WENGER, 2006 [1998]) motivated by the Italianity, which joined citizens and descendants in one common scope. Identity and belonging are here treated as theoretical contributions in Brubaker & Cooper (2000); Bauman (2004); Jungbluth (2007; 2015); Pfaff-Czarnecka (2011); Anthias (2013); Dervin & Risager (2015). Language contact and its effects are analyzed based on studies by Weinreich (1968 [1953]); Mufwene (2008); Couto (2009); Savedra & Gaio & Carlos Neto (2015); Thomason (2001); Winford (2003). Transculturality is approached from the seminal concept of Ortiz (1999 [1940]) until we reach the definitions of Welsch (1999), on which this study is based. The ecolinguistic perspective (COUTO, 2007, 2009, 2016a, 2016b, 2016c; MUFWENE, 2004, 2008, 2016; TRAMPE, 2016) closes our theoretical framework and through it we investigate a specific and non-longer existent Speech Community that was constituted by immigrants. This research has a qualitative nature and borrows its methodological support from Dodsworth (2014), Hoffman (2014) and Puskás (2009). The methodology used is made up of the application of semi-structured interviews of Italian descendants. As support material, questionnaires were given to leaders of associations connected with Italianity.

Key-Words: transculturality; ethnicity in motion; language contact; immigration languages; ecosystemic linguistics; ecolinguistics; Italian immigration.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O pesquisador e seu avô Mario, italiano de Macerata, na década de 60. Contato linguístico e cultural intergeracional.	3
Figura 2 – Delimitação da Região Intermediária de Articulação Urbana de Juiz de Fora	11
Figura 3 – Áreas das regiões de influência de Redes Ampliadas de Articulação Urbana (em cores e tonalidades) e divisão político-administrativa estadual (linhas tracejadas)	12
Figura 4 – Detalhe da área de Influência da Rede Ampliada de Articulação Urbana do Rio de Janeiro.....	12
Figura 5 – Fachada da <i>Casa d'Italia</i> de Juiz de Fora (foto: acervo pessoal)	58
Figura 6 – Esquema gráfico dos processos de contato linguístico (COUTO, 2009, p. 50).....	61
Figura 7 - Durabilidade, permeabilidade e liminalidade na fronteira linguística, segundo Zinkhahn-Rhobodes (2015, p. 234-235)	69
Figura 8 – Esquema gráfico do processo de glototanásia.....	72
Figura 9 – Península italiana – relevo	79
Figura 10 – Fachada do bar ‘Carioca do Brejo’, em Juiz de Fora.....	112
Figura 11 – Tríade de representação do Ecossistema Linguístico.....	116
Figura 12 – Tríade de representação do Ecossistema Cultural.....	122
Figura 13 – Artefato – Panela de ferro pertencente à família, que atravessou gerações durante mais de 100 anos.	123
Figura 14 – Certificado de dispensa de incorporação do exército italiano de Antonio Gaio – acervo pessoal.....	124
Figura 15 – representação do Ecossistema Linguístico-cultural	126
Figura 16 - Excerto da carta de José De Landa, da AAG ao cônsul italiano, Luigi Boggiolo (26/03/1946)	158
Figura 17 - Excerto da carta de José De Landa, da AAG ao cônsul italiano, Luigi Boggiolo (18/03/1946)	159
Figura 18 - Excerto da carta de José De Landa, da AAG ao cônsul italiano, Luigi Boggiolo (18/03/1946)	159
Figura 19 - Excerto da carta de José De Landa, da AAG ao cônsul italiano, Luigi Boggiolo (18/03/1946)	160
Figura 20 - Excerto da carta de José De Landa, da AAG ao embaixador Mario Augusto Martini (03/05/1946)	160

Figura 21 - Excerto da carta do vice-cônsul de Juiz de Fora, Ugo Scalabrino, à AAG (19/07/1957)	161
Figura 22 – Excerto da carta do presidente da Societá Dante Alighieri de Juiz de Fora, Franco Bocchini, à AAG (12/05/1960)	162
Figura 23 - Excerto da carta do vice-cônsul de Juiz de Fora, Ugo Scalabrino, à AAG (07/08/1952)	163
Figura 24 – Esquema da relação entre padrões de redes sociais e preservação do vernáculo proposta por Bortoni-Ricardo (2011, p. 113)	178
Figura 25 – Prédio da <i>Casa d'Italia</i> do Rio de Janeiro, onde funciona o Consulado Geral e o Instituto Italiano de Cultura	202
Figura 26 – Portão de entrada do prédio da <i>Casa d'Italia</i> do Rio de Janeiro	203
Figura 27 – Parte do grupo que representou os imigrantes italianos no desfile de comemoração dos 150 anos de Juiz de Fora, em fotografia em frente ao prédio da <i>Casa d'Italia</i>	226
Figura 28 – Logotipo	226
Figura 29 – Os 14 anos do Grupo Tarantolato em frente ao prédio da <i>Casa d'Italia</i> de Juiz de Fora.	228
Figura 30 – Linha do tempo da <i>Casa d'Italia</i> de Juiz de Fora: principais acontecimentos até os dias atuais	241

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Hierarquia das cidades brasileiras - legenda.....	12
Tabela 2 - Entrada de imigrantes no Brasil entre 1894 e 1933.....	87
Tabela 3 – Elenco dos informantes selecionados	147
Tabela 4 – Quadro comparativo entre as CF Fazenda e CF Jornaleiros.....	197
Tabela 5 – Resumo das CF Fazenda e CF Jornaleiros	201

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição da faixa etária dos membros do grupo Tarantolato	229
---	-----

ABREVIATURAS

AIC	-	Atos de Interação Comunicativa
CdL	-	Comunidade(s) de Língua
CF	-	Comunidade(s) de Fala
CL	-	Contato de Línguas
CP	-	Comunidade(s) de Prática
EIC	-	Ecologia da Interação Comunicativa
EIL	-	Ecologia Integral da Língua
L1	-	Língua Primeira adquirida por um indivíduo
L2	-	Língua Segunda adquirida por um indivíduo
LE	-	Língua Estrangeira
LH	-	Língua de Herança
PB	-	Português Brasileiro
PE	-	Português Europeu
TL	-	<i>Target Language</i>

SUMÁRIO

BANCA EXAMINADORA.....	iii
DEDICATÓRIA.....	iv
AGRADECIMENTOS	v
EPIÍGRAFES.....	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
LISTA DE FIGURAS	ix
LISTA DE TABELAS	x
LISTA DE GRÁFICOS.....	x
ABREVIATURAS	xi
SUMÁRIO.....	xii
NOTA INICIAL	1
1. INTRODUÇÃO	4
1.1. Definição do tema	4
1.2. O contato de línguas.....	6
1.2.1. O CL no nosso estudo	8
1.3. Justificativa.....	13
1.4. Definição da situação problema	18
1.5. Delimitação e objetivos	20
2. IDENTIDADE E IMIGRAÇÃO.....	22
2.1. Identidade linguística e cultural	22
2.1.1. Nacionalismo e identidade	26

2.1.2. Língua, cultura e identidade	29
2.1.3. <i>Belonging</i> – a sensação de pertencimento	37
2.2. “Fizemos a Itália, agora é preciso fazer os italianos”	41
2.3. A organização dos imigrantes italianos no Brasil – Redes sociais e regionalismo	44
2.4. Fascismo e <i>Casa d’Italia</i>	48
3. O CONTATO DE LÍNGUAS	59
3.1. Conceitos, classificações e processos	59
3.2. O contato de línguas e seus efeitos	62
3.2.1. Fronteiras linguísticas: os conceitos de Durabilidade, Permeabilidade e Liminalidade	67
3.2.2. A extinção do uso das línguas	70
3.2.3. Língua de herança e língua por herança	73
3.2.4. Língua e Emoção	75
4. TRANSCULTURALIDADE	78
4.1. Migração, transnacionalismo, diáspora	78
4.2. Transculturalidade, hibridismo e sincretismo: a questão terminológica	84
4.2.1. Hibridismo cultural	92
4.2.2. O sincretismo cultural	102
5. A PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA	105
5.1. A ecologia da língua	106
5.1.1. Interação - comunhão	109
5.1.2. Interação – comunicação	109
5.1.3. Interação - significação	114
5.2. A ecolinguística e a linguística ecossistêmica	115

5.3.	A internet como território.....	116
5.4.	O Ecosistema Cultural	122
5.5.	Comunidades de Fala e Comunidades de Prática.....	129
5.6.	A Comunidade de Fala na perspectiva da Linguística Ecológica	133
6.	METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	135
6.1.	O pré-teste	140
6.1.1.	Seleção dos sujeitos e aplicação dos instrumentos.....	140
6.1.2.	Análise dos resultados do pré-teste	141
6.2.	A coleta dos dados definitiva	144
6.2.1.	Seleção dos sujeitos.....	144
6.2.2.	Aplicação dos Instrumentos	146
6.2.2.1.	Entrevistas.....	148
6.2.2.2.	<i>Doing Ethnicity</i>	150
6.3.	Análise dos dados coletados.....	152
6.3.1.	A língua	156
6.3.2.	Os efeitos do contato	157
6.3.3.	O ecossistema linguístico-cultural dos jornalheiros.....	168
6.3.4.	A rede social.....	168
6.3.4.1.	A língua da rede social.....	176
6.3.5.	A Comunidade de Fala dos Jornalheiros.....	185
6.3.5.1.	A CF Fazenda do Zé Artino.....	190
6.3.5.2.	As CF em análise: Fazenda e jornalheiros imigrantes italianos	191
6.3.5.3.	O Território	191
6.3.5.4.	A população	192
6.3.5.5.	A língua da CF.....	194
6.3.5.6.	O fim da CF Jornalheiros.....	197

6.4.	Exemplos práticos de Ecosistema Cultural.....	200
6.5.	As comunidades de prática.....	222
6.6.	Os AIC no território virtual.....	231
7.	DISCUSSÃO FINAL.....	237
7.1.	Os processos de transculturalidade	239
7.2.	As CP em estado de latência	239
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	242
	REFERÊNCIAS	247
	ANEXOS	258

NOTA INICIAL

Sempre que falamos de nossas pesquisas nos acostumamos a ser interpelados com mais ou menos ceticismo, muito evidente, embora nunca explicitado, nas expressões faciais dos menos experientes, e nas perguntas formuladas pelos mais versados no tema. Parece que a desconfiança não tem relação direta com o objeto de nossa pesquisa, o contato linguístico-cultural, mas com o fato de estudarmos o seu legado, transmitido aos descendentes, e não o contato propriamente, não mais existente. Decidimos trabalhar com língua e cultura de imigração por razões pessoais, por inquietações que surgiram a partir do momento em que nos aprofundamos nos estudos de Sociolinguística e derivamos para o campo das línguas de/em contato. Nosso mote sempre foi entender as razões que levam famílias de imigrantes, no nosso caso específico de imigrantes italianos, a considerarem importante (ou não) a transmissão de suas próprias línguas e culturas aos seus descendentes, e igualmente as razões que levam os descendentes a se interessarem (ou não) pelo que os ancestrais possam transmitir. Em que medida esses dois filtros regulam o componente étnico na formação cultural do ‘ser brasileiro’?

Neste cenário, seria espetacular se pudéssemos voltar no tempo para entrevistar os diversos italianos aportados no Rio de Janeiro, tanto os que ali se estabeleceram quanto os que se dirigiram à nossa cidade natal, Juiz de Fora. A conversa direta seria uma rica fonte de informações e observações; seus depoimentos, comparados com os de seus filhos e netos nos dariam uma infinidade de informações diretas e indiretas que possivelmente aplacariam nossa ânsia por respostas. Compreenderíamos como funcionavam suas redes sociais, como se entendiam com a população local, como traziam as novas experiências diárias para a mesa de jantar, de que maneira se interessavam pela língua local, quais eram os resultados dos primeiros contatos linguísticos. Contudo, isso não é possível.

Para tornar as coisas mais difíceis, o contexto urbano de industrialização e o destacado crescimento populacional promovia a rápida assimilação dos imigrantes à nova sociedade, que era estável política, social e economicamente. Os imigrantes não se estabeleceram nos mesmo bairros, nas mesmas ruas, não criaram guetos. A partir do momento em que conseguiram trabalho e melhores condições de vida, imagina-se que a preocupação com o encaminhamento dos filhos na vida escolar e laborativa nessa sociedade passava a ser a meta perseguida. Embora haja dados estatísticos que apontem para o retorno de alguns imigrantes à terra natal, esses não são nem de longe a maioria. Enfrentar as dificuldades de uma viagem de

retorno à localidade de origem só valia a pena para quem realmente não tinha conseguido muita coisa.

As evidências apontam para um cenário bastante rarefeito. Embora houvesse a tendência ao agrupamento das famílias em casas próximas, italianos não se fecharam em comunidades isoladas e não se preocuparam em constituir famílias entre italianos. Vale dizer que as culturas, as línguas, as diversidades se transformaram através do contato intenso e progressivo. O mesmo vale para outros grupos de imigrantes que aqui se instalaram, tais como alemães, sírios, libaneses, portugueses... Estes se juntaram à população que já habitava os municípios e com eles foram constituindo famílias e transformando a sociedade. Um cenário que se desenhava como intercultural, passou a multicultural e se transformou em transcultural (WELSCH, 1999). Essa é a essência da formação da população brasileira, constituída por uma rica diversidade étnica, evidenciada em diferentes situações de contato.

A sociedade brasileira é uma sociedade multiétnica "em movimento". Sua numerosa população, composta por povos indígenas, afro-brasileiros, de colonização europeia, ou ainda agregada pelas migrações posteriores, é caracterizada por uma variedade de hibridizações (SAVEDRA; GAIO, 2015).

Abordamos o tema da linguística de imigração com o viés da transculturalidade, que Welsch (1999, p. 4) define como culturas que se interpenetram ou emergem umas das outras. A transculturalidade ganha terreno também no nível do indivíduo porque a sua formação cultural vem sendo cada vez mais influenciada por múltiplas conexões culturais. “Somos híbridos culturais¹”, afirma Welsch (1999, p. 5), e a população brasileira é certamente um bom exemplo. Ela representa, a nosso ver, a essência da etnicidade em movimento, que vai e volta, e pode ir novamente... Sempre agregando elementos linguístico-culturais à sociedade e buscando semear o terreno da harmonia e do entendimento entre os povos e na sua relação com o meio ambiente. Nesse sentido, a visão holística da Linguística Ecológica (COUTO, 2016) será fundamental nas análises dos *corpora*.

¹ “*We are cultural hybrids*”. As traduções ao longo desse trabalho são de nossa responsabilidade, salvo observação em contrário.

Portanto, a cada olhar cético, a cada pergunta desconfiada ou curiosa percebemos que o desafio que temos é bem grande. Transformar ceticismo e estranheza em credibilidade acadêmica não é fácil. Porém, é factível, e o desafio foi aceito. E as interrogações de outrem servem como alimento para nutrir o desejo de realizar um trabalho academicamente respaldado e pessoalmente gratificante.



Figura 1 – O pesquisador e seu avô Mario, italiano de Macerata, na década de 60. Contato linguístico e cultural intergeracional.

1. INTRODUÇÃO

“Na verdade das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical.” (Darcy Ribeiro, sobre o Brasil. *in*: O Povo Brasileiro. Cia das Letras, 1996)

A miscigenação étnica do povo brasileiro é fato. O fenótipo do brasileiro é tão variado que não podemos sequer dizer que exista. Qualquer habitante do planeta Terra pode se autoproclamar brasileiro sem causar estranheza do ponto de vista da aparência física. O lado ruim dessa diversidade está ligado ao mundo do crime organizado. O passaporte brasileiro é altamente valorizado “em razão da grande composição étnica brasileira”, como afirmava um ex-diretor geral da Polícia Federal, ainda em 2001². Infelizmente há e haverá sempre alguém se aproveitando dessa peculiaridade enquanto ela for uma peculiaridade. Nós preferimos enxergar o seu vanguardismo. Afinal, essa terra de contrastes parece ser um enorme workshop a céu aberto, o futuro antecipado do que virá a ser o mundo.

Não é, contudo, a miscigenação étnica por si só que nos interessa, mas as consequências dela e os processos que a envolvem, que são a própria etnicidade em movimento. Mas em que circunstâncias essa etnicidade em movimento é manifestada? Como a percebemos? São perguntas como essas que buscaremos responder ao longo deste trabalho.

1.1. Definição do tema

O problema que trazemos à tona neste trabalho compreende língua, cultura e sociedade e, portanto, é inerente à sociolinguística. Entretanto, interessa também a outros campos do saber dentro das ciências sociais e humanas, como a Sociologia e a Antropologia. O objeto de nossa investigação é um processo complexo que parte do fenômeno do Contato de Línguas (CL), perpassa os seus efeitos tais como *language shift*, convergência, empréstimos, prossegue até o efeito mais drástico, o desaparecimento de uma língua (não no

²

Cf.

<http://g1.globo.com/bomdiabrasil/0,,MUL829229-16020.00-PASSAPORTE+BRASILEIRO+E+COBICADO+PELO+CRIME.html>

sentido de extinção, mas no sentido de perda por falta de transmissão intergeracional), e deixa um legado (trans)cultural através dos processos de etnicidade que estão em movimento.

O projeto original, cujo título era “Transculturalidade: etnicidade em movimento no contato linguístico-cultural de línguas de imigração”, delimitado ao eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora, buscava esclarecer a formação da identidade híbrida de descendentes de italianos a partir do contato entre imigrantes daquele país e brasileiros. Esse projeto sofreu alterações significativas, embora seu cerne permaneça o mesmo. No âmbito da cotutela entre a Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, Brasil, e a *Europa-Universität Viadrina* (EUV), em *Frankfurt an der Oder*, Alemanha, tive a oportunidade de desenvolver parte de minha pesquisa naquele país e ao longo desse tempo novos conceitos foram introduzidos.

Dessa forma, todo o processo inicialmente idealizado para o desenvolvimento do trabalho foi retificado de acordo com as diferentes perspectivas que foram surgindo. A máxima ‘nunca saímos de uma situação do mesmo jeito que nela entramos’ é bastante adequada a esse trabalho, e a nós, pessoalmente. Modificações substanciais no nosso entendimento acerca dos conceitos de transculturalidade propriamente dita, bem como identidade, pertencimento e etnicidade em movimento apontaram um novo caminho para nosso trabalho. Esse permanece dentro da sociolinguística e, mais especificamente, dentro da subárea do CL, mas em vista da perda da língua de imigração através das gerações o tema passa a ser observado mais fortemente do ponto de vista cultural. O hibridismo cultural dá lugar ao sincretismo cultural³, que consideramos mais adequado e representativo.

Vamos também nos valer de conceitos da Linguística Ecolinguística, ramo brasileiro da Ecolinguística, para tratar do Ecossistema Cultural que envolveu os imigrantes e mostrar que as gerações descendentes são transculturais, e não biculturais ou multiculturais, posto que absorvem em medidas diferentes e impossíveis de serem delimitadas as culturas a que são expostas. A transculturalidade dos descendentes os define como ‘brasileirítalos’, ressignificação dos ‘italianos’ como condição herdada e dos ítalo-brasileiros do passado (LESSER, 2014). Deixamos aberta, para futuras pesquisas, a sugestão de metodologias de mensuração da transculturalidade de acordo com ambientes transculturais, a exemplo do que propõe Savedra (1994; 2009) para bilinguagem e nos moldes de medidas de bilinguagem propostas por Salgado (2009).

³ Detalharemos essa preferência em 4.2.

Por fim, discorreremos sobre a formação das redes sociais, tão importantes no apoio aos grupos de imigrantes, das Comunidades de Fala (CF) surgidas a partir dessas redes e também das Comunidades de Prática (CP) criadas em torno da italianidade⁴.

1.2. O contato de línguas

O CL é tema de estudos há mais de um século e teve seu início como um ramo da linguística histórica, particularmente no trabalho de Hugo Schuchardt de 1890. Os efeitos do contato têm sido objeto de pesquisa desde antes dos primeiros estudos científicos de linguística. Durante o auge dos estudos em linguística histórica, ainda no séc. XIX, o CL era parte integral desse campo de pesquisa e teve papel fundamental nos debates acerca da natureza da mudança linguística. Já no séc. XX, com os avanços do estruturalismo, deixou de ser o centro das atenções, embora jamais tenha ficado à margem das pesquisas (WINFORD, 2003).

Durante longos anos a questão central da discussão a respeito do CL e seus efeitos girava em torno da crença – ou não – de que novas línguas surgidas a partir do CL tinham gramáticas diferentes das que originaram sua formação. Muitos estudiosos também consideravam que a mistura de línguas criava uma língua inferior, produto de um aprendizado ineficiente e atrapalhado (WINFORD 2003 p. 1), o que é um grande equívoco. Os exaustivos estudos sobre o tema ao longo da história demonstram que não há línguas inferiores ou superiores, melhores ou piores, mais fáceis, ou mais difíceis.

Essas interpretações equivocadas sobre as línguas derivadas de contato linguístico têm relação direta com os ideais de pureza tão fortemente marcados nos seres humanos ao longo da história.

Desde o século XVIII, quando o Marquês de Pombal proibiu o uso da Língua Geral com a justificativa de dar uniformidade cultural ao Brasil, a ideia do ‘Brasil – país monolíngue’ vem sendo disseminada entre sua população. Já na década de 30 do século XX o Estado Novo também reprimiu o uso de línguas diferentes da portuguesa, sendo particularmente implacável nas colônias de imigrantes europeus. Mais recentemente, essas

⁴ Usaremos as siglas CF e CP tanto para o singular quanto para o plural. O contexto será suficiente para dirimir qualquer dúvida.

políticas ainda denotam repressão (em nome da ‘defesa da língua’), tal como o projeto de lei 1676/1999 do ex-deputado Aldo Rebelo⁵. Esse projeto, na verdade uma cópia da francesa “Lei Toubon⁶”, é um ato político semelhante ao do Marquês de Pombal, pois desconsidera as diversas línguas brasileiras, tais como as indígenas e as de imigrantes, já reconhecidas oficialmente através do decreto 7387 de 9 de dezembro de 2010.

Embora ainda existam discursos puristas, academicamente esse assunto não é mais levado em consideração, em razão das extensas e exaustivas pesquisas em estudos de linguagem, sobretudo as do campo da sociolinguística. Atualmente percorre-se o caminho inverso, com o reconhecimento do Brasil como país plurilíngue e com a valorização e reconhecimento oficial de línguas regionais, ao lado do português. Há projetos de revitalização e manutenção de língua e cultura em todo o país, que envolvem línguas autóctones e alóctones, todas atualmente reconhecidas como línguas brasileiras, como já dissemos, pelo decreto 7387/2010.

Essas ações vêm servindo de alavanca para o reconhecimento do valor da multiétnia na formação do povo brasileiro, mormente pela sua miscigenação e não pela simples convivência entre etnias diferentes. Neste sentido, percebemos o Brasil como um país transcultural, onde as culturas se misturam e tendem a convergir, ao contrário de um país multicultural, onde as culturas convivem, harmonicamente ou não, sem necessariamente se misturar.

Neste contexto, investigamos os processos de transculturalidade, expressos pela etnicidade híbrida identificada nos descendentes a partir do legado linguístico-cultural deixado pelos imigrantes italianos estabelecidos no eixo Rio de Janeiro – Juiz de Fora desde o último quartil do século XIX.

⁵ O parágrafo 4º do Art. 5º diz que “(...) o emprego de palavra ou expressão em língua estrangeira será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro e punível na forma de lei.”

⁶ Lei 94-665 de 4 de agosto de 1994, conhecida como ‘Lei Toubon’ em referência ao então ministro da cultura e da francofonia Jacques Toubon. É uma lei que torna obrigatório o uso da língua francesa nas publicações do governo, nas propagandas comerciais, nos ambientes de trabalho, nos contratos comerciais, nas escolas estatais e em outras situações.

1.2.1. O CL no nosso estudo

No fim do século XIX, a cidade mineira de Juiz de Fora vivia um momento histórico de crescimento industrial, a ponto de ser conhecida como a Manchester Mineira, em referência à cidade britânica. Embora localizada no estado de Minas Gerais, a maior proximidade com a capital da União – Rio de Janeiro – em relação à capital mineira – Belo Horizonte – foi decisiva para o seu desenvolvimento. Duas vultosas e importantes obras são exemplos desse progresso: a Usina de Marmelos Zero⁷, a primeira usina hidrelétrica da América do Sul, e a estrada de rodagem União e Indústria⁸, a primeira rodovia pavimentada (macadamizada) da América Latina, que a ligava a Petrópolis e ao Rio de Janeiro. Juiz de Fora atraiu expressiva quantidade de imigrantes italianos, que deveriam ter vindo para substituir a mão de obra escrava nas lavouras de café, mas acabaram ocupando a área urbana da cidade (GAIO, 2013).

O Rio de Janeiro é a primeira metrópole multiétnica brasileira. Já em 1890 ali viviam mais de 500.000 habitantes, mas desde a década de 50 do século XIX passaram a conviver as mais diversas etnias, de classe social baixa, entre ex-escravos e imigrantes estrangeiros de origem europeia, principalmente portugueses, espanhóis e italianos. A convivência foi marcada por conflitos, inclusive xenófobos, e solidariedade, e acabou constituindo a base social da então capital da República (CROCI, 2011, p. 95).

Ao longo do século XX o trânsito entre Juiz de Fora e Rio de Janeiro foi sempre intenso. Eram duas cidades importantes e de vanguarda, evidentemente cada uma em sua medida, favorecidas pela ligação através da então moderna estrada União e Indústria. O estreito laço entre as duas cidades é histórico e remonta os tempos do império. A primeira sempre foi influenciada cultural econômica e socialmente pela última e os reflexos dessa influência são percebidos até os dias de hoje, como registrado pela Divisão Urbano-Regional proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A divisão apresentada por este instituto se baseia no documento, resultado de ampla pesquisa, denominado REGIC – 2007 (Regiões de Influência das Cidades – 2007)⁹, que tem o objetivo de “delimitar regiões de modo a obter agregados coesos de municípios resolvendo

⁷ Cf. <http://www.ufjf.br/centrodeciencias/projetos/museu-usina-marmelos-zero/>

⁸ Cf. <http://www.dadosmunicipais.org.br/index.php?pg=exibemateria&secao=12&subsecao=&id=455&uid=>

⁹ Ambos os documentos – Divisão Urbano-Regional e REGIC – 2007 - se encontram disponíveis no site do IBGE, na página <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm?c=6>

suas múltiplas vinculações” e “permitir análises estatísticas regionais no qual (sic) cada município pertença somente a **uma** região” (grifo nosso).

O interessante desta classificação para o nosso estudo é que a mesma não considera a divisão político-administrativa dos estados da federação; não é baseada nos limites divisórios estaduais, mas em vinculações e influências. Para isto, propõe três níveis regionais, a saber:

- Nível 1 ou **Regiões ampliadas de articulação urbana:** regiões geralmente ligadas a uma metrópole
- Nível 2 ou **Regiões intermediárias de articulação urbana:** regiões geralmente ligadas a uma Capital Regional ou Centro Sub-regional
- Nível 3 ou **Regiões imediatas de articulação urbana:** Regiões ligadas geralmente a um Centro Sub-regional ou Centro de zona

A hierarquia das cidades brasileiras, segundo o REGIC – 2007, obedece a critérios de delimitação segundo suas áreas de atuação.

“Privilegiou-se a gestão do território, avaliando níveis de centralidade do Poder Executivo e do Judiciário no nível federal, e de centralidade empresarial, bem como a presença de diferentes equipamentos e serviços. O levantamento das ligações entre as cidades permitiu delinear suas áreas de influência e esclarecer a articulação das redes no território”.

A hierarquia é assim designada:

- **Metrópoles:**
 - Grande metrópole nacional
 - Metrópole nacional
 - Metrópole
- **Capital regional:**
 - Capital regional A
 - Capital regional B
 - Capital regional C
- **Centro sub-regional:**
 - Centro sub-regional A
 - Centro sub-regional B

- Centro de zona:
 - Centro de zona A
 - Centro de zona B
- Centro local

Neste trabalho não nos interessamos por divisões político-administrativas estaduais, dada às suas naturezas arbitrárias. Nas relações sociais e humanas, onde se encaixam os trabalhos em sociolinguística, interessam as influências e os vínculos reais percebidos pelos indivíduos dentro de suas comunidades. Faremos uso, portanto, da terminologia adotada pela Divisão Urbano-Regional do IBGE. Salientamos, porém, a impossibilidade prática da identificação das áreas de influência sem levar em conta unidades mínimas de divisão política, que no nosso caso são os municípios. Assim também age o IBGE, marcando as divisões de áreas de influência pelas fronteiras municipais.

Juiz de Fora é núcleo de uma Região Intermediária de Articulação Urbana que compreende 107 municípios, dos quais dois não se encontram no estado de Minas Gerais; o município de Carmo, pertencente ao estado do Rio de Janeiro e o município de Dores do Rio Preto, pertencente ao estado do Espírito Santo. Como se trata de uma área intermediária entre duas importantes metrópoles nacionais, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, alguns desses municípios estão dentro de Regiões Ampliadas diferentes; 28 desses municípios se encontram dentro da região Ampliada de Articulação Urbana de Belo Horizonte, todos eles ao norte de Juiz de Fora. Os demais 79 estão sob influência da Região Ampliada de Articulação Urbana do Rio de Janeiro. Entre esses se inclui o próprio município de Juiz de Fora. Notamos também, como ilustrado na Figura 2, que há dois municípios dentro do estado de MG sob influência de uma Região Intermediária de municípios do estado do RJ. Da mesma forma, os municípios de Carmo (RJ) e Dores do Rio Preto (ES) estão sob a área de influência da Região Intermediária de Juiz de Fora (MG).



Figura 2 – Delimitação da Região Intermediária de Articulação Urbana de Juiz de Fora

Assim, o espaço definido para o nosso estudo, qual seja o eixo Rio de Janeiro - Juiz de Fora, está integrado à Região Ampliada de Articulação Urbana cujo núcleo é a Metrópole Nacional do Rio de Janeiro. O município de Juiz de Fora é classificado como Capital Regional B. As figuras abaixo ilustram graficamente o espaço geográfico do nosso estudo.

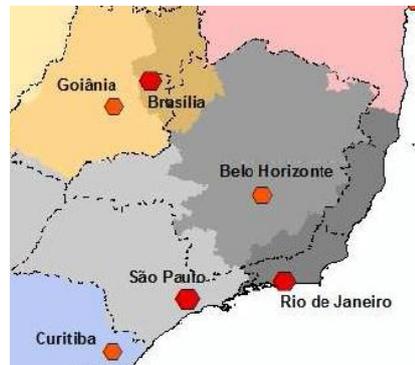


Figura 3 – Áreas das regiões de influência de Redes Ampliadas de Articulação Urbana (em cores e tonalidades) e divisão político-administrativa estadual (linhas tracejadas)



Figura 4 – Detalhe da área de Influência da Rede Ampliada de Articulação Urbana do Rio de Janeiro.

- Grande Metrópole Nacional
- Metrópole Nacional
- Metrópole
- Capital Regional A
- Capital Regional B
- Capital Regional C
- Centro Subregional A
- Centro Subregional B
- Centro de Zona A
- Centro de Zona B
- Centro Local

Tabela 1 – Hierarquia das cidades brasileiras - legenda

Devemos destacar o fluxo migratório interno entre os estados de MG e RJ. Gaio (2013) exemplifica essa migração interna citando o caso particular de Pantaleone Arcuri, imigrante italiano que se tornou um importante construtor e empresário juizforano, mas que antes de se estabelecer definitivamente em Juiz de Fora passou pelo Rio de Janeiro, Valença (RJ) e Rio Preto (MG).

Há também casos de migração em direção ao Rio de Janeiro, a partir de oportunidades de trabalho surgidas ao longo do século XX, sobretudo para os descendentes dos imigrantes pioneiros. Acreditamos que Redes Sociais, como tratadas por Milroy & Gordon (2003), Milroy & Milroy (1985) e Bortoni-Ricardo (2011), tenham exercido papel importante nesse processo.

Migrações internas de centros urbanos menores em direção a metrópoles podem ser um ulterior motivador de perda linguística e da cultura trazida pelos ancestrais, uma vez que em metrópoles o contato com outros povos é ainda mais intenso. As teorias sobre Redes Sociais, as investigações acerca de identidade e sensação de pertencimento e os estudos que tratam dos efeitos do CL nos dão o aporte teórico necessário para enxergar a viabilidade de um estudo capaz de combinar as pesquisas no campo da Ecolinguística com os processos de transculturalidade e etnicidade híbrida em localidades onde houve CL, entre as quais as de imigração.

1.3. Justificativa

O Brasil é um país plurilíngue e pluricultural, de rica diversidade étnica, explicitada em diferentes situações de/em contato. Aqui coexistem diferentes línguas autóctones, línguas alóctones (línguas dos colonizadores, da escravidão, da imigração, tais como alemã, italiana, japonesa, árabe, entre outras), línguas provenientes do contato com as fronteiras hispânicas, com a fronteira francófona (Oiapoque e Saint George)¹⁰ e com a fronteira com a Guiana (Roraima e Letem). A sociedade brasileira é uma sociedade multiétnica "em movimento". Sua numerosa população, composta por povos indígenas, afro-brasileiros, de colonização

¹⁰ Há diversos estudos sobre o contato na fronteira francófona, sugerimos a leitura da tese de doutoramento de NASCIMENTO DAY, Kelly Cristina (2016), cujo título é "Políticas Linguísticas Educativas em conflito no Amapá: Impactos e contradições da LDB 9394/96 e da lei 11.161/2005".

européia, ou ainda agregada pelas migrações posteriores, é caracterizada por uma variedade de hibridizações (SAVEDRA & GAIO, 2015).

A recente política de reconhecimento da diversidade linguística e cultural das línguas brasileiras, com expressiva intervenção do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política linguística (IPOL), promove a co-oficialização de línguas minoritárias, tanto autóctones, como alóctones. (SAVEDRA & HÖHMANN, 2013). Tais ações em prol de línguas minoritárias não significam apenas um ‘renascimento’ da diversidade étnica nacional. Elas promovem o reconhecimento de sua etnia híbrida e as origens étnicas não são mais vistas como um concorrente dos laços nacionais. Na medida em que as minorias linguísticas e culturais, representantes do povo brasileiro, são assimiladas, passa-se a falar em riqueza linguístico-cultural brasileira. Neste contexto surgem orientações transculturais, de valorização da língua e cultura de gerações anteriores, como preconizado no Decreto 7.387 de nove de dezembro de 2010 que institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL).

A questão do uso tópico de línguas e culturas em situações bi- e plurilíngues no país tem sido pesquisada e discutida nos estudos desenvolvidos no LABPEC - Laboratório de Pesquisas em Contato Linguístico da UFF (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8525543472142637>) e na linha História, Política e Contato Linguístico do Programa de Estudos de Linguagem da UFF (<http://www.posling.uff.br/>). Nestes estudos, comprovamos que tanto o bilinguismo como o plurilinguismo¹¹ são fenômenos relativos, que definem condições particulares de vida. A particularidade de cada situação é reconhecida pelo contexto de aquisição das línguas e pelo seu uso em diferentes ambientes comunicativos: ambiente familiar, ambientes sociais (clubes, grupo de amigos, igreja, instituições públicas, dentre outros), ambientes escolares e/ou acadêmicos e ambientes de atuação profissional. (SAVEDRA, 2008, 2009, 2011, 2015; SAVEDRA & HÖHMANN, 2011, 2012, 2013; HÖHMANN, 2011; GAIO, 2013; SAVEDRA & GAIO, 2015; DAMKE & SAVEDRA, 2013).

Na análise de situações de contato provenientes do contexto de imigração, discutimos os fenômenos de manutenção, perda e revitalização linguística e cultural em diferentes

¹¹ Neste estudo adotamos a definição de bilinguismo de Savedra (2009, p. 127-128): “situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas”. O mesmo conceito vale, por extensão, para plurilinguismo.

comunidades de imigrantes no Brasil, frente à implementação das ações que asseguram a defesa da diversidade linguística e cultural, provocada pelas diferentes situações de contato identificadas no país. Com o desenvolvimento destas pesquisas foram descritos alguns processos de mudança da língua minoritária para a majoritária e seus respectivos processos de assimilação sócio-culturais e etno-culturais, através da revitalização e do renascimento linguístico. Além disso, com base em observações empíricas realizadas durante as pesquisas, identificamos uma tendência para o aprendizado de variedades padrão das línguas (estrangeiras) de origem (da imigração), por vezes motivado por programas de cooperação com países que têm estas línguas como línguas oficiais. Como resultado deste processo, os descendentes de minorias de imigrantes reconhecem sua identidade culturalmente híbrida, na qual as línguas e culturas minoritárias não são mais apenas a paternidade herdada, adquirida como patrimônio etno-cultural. Em vez disso, o multilinguismo representa um conjunto de filiações étnicas, nacionais e transculturais. É nesta perspectiva que o presente estudo se desenvolve (SAVEDRA & ROSENBERG, no prelo).

Sobre esse tema, as pesquisas acadêmicas mais divulgadas estão situadas no sul do Brasil, nas ex-colônias de imigrantes alemães e italianos. No caso específico de imigração italiana, identificamos algumas ações de valorização de línguas de imigração de âmbito municipal desde os anos 80¹². Mais recentemente, em 2009, o governo do estado do Rio Grande do Sul decretou o *Talian*, variedade da língua vêneta, como patrimônio histórico e cultural do estado¹³. Destacam-se também as pesquisas sobre os dialetos¹⁴ italianos no interior do estado do Espírito Santo. Na região de Juiz de Fora-MG há estudos que abordam a questão das influências linguísticas africanas (CUNHA LACERDA, 2009) e do apagamento das línguas germânicas (SOARES, 2013). Ainda em Juiz de Fora, (GAIO, 2013) buscou identificar as relações linguístico-culturais do legado da imigração italiana na cidade de Juiz de Fora-MG. Como resultados destes estudos, identificamos duas situações distintas:

- a) houve perda do uso da língua italiana nas localidades alvo de imigração, como por exemplo, Juiz de Fora;

¹² decretos 43/88 e 47/89 do município de Serafina Correa, que instituíam o uso da língua vêneta em festivais de cultura municipais.

¹³ Lei estadual 13.178, de 10 de junho de 2009

¹⁴ Nesse trabalho não fazemos distinção entre língua e dialeto. Nosso pressuposto é a máxima atribuída a Max Weinreich: Língua é um dialeto com as forças armadas. Eventualmente os termos serão distinguidos apenas por praticidade, uma vez que as diversas línguas regionais italianas são chamadas dialetos (dialetti). Portanto, por vezes nos referiremos às línguas regionais italianas, particularmente o calabrês, como ‘dialeto calabrês’ apenas para contrastá-las com o italiano.

b) houve manutenção do uso da língua nas localidades alvo de imigração, como em alguns municípios do Rio Grande do Sul.

Como resultado da pesquisa apontamos algumas causas para a perda linguística, tais como a imigração em ambiente urbano, o relativamente fácil contato com outros centros urbanos, o plurilinguismo da localidade alvo, a não necessidade e/ou falta de interesse em transmitir aos filhos uma língua considerada sem prestígio. No caso da manutenção do uso da língua italiana, identificamos como responsável a implementação de políticas de revitalização de minorias linguísticas, aplicadas por diferentes segmentos governamentais, inclusive a LDB em vigor.

O Art. 26 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, em seu § 5º dispõe que:

Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.

Gaio (2013) discute a imigração italiana no estado de Minas Gerais entre o fim do séc. XIX e o início do séc. XX, que, embora consistente e importante, não é estudada tão a fundo como a que se deu nos estados do sul do Brasil. Não faltam trabalhos que abordem o tema imigração no nosso país, mas em sua maioria com perspectiva histórica e não linguístico-cultural. Essa pouca atenção se deve a diversos fatores, entre eles a negação da importância dos componentes europeus e asiáticos na formação da identidade brasileira, por parte da elite cultural do Brasil. Construiu-se assim, ao longo do tempo, a ideia de que o fenômeno migratório não era parte importante da história do Brasil. A exceção fica por conta do Rio Grande do Sul, estado onde os aspectos linguísticos e culturais não são ocultáveis. No caso específico do italiano, a academia prefere promover a grande tradição cultural daquele país a estudar os efeitos desse contato cultural e linguístico (FROSI & RASO, 2011: 318-319).

O perfil sociocultural dos italianos que chegavam ao estado de Minas Gerais por via do contrato firmado entre os governos mineiro e italiano não era muito diferente do perfil dos imigrantes italianos em geral: analfabetos (ou semialfabetizados) e dialetófonos. Porém, muitos deles tinham uma profissão ou um ofício e se valeram dessa qualificação para ocupar vagas de trabalho nas fábricas que se instalavam na próspera cidade de Juiz de Fora, contrariando inclusive alguns fazendeiros e criando mal estar entre os dois governos

acordantes (GAIO, 2013). Os italianos ocuparam também postos de trabalho em toda a região circunvizinha, uma vez que a porta de entrada dos imigrantes no estado era Juiz de Fora. Todos eles eram encaminhados à Hospedaria Horta Barbosa, onde eram cadastrados e permaneciam por 10 dias (RODRIGUES, 2009) até serem dirigidos ao seu destino final, que algumas vezes eram fazendas da região. A quantidade de italianos que se estabeleceram na região era expressiva e todo esse processo gerou consequências linguístico-culturais importantes.

Do ponto de vista estritamente linguístico houve o que Couto (2009) chama de Glototanásia, o desaparecimento das línguas por falta de transmissão. A lei das três gerações¹⁵ foi aplicada, os descendentes não falam a língua dos ancestrais. Primeiro, porque não houve interesse na transmissão de uma língua desprestigiada e nem mesmo considerada “língua”¹⁶ por não ter caráter oficial ou nacional; segundo, porque a língua nacional não era a L1¹⁷ da maioria; e terceiro, porque os italianos não se fixaram em guetos ou bairros exclusivos, e nem mesmo se preocuparam em constituir famílias entre italianos. Nesse sentido, a sua adaptação à sociedade local parece ter sido bastante rápida.

Tomando um ponto de vista cultural mais abrangente, percebemos que muitas marcas de italianidade permaneceram na região, embora notemos que quanto mais novas as gerações menos conhecimento há sobre as próprias origens italianas, e as representações que os descendentes têm sobre a Itália ou os italianos acabam por encontrar respaldo apenas em estereótipos tradicionais (GAIO, 2013).

A esse propósito devemos citar a interessante iniciativa surgida no município de Pequeri¹⁸, pequena cidade que conta 3.500 habitantes na Zona da Mata mineira, localizada a 67 km de Juiz de Fora, com a qual faz divisa. Dentro de um projeto mais amplo chamado “*Tutti Buona Gente*”, a prefeitura instituiu o ensino de língua italiana nas escolas municipais de Ensino Fundamental, numa tentativa de resgate de suas origens italianas. Trata-se de um ato de política linguística *in vitro* (CALVET, 2007, p. 68-71) que não tem o objetivo de resgatar uma cultura e uma língua e reimplantá-las, revivendo o passado tal e qual ele possa

¹⁵ Cf. Couto, 2009 p. 51

¹⁶ Queremos com as aspas exemplificar o que pensa o senso comum, que considera dialeto uma fala desprestigiada, como se fosse errada. No nosso entender esse pensamento é um engano. “Língua é um dialeto com as forças armadas”, como disse Max Weinreich (Cf. nota 14)

¹⁷ Estamos considerando L1 como a língua primeira de um cidadão, geralmente aprendida nas primeiras interações e/ou no seio familiar, e L2 a segunda língua, aprendida posteriormente em qualquer situação.

¹⁸ Na classificação do IBGE, Pequeri é um ‘Centro Local’, situado na ‘Região Intermediária de Articulação Urbana’ de Juiz de Fora e na ‘Região Ampliada de Articulação Urbana’ do Rio de Janeiro.

ter acontecido. Seria utópico e inócuo. Não existem mais italianos na região, mas apenas seus descendentes, que podem ter laços afetivos com a cultura e língua de seus ancestrais, e certamente foram influenciados por elas. Essa é, na verdade, a essência do povo brasileiro.

Acreditamos, então, que os processos de transculturalidade que permeiam essa assimilação cultural dos imigrantes com os costumes brasileiros, e a valorização da cultura dos povos que construíram o Brasil atual por parte dos seus descendentes constituam a própria formação do ser brasileiro, e seja merecedora de estudos mais aprofundados.

Assim, questionamos: Qual a relação entre a língua e o legado (trans)cultural transmitido pelos imigrantes? O que veio? Do que veio, o que permaneceu e o que se perdeu? O que se misturou, e com o que se misturou? Como ficou? Em que medida esse legado transcultural pode ser identificado em marcas linguísticas e culturais nas gerações posteriores à imigração? Como se manifestam os processos de hibridismo étnico em núcleos de descendentes de italianos no espaço geográfico delimitado para a nossa pesquisa?

O tema aqui proposto, com o recorte espacial selecionado, contribui para reforçar os estudos que vêm sendo desenvolvidos nas áreas de línguas em contato no Brasil, com ênfase nas línguas de imigração europeia. Pretende também colaborar com o combate às manifestações de preconceito social, entre elas os preconceitos étnico (racismo) e linguístico. Certamente nossa proposta será de particular valor para as pesquisas sociolinguísticas nos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.

1.4. Definição da situação problema

A multietnicidade do Brasil é reconhecida pela sua grande população com origem em culturas variadas. À denominação comum ‘brasileiro’, vinculada ao cidadão nascido no Brasil¹⁹, temos sub-denominações informais que exploram essas origens variadas e miscigenadas. Quando a origem é especificamente de imigração, é bastante comum que os

¹⁹ O inciso I do artigo 12 da Constituição Brasileira de 1988 declara que são brasileiros natos: a) os nascidos na República Federativa do Brasil, ainda que de pais estrangeiros, desde que estes não estejam a serviço de seu país; b) os nascidos no estrangeiro, de pai brasileiro ou mãe brasileira, desde que qualquer deles esteja a serviço da República Federativa do Brasil; c) os nascidos no estrangeiro de pai brasileiro ou de mãe brasileira, desde que sejam registrados em repartição brasileira competente ou venham a residir na República Federativa do Brasil e optem, em qualquer tempo, depois de atingida a maioridade, pela nacionalidade brasileira. Portanto, nascer no território brasileiro é apenas uma das prerrogativas para ser brasileiro.

filhos e netos sejam chamados de italianos, alemães, japoneses, sírios ou libaneses. “Muitos brasileiros entendem o termo ‘imigrante’ como uma condição ancestral ou herdada, que permanece mesmo entre os nascidos no país após várias gerações” (LESSER, 2014, p. 29). Segundo o autor, os brasileiros que têm ascendência entre imigrantes se autodenominam pela nacionalidade de seus ancestrais e raramente usam o que ele chama de categorias hifenizadas: ítalo-brasileiros, ou nipo-brasileiros, por exemplo. O uso das tais categorias hifenizadas acaba por se restringir a ambientes comunicativos que exigem certa formalidade, ou requeiram terminologia mais técnica.

Entretanto, além do componente indígena, fundamental nesta multiétnicidade, ser brasileiro pode também significar ser ítalo-brasileiro, nipo-brasileiro, afro-brasileiro, teuto-brasileiro..., termos que retomam a origem étnica do cidadão mantendo a referência às suas origens. De todo modo, dada a extensa miscigenação da população brasileira, muitas vezes esbarra-se na questão da origem diversificada. Não são raros os casos de indivíduos que descendem de grupos de imigrantes de nacionalidades diferentes.

Surge então a seguinte questão: herdar a denominação ‘italiano’, (ou ‘alemão’, ‘japonês’...) pela condição de descendente de imigrantes representa o cidadão brasileiro ou o estigmatiza? E quanto às categorias hifenizadas, elas dão conta de explicar a multiétnicidade do nosso país? Afinal, essas categorias podem ser bem aceitas, mas podem também ser rejeitadas pelos descendentes por um ‘não reconhecimento’.

Neste estudo admitimos a necessidade de revisar o uso de tais terminologias para nomear os imigrantes e seus descendentes em situações de contato linguístico e cultural. O reconhecimento do ‘nós’ e ‘eles’ (*‘us’ and ‘others’*) numa situação de contato é identificado por alguns elementos, tais como a variada origem de imigrantes e as redes sociais e/ou as comunidades de prática às quais pertencem. No entanto, os descendentes podem quebrar o paradigma que separa o ‘nós’ do ‘eles’ experimentando a sensação de pertencer tanto a ‘nós’ quanto a ‘eles’, desde que se sintam legitimados para tal. E essa legitimação pode passar pelo aprendizado da língua nacional de origem dos imigrantes.

1.5. Delimitação e objetivos

Nesta investigação identificamos a importância das redes sociais no suporte à imigração e como elas se desdobraram tornando-se por vezes CP e/ou CF. A partir do conceito de que as redes sociais são entidades formadas e que se mantêm por interesses comuns aos membros, mostraremos como elas foram fundamentais para que os imigrantes tivessem o apoio necessário na construção da nova vida. Mostraremos também que elas se dissolviam com certa rapidez pela condição urbana da imigração. As Associações de Beneficência foram, de certa forma, uma extensão formal das redes sociais. Contudo, certos grupos de imigrantes provenientes de uma mesma região italiana estabeleceram redes suficientemente densas a ponto de criar CF complexas e difusas (COUTO, 2016) durante algum tempo, mas novamente a condição urbana da imigração, além da falta de prestígio da própria língua falada, foram fatores determinantes para a não transmissão linguística aos descendentes, decretando o seu fim. Ao longo do tempo surgiram, porém, algumas CP - no sentido original sugerido por Wenger (2006 [1998]) -, motivadas pela italianidade comum, ou grupos envolvidos em práticas comuns, que mantêm em certa medida traços linguístico-culturais importantes na formação do povo brasileiro. Esses traços nunca se perdem, mas se transformam e se mesclam com outros traços linguístico-culturais. O que fica, quando não rejeitado pelo sujeito, são marcas transculturais permanentemente em transformação, o que é a própria etnicidade em movimento. Portanto não falaremos mais de ítalo-brasileiros, mas de 'brasileirítalos'. E o conceito pode ser estendido a *brasileiteutos*²⁰, *brasileiripônicos*, *brasileirábés* (*brasileissiriolibaneses*), dentro da perspectiva da imigração de povos de todo o mundo como parte da formação do povo brasileiro. É também viável a extensão desse conceito aos *brasileirafros*, mas isso requer outro tipo de estudo.

Baseando-nos em observações empíricas e nos nossos estudos anteriores (GAIO, 2013, 2014; GAIO & SAVEDRA, 2013; SAVEDRA & GAIO & CARLOS NETO, 2015; SAVEDRA & GAIO, 2015), notamos particularidades bastante comuns entre grupos de *brasileirítalos*, independentemente da origem geográfica da península italiana. Constatamos que havia sempre um elo entre os já imigrados, os então imigrantes e os imigradouros²¹. Assim, teriam sido formadas redes sociais de apoio e ajuda mútua sem vínculos de obrigatoriedade (tais como irmandades ou confrarias organizadas). Tais redes por vezes se

²⁰ *Deutschbrasilianische*, em alemão, como propõem Savedra & Rosenberg (no prelo)

²¹ O neologismo deriva da analogia com o extinto participípio futuro ativo de verbos da primeira conjugação. Significa 'aquele que há de imigrar'.

tornaram CP, de acordo com as necessidades que poderiam surgir. Embora seja simples imaginar que alguns imigrantes tenham sido os primeiros a chegar ao Brasil, ou os pioneiros, é praticamente impossível rastrear quem foram eles.

Além das CP identificadas, em algumas das redes observadas foram também identificadas CF, dentro do conceito de CF difusas e complexas, fechadas em si mesmas por questões de prestígio linguístico e pressões dos dialetos urbano e estatal (COUTO, 2016b), mais fortes política, econômica e socialmente. Abordaremos essa questão sob o viés da Linguística Ecológica mostrando que algumas redes sociais eram CF complexas porque bi/trilíngues, difusas porque situadas em território descontínuo, situadas dentro da comunidade de língua portuguesa e que deixaram de existir por desinteresse na transmissão linguística aliada à força desproporcional criada pelo contato com dialetos urbanos e o dialeto estatal.

Vale aqui ressaltar a diferença que fazemos entre CP e CF. No contexto deste trabalho, CP deve ser entendida a partir de seu conceito seminal, de Wenger (2006 [1998]), ou seja, um conjunto de pessoas que se juntam em um grupo em torno de um empreendimento comum. Três pilares fundamentais sustentam uma CP: comprometimento recíproco; objetivo comum; repertório comum. Esse último é o conjunto de recursos compartilhados pelo grupo, salienta as suas experiências comuns e cria meios para a aceitação de futuras mobilizações. A CF foi definida por Labov (2008 [1972], p. 188) como “um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à língua”. Na perspectiva da Linguística Ecológica, CF é um pequeno ecossistema linguístico no qual há solidariedade e frequente interação entre seus membros. Portanto, uma CF é entendida como tal pelos Atos de Interação Comunicativa (AIC) entre seus membros (COUTO, 2016b). Essa é a definição adotada neste trabalho. Aprofundaremos estes conceitos no capítulo 5.

Por conta destas CF criadas no âmbito urbano, sujeito a pressões de toda sorte, não houve transmissão linguística entre as gerações. O que houve foi a transmissão de vários aspectos culturais não diretamente ligados à língua, mas essas marcas permanecem nas gerações atuais. Esta geração transcultural é permeada de um sincretismo etnocultural que os define como ‘brasileirítalos’, uma ressignificação dos ítalo-brasileiros do passado.

Neste contexto, o presente estudo tem o seguinte objetivo Geral:

Discutir os processos de transculturalidade identificados na formação e manutenção de núcleos étnicos sincréticos compostos por descendentes de imigrantes italianos no Rio de Janeiro e em Juiz de Fora.

São objetivos específicos:

- a) Identificar redes sociais de núcleos étnicos sincréticos de descendentes de italianos no Rio de Janeiro e em Juiz de Fora;
- b) A partir da perspectiva da linguística ecossistêmica, identificar Comunidades de Fala de imigrantes em ambientes urbanos;
- c) Propor mudança de categorização de italiano como condição herdada ou de ítalo-brasileiros para brasileirítalos, na identificação de descendentes de italianos a partir do reconhecimento de sua inata brasilidade influenciada em maior ou menor grau pela italianidade.

2. IDENTIDADE E IMIGRAÇÃO

*Dall'Italia noi siamo partiti
Siamo partiti col nostro onore
Trentasei giorni di macchina e vapore
E in Merica noi siamo arrivà
(...) (Canção do folclore italiano)²²*

2.1. Identidade linguística e cultural

Definir identidade para além dos sentidos denotativos encontrados nos dicionários é uma árdua empreitada. Não temos essa pretensão. No Direito, identidade é o “conjunto dos caracteres próprios de uma pessoa, tais como nome, profissão, sexo, impressões digitais, defeitos físicos etc., o qual é considerado exclusivo dela e, conseqüentemente, considerado, quando ela precisa ser reconhecida²³”. Talvez, baseado nessa definição do Direito, algum publicitário tenha idealizado uma campanha que resultou num e-mail de divulgação de uma

²² “Da Itália nós partimos; partimos com nossa honra; trinta e seis dias de trem e vapor; e na ‘Mérica chegamos.”

²³ Acepção do dicionário Michaelis (www.michaelis.uol.com.br)

loja de roupas e acessórios para vestimentas, no qual se lê na primeira linha, logo após o logotipo do estabelecimento “NOVIDADES PARA COMPLETAR A SUA IDENTIDADE!²⁴”.

Etimologicamente, identidade deriva do radical latino *idem* (o mesmo, a mesma coisa)²⁵. É a qualidade do que é idêntico (do latim médio, *identicus*), e essa é a primeira acepção dada por três dicionários consultados, o Houaiss (edição impressa de 2009), o Aulete (www.aulete.com.br) e o Michaelis (www.michaelis.uol.com.br). Idêntico é aquilo que é igual ou muito parecido, ou análogo. De identidade passamos ao verbo identificar, que ainda no campo denotativo significa “distinguir a identidade de algo ou alguém²⁶”, ou “revelar, distinguir os traços característicos de [alguém, ou um grupo]”²⁷.

Atualmente o tema Identidade é recorrentemente tratado e teorizado em diversos campos das ciências humanas, sob diversos pontos de vista, entre os quais citamos Hall, 1996; Brubaker & Cooper, 2000; Bauman, 2004; Pfaff-Czarnecka, 2011; Anthias, 2013. Parece haver consenso que identidade não é imutável, mas adaptável ao contexto de cada um e também à própria história de vida. De fato, se desejamos problematizar o conceito de identidade é preciso pensá-lo como um processo, a identificação, e não como algo estático (DERVIN & RISAGER, 2015).

O sociólogo Zygmunt Bauman, em entrevista concedida ao jornalista italiano Benedetto Vecchi em 2004²⁸, apresenta diversos conceitos ligados à identidade, dos quais nos valeremos para melhor ilustrar o tema. Identificar-se com um grupo é sentir-se seguro, protegido. É sentir-se parte de um todo, estar no mesmo barco de alguma forma, passar pelas mesmas experiências e pelas mesmas dificuldades. A expectativa dos membros de um grupo é que essa empatia garanta a solidariedade quando ela for necessária. A identidade de um indivíduo está intrinsecamente ligada à sensação de pertencimento. A busca incessante por esse pertencimento é, no fundo, a busca por segurança. “O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo” (BAUMAN, 2005, p. 35). Ambíguo porque pode ser a busca pelo destacamento de um grupo que impõe regras

²⁴ Publicidade da YOURID Store, divulgada por email para clientes e não clientes.

²⁵ CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, 2ª ed.

²⁶ Acepção do dicionário Aulete (www.aulete.com.br)

²⁷ Acepção do dicionário Houaiss (2009)

²⁸ Transformada em livro cujo título em português é “Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi” (2004, edição brasileira publicada em 2005 por Jorge Zahar Editor)

uniformes às quais o indivíduo não se enquadra como pode ser a busca pela defesa do próprio grupo, quando este se sente ameaçado por um poder maior, um grupo maior que lhes quer impor outras regras.

A ‘identidade’ parece um grito de guerra usado numa luta *defensiva*: um indivíduo contra um ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isso ameaçadora). (BAUMAN, 2005, p. 82-83)

A busca pela identidade, o entendimento da própria identidade é um constante conflito existencial no qual o indivíduo vai se posicionar de acordo com o espectro que lhe interessa em determinado momento. Bauman nos apresenta essa situação em duas afirmações: “A identidade (...) é um ‘conceito altamente contestado’. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha”. E também: “A identidade é uma luta simultânea entre a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado” (BAUMAN, 2005, p. 83-84). Canevacci (2004, p. 119) crê que o conceito de identidade seja o mais inquieto e problemático dos tempos atuais.

Ao que parece, estamos ainda distantes da kantiana *allgemeine Vereinigung der Menschheit*²⁹, a identidade única da raça humana, que seria completamente incluyente. No entanto, há quem creia que esse seja o (único) possível futuro da humanidade porque carregamos intrinsecamente, pela condição de humanos, um forte sentimento de empatia que nos permitiria alcançar a idealizada, talvez ainda utópica, Civilização Empática, na qual todas as criaturas viveriam em certa harmonia, sem divisões e classificações, reconhecendo-se como parte de um todo, compartilhando mais e acumulando menos (RIFKIN, 2009).

Nas ciências sociais não se concebe a ideia de que identidade seja algo fixo. Se por um lado os traços físicos inerentes ao ser humano são únicos e exclusivos, por outro lado esse mesmo ser humano acumula um repertório de atributos de acordo com as experiências pelas quais passa ao longo da vida e com as opções que faz, mas que são voláteis e mutáveis. Bauman (2005, p. 66) distingue essa oposição como o pertencimento “por *adscrição primordial* ou por *escolha*”.

No passado não muito distante, na era pré-moderna e pré-mobilidade (BAUMAN, 2005, p. 29), os indivíduos não se punham essa questão, pois era comum nascer, crescer e

²⁹ Unificação geral da humanidade

morrer dentro da mesma comunidade, e conviver com os mesmos hábitos daquela comunidade. Esses indivíduos se identificavam com aquela comunidade, pertenciam e se sentiam parte daquela comunidade, e, conseqüentemente, não faziam parte da ‘outra’. Havia âncoras sociais importantes e presentes, tais como família, etnia, classe social, às quais o indivíduo se sentia afiliado. Sua identidade estava ligada ao *modus vivendi* da comunidade onde havia nascido, e onde provavelmente morreria. É o que Bauman (2005, p. 29) chama de “minissociedades de familiaridade mútua”. No mundo líquido-moderno³⁰, estamos constantemente em mudança e em adaptação às novas realidades que vão surgindo ao longo da vida. O próprio autor nos conta que antes de março de 1968 nunca havia dado atenção à questão de sua identidade. Ele mesmo, até aquela data, imaginava que teria se aposentado por tempo de serviço na Universidade de Varsóvia e naquela mesma cidade teria sido enterrado, quando fosse a sua hora. Porém, com o retorno de movimentos antissemitas na Polônia, foi afastado do cargo na Universidade e se viu obrigado a emigrar, primeiro para Israel e depois, em definitivo para a Inglaterra.

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. Em outras palavras, a ideia de ‘ter uma identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN, 2005, p. 17-18).

Trabalhos que tratam do tema Migração costumam abordar essa matéria com a clareza de quem, como Bauman, passou por semelhante experiência. O migrante vivencia pessoalmente a mutabilidade da própria identidade, de acordo com as provas pelas quais passa ao longo da vida. Deixar sua minissociedade, “a miséria de uma condição identitária e produtiva estável e segura³¹” (CANEVACCI, 2004, p. 12) para viver em outro ambiente social, com outro *modus vivendi* transforma a própria visão da relação ‘nós’ e ‘os outros’.

³⁰ Cf. Bauman, 2001; 2009

³¹ “... la miseria di una condizione identitaria e produttiva stabile e sicura...”

O verbete ‘identidade’ no Dicionário Enciclopédico das Migrações Italianas no Mundo (2014)³² apresenta a seguinte definição: “é o conhecimento do próprio eu individual e social. É dinâmica e móvel, não é um dado concreto, mas um *processo* contínuo. É mutante e *plural*”³³. A memória é um dos elementos fundamentais na construção dessa identidade, seja individual ou coletiva. Através das recordações das próprias experiências o indivíduo se reconhece como único ou como parte de um grupo.

2.1.1. Nacionalismo e identidade

O modelo nacionalista dos séculos XVIII e XIX impingiu às populações europeias, e por extensão aos territórios conquistados, a ideia de que ter uma nacionalidade, pertencer a uma nação, era uma forma de reconhecimento identitário comum. Assim, a questão da identidade que ainda se discute hoje em dia está intrinsecamente ligada àquele pensamento. Relacionar indivíduos com sua nacionalidade, categorizando-os de acordo com o que se suponha serem características intrínsecas ao país onde nascem é uma prática muito viva até hoje.

Recentemente, um blogueiro inglês, Adam Smith, estudante de Oxford, escreveu sobre sua experiência de seis meses no Brasil, e disse que “brasileiros exageram na rejeição ao Brasil”. O texto foi publicado pelo site da BBC³⁴. Na sua percepção, ele acha que os brasileiros são pessimistas com relação ao próprio país. Ele critica essa postura e acha o Brasil “incrível”. Em duas passagens ele cita a palavra ‘identidade’ ligada à nação. Na primeira, falando sobre a veneração ao que é americano (“É um processo que parece estrangular a identidade brasileira”); na segunda, sugerindo que os brasileiros deveriam ser mais orgulhosos do próprio país (“se os brasileiros tivessem um pouco mais orgulho da própria identidade, este país ficaria ainda mais incrível”).

Smith incorreu no mesmo erro cometido por muitos, e que fomentam a construção de estereótipos: tomar uma parte e transformá-la no todo. Estatisticamente sua amostragem não tem valor científico porque não representa a totalidade do povo que vive no Brasil. Intui-se

³² GRASSI et alii (Org.). Dizionario Enciclopedico delle Migrazioni Italiane nel Mondo.

³³ “È la conoscenza del proprio sé individuale e sociale da parte dell’individuo. È dinamica e mobile, non è un dato ma un processo continuo. Muta ed è plurale”

³⁴ http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/05/150428_parainglesver_adamsmith2_ss?ocid=socialflow_facbook

pelo texto que suas observações se limitaram a um tempo exíguo (seis meses), numa única cidade, São Paulo - que embora seja a mais populosa não representa o país inteiro - e em ambiente socioeconômico muito específico, provavelmente de classe média alta. Numa passagem de seu texto ele diz que “[O estrangulamento da identidade brasileira] pode ser ouvido na música americana que toca nos carros, lojas e bares no berço do Samba e da Bossa Nova.” Contudo, se ele tivesse se afastado 50 km em direção ao interior, perceberia que as músicas mais tocadas não são americanas, mas brasileiríssimas. E me limito à região próxima de onde ele se encontrava. Ademais, apontar o Brasil como o berço do samba e da Bossa Nova só tem sentido por conta do pensamento nacionalista vigente no mundo. Dependendo do contexto poderíamos dizer que o samba e a bossa nova nasceram no Rio de Janeiro³⁵, ou na América do Sul, na América Latina, na América...

O blogueiro talvez não saiba que o Brasil tem 8,5 milhões de Km², com mais de 200 milhões de habitantes distribuídos em mais de 5500 municípios. A Europa, incluindo o território russo até os Montes Urais, tem pouco mais de 10 milhões de Km². Portanto, comparativamente, a Europa inteira, com 50 estados nacionais, tem a mesma ordem de grandeza de todo o Estado Nacional chamado Brasil. A diversidade brasileira é enorme em qualquer contexto e rotular brasileiros, mesmo que bem intencionalmente, é sempre um equívoco.

Bauman (2005, p. 15-16) enfatiza a questão da identidade nacional através de sua atroz dúvida sobre que hino ouvir, da Polônia ou da Grã-Bretanha, durante a cerimônia de outorga do título de Doutor *Honoris Causa* conferido a ele pela Universidade Charles, de Praga. Polonês de nascimento, mas vivendo e trabalhando na Grã-Bretanha, privado oficialmente da cidadania polonesa “pelo poder habilitado a separar quem está ‘dentro’ de quem está ‘fora’, quem faz parte e quem não faz”, optou por transferir-se para a Grã-Bretanha a partir de uma oferta para lecionar. Naturalizou-se britânico, mas seus alunos nunca tiveram dúvidas de que era um estrangeiro a lhes dar aulas, especificamente um polonês, graças ao sotaque, e nem ele tinha qualquer intenção de se passar por britânico. Sob sugestão de sua esposa, optou então pelo hino europeu, uma vez que europeu, segundo suas próprias palavras, ele “nunca tinha deixado de ser – nascido na Europa, vivendo na Europa, trabalhando na Europa, pensando e sentindo como um europeu”. E conclui dizendo que ainda “não existe um órgão europeu com autoridade de emitir ou recusar um ‘passaporte europeu’, e assim

³⁵ Não é nosso escopo discutir onde exatamente nasceu o samba, mas registramos que há controvérsias a esse respeito, sugerindo que a Bahia seja o berço do samba.

conceder ou negar o direito de nos autodenorminarmos ‘europeus’”. A decisão englobava as duas referências nacionais, mas ao mesmo tempo cancelava as diferenças entre elas. Sugeriria unidade dentro da diversidade. Num raciocínio matemático, é como se o fizessem escolher entre fazer parte do conjunto de números racionais ou do conjunto de números irracionais, e ele tivesse optado pelo o conjunto dos números reais³⁶, considerando o seu pertencimento a algo maior. A solução encontrada pela esposa de Bauman foi perfeita para a ocasião, mas talvez evidencie que o sentimento de identificação de um indivíduo com um grupo social dependa de diversos fatores culturais comuns que mantenham elos que os ligam.

Constata-se a evidência desse sentimento de identificação na reivindicação ‘secreta’ de Canevacci (2004, p. 13), de cunho pessoal, considerada por ele mesmo um ato político multi-identitário: o direito de poder considerar-se brasileiro mesmo que parcial e minimamente. O antropólogo tem estudado o Brasil na sua mais profunda essência e percebeu quase inconscientemente, segundo suas palavras, o crescimento interior de uma parte de brasilidade.

A questão da existência de uma identidade europeia³⁷ é discutida há muitos anos. Na antiguidade, gregos e romanos já descreviam os povos que habitavam a Europa com características semelhantes. Embora distinguissem o ‘nós’ e os ‘outros’ quando se referiam a romanos e não romanos, ou a gregos e não gregos, as descrições indicavam traços físicos e comportamentais equivalentes, apontando para uma identidade europeia. Não faltam relatos ufanistas, como os do geógrafo e filósofo grego Estrabão, que se referia à geografia europeia como superior a de outros continentes e que as suas qualidades naturais favoráveis colaboravam para um desenvolvimento moral e social dos seus habitantes. E afirmava que mesmo nas regiões montanhosas a genialidade dos europeus superou a natureza e permitiu que sua civilização se desenvolvesse (GRASSI *et alii*, 2014). Mais tarde, em 1721, o *Dictionnaire de Trévoux*³⁸ definia os europeus como sendo “o povo mais refinado, mais civilizado e mais bem feito de todo o mundo. Superam todos os outros nas ciências e nas

³⁶ Nos estudos de matemática, os números são divididos em conjuntos de acordo com certas peculiaridades. Os números Naturais são todos os inteiros positivos; os Inteiros são todos os Naturais e seus respectivos opostos (negativos); Os Racionais englobam os Inteiros, os decimais finitos e os decimais periódicos (as dízimas periódicas). Os Irracionais são os decimais infinitos não periódicos. Racionais e Irracionais juntos formam o conjunto dos números Reais. A analogia é meramente demonstrativa, uma vez que estamos comparando o conjunto dos números Reais como se fossem a Europa, quando na verdade deveria ser comparado a todo o planeta Terra. Cf. <http://www.infoescola.com/matematica/conjuntos-numericos/>

³⁷ Para uma perspectiva ecolinguística sobre identidade europeia sugerimos a leitura de DENISON, N. A **Linguistic ecology for Europe?** In: FILL, A; MÜHLHÄUSLER, P. (eds.) **The ecolinguistics reader. Language, ecology and environment**. Londres: Continuum, 2001 (p. 75-83)

³⁸ Nome pelo qual ficou conhecido o *Dictionnaire universel françois et latin*, publicado na cidade de Trévoux por padres jesuítas. A primeira edição é de 1704.

artes, (...). São mais corajosos, mais prudentes, mais generosos, mais gentis, mais sociáveis e mais humanos³⁹”. Ao longo dos anos percebeu-se que, na prática as coisas não funcionavam assim e que essa identidade era apenas imaginada. Desde a queda do império romano, a história europeia é marcada por lutas por posse, riqueza e poder. Depois que o papa Alexandre VI dividiu a América entre portugueses e espanhóis, pelo Tratado de Tordesilhas, os povos que habitam a Europa vêm lutando uns contra os outros. O ápice foi as duas grandes guerras do século XX. E mesmo no século XXI, com a consolidação da União Europeia, há sempre quem não seja bem aceito, como os imigrantes do leste europeu (GRASSI *et alii*, 2014).

2.1.2. Língua, cultura e identidade

A língua, através de suas diversas formas de manifestação, é um elemento de forte referência identitária. A literatura e a música sempre foram importantes marcas de reconhecimento identitário comum, embora frequentemente ligadas também à ideia de nação. Camões é reconhecidamente o grande nome da literatura em língua portuguesa, mas Machado de Assis é, provavelmente, mais representativo para os brasileiros. O fado e o samba são dois estilos musicais costumeiramente cantados em português. No entanto, o fado é uma referência identitária portuguesa e o samba, brasileira.

Dissociar língua de cultura e de identidade é uma difícil missão. Língua e cultura são elementos tão entranhados um no outro que às vezes se confundem porque a língua é o principal meio de manifestação cultural. Agar (1994) aponta para a indissociabilidade entre língua e cultura e afirma que é impossível aprender uma língua sem conhecer a cultura do povo que a fala. Guisan (2015, p. 248), por sua vez, critica metodologias de ensino de línguas estrangeiras que insistem em ensinar culturas relativas a línguas e não as línguas propriamente ditas. Segundo ele, é possível separar uma da outra. Dervin & Risager (2015, p. 17) apontam também para a necessidade de uma revisão de conceitos de língua e cultura uma vez que há muitos indivíduos no mundo que lidam com mais de uma língua cotidianamente e teriam dificuldade em responder prontamente à pergunta “qual é a sua L1?”, da mesma forma que falantes de uma mesma língua usam diariamente diferentes variedades dessa mesma língua conforme o contexto social em que se inserem. Kramsch (2015, p. 211) demonstra, através de

³⁹ “*Les Européens sont les peuples de la terre les plus polices, les plus civilisez & les mieux faits. ils surpassent tous ceux des autres parties du Monde dans les Sciences & les Arts, (...). Ils sont plus vaillants, plus prudents, plus généreux, plus doux, plus sociables, plus humains.*”

exemplos das novas interações que proliferam através da internet e seus pseudonimatos, que o uso de determinada língua não tem relação direta e unívoca com pertencimento a um mesmo grupo cultural. Segundo a pesquisadora, a pergunta “quem é você?” já não significa “qual é o seu nome?”, ou “de que país você é?”; agora seu significado é “você é um de nós?”, ou “podemos confiar em você?”.

A visão da Ecolinguística a esse respeito é bastante esclarecedora, pois entende a ligação entre Povo, Território e Língua (P-T-L) como um ecossistema (COUTO, 2007; 2009; 2016).

De forma análoga, mas mais abrangente, o mesmo autor desenvolve a ideia do Ecossistema Cultural: um Povo convivendo em um Território e compartilhando Cultura (P-T-C). A Cultura deve ser entendida como tudo o que envolve o passado, o presente e o futuro desse Povo nesse Território.

A língua é o componente mais importante da cultura de um povo, mas há aspectos culturais que extrapolam os limites da língua. Então, a tríade se refaz de forma que P-T-C englobe o P-T-L (COUTO, 2016c), formando o Ecossistema Linguístico-Cultural, que abarca todo o Ecossistema. A perspectiva Ecolinguística será vista com mais detalhes no capítulo 5.

Relações entre língua e identidade têm sido estudadas no âmbito da sociolinguística desde as pesquisas de Labov. Particularmente, seu trabalho acerca da fala dos habitantes da ilha de Martha's Vineyard é bastante representativo. Demonstra que quanto mais fortes são alguns traços fonéticos dos habitantes daquele local, mais identificados eles são com a ilha (KIESLING, 2013).

Apoiando-se nos estudos labovianos, Severo & de Souza (2015) abordam a questão da identidade linguística das comunidades de descendentes de açorianos na ilha de Santa Catarina, município de Florianópolis (SC). O estudo mostra peculiaridades linguísticas marcadoras de identidade nos campos fonético, do discurso (marcadores) e de tratamento (uso dos pronomes ‘tu’ e ‘você’) associadas a grupos específicos, e as implicações das recentes migrações para a cidade no processo de manutenção e perda dessas marcas, assim como fizeram Blake & Josey (2003, *apud* Severo & de Souza, 2015) ao retornar à ilha de Martha's Vineyard 40 anos depois de Labov.

Para ilustrar esse sentimento identitário refletido diretamente pela língua, recorramos a exemplos de elementos culturais amplamente conhecidos e ligados à história do Brasil. Tomemos como exemplo a música. Certas canções são tão conhecidas e tão visceralmente entranhadas na cultura que podem unir pessoas desconhecidas. Imaginemos dois cidadãos brasileiros, oriundos de cidades muito distantes entre si e que se encontram num ponto qualquer do planeta, fora do Brasil. Ambos não sabem que têm a mesma origem nacional. Imaginemos que um deles esteja cantarolando o refrão da canção “Vida de Negro”, de Dorival Caymmi. Tal canção tem enorme identificação com o Brasil por conta da teledramaturgia – foi tema musical de uma telenovela chamada “A Escrava Isaura⁴⁰” e fez um estrondoso sucesso nos anos 70 do século XX. A letra fala da vida difícil dos escravos negros brasileiros, mas o refrão não tem palavras da língua portuguesa, apenas as sílabas lê-rê repetidas diversas vezes. Há grande probabilidade de que uma interação se inicie por esse reconhecimento identitário comum, manifestado pela língua através de conhecimento cultural comum (música, literatura, telenovela, história do Brasil).

A língua por si só é a principal referência para que tal reconhecimento identitário. Brasileiros vivendo no exterior – admito que isso valha para qualquer estrangeiro - costumam procurar por concidadãos e por estes serem, ao menos em um primeiro momento, acolhidos pelo simples fato de se reconhecerem como portadores de cultura em comum, e a interação na L1 comum pode trazer sensação de segurança. Evidentemente, para que seja estabelecida a comunhão (COUTO, 2009, p. 50) será necessário que haja mais elementos em comum. As outras identidades podem ser muito diferentes, mesmo tendo nascido dentro de um território que se convencionou limitar com fronteiras e deu-se o nome de Brasil. Porém, naqueles momentos de interação há mútuo reconhecimento pela língua, pelos alicerces, colunas e tijolos da identidade linguística (TRIFONE, 2010), que são as experiências culturais manifestadas pela língua. Podemos englobar todos esses sentimentos no grande rótulo da Identidade Cultural⁴¹ comum, uma espécie de sentimento identitário marcado por questões linguístico-culturais exclusivamente, mas que exercem uma força muito grande no imaginário coletivo.

⁴⁰ A telenovela, de Gilberto Braga, é na verdade uma adaptação teledramatúrgica do romance de mesmo nome, de 1875, cujo autor é Bernardo Guimarães.

⁴¹ Com Identidade Cultural pretendemos explicitar as características culturais comuns a um povo num certo período de tempo, podendo ser esse um pequeno grupo um mesmo um país inteiro. Não é intenção nossa conceituar a expressão que, como sugerem Mirdal & Ryyänen-Karjalainen (2004, p. 6), tem sido excessivamente usado, mas escassamente definido.

Savedra & Gaio (2015, p. 147-148) chamam a atenção para dois episódios ocorridos em meios de comunicação de massa brasileiros, uma rádio e uma emissora de TV, ambas de alcance nacional, que trazem à luz o imaginário coletivo da língua ligada à nação. Na rádio, a notícia de que dezenas de passaportes brasileiros ainda em branco haviam sido roubados, e de que esses documentos tinham valor no mercado negro pela irregularidade do fenótipo brasileiro, a comunicadora comentou que “só seria possível reconhecer a veracidade da nacionalidade brasileira se o portador do documento ‘abrisse a boca e falasse alguma coisa.”” Na emissora de TV, em uma mesa redonda de um programa esportivo, falava-se sobre a opção do jogador de futebol Diego Costa, brasileiro de Sergipe, defender a seleção da Espanha⁴². Um dos jornalistas comentou que considerava “a decisão legítima, e que seu sotaque espanhol falando português revela muito sobre essa opção, complementando que não só as razões profissionais o fizeram decidir por defender a Espanha, mas razões afetivas também.” Estes episódios carregam informações sobre representação linguística e também sobre as identidades que podemos acumular ao longo da vida.

Jungbluth (2007; 2015) tem discutido identidade e língua, sobretudo as questões identitárias que envolvem os catalães. Seu artigo de 2007 trata do processo de mudança em andamento da língua catalã. Sua pesquisa mostra que entre os jovens é cada vez mais presente o uso do que ela denomina ‘espanhol catalão’ (*catalan spanish*), que na prática é um catalão espanholizado. A pesquisadora considera que essa seja uma variedade do espanhol em *status nascendi*. Essa mudança, porém, não deve alterar a identidade catalã. Segundo a autora, a identidade catalã não é mais uma expressão no singular, e deveria mudar para o plural. São muitas as maneiras de se demonstrar as identidades catalãs, a língua catalã é somente uma delas. Boix (2007, p. 99) reitera a ideia das plurais identidades catalãs e reafirma que o uso dessa nova forma de língua, o catalão espanhol, entre as gerações mais jovens que vivem na Catalunha, tanto pelos originariamente catalães como pelos catalães imigrados, independe do *background* linguístico original e atravessa os velhos e restritivos limites das suas identidades herdadas.

Jungbluth (2007) mostra que a população autóctone da Catalunha tem passado à condição de bilingue “em todos os registros de uso da língua” em reação à quantidade enorme de migrantes monolíngues em espanhol e que há uma transformação em curso no processo de transmissão da língua intergeracional, com preferência de alguns por transmitir aos filhos

⁴² O jogador Diego Costa tem cidadania espanhola.

somente a língua dominante, o espanhol (SINNER, 2004, p.19 *apud* JUNGBLUTH, 2007, p. 78). É certamente uma questão pragmática, e tem como pano de fundo o poder das línguas. Relembrando Nebrija, “*la lengua siempre fue compañera del imperio*”.

O exemplo dos catalães evidencia a mudança da língua por parte da população autóctone, fortemente influenciada pela força da língua dominante, o espanhol. Através dos estudos de Jungbluth e Boix percebemos que essa mudança em curso traz à tona a noção plural de identidade. Do ponto de vista de quem não migra o contato com imigrantes revela que um grupo social tem diversas maneiras de manifestar a sua identidade e os membros desse grupo social devem perceber que esse sentimento de identificação com o seu próprio grupo se manifesta de diversos modos, dos quais um deles é a língua.

Vejamos então o que esse contato revela do ponto de vista de quem migra. Tomamos como exemplo o estudo de Kluge (2007), que trata da identidade regional também dentro de um mesmo país, o Chile. Porém, diferentemente do caso catalão, em que analisamos a questão sob o ponto de vista de quem recebe imigrantes, a pesquisa da autora analisa a fluidez da identidade de quem sai de seu habitat, e de seu grupo social, e emigra para outras regiões. “No decurso da migração, a identidade de uma pessoa tende a mudar, torna-se mais ou menos fluida⁴³” (KLUGE, 2007, p. 129). Esse estudo é bastante representativo uma vez que trata de migrações de grupos desprestigiados socialmente. Cidadãos, geralmente mulheres, do sul do Chile que migram para Santiago para trabalhar como domésticas. Ainda diferentemente do caso catalão, aqui a questão linguística é abordada pelo viés do prestígio da língua padrão e da insegurança linguística de quem tem como língua materna uma variedade não padrão, e não tem amplo domínio da variedade prestigiada. Exemplo de estudo brasileiro semelhante a esse é o de Bortoni-Ricardo (2011).

Kluge (2007) relata a dificuldade de se criar categorias de identidade regional, vistas como identidades peculiares a certos grupos dentro de um contexto de diversas identidades nacionais. Mais uma vez, o termo ‘identidades’ é apresentado no plural em referência às diversas identidades passíveis de serem encontradas no Chile. No contexto de seu estudo, a distinção está entre quem é de Santiago (*santiaguinos*) e quem é do sul (*sureños, gente sureña, campesino, huaso, provinciano*). Os adjetivos usados têm uma carga mais ou menos pejorativa, de acordo com o próprio perfil sociocultural.

⁴³ “*In the course of migration, a person's identity is prone to change, it becomes more or less fluid*”.

Valhamo-nos das pesquisas apenas relatadas e façamos uma comparação com a imigração italiana no Brasil de séculos anteriores, da qual tratamos neste nosso estudo. Trifone (2010) nos mostra que antes da unificação, ocorrida formalmente em 1861⁴⁴, a situação linguística italiana era caracterizada pela grande quantidade de dialetos⁴⁵, todos com vitalidade exuberante. Havia também a língua escrita, o italiano padrão, uma língua literária, conhecida por no máximo 10% da população (CASTELLANI, 1982, *apud* TRIFONE, 2010, p. 32), pois o analfabetismo que assolava todo o território impedia o acesso da população a essa língua comum, idealizada como um dos pilares da identidade nacional. Somente após a unificação política do país a língua italiana passou, gradualmente, a ser patrimônio da maioria dos italianos (TRIFONE, 2010, p. 28).

Esse processo, entretanto, leva tempo e nesse mesmo período pós-unificação houve um grande êxodo de italianos para quase todo o planeta, em particular modo para a América. Assim, é fácil concluir que os italianos que aqui chegavam eram prevalentemente analfabetos ou semialfabetizados, e dialetófonos (GAIO, 2013).

A respeito da situação italiana, Bauman (2005, p. 29) é enfático: “Dois séculos depois da vitória do *Risorgimento*, a Itália dificilmente poderia ser considerada um país com uma só língua e interesses locais plenamente integrados”. E complementa, citando os dias atuais naquele país:

Em muitas ocasiões se faz um apelo a que se reconheça que os interesses locais se sobreponham aos vínculos nacionais (acusados de serem artificiais). A prioridade da identidade nacional **ainda é**, tal como antes da unificação, uma questão em aberto e calorosamente contestada. (grifo nosso)

Atenta também para a adequada observação de Schwartz⁴⁶, que mostra que “em vez de o todo ser maior do que as partes (como insistia Durkheim, acreditando que o poder do Estado

⁴⁴ A data oficial da unificação da Itália e da criação do *Regno d'Italia* (Reino da Itália) é 17 de março de 1861.

⁴⁵ Cf. nota 14. O dicionário Houaiss dá diversas acepções ao termo dialeto, a maioria considerando-o como uma variedade de uma língua falada por uma comunidade. Considera, porém, que na Filologia o dialeto é uma “língua que embora tenha tradição literária, não é língua oficial de nenhum país”, citando os exemplos do catalão, do basco e do galego. Curiosamente, em outra acepção, também segundo os estudos filológicos, considera dialeto como “variedade regional de uma língua com diferenças em relação à língua padrão tão acentuadas que dificultam a comunicação dos seus falantes com o de outras regiões” dando os exemplos italianos do calabrês e do siciliano. Essas acepções nos parecem contraditórias dada a história linguística da Itália. Dicionários italianos costumam definir dialeto como um sistema linguístico, e não como variedade de uma língua supostamente ‘maior’. Assim é definido pelo Vocabolario della Lingua Italiana Zingarelli, 12ª edição, ed. Zanichelli (1994): “Sistema linguístico particular, usado em uma zona geograficamente limitada”.

⁴⁶ SCHWARTZ, Jonathan Matthew. *Pieces of Mosaic*. Holjberg: Intervention Press, 1996. A tradução usada é a da versão de Bauman (2005, p. 29)

concretizaria as ambições deste), ‘o todo imaginado é de fato mais irreal do que a soma das partes’” (SCHWARTZ, 1996, p. 132).

Brubaker (2002) também observa a falta de uma definição clara para o termo ‘identidade’, e aponta para o seu uso genérico, como se fosse um conceito homogêneo, sobretudo quando o tema em discussão é relacionado a grupos étnicos. A identidade pessoal acaba por se relacionar a grupos de indivíduos cujas características se assemelham, ou cujos objetivos são comuns. Mas como vimos também, cada vez mais os indivíduos estão se reconhecendo como portadores de identidades múltiplas, de acordo com o grupo social ao qual querem se incluir, ou pertencer, ou mesmo à revelia de suas vontades. A noção de grupos, no contexto de nosso estudo, deve ser encarada como algo móvel, variável, e não estático e fixo.

A motivação de Brubaker (2002) é diversa da nossa. Seu estudo analisa as relações propagadas pela mídia e por outros órgãos que nos fazem associar conflitos étnicos com conflito entre grupos étnicos. Baseia-se em guerras e lutas armadas, e como os grupos antagônicos destes conflitos são categorizados. Nosso estudo não trata desse argumento, mas da essência de seu pensamento. O autor sugere que devemos repensar a etnicidade. Significa não considerá-las como se fossem entidades tangíveis, discretas. Devemos pensá-las em termos processuais, dinâmicos, variáveis. Da mesma forma que grupos não podem ser estanques, a etnicidade deve ser repensada, pois não são organismos concretos e limitados (BRUBAKER, 2002, p. 167). Essa ponderação é fundamental para nosso trabalho, pois reflete os estudos desenvolvidos no âmbito do projeto de cotutela entre a Universidade Federal Fluminense (UFF), de Niterói, Brasil, e a *Europa-Universität Viadrina* (EUV), de Frankfurt an der Oder, Alemanha. O projeto, denominado ‘Etnicidade em Movimento’ (*Ethnicity in Motion*)⁴⁷, propõe discussões que envolvem línguas minoritárias, línguas de imigração e etnicidade, que está sempre em movimento. Estão disponíveis diversas publicações⁴⁸ dos professores responsáveis pelo projeto, Konstanze Jungbluth e Peter Rosenberg pelo lado alemão e Mônica M. G. Savedra pelo lado brasileiro, além de orientandos, doutorandos e novos pesquisadores.

O escopo de Brubaker (2002) não é conceituar ‘grupo’, mas apenas chamar atenção para o problema. Ele retoma os conceitos de *groupness* (BRUBAKER & COOPER, 2000) e

⁴⁷ Cf. <https://fdb.europa-uni.de/de/projects/b019f7be-9816-4458-848e-7e6f0132b835>

⁴⁸ Cf. Anexo I

introduz o de *groupism*⁴⁹ – a tendência a classificar os grupos como se fossem unidades fechadas, internamente homogêneas e externamente delimitadas (BRUBAKER, 2002, p. 164). Segundo ele, grupista (*groupist*) é quem isola grupos de pessoas pela etnia, raça ou nação⁵⁰, como se os membros desses grupos apresentassem características iguais, ou fossem iguais, agissem da mesma forma, de acordo com a condição considerada. Pfaff-Czarnecka (2013) percebe esse pensamento grupista, ou como ela mesma diz, a orientação de pensamento grupista tanto na academia como entre o público em geral.

O público e também os debates acadêmicos sobre migração abundam em generalizações quando falam de ‘grupos étnicos’, de ‘sociedades paralelas’, de ‘migrantes’, ou ‘pessoas de origem migrante’. ‘Grupos étnicos ou religiosos’ únicos, ‘mulheres muçulmanas’, ou ‘homens jovens turcos’ são muitas vezes tomados como unidades puras de investigação (PFAFF-CZARNECKA, 2013, p. 7)⁵¹

Brubaker (2002) aponta para oito pontos de reflexão, entre os quais três são particularmente interessantes para o nosso trabalho: o de repensar etnicidade; o de formar grupos como projetos; e o de entender *groupness* como um evento. Nesse último, sua proposta é que se mude o foco de grupo para *groupness*, de modo que possamos entendê-lo como um evento e não como algo fixo, como a homogeneidade preconizada pelo termo grupo. *Groupness* deve ser tratada como variável e contingencial, em vez de estanque, fixo, determinado, e nos permite atender às fases de maior ou menor coesão aos momentos de maior ou menor solidariedade coletiva sem considerá-los constantes, como se sempre existissem. Dessa forma, podemos tratar *groupness* como um evento, alguma coisa que acontece, que é dinâmico (BRUBAKER, 2002, p. 168). Esse ponto de vista é bastante interessante a partir do momento em que nos traz à mente, mais uma vez, a ideia do *continuum*. E, de novo, *groupness* pode ser relacionado a *belonging* pelo seu caráter idiossincrático de sentimento. Há momentos em que esse sentimento é muito forte, há outros em que é menos forte.

⁴⁹ Preferimos manter as expressões em inglês para evitar mudar o sentido que o autor quis dar aos termos. Quanto a ‘*groupism*’, acreditamos que o português ‘grupismo’ transmita suficientemente bem o sentido original. Já para ‘*groupness*’, nossa sugestão é que seja traduzido como ‘grupalidade’, até mesmo por analogia a outros termos cunhados com propósitos semelhantes, como ‘bilingualidade’ em Savedra (1994; 2009) e Salgado (2008; 2009).

⁵⁰ O autor usa os termos, *ethnicity, race and nationhood*.

⁵¹ “*The public and also the academic debates on migration abound in collectivising generalisations when speaking of ‘ethnic groups’, of ‘parallel societies’, of ‘migrants’, or ‘people of migrant background’. Single ‘ethnic or religious groups’, ‘Muslim women’, or ‘Turkish young men’ are often taken as neat units of inquiry*”.

Neste sentido, como veremos mais à frente, encontram-se as redes sociais formadas pelos imigrantes italianos. Tais redes atendiam ao conceito de *groupness* pela sua natureza flutuante e variável. Não estamos nos referindo às associações beneficentes, mas às redes formadas pelas necessidades dos grupos em cada momento. Assim que um imigrante se estabelecia, servia de ponte para outros, frequentemente familiares, e estes se ajudavam mutuamente até quando fosse necessário. Isso resume bem a ideia de variável conceitual flutuante, de acordo com o contexto, como sugere Brubaker (2002, p. 167-168). *Groupness* varia de acordo com o momento e pode fomentar o surgimento de CP (WENGER, 1998 [2006]), ou simplesmente estreitar as redes sociais existentes. Então, entramos em outra proposta de discussão do mesmo autor, a formação de um grupo como projeto (*group-making as project*). Se *groupness* é variável, seu próprio dinamismo será capaz de criar grupos como projetos sociais, culturais e políticos, aumentando assim os níveis de *groupness* (BRUBAKER, 2002, p. 170). Em outras palavras, aumentar o sentimento de *groupness* através do envolvimento e do comprometimento significa aumentar os níveis de *belonging*, de sensação de pertencimento, sobre o qual discorreremos agora.

2.1.3. *Belonging* – a sensação de pertencimento

O fenômeno da globalização desencadeou diversos estudos e pesquisas relacionadas a imigração, transnacionalismo, encontros multiculturais e a tudo aquilo que gira em torno de povos, culturas e línguas em contato. O encontro das culturas dos imigrantes com os povos que os recebem geram dificuldades de todo gênero. Via de regra a principal delas é a língua, afinal, “o primeiro de todos os ingredientes da cultura é a língua” (COUTO, 2016b, p. 66). A língua é o principal elemento que compõe a cultura e é também o principal veículo de transmissão de cultura. A religião e seus dogmas, historicamente um aspecto cultural motivador de conflitos, permanece sendo um fator de convergência ou divergência. Mesmo dentro de religiões de mesma matriz há conflitos importantes, e desconfianças. Católicos e protestantes, embora cristãos enxergam o cristianismo de forma diferente. O judaísmo não considera Jesus Cristo como o Messias. E o islamismo, com suas posições mais conservadoras em relação ao papel da mulher na sociedade, é motivo de severas críticas por parte de quem não professa sua fé. Quem está certo e quem está errado? Essa pergunta não tem resposta. Ateus, talvez, encontrem-se em situação mais confortável a esse respeito.

Além da religião, outros aspectos culturais mais ou menos complexos podem causar muita estranheza quando há encontro de culturas. A comida e as práticas de se alimentar variam bastante no mundo. Em relação a costumes de saudação, há povos que não se tocam muito e há outros que trocam beijos no rosto já no primeiro contato, quando se conhecem. No que concerne a práticas sociais, a pontualidade é por alguns respeitada com rigor, por outros a hora marcada é somente um parâmetro para o atraso. Enfim, são vários os pontos de choque e certamente a língua se sobrepõe a todos eles porque é através dela que se pode conversar sobre tudo, inclusive sobre essas diferenças. Quando é possível, utiliza-se uma *lingua franca* para a comunicação, mas é natural que imigrantes aprendam a língua falada na localidade de destino porque é através dela que se pode ter acesso aos meandros da cultura local. Todos esses aspectos que envolvem encontro de culturas têm sido fartamente observados e estudados recentemente, principalmente por conta da globalização.

Entre as várias pesquisas que envolvem esse fenômeno chamamos a atenção para os estudos de Brubaker & Cooper (2000), Anthias (2006; 2013) e Pfaff-Czarnecka (2011; 2013) acerca de *belonging*, traduzido aqui como ‘sensação de pertencimento’. Tudo o que analisamos até agora no capítulo 2 se relaciona direta ou indiretamente com a sensação de pertencimento que as pessoas podem perceber em maior ou menor grau, e queremos mostrar que esse fenômeno é parte da história da imigração desde sempre; o *belonging* se estende aos descendentes de alguma forma e pode se manifestar de formas diferentes. Descendentes de imigrantes podem se sentir parte de um grupo, como podem se excluir do grupo, sem prejuízo de sua condição de descendente. Em outras palavras, um descendente de imigrante italiano pode se sentir como um dos italianos imigrados (nós) como pode não se entender como parte do grupo (eles), tudo isso sem prejuízo de sua italianidade, que no segundo caso será manifestada de outras formas.

Nos nossos *corpora* são recorrentes as situações em que os descendentes não se incluem no grupo dos imigrantes, mesmo em casos de ambos os pais serem italianos. Contudo, consideram-se, do ponto de vista cultural, fortemente ligados às suas origens ancestrais étnicas. São brasileiros para todos os efeitos e carregam com certo orgulho algumas marcas dessas origens, algumas vezes demonstradas por estereótipos, mas nunca escondidas. Eles são, portanto, brasileirítalos: brasileiros certamente, e cada um com sua própria medida de italianidade. Os brasileirítalos são capazes de se mover e de se organizar, de acordo com suas possibilidades, em torno da italianidade. Sentem-se vinculados ao Estado Nação Itália, e não à região de origem dos ancestrais. Por vezes se interessam pela língua nacional e

consideram a língua (comumente chamada de dialeto) dos ancestrais apenas uma curiosidade. Valorizam a cultura étnica ancestral, já integrada na sociedade brasileira. São essencialmente transculturais.

Vamos definir *belonging*, diferenciando esse conceito de identidade. *Belonging* é uma posição social na qual há carga emocional (PFAFF-CZARNECKA, 2011, p. 201). As pessoas se sentem pertencentes a um grupo quando compartilham valores, relações e práticas (ANTHIAS, 2006, p. 21). É uma dimensão central da vida, facilmente sentida e subentendida. *Belonging* combina três dimensões: a primeira é a percepção e o desempenho da comunalidade⁵² (*commonality*); a segunda é o senso de mutualidade (*mutuality*), que leva a certa formalização de lealdade coletiva; a terceira é o apego (*attachment*) material e imaterial, que conduz à percepção de um direito que possa ser reivindicado (PFAFF-CZARNECKA, 2011, p. 201).

Brubaker & Cooper (2000, p. 20) introduziram o conceito de ‘*groupness*⁵³’, definido por eles como o sentimento de pertencimento a um grupo distinto, limitado e solidário. Os autores consideram que a comunalidade (*commonality*), o compartilhamento de características comuns, e a conectividade (*connectedness*), os laços de relacionamento que conectam as pessoas, podem juntos produzir ‘*groupness*’, mas cada um deles separadamente não o faz. Vale dizer que não basta compartilhar características comuns ou sentir-se ligado a algumas pessoas para que aflore a ‘*groupness*’. É preciso que haja as duas coisas juntas.

Pelos conceitos vistos, percebemos que Brubaker & Cooper (2000) tratam aproximadamente da mesma sensação de pertencimento, ou *belonging*, sugerida por Anthias (2006) e Pfaff-Czarneka (2011). Portanto, *groupness* e *belonging* podem ser encarados da mesma forma, pois *groupness* é, por definição dos autores, um sentimento de pertencimento, assim como *belonging* é a sensação de pertencimento, como já dissemos anteriormente. Queremos deixar claro que no nosso entendimento tanto *groupness* quanto *belonging* não podem ser traduzidos por uma única palavra em PB⁵⁴, como poderiam ser ‘coletividade’ e ‘pertencimento/pertença’, respectivamente. São conceitos mais profundos, espirituais, envolvem sensibilidade, afeição, empatia. Em vista de todas essas considerações preferiremos

⁵² Traduzimos deliberadamente por comunalidade por crer que seja o termo que mais bem se adapte ao conceito.

⁵³ Nossa sugestão seria traduzir, caso seja necessário, pela expressão ‘espírito de coletividade’, ou em apenas uma palavra, pelo neologismo ‘grupalidade’.

⁵⁴ Português Brasileiro.

usar as terminologias *belonging* e *groupness* a tentar interpretá-las em PB, ou a propor neologismos⁵⁵.

Há, porém, que se fazer uma distinção entre dois tipos de *belonging*, o ‘*belonging to*’ e o ‘*belonging with*’, como propõe Pfaff-Czarnecka (2011, p. 201-202). Segundo a autora a distinção é bastante clara pelos termos usados em alemão: *zugerörigkeit* e *zusammengerörigkeit*, respectivamente. O primeiro termo designa a afiliação de um membro do grupo, é mais direto e frio. O segundo é mais profundo, na medida em que abarca o pertencimento e a sensação de pertencimento, o sentimento de ‘ser como’ os outros membros. *Belonging to* significa simplesmente pertencer; *belonging with* expressa não só o pertencimento formal como também a sensação pessoal de ser parte de um grupo. Há ‘*togetherness*’, o que os italianos chamariam de ‘*affiatamento*’⁵⁶. A definição de ‘*belonging with*’, como afirma a própria autora, reúne os conceitos de comunalidade (*commonality*), mutualidade (*mutuality*) e apego (*attachment*).

Essa diferenciação será importante na nossa análise de dados, uma vez que nossos informantes podem sentir-se parte de um grupo ou fazerem parte de um grupo. É uma diferença assaz delicada, mas aponta para o deslocamento dos descendentes como tais, e não como parte dos imigrantes. Há um reforço da ideia de que descendentes não perdem o vínculo emocional com os ancestrais e com a italianidade, mas sentem-se brasileiros para todos os efeitos. São o que nós definimos brasileirítalos.

Comunalidade é o compartilhamento de características comuns (BRUBAKER & COOPER, 2000) ou a percepção do compartilhamento de peculiaridades culturais (língua, religião, estilo de vida) (PFAFF-CZARNECKA, 2011), portanto é uma sensação pessoal. A segunda definição nos parece mais apropriada por especificar que se trata de um sentimento pessoal. Sendo assim, pode variar de indivíduo para indivíduo, ou seja, os sujeitos podem perceber mais ou menos a comunalidade com um grupo. Portanto, podemos admitir que a comunalidade não seja um dado fixo, mas se apoie num *continuum*, que parte do – comunal ao + comunal.

De consequência, entendemos que a sensação de menos comunalidade se aproxima do *zugerörigkeit* ao passo que a sensação de mais comunalidade se aproxima do

⁵⁵ Cf. notas 52 e 53

⁵⁶ O *Vocabolario della Lingua Italiana ‘Lo Zingarelli Minore’* atribui a esse termo a definição de compreensão recíproca. O *Vocabolario Treccani* on-line o define como ‘a perfeita fusão de um grupo, de um time’.

zusammengerörigkeit, desde que, é claro, haja as mínimas condições para que o indivíduo faça parte de um grupo.

A essa altura devemos apontar as diferenças básicas entre os conceitos de identidade e *belonging*. Dedicamos o capítulo 2 desse trabalho à discussão sobre identidade e suas relações com língua, imigração e nacionalismo. Valemo-nos, entre outros, de Bauman para abordar a questão da identidade pela forma como ele enxerga a liquidez e de seu conceito.

Pfaff-Czarneka (2011) aponta para a banalização do termo, de tanto que se fala a seu respeito nas últimas décadas. Segundo ela, o termo identidade “adquiriu propriedades naturais, tornando-se essencialista e reificado⁵⁷” (PFAFF-CZARNECKA, 2011, p. 202). Brubaker & Cooper (2000, p. 13) já afirmavam que esse termo se tornara tão onipresente que teria uma ampla gama de significados, além de poder não significar nada.

Basicamente, as distinções entre identidade e *belonging* apontadas por Pfaff-Czarneka (2011) demonstram que a maior diferença entre os dois conceitos é que identidade é mais pessoal e menos coletiva e *belonging* envolve relação com um grupo, seu caráter relacional tem a ver com a manutenção de laços sociais e com o estreitamento de compromissos com um grupo. Identidade pressupõe homogeneidade, *belonging* pressupõe um caráter comum (*commonness*), mas não igualdade (*sameness*) (PFAFF-CZARNECKA, 2011, p. 203-204). Em outras palavras, entendemos que o conceito de identidade enfatiza o indivíduo em relação ao grupo e o de *belonging* enfoca o grupo em relação ao indivíduo.

2.2. “Fizemos a Itália, agora é preciso fazer os italianos”

Antes de 1861 a Itália, como Estado Nação não existia. Havia reinos separados e seus povos, que certamente tinham características comuns, mas não suficientemente comuns a ponto de se reconhecerem como nacionais. Os defensores da Itália Unida tinham consciência disso. A frase “*ora che l’Italia è fatta bisogna fare gli italiani*” (fizemos a Itália, agora é preciso fazer os italianos)⁵⁸ (MONTANELLI 2006, vol. 6, p. 3; HOBBSAWN 1998,

⁵⁷ “...identity seems to have acquired a natural property, becoming essentialised and reified.”

⁵⁸ Em Hobsbawm (1998) a tradução é “Nós fizemos a Itália, agora temos que fazer italianos”. A ausência do artigo definido masculino plural à frente de ‘italianos’, presente na versão original, faz diferença. Daí a preferência pela minha tradução. Não se trata de fazer italianos no sentido reprodutivo, mas sim de criar um sentimento de italianidade na população.

p. 56) pronunciada pelo estadista Massimo D’Azeglio, resume claramente o (pouco ou nenhum) sentimento de italianidade do povo na época da unificação.

A idealização de que língua e nação devam ser ligadas uma à outra é parte da fundamentação dos Estados Nacionais europeus e pode ser bem compreendida nas palavras de Luigi Settembrini, escritor do Risorgimento:

Sabeis que, quando um povo perde pátria e liberdade e se dispersa pelo mundo, a língua lhe mantém posto de pátria e de tudo... Sabeis que assim aconteceu na Itália, e que a primeira coisa que quisemos quando nos ressentimos italianos após três séculos de servidão, foi a nossa língua comum que Dante criava, Machiavelli escrevia, Ferruccio falava (DE MAURO, 1991, p. 1).⁵⁹

Políticas linguísticas fomentadas pelos respectivos governos colaboraram para criar essa suposta unidade entre os povos que habitavam os Estados-Nação. De Mauro (1991) nos mostra que além da eficácia desse sistema, a homogeneidade dos hábitos linguísticos colaborou para a consolidação das línguas nacionais, e as políticas de expansão em outras terras reforçaram ainda mais esse nexos língua-nação. Embora não tenham sido os românticos os ‘inventores’ dessa ideia de unidade língua-nação, foi durante o romantismo que ela foi mais propagada. Não havia, porém, nada de literário nisso. As razões eram políticas. Era um objetivo a ser alcançado para reforçar as nações. O linguista italiano nos dá um exemplo bastante claro da importância que era dada a essa unidade: deputados e senadores italianos procuravam aprender a língua italiana para as discussões das bases da *Unità Italiana*, o que significava tomar ‘ações nacionais’ (DE MAURO, 1991, p. 7-8)

Montanelli (2006, p. 323) também aponta para os diálogos nas próprias línguas entre homens do alto escalão do governo, e não na língua nacional. Citamos dois casos: Quintino Sella, na época ministro da Fazenda e seu secretário Giovanni Giolitti só conversavam em piemontês⁶⁰, e Giolitti viria inclusive a ser *Presidente del Consiglio*⁶¹, o chefe de governo italiano; o príncipe Vittorio Emanuele falava muito bem o napolitano e só conversava nessa língua com o príncipe Nicola Brancaccio. É bom lembrar também que Vittorio Emanuele era,

⁵⁹ “Voi sapete che, quando un popolo ha perduto patria e libertà e va disperso pel mondo, la lingua gli tiene luogo di patria e di tutto... Sapete che così avvenne in Italia, e che la prima cosa che volemmo quando ci risentimmo italiani dopo tre secoli di servitù, fu la nostra lingua comune che Dante creava, il Machiavelli scriveva, Il Ferruccio parlava.”(Luigi Settembrini, escritor do ‘risorgimento’ em ‘Ricordanze della mia vita’, obra autobiográfica).

⁶⁰ A língua falada na região do Piemonte, noroeste da Itália, cuja capital é Turim.

⁶¹ Primeiro Ministro ou Premiê.

antes da unificação, rei do Piemonte e Sardenha, e sua L1 era o piemontês. Para assumir o trono da Itália unificada teve que aprender o italiano, a nova língua oficial do novo reino (BAGNO, 2011, p. 378).

Fato é que na época não houve uma grande afeição pela língua italiana, diferentemente do que ocorrera na Alemanha. Patriotas italianos, como Settembrini, desejavam ver a língua italiana viva e pujante. Sua preocupação se devia à possibilidade de o italiano não cumprir o papel que lhe fora designado. Antes mesmo da unificação já havia essa preocupação porque o italiano era considerado uma língua morta, que existia somente no registro escrito e que era aprendida através de estudo, ou seja, não era falada (DE MAURO, 1991, p. 14). Nos anos da unificação havia a primazia do italiano nos âmbitos cultural e político, mas isso não acontecia no plano do uso efetivo da língua. Os hábitos linguísticos dos cidadãos italianos, radicados por séculos na sociedade, se opunham ao uso do italiano como língua principal. O italiano era uma “língua festejada, mas não usada, e por assim dizer, língua estrangeira na própria pátria⁶²” (DE MAURO, 1991, p. 14). Dois importantes escritores italianos, Alessandro Manzoni e Giacomo Leopardi⁶³, já haviam notado e atentado para a não existência de uma língua de conversação entre todos os italianos, através da qual se pudesse debater ideias (TRIFONE, 2010, p. 28).

De Mauro (1991) crê que uma maior homogeneidade linguística na época da unificação poderia ter colaborado para maior circulação de ideias, experiências e tradições, que seria capaz de suprir a falta de unidade política (DE MAURO, 1991, p. 17). Não discordamos em absoluto de De Mauro, mas a título de reflexão,

(...) caso essa pretensa homogeneidade tivesse ocorrido, não podemos imaginar o que teria acontecido com a riqueza das singulares variedades linguísticas da Itália, existentes até hoje. Do ponto de vista estritamente linguístico não podemos afirmar que a heterogeneidade tenha sido um mal; afinal, hoje percebemos uma grande mobilização pela defesa e valorização das línguas minoritárias, sempre subjugadas e relegadas em segundo plano, seja como línguas ‘inferiores’ ou como línguas ‘erradas’ (GAIO, 2013, p. 10).

⁶² “... *una lingua celebrata ma non usata, e per dir così, straniera in patria*”.

⁶³ Alessandro Manzoni, autor da célebre obra “*I promessi sposi*” (Os noivos), considerada por alguns como um marco da definição e consolidação da língua italiana, e Giacomo Leopardi, importantes escritores italianos que influenciaram o processo de unificação da Itália e da disseminação da língua italiana.

A Itália até hoje é conhecida pela grande quantidade de dialetos falados em seu território, e como não se trata de línguas oficiais de nenhum estado, são chamadas dialetos e não línguas propriamente, mas não com a acepção de variedade regional⁶⁴. Bagno (2011) confirma a definição italiana de *dialetto*: “no caso da Itália, o termo dialeto já não tem sua acepção tradicional nos estudos linguísticos: variedades regionais de uma mesma língua. ‘Dialeto’ na Itália é **qualquer forma de falar que não seja a língua italiana**” (BAGNO, 2011, p. 378) (grifo nosso).

2.3. A organização dos imigrantes italianos no Brasil – Redes sociais e regionalismo

Desde o início do século XIX há notícias de imigração para o Brasil, mas certamente o volume de imigrantes aumentou muito na segunda metade desse mesmo século, com destaque para o último quartil, prolongando-se aos primeiros anos do século XX e estendendo-se, em menor número, até o pós-segunda guerra. Estrangeiros se instalaram aqui para ocupar território, substituir ex-escravos nas fazendas de café, e também ocupar áreas urbanas onde havia necessidade de mão de obra por conta de um esboço de industrialização (GAIO, 2013).

Segundo Lesser (2015, p. 99), podemos dividir as repúblicas que compunham a América no fim do século XIX em três categorias: as que eram rapidamente preenchidas com imigrantes, aquelas em que as elites dominantes imaginavam que pudesse ser bom trazer imigrantes e as que tiveram experiência fracassada com a imigração. O Brasil estava na primeira categoria. A economia começava a florescer e criou boas expectativas entre povos de todo o mundo.

Evidentemente, esses imigrantes, mesmo numerosos, chegavam em condições socioeconômicas inferiores às dos brasileiros, o que desencadeou um processo de formação de associações de mútuo socorro, uma forma de criar seguridade social, talvez por falha do estado Brasileiro. Nesse quesito, destacam-se as associações de italianos, as mais numerosas. “No estado de São Paulo, por exemplo, das 91 sociedades de imigrantes, 61 delas eram italianas.” (GASPARETTO JR, 2011).

Em Juiz de Fora, ainda no século XIX, a primeira associação desse tipo foi a ‘*Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Socorso Umberto I*’. Foi fundada em 1887 e funcionou por

⁶⁴ Cf. nota 14

diversas décadas, o que era raro na época, dada a complexidade do estado-nação Itália. As associações de italianos não raro apresentavam conflitos internos por conta do caráter regionalista dos cidadãos da ‘Bota’, o que provocava suas dissoluções em pouco tempo.

As sociedades de italianos possuíam ainda uma peculiaridade, **em muitos casos reuniam indivíduos de uma mesma região italiana, o que gerava alguns conflitos**. Mas com o progresso da República na Itália elas foram se homogeneizando, uma vez que, a partir de 1910, elas recebiam apoio do governo italiano com intuito de preservar a italianidade dos seus membros (GASPARETTO JR, 2011, p. 5). (grifos nossos).

Ainda em Juiz de Fora, em 1946, foi criada a ‘Sociedade Beneficente e Cultural Anita Garibaldi’, fundada por alguns cidadãos italianos e também descendentes de imigrantes. Constava em seu estatuto intensificar as relações de amizade entre Brasil e Itália, mas certamente seu principal escopo era semelhante ao da *Umberto I*: socorro mútuo, lazer e divulgação de cultura entre os associados. Reza a ata da primeira reunião⁶⁵:

“Ata da 1ª reunião convocada pelo Sr. Hugo Scalabrino e José de Landa para a const.^{ão} de uma sociedade cultural e beneficente Ítalo-brasileira.

Sob a denominação de Sociedade Beneficente e Cultural Anita Garibaldi fica organizada uma associação de italianos e brasileiros para o fim de intensificar as relações de amizade e um maior intercâmbio de cultura entre os dois países.” (mantida a grafia original)

Tomamos como exemplo a cidade de Juiz de Fora, por conta de nossas origens e da delimitação de nosso estudo, mas tudo o que diz respeito a imigrantes italianos no Brasil, de forma geral era muito semelhante. No Rio de Janeiro, o outro extremo do eixo que nos propusemos a estudar, surge em 1854 a *Società Italiana de Beneficenza* (TRENTO, 2000).

A literatura que trata do tema, porém, peca pela falta do viés linguístico. Ela é sempre muito rica do ponto de vista histórico. Alguns tópicos são frequentes, como as dificuldades encontradas, a criação de associações, os conflitos regionais. Raramente aludem às diferenças linguísticas, que implica em diferenças culturais também; afinal, não custa repetir que língua é parte da cultura. Encontramos essas alusões em autores italianos, como em Trento (2000), acerca dessas diferenças e de suas consequências quando eram vistos como se estivessem todos no ‘mesmo barco’:

⁶⁵ Ver anexo II com a ata na íntegra.

... foi justamente a experiência da imigração que acelerou a superação do **forte regionalismo** que caracterizava os grupos de imigrantes das várias regiões da Itália, uma vez que as diferenças culturais e outras foram superadas pelo fato de se ver e sobretudo serem vistos pelos brasileiros, genericamente, como italianos. Como a etnicidade implica somente duas noções – o ‘nós’ e o ‘eles’ -, isso obrigou o imigrante a uma identificação nacional, dando-lhe o sentido de fazer parte de um grupo e **induzindo-o também a italianizar o próprio dialeto** (TRENTO, 2000, p. 103). (grifos nossos)

Chamamos a atenção para o trecho em que Trento fala da etnicidade, que no seu modo de entender “implica somente duas noções – o ‘nós’ e o ‘eles’”. Nossa pesquisa aborda esse tema, mas sob o viés dinâmico da etnicidade. Esse conceito não é estático, daí tratarmos o tema da etnicidade em movimento, que está relacionada à identidade líquida (BAUMAN, 2001; 2005; 2009), a sensação de pertencimento (*belonging*) (ANTHIAS, 2006; 2013); (PFAFF-CZARNEKA, 2011; 2013) e a *groupness* (BRUBAKER & COOPER, 2000; BRUBAKER, 2002).

O processo de mudança e adaptação cultural nunca é rápido e os italianos, de certa forma, foram estrangulados a passar por ele duas vezes ao mesmo tempo. Basta pensarmos que os imigrantes se viram obrigados a se identificar como italianos, inclusive italianizando os próprios dialetos, e ao mesmo tempo a se adaptar à sociedade brasileira, de modo a fazer parte dela. O processo de identificação nacional citado por Trento (2000) era nada mais do que uma atitude de defesa dos próprios interesses. De certo modo era uma espécie de rede social sem vínculos estreitos, ou um embrião de uma rede social a partir de alguns pontos em comum, entre eles a nacionalidade e a condição de imigrante. Como propõe Milroy (2003), a Rede Social de um indivíduo é o conjunto das relações contraídas por ele com outros indivíduos. Trento (2000) reconhece essa dificuldade, e já aponta para o dinamismo da etnicidade, traduzida por ele como ‘aquisição progressiva de uma identidade étnica’. O autor se refere à ‘aquisição progressiva’ da identidade italiana.

A aquisição progressiva de uma identidade étnica não impediu a permanência de um regionalismo, que se manifestou de maneira visível nas agremiações por área: Lega Lombarda, Meridionali Uniti, Trinacria, Campania, Veneta San Marco, entre outras. Esse fato estava inserido em uma verdadeira proliferação de associações de imigrantes, que ocorreu a partir de 1854, ano em que surgiu a Società Italiana de Beneficenza, no Rio de Janeiro (TRENTO, 2000, p. 104).

Queremos estender essa ideia da aquisição progressiva de uma identidade aos brasileiros descendentes de imigrantes italianos, possivelmente pelo lado oposto, ou seja, o da terra de destino dos ancestrais italianos: brasileiros natos que se percebem influenciados por língua e cultura e assim têm sua identidade modelada por tais influências.

Como estamos nos referindo à imigração italiana no Brasil, vale salientar a diferença de contexto dos imigrantes que se dirigiram ao sul do Brasil particularmente aos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Diferentemente do que aconteceu no extremo sul, cuja proveniência dos imigrantes era bastante homogênea (TRENTO, 2000, p. 100), do norte da Itália, mas com predominância da região do Vêneto, em Juiz de Fora e Rio de Janeiro essa proveniência era bastante variada. Além disso, no sul o escopo era habitar terras desocupadas e os imigrantes eram agricultores ao passo que no sudeste prevaleceu a imigração urbana, embora muitos tivessem vindo supostamente para trabalhar nas fazendas de café (GAIO, 2013).

Em contextos de imigração urbana era natural que houvesse um rápido processo de convergência linguística à língua da sociedade receptora, mas era igualmente natural também que houvesse uma tendência ao uso do italiano ou de um dialeto italianizado – e não dos dialetos – em caso de contato entre conacionais de proveniências diferentes, ou em caso de contato com autoridades ou com brasileiros que conheciam a língua oficial. No sul, por conta do isolamento e da homogeneidade da proveniência, não havia a necessidade de se falar italiano, tampouco o PB.

Costa (1987) nos recorda que “o dialeto, para o imigrante agricultor, tomava sempre mais campo, enquanto o italiano pertencia ao domínio de um pequeno grupo, geralmente ligado às atividades urbanas.” E completa:

O italiano, nas cidades, foi sendo absorvido, de um lado, pelo Português, e de outro lado, pelos dialetos, **falados pela maioria**, sobretudo com o suceder-se das gerações de descendentes, pois não era sentida a necessidade de **falar corretamente o italiano**, quando a **grande maioria falava o dialeto** (COSTA, 1987, p. 387). (grifos nossos)

Dada a condição rural do Brasil naquela época, essa situação de isolamento durou o tempo suficiente para ultrapassar mais de uma geração.

No suceder das gerações, o Italiano foi ficando sempre mais longe, e o dialeto sempre mais perto. **Para que serviria o Italiano**, se poucos o falavam e muitos não entendiam? Se a primeira geração teve alfabetização prevalentemente domiciliar e as demais foram sendo **escolarizadas pela cultura local**? Se prevalecesse uma língua de origem, **sobrava espaço só para o dialeto**. Considere-se ainda que o Italiano vernáculo era falado por uma minoria de imigrantes, **que se estabeleceram nas cidades**, dedicando-se ao comércio, artesanato... mais sujeitos à aculturação, porque mais próximos à cultura local (COSTA, 1987, p. 387-388). (grifos nossos)

Apesar de possível, e levando-se em conta a relativa proximidade linguística e cultural dos italianos com os brasileiros, é mais raro que esse isolamento aconteça em contexto urbano. Porém, no eixo delimitado para a nossa pesquisa aconteceu algo comparável em alguns pontos. Já vimos que no fim do século XIX e início do século XX os imigrantes que se dirigiram a Juiz de Fora e Rio de Janeiro eram de proveniência variada. Já no pós-segunda guerra, houve uma nova onda imigratória com destaque para um número consistente de calabreses, principalmente da província de Cosenza. Tanto em Juiz de Fora como no Rio de Janeiro, muitos deles se ocuparam de distribuição de jornais, o que fomentou naturalmente a formação e/ou manutenção de redes sociais relativamente fechadas, nas quais a língua falada era a língua de origem dos imigrantes e não o italiano padrão. Todavia, pelo próprio cenário urbano, não houve transmissão intergeracional da língua, nem mesmo da língua nacional/oficial da Itália, uma vez que elas não eram importantes naquele contexto.

Isso não significa que os descendentes não tenham afeição pela sua italianidade, mas certamente a vivenciam de modo diferente dos descendentes que vivem no sul do Brasil. Todos são brasileirítalos a nosso ver, cada um em sua medida.

2.4. Fascismo e *Casa d'Italia*

Como tratamos da relação linguístico-cultural entre italianos e brasileiros, devemos pormenorizar alguns aspectos que abarcam a construção da identidade italiana, assunto bem complexo. Relembremos as palavras de Massimo D’Azeglio, ao se referir ao povo italiano pouco tempo após a unificação da Itália, em 1861: “*ora che l’Italia è fatta bisogna fare gli italiani*” - fizemos a Itália, agora é preciso fazer os italianos (GAIO, 2013). Era um retrato da

falta de unidade e de identificação entre os vários povos que habitavam os vários reinos da península itálica.

Segundo o pensamento nacionalista dos séculos XVIII e XIX, a tríade língua-povo-nação era o fundamento básico para a prosperidade de um país. A Itália unificada carecia de um povo, como sugeriu d'Azeglio, e de uma língua comum, pois o idioma escolhido para exercer o papel de língua nacional, o *fiorentino* de Dante Alighieri, não cumpriu as expectativas idealizadas pelos patriotas italianos. Esses a supervalorizaram na tentativa de transformá-la em língua corrente de todos os italianos (GAIO, 2013; GAIO & SAVEDRA, 2013). O italiano era uma língua festejada, mas não usada; uma língua estrangeira na própria pátria (DE MAURO, 1991, p. 14)⁶⁶. E com o passar dos anos Benito Mussolini encontrou uma forma de buscar essa unidade nacional, através do Fascismo.

A palavra fascismo é derivada de *fascio*, vocábulo aportuguesado para 'fâscio' e que significa 'feixe'. O símbolo do Fascismo é, de fato, um feixe de varetas unidas, simbolizando união e poder. O termo vem do latim *fascēs* e remete a um símbolo etrusco. Era usado pelo Império Romano, demonstrando autoridade e poder.

Na Itália, as ideias fascistas surgiram a partir de uma série de circunstâncias. Mussolini não inventou o fascismo, mas foi sem dúvida alguma o seu principal articulador. Portanto, é falsa a ideia de que Mussolini tenha criado o fascismo, mas foi ele o responsável pela organização das ideias fascistas e sua implantação no sistema de governo do país. Após o fim da primeira guerra mundial a Itália sofria sérias consequências sociais e econômicas pela sua participação. Inflação, desemprego, miséria, milhões de soldados desmobilizados. De consequência, muita agitação social e vitória dos partidos de ideologia de esquerda nas eleições de 1919, batendo os sempre vencedores partidos liberais. O movimento fascista surge justamente nesse contexto. Pretendia que o estado fosse autoritário e centralizador, daria fim aos partidos políticos e ao parlamento. Uma única autoridade nacional, sem vozes contrárias, com o escopo de unir os cidadãos italianos em torno do ideal nacionalista. Por conta da repressão às manifestações contrárias, conseguiu facilmente o apoio da amedrontada elite italiana (BERTONHA, 2005).

Em linhas gerais, o fascismo pretendia construir a unidade italiana, estimular o sentimento de pertencimento à Itália e com isso torná-la grandiosa, inclusive com pretensões

⁶⁶ Cf. nota 62

imperialistas de extensão de território, na África, a exemplo de outros países europeus⁶⁷. Destarte, essas ideias precisavam se estender aos milhões de italianos imigrados em todo o mundo, era preciso resgatar a italianidade⁶⁸ dos imigrados, recuperar a sua autoestima de cidadãos italianos e investir nas gerações que nasciam no exterior.

Nessa conjuntura, nos anos 30 do século XX surgem as *Casa d'Italia*. Sua função era abrigar as diversas associações de italianos das suas cidades. A ideia era unificar os italianos, desenvolver sentimento de italianidade. Como vimos em 2.3, as associações de italianos no Brasil se destacaram pela quantidade e pela característica regional, manifestada através de seus nomes: *Lega Lombarda, Meridionali Uniti, Trinacria, Campania, Veneta San Marco...* Destacamos também os diversos problemas que tais associações apresentavam, tais como dificuldade de trabalho em conjunto, rivalidade profunda e baixa adesão (TRENTO, 2000). As *Casa d'Italia*, abrigando as diversas associações, teriam um papel centralizador, meio paternalista, assim como se propunha o governo fascista, com a intenção de enaltecer a ‘etnia’ italiana, o sentimento patriótico italiano.

Bertonha (1998, p. 143) relata, a título de exemplo, o funcionamento da *Casa d'Italia* de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro. A da capital mineira “abrigava o Consulado, o *Fascio*, a *Società Dante Alighieri*, o Grupo Escolar Benito Mussolini, a *Società di Beneficenza*, a *Società Reduci*, o *Dopolavoro* (com palco, cinema, bar, praça de esportes, banda etc.)”. A da então capital federal

abrigava, no primeiro andar do seu prédio, os escritórios da *Casa d'Italia*, a Câmara Italiana de Comércio, a Livraria Italiana, a Gráfica Italiana e a representação do *Fanfulla*. O segundo andar, por fim, era ocupado pelo *Dopolavoro*, o *fascio* e o cinema. Os quatro andares seguintes, por sua vez, alojavam o Consulado Italiano, o salão de baile/auditório, o Instituto Ítalo-brasileiro de Alta Cultura e a escola italiana.

Como não poderia ser diferente, a *Casa d'Italia* de Juiz de Fora seguia os mesmos princípios e buscava abrigar diferentes associações italianas na cidade. Como aponta Ferenzini (2008), naturalmente pretendia ser um centro de convivência para os italianos e

⁶⁷ Não é nossa intenção tratar de fascismo neste trabalho, queremos apenas situar o leitor. Há vasta literatura sobre esse assunto. Pela concisão das ideias sobre o tema, sugerimos a leitura de Bertonha (2005).

⁶⁸ O termo ‘italianidade’, utilizado no estatuto da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora, é citado pelo delegado especializado João Luiz Alves Valladão como prova de que ela é uma associação estrangeira, e que por isso merece atenção. Trata-se do ofício 671 de 23/12/1941, enviado ao Chefe de Polícia do estado de Minas Gerais, major Ernesto Dornelles. Disponível no Arquivo Público Mineiro (<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/dops/>), pasta 4703, imagem 148.

descendentes. Foi construída com contribuições financeiras de grande parte dos italianos que viviam na cidade e teve grande sucesso no seu breve tempo de existência. A *Casa d'Italia*, daria abrigo à comunidade italiana em relação a instrução escolar, assistência sanitária, beneficência, esporte e lazer.

A imponente edificação, marco da cidade até os dias de hoje, foi construída em dois pavimentos e um subsolo. No térreo,

ladeando o corredor central se tinha as salas do Vice-cônsul e sua correspondente Secretaria, um Museu, a sala da Diretoria da Escola e a sala do “Fachio” (sic); no pavimento superior, o hall de entrada para o salão-auditório, bar, biblioteca, sala de jogos e sala de palestras. No corpo subsequente, cuja volumetria é definida e formada pelo amplo espaço do salão-auditório que fica no piso superior, no pavimento térreo se distribui as salas de aula⁶⁹ e, no sub-solo, se localizam outras salas tais como a sala do médico, refeitório e sala de ginástica⁷⁰.

Ali também funcionava o *Dopolavoro*, ou *Opera Nazionale Dopolavoro*, que planejava e coordenava atividades de lazer para os trabalhadores. O *Dopolavoro* era fundamental para a disseminação das ideias fascistas entre a classe trabalhadora.

Ainda da mesma forma que em outras *Casa d'Italia*, também em Juiz de Fora foi criado o Instituto Ítalo-brasileiro de Alta Cultura com o objetivo de estreitar relações entre os governos brasileiro e italiano (FERENZINI, 2008).

Atendendo às demandas relativas à beneficência, a *Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Socorso Umberto I*, fundada ainda no século XIX, passou a funcionar na *Casa d'Italia*. Essa ‘*Società*’ também mantinha uma escola, igualmente chamada de *Umberto I*. O governo de Roma contribuía efetivamente com material didático para a manutenção das escolas italianas fora do Brasil pela capacidade de mobilizar os filhos de italianos, não os deixando perderem de vista o sentimento patriótico italiano. Gaió (2013) aponta para a baixa adesão a essa escola. Sugere que para muitos italianos, a frequência a uma escola brasileira ou italiana era indiferente, por serem ambas ‘estrangeiras’, dadas as diferenças culturais de que já falamos. Porém, há outros aspectos a serem considerados. Em primeiro lugar, o fascismo não

⁶⁹ As salas de aula são atualmente usadas pela Associação de Cultura Ítalo-brasileira, para ensino de língua italiana.

⁷⁰ Processo de Tombamento da *Casa d'Italia*. Arquivo da Divisão de Comunicação (DICOM) da Secretaria Municipal da Prefeitura de Juiz de Fora. Fundo Instituto de Pesquisa e Planejamento - IPLAN. Processo nº 6372/84, assinado por Luiz Alberto do Prado Passaglia em 31/05/1985, p. 9

era unanimidade entre italianos. Além disso, Gaio (2013) relembra que os imigrantes italianos não se preocuparam em constituir famílias entre italianos, o que tornava os descendentes mais ligados ao sentimento nacional brasileiro. E apesar de todo o foco nacionalista, os alunos talvez não se sentissem tão à vontade a declararem-se italianos tendo nascido e sido criados no Brasil. O depoimento do ex-aluno da escola, Sr. Dante Zanzoni, registrado no Processo de Tombamento da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora, é emblemático:

Eles vinham, é um negócio interessante, eles despertavam na criança um amor pela Itália muito grande, maior do que o amor pelo Brasil. Os professores que vinham de lá já vinham preparados para isso, e então você se sentia na hora de você cantar um hino, por exemplo, italiano, você cantava com muito mais satisfação do que o hino brasileiro. Isto é errado, depois com o tempo é que eu vi que estava errado – nós somos brasileiros e não temos intenção nenhuma de voltar para a Itália, absolutamente⁷¹.

Bertonha (1998, p. 143) afirma que a expansão das *Casa d'Italia* no Brasil foi “lenta e irregular”, e que a documentação sobre o assunto é bastante fragmentária. Os dados sobre sua quantidade variam, acredita-se que fossem cerca de 20. Porém, o autor aponta para uma certeza: a infraestrutura era precária e havia dificuldades para encontrar local adequado e para captar recursos, que seriam destinados à construção e à aquisição de equipamentos. O relato de Ferenzini (2008, p. 154) acerca da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora confirma essa informação. Afinal, o projeto juiz-forano “contou com contribuições financeiras de grande parte da colônia local” tanto na aquisição do terreno quanto na construção. A *Società Umberto I* teve participação ativa nesse processo.

O terreno foi adquirido em 11 de outubro de 1933, e a inauguração da *Casa* ocorreu em 05 de novembro de 1939, a partir da colaboração financeira de vários membros da colônia e de grandes mobilizações por parte da Sociedade Umberto I, que liderou as reuniões, abriu subscrições e participou com grandes doações, chegando a vender sua sede para investir dinheiro na construção da Casa. Além disto, ela também encabeçou as negociações, junto com o vice-cônsul italiano, no sentido de que o terreno fosse adquirido em nome do governo italiano (FERENZINI, 2008, p. 154).

Um dos maiores incentivadores da construção da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora foi o empresário da construção civil Pantaleone Arcuri. No retorno de suas viagens à Itália comentava que estava “encantado com a ordem, com o progresso, com a disciplina”.

⁷¹ Processo de Tombamento da *Casa d'Italia*. *Op. Cit.* p. 10

Mussolini, para Arcuri “era um herói, que ele estava arrumando a Itália de acordo como deveria ser”, já que antes era uma baderna e não havia prosperidade⁷². Interessante observar que Arcuri era um rico empresário e tenha feito fortuna no Brasil. Suas opiniões sobre o fascismo e a Itália representam bastante bem o pensamento da elite italiana na época.

Cabe, a essa altura, relatar a experiência pessoal do autor deste trabalho, neto de quatro italianos emigrados para Juiz de Fora. À exceção do avô paterno, falecido prematuramente em 1930, todos os demais viveram intensamente esse período, mas nunca fizeram parte de associações de italianos na cidade, muito menos frequentavam a *Casa d'Italia* no seu período áureo. Embora seja um caso pessoal, indica e reforça a falta de unidade entre italianos. Evidentemente, poderia se tratar somente de discordância com o fascismo. Porém, cabe lembrar as palavras de Venturini (1984, *apud* BERTONHA, 1998), que define comunidade italiana como “uma reunião de pessoas com experiências diversas” cujo único denominador comum era a origem nacional. Trento (2000) já se referia a essa questão e Gaio (2013) e Gaio & Savedra (2013) reafirmam essa definição, evidenciando as diferenças culturais e linguísticas entre os imigrantes italianos desconhecidas pelos brasileiros que os acolhiam e que os consideravam apenas como ‘os italianos’, dentro de toda representação sociolinguística que isso possa acarretar.

Valendo-se do autoritarismo legitimado pelos poderes da ditadura, Mussolini pretendeu atacar um dos pontos mais sensíveis que afetavam a falta de unidade entre os italianos: a língua. Seria impossível proibir o uso dos dialetos, as línguas regionais italianas bem vivas até hoje, mas era possível estimular o uso do italiano em esferas públicas, como escolas, quartéis, repartições públicas (BERTONHA, 2005, p. 63). Também usou de um expediente bem caro a alguns políticos brasileiros da atualidade, que é o de intervir no léxico e proibir o uso de vocábulos estrangeiros. Com isso, por exemplo, o *football* se tornou *calcio* em terras italianas.

Como já dissemos, o governo fascista investiu em material didático para as escolas italianas no exterior. O problema é que no caso brasileiro essa tentativa de valorizar a italianidade dos imigrantes e de italianizar os seus filhos coincidiu com o período de valorização e exaltação nacionalista brasileiro. As organizações estrangeiras passavam a ser visadas e controladas para que não se tornassem riscos. O decreto lei 383 de 18 de abril de

⁷² Processo de Tombamento da Casa d' Itália. *Op. Cit.* p. 11

1938 proibia a organização política de estrangeiros⁷³, o que gerou desconfiança, por parte do Estado Brasileiro, em todas as associações de estrangeiros formadas no Brasil, mesmo sem caráter político.

Com a presença de muitos imigrantes, as associações de estrangeiros de Juiz de Fora se tornavam alvo de investigações e havia a preocupação com as escolas estrangeiras, uma vez que elas eram formadoras de cidadania. Há vários documentos atestando essa atenção especial por parte da polícia, embora suas averiguações buscassem identificar elementos que fossem de encontro ao decreto lei 383, ou seja, a natureza política das agremiações. Em ofício enviado no dia 23 de dezembro de 1941 ao chefe de polícia do estado de Minas Gerais⁷⁴, o delegado especializado de Juiz de fora assim inicia (mantida a grafia original):

“A situação internacional e a vigilância que devemos manter, levam-nos a solicitar a V. Excia. as providências contidas neste ofício.

A ação nacionalizadora do atual Governo Brasileiro no terreno pratico entra em choque com os interesses de outras nacionalidades”.

O ofício relata inspeção em sociedades alemãs, italianas e de ‘outras nacionalidades’, na qual se incluem uma portuguesa, uma sírio-libanesa, uma estadunidense e uma israelita. No que concerne às sociedades alemãs, o relatório menciona com parcimônia o fato de a Associação Culto Evangélico Alemão (*Deutsch-Evangelischen Gemeinde*) ter algumas prédicas feitas em língua alemã por um pastor que é “entusiasta do *regimen* político vigente na Alemanha”. Menciona ainda que esse mesmo pastor é um “notável educador”. Na Escola Alemã ensina o alemão e cultiva cantos patrióticos alemães com carinho, embora sejam menos intensos após as ações nacionalizadoras do governo brasileiro. Porém, ao se referir ao Jardim de Infância (*Kindergarten*), sugere que este deva ser “impedido de funcionar pois constitui **o mais eficiente trabalho de desnacionalização dos descendentes de alemães em Juiz de Fora**”⁷⁵ (grifo nosso). Segundo sua investigação em relatórios da escola infantil, não havia nenhuma diferença de orientação em relação aos Jardins de Infância alemães. Nas conclusões, o delegado aponta para a necessidade, entre outras coisas, de proibir as prédicas em alemão, de proibir que os diretores da escola sejam cidadãos estrangeiros e de proibir as

⁷³ Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-383-18-abril-1938-350781-publicacaooriginal-1-pe.html>

⁷⁴ Arquivo Público Mineiro (<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>). Arquivos da Polícia Política, pasta 4703, imagens 145 a 150 – Ver anexo III

⁷⁵ Mantida a grafia original.

crianças brasileiras⁷⁶, mesmo que sejam filhas de alemães, de frequentarem o Jardim de Infância.

Com relação às sociedades italianas, o delegado relata que “todas as organizações italianas se reuniram no magestoso edifício ‘*Casa d’Italia*’”⁷⁷, o que demonstra que o propósito básico do governo fascista para as *Casa d’Italia* estava sendo cumprido. O relatório mostra inquietação e atenção ao caráter eminentemente estrangeiro das três sociedades examinadas, a *Umberto I*, a *Dante Alighieri* e a própria Sociedade *Casa d’Italia*, que abriga as demais. A Sociedade *Umberto I* só admitia italianos como sócios; a *Dante Alighieri* admitia estrangeiros (não italianos) em seu quadro, mas era clara a intenção de que estes estrangeiros fossem filhos – ou descendentes – de italianos porque, segundo o estatuto, tinha a finalidade de manter “alto sentimento e orgulho de nossa estirpe”. Nas conclusões, o delegado sugere que todas essas sociedades sejam registradas regularmente segundo as leis brasileiras e que haja fiscalização de forma a **impedir que “brasileiros, mesmo filho de italianos não façam parte destas associações”** (grifo nosso).

Fica muito clara a ação do governo brasileiro, através de seus meios, de dificultar, coibir e até mesmo impedir o desenvolvimento de movimentos estrangeiros. É preciso, naturalmente, compreender o contexto da época. Porém, é bem evidente a busca pela castração daquilo que ainda poderia ser capaz de transmitir legados culturais e linguísticos às novas gerações. Gaio (2013) sugere que a perda da língua italiana em Juiz de Fora não tenha se dado por esses movimentos nacionalistas brasileiros na década de 30 do século XX, e que ela teria acontecido bem antes, num processo de glotonásia (COUTO, 2009). Porém, acredita que eles tenham sido o golpe de misericórdia do processo. O relato do ex-aluno da escola italiana (mantida pela *Società Umberto I*), Dante Zanzoni, reforça essa ideia. No início dos anos 30 tinha entre 9 e 12 anos de idade, período em que “você aprende com muita facilidade tudo o que ensinam a você, e **eu aprendi a falar italiano** e falava até bem e participava das operetas” (grifo nosso). O relato é bem claro: a língua italiana não fora transmitida em família. Ao menos, não ativamente.

Em 1942, com a entrada oficial do Brasil na segunda guerra mundial, as *Casa d’Italia* foram fechadas e ocupadas pelo governo brasileiro através do exército. Na de Juiz de Fora a escola *Umberto I* foi substituída pelo Grupo Escolar Duque de Caxias. A *Umberto I* havia

⁷⁶ O Brasil sempre adotou o critério do *jus soli*, o direito do solo, que prevê que crianças nascidas em território nacional sejam brasileiras, exceto se filhos de quem esteja a serviço de outro país.

⁷⁷ Mantida a grafia original.

funcionado por apenas três anos, mas certamente muito intensos e profícuos (FERENZINI, 2008). Do ponto de vista cultural, seu fechamento provocou sérios danos à coletividade italiana da cidade. Se é certo que o fascismo não era unanimidade, é também certo que muitos descendentes de italianos, adeptos e contrários ao fascismo, teriam tido oportunidade de conviver num ambiente cuja característica seria a origem nacional comum. Todo o terreno da *Casa d'Italia* é grande o suficiente para a infraestrutura de um clube, por exemplo, assim como os da Associação Portuguesa e o Clube Sírio e Libanês⁷⁸. Mas a guerra foi implacável e interrompeu esse legado. Dante Zanzoni assim descreve o que representava a *Casa d'Italia*:

Era uma segunda casa. Você trabalhava de dia e à noite ia para lá. Isso era infalível, toda noite, inclusive aos domingos que havia uma sessão cinematográfica. Enquanto enrolava o filme etc., tinha a sessão de canto. (...) em 42 quando o Brasil rompeu relações com a Itália por causa da guerra, fecharam a *Casa d'Italia*, acabou. E com esta fechada, para nós, para filhos de italianos, 17 anos, houve esse hiato que foi uma coisa tremenda. Não houve mais aquele conagraçamento, não havia mais como se reunir⁷⁹.

Endossando as palavras do Sr. Zanzoni o Sr. Natale Chianello, também frequentador da Casa, presta o seguinte depoimento: “A guerra provocou um hiato na história da *Casa d'Italia* e um murchamento nas atividades que vinham sendo realizadas pela entidade⁸⁰”. Ferenzini (2008) aponta para um sentimento contraditório a respeito da década de 30 do século passado. Havia empatia entre italianos e brasileiros, o que favoreceu a penetração do fascismo nas coletividades italianas no Brasil, mas o nacionalismo promovido pelo Estado Novo, da era Vargas, dificultou a vida de muitos italianos (FERENZINI, 2008, p. 158-159).

O fechamento de associações, a proibição do uso da língua (que afetou bem mais os imigrantes do sul do Brasil pelo caráter de imigração de ocupação de território e formação de colônias), as ameaças veladas tais como a exigência à naturalização foram o golpe de misericórdia no processo de transmissão de língua e cultura intergeracional (GAIO, 2013, p. 93).

O tempo passou, a guerra acabou, e antes mesmo do seu fim, ainda em 1944, Brasil e Itália reataram as relações diplomáticas. Porém, as *Casa d'Italia* não voltaram a ser o que eram. O prédio de Juiz de Fora foi por muito tempo utilizado para diversos fins, poucos deles

⁷⁸ Clubes ainda em pleno funcionamento na cidade.

⁷⁹ Processo de Tombamento da *Casa d'Italia Op. Cit.* p. 13

⁸⁰ Jornal Tribuna de Minas, edição de 03/05/1984: “Na berlinda dos interesses comerciais, o patrimônio cultural da colônia italiana em Juiz de Fora”.

relativos à italianidade e à coletividade italiana. E depois de um longo processo burocrático a *Casa d'Italia* de Juiz de Fora foi tombada pelo Patrimônio Cultural Municipal através do decreto 3359 de 19 de outubro de 1985⁸¹.

A *Casa d'Italia* de Juiz de Fora é simbolicamente muito representativa na cidade de Juiz de Fora. As associações que funcionam no seu prédio são frequentemente confundidas com o nome *Casa d'Italia*, que no fim das contas é somente uma edificação. Essa espécie de sinédoque, em que o todo seria esse prédio, vem à tona nas entrevistas que realizamos com os presidentes das três agremiações que ali têm suas sedes. É como se cada um considerasse que as instituições separadas representam a mesma coisa. Um sentimento não explícito de união por uma única causa, a representatividade linguística e cultural da Itália e dos italianos. É como se ela cumprisse o objetivo que lhe fora traçado sem a roupagem fascista.

Esse sentimento de que a *Casa d'Italia* seja uma entidade *supra partes* e não apenas um edifício (de inegável e importante valor histórico) parece ser compartilhado pelos munícipes e pelos administradores citadinos. O próprio texto do Art. 1º do decreto 3359 da Prefeitura de Juiz de Fora, que trata do tombamento do edifício da *Casa d'Italia*, reverbera esse pensamento:

Art. 1º - Fica tombado o edifício em que **tem sede a "Casa D'Itália"**, sito na Avenida Barão do Rio Branco, 2585, de propriedade da República Italiana.
(grifo nosso)

É notável e ao mesmo tempo surpreendente que uma idealização do governo fascista de Mussolini, com mais de setenta anos de idade, e que em Juiz de Fora tenha durado tão pouco tempo, permaneça tão presente na vida da cidade. A *Casa d'Italia* é vista e entendida como uma espécie de clube dos italianos. As *Casa d'Italia* construídas durante o governo fascista dos anos 30 tinham o objetivo de serem redutos de conagração dos italianos, de resgate de manutenção e valorização da italianidade dos imigrantes. Deveria transmitir a ideia literal de seu nome: a casa dos italianos. A 2ª guerra mundial acabou com o sonho mussoliniano, mas parece que a ideia permaneceu e se transformou em algo positivo, longe da ideologia fascista. Trento (1989, p. 373 *apud* Bertonha 1998, p. 145) afirma que a pretensão dos fascistas (união dos italianos através da estrutura das Casas d'Italia) não deu certo. Essa afirmação é plausível, visto que o fascismo nunca foi unanimidade. Mas há que se considerar

⁸¹ Disponível em http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br/c_norma.php?chave=0000010568 (última visita em 04/11/2015)

também que essas estruturas não tiveram tempo de se afirmar como potencial agregador e valorizador de italianidade. Nesse sentido, é razoável admitir que as *Casa d'Italia* tinham potencial para desenvolver a tão sonhada identidade italiana, devaneada pelos patriotas italianos durante o *Risorgimento*, e sem vínculos com o fascismo.

As três agremiações que ali funcionam atualmente são a Associação Ítalo-brasileira *San Francesco di Paola*, a Associação de Cultura Ítalo-brasileira e o Grupo de Dança Tarantolato, todas com o objetivo de divulgar língua, cultura e tradições italianas. Ali também funciona uma Agência Consular italiana, vinculada ao Consulado Italiano de Belo Horizonte.



Figura 5 – Fachada da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora (foto: acervo pessoal)

Enviamos um questionário aos presidentes de cada uma dessas agremiações ensejando buscar indicações da existência de Redes Sociais formadas a partir delas, ou por causa delas⁸². Analisaremos as respostas ao longo deste trabalho, mais especificamente no capítulo 6.

⁸² Os questionários respondidos na íntegra estão nos anexos IV, V e VI, respectivamente.

3. O CONTATO DE LÍNGUAS

“The coexistence, in a number of humble peasants, of two at times conflicting sets of linguistic habits, the one a prestigious language, the other a despised patois, may have important repercussions on the linguistic history of that part of the world”. (Parte do prefácio de Weinreich (1953), escrito por André Martinet)⁸³

3.1. Conceitos, classificações e processos

Línguas entram em contato em todo o tempo e o tempo todo⁸⁴. Toda língua é produto de contato entre outras línguas. Porém conceituar o CL não é simples. Numa definição simples, Thomason (2001, p. 1) sugere que o CL seja o uso de mais de uma língua no mesmo lugar e ao mesmo tempo. Porém, ela mesma aponta para a fragilidade desse conceito ilustrando o exemplo de dois grupos de viajantes, de línguas diferentes, ocupando ao mesmo tempo a cozinha de um *youth hostel*: a situação se enquadra na definição, porém, se não houver interação entre os grupos, não haverá CL. Mufwene (2008, p.17) assim afirma: “a coexistência de duas populações na mesma área geográfica não é condição suficiente para que haja CL. É preciso haver interação entre elas⁸⁵.” As línguas não entram diretamente em contato. São os povos, ou os indivíduos falantes de línguas que entram em contato. O verdadeiro CL acontece na mente dos indivíduos, dos falantes (WEINREICH, 1968 [1953]; MUFWENE, 2008; COUTO 2009).

Como afirma Thomason (2001), onde há uma sociedade composta por seres humanos há CL. Além disso, não há nenhuma evidência de línguas que se desenvolveram isoladamente, é só uma questão de intensidade a depender do local e da época em que houve/há tal contato. No Brasil, por exemplo, houve intenso contato por imigração

⁸³ “A coexistência, entre certo número de humildes camponeses, de dois conjuntos de hábitos linguísticos, por vezes conflituosos, um deles uma linguagem de prestígio, o outro, um *patois* desprezado, pode ter importantes repercussões na história linguística daquela parte do mundo.”

⁸⁴ Nos anos de desenvolvimento desta tese de doutoramento alguns capítulos foram apresentados em Comunicações e/ou publicados em revistas científicas. Conteúdo semelhante a 3.1 pode ser encontrado em SAVEDRA; GAIO; CARLOS NETO (2015).

⁸⁵ “... the coexistence of two populations in the same geographical area is not a sufficient condition for language contact. They must interact with each other.”

principalmente no período entre a segunda metade do séc. XIX e a primeira metade do séc. XX, com destaque para as regiões sudeste e sul⁸⁶. O movimento migratório era proveniente da Europa (acentuadamente italianos, alemães e portugueses) e Ásia (acentuadamente japoneses, sírios e libaneses). O efeito mais comum que surge a partir desses contatos é a mudança de alguma língua, ou de todas elas, aí incluindo a possível extinção. Thomason (2001) aponta para três caminhos que as línguas em contato podem seguir: a mudança de língua induzida pelo contato⁸⁷; a mistura extrema de línguas com a formação de pidgins, crioulos e línguas mistas; a morte de línguas.

Para Winford (2003) o CL pode ser dividido em três grandes categorias: aqueles que envolvem manutenção de língua, os que envolvem *language shift* e os que levam à criação de novas línguas a partir do contato, os chamados pidgins e crioulos. Os crioulos em particular têm sido objeto de amplos estudos, uma vez que novas línguas criadas a partir da mistura de duas ou mais línguas que entram em contato costumavam não ter o mesmo *status* daquelas que a originaram e por isso mesmo tornam-se objeto de pesquisas cada vez mais profundas.

Os conceitos apresentados por Thomason (2001) e Winford (2003) são semelhantes, diferem apenas no foco dado em cada trabalho. Enquanto a primeira considera que um dos efeitos do contato é a mudança induzida pelo contato, o segundo menciona a *language shift*; os dois autores citam a formação de novas línguas; já o terceiro efeito do contato, todavia, é visto por Thomason pelo viés da morte de uma língua⁸⁸ enquanto Winford prefere discutir a manutenção de língua, o que podemos entender como sua sobrevivência. De certa forma, ambos analisam o mesmo fenômeno sob vieses diferentes. De fato, Winford explora o tema da manutenção de línguas abordando as possíveis modificações que as línguas sofrem quando em contato, tais como empréstimos e *code-switching*. Ambos os autores mencionam, e não poderia ser diferente, aspectos acerca de manutenção e morte de línguas.

Thomason (2001) prefere a expressão *language contact* ao passo que Winford (2003) se vale de *contact linguistics*, sugerindo a tradução ‘linguística de contato’, levando-nos a compreendê-la como um campo de estudo amplo que englobe o CL. Queremos apenas

⁸⁶ Na verdade, houve contato por imigração de africanos desde o início da colonização. Porém, estamos tratando da imigração voluntária e não da forçada.

⁸⁷ Traduzimos a expressão livremente a partir da expressão comum em inglês *Contact-induced language change* (THOMASON 2001; WINFORD 2003; MATRAS 2009)

⁸⁸ Detalharemos nosso entendimento sobre morte de línguas em 3.2.2

registrar as escolhas e acreditamos que tudo vai depender da abordagem que se dê a cada estudo.

Couto (2009) examina a questão dos contatos mais profundamente e divide o CL entre contatos interlinguísticos e intralinguísticos. Estes últimos são os contatos dentro de variedades da mesma língua tais como entre dialetos, idioletos, os intergeracionais e os contatos entre o indivíduo e a comunidade. Neste trabalho, os contatos que nos interessam são os interlinguísticos. A situação prototípica do CL pode ser ilustrada da seguinte forma:

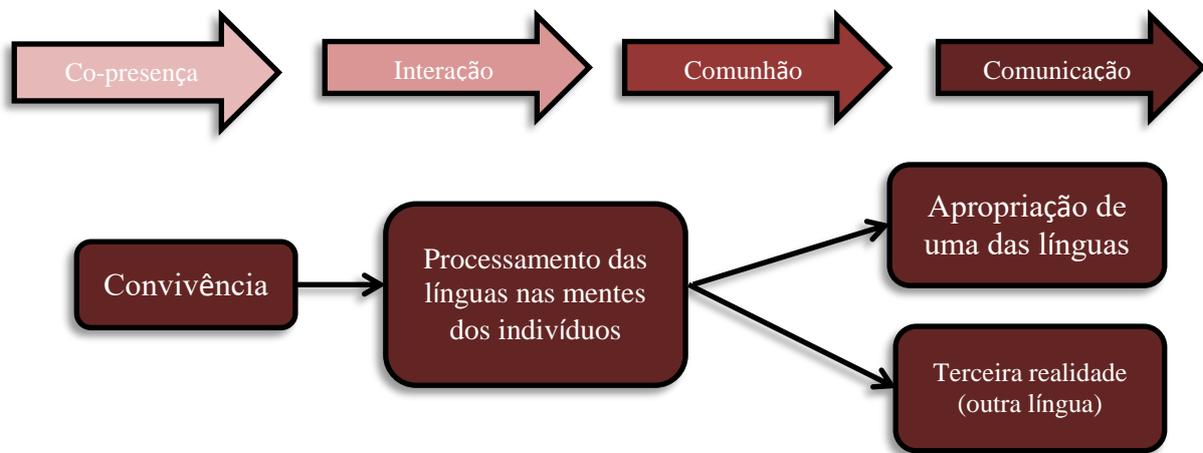


Figura 6 – Esquema gráfico dos processos de contato linguístico (COUTO, 2009, p. 50)

A Figura 6 ilustra passo a passo as fases que se sucedem desde o encontro dos povos (com suas línguas) até o efeito final do contato linguístico. Um dos resultados previstos por Couto (2009), a apropriação de uma das línguas é o resultado de *language shift* e manutenção ao mesmo tempo. A apropriação é a própria *language shift*, o que acontece com o povo que fala a língua mais fraca. Consequentemente, a língua mais forte é mantida. São cenários que duram por certo tempo, mas não definitivamente.

Após um período de convivência, as línguas são processadas nas mentes dos indivíduos e há duas possibilidades para o resultado final: *language shift* ou o nascimento de outra língua. A resistência de grupos minoritários às pressões exercidas pelo grupo majoritário é fadada a termo. Haverá sempre uma língua mais forte e uma mais fraca, por motivos políticos, econômicos, bélicos ou apenas por maior prestígio de uma língua.

Entendemos com esses conceitos que a possibilidade da manutenção de uma língua minoritária e/ou sem prestígio quando submetida a contato tende a desaparecer, ou a se modificar. Embora haja casos de resistência a pressões externas com conseqüente manutenção de língua como forma de autoafirmação e defesa de identidade, a tendência é que mesmo nessa situação a língua desapareça, talvez em longo prazo, seja por glotofagia (CALVET, 1974) ou glototanásia (COUTO, 2009)⁸⁹. Vamos então aprofundar a discussão sobre a questão da substituição de uma língua por outra em situações de contato.

3.2. O contato de línguas e seus efeitos

O CL provoca alguns efeitos bastante conhecidos, tais como empréstimos, *code-switching* e convergência. São motivados pela interferência de uma língua em outra. O fenômeno da interferência, como definiu Weinreich (1968 [1953]), são os casos de desvio da norma de uma ou outra língua onde há sujeitos bilíngües em contato. O autor dedica boa parte desse trabalho ao estudo dos diversos tipos de interferência. Bem mais recentemente, Thomason (2001, p. 131-152) classifica sete mecanismos de interferência motivadores de mudança de língua induzida pelo contato, que resumimos assim⁹⁰:

- **Code-switching:** é o mecanismo de interferência mais estudado entre todos. Thomason (2001, p. 131) sugere que o fato de ser um fenômeno frequentemente usado em conversações entre indivíduos bilíngües possa ser uma das razões pelas quais haja tanto material disponível. O *code-switching* é o uso de material linguístico de duas ou mais língüas na mesma conversação. Subentende-se, então, que todos os participantes dessa conversação também o usem, ou pelo menos entendam as língüas envolvidas.
- **Alternância de códigos (*code alternation*):** Nesse caso, o indivíduo bilíngüe faz uso de códigos diferentes em ambientes comunicativos diferentes. Normalmente é um mecanismo usado quando o(s) interlocutor(es) não é(são) bilíngüe(s) e, por essa razão, o *code-switching* não seria inteligível. Exemplo comum é o uso de uma língua em família e outra no trabalho.
- **Familiaridade passiva (*passive familiarity*):** Trata-se de um fenômeno menos estudado. Acontece quando indivíduos não têm domínio de outra língua, mas a

⁸⁹ Trataremos dessa terminologia com mais detalhes em 3.2.2

⁹⁰ Mantivemos os nomes originais propostos pela autora entre parênteses.

entendem em certa medida, e adquirem algumas características dela. É mais frequente em situações de contato nas quais as línguas têm boa parte de seu vocabulário em comum.

- **‘Negociação’ (*negotiation*)**: Thomason esclarece que as aspas simples no nome desse mecanismo são propositais porque o termo não deve ser tomado no sentido de negociação deliberada e consciente. Ao contrário, trata-se de um mecanismo usado instintivamente com o propósito de criar possibilidade de comunicação. O falante de uma língua tende a aproximar-se da outra e/ou vice-versa. Os exemplos mais claros se encontram na formação dos pidgins.
- **Estratégias de aquisição de segunda língua (*second-language acquisition strategies*)**: Trata-se do preenchimento de lacunas na L2 que o indivíduo preenche com os recursos da L1. É mais evidente quando a lacuna é lexical, e o falante, desconhecendo o vocábulo a ser usado em determinado enunciado, preenche essa lacuna com o que conhece de sua língua. Porém, esse fenômeno é mais comum na estrutura da língua, como, por exemplo, em sons exigidos em L2 e não existentes em L1. Igualmente, pode-se perceber esse mecanismo na ordem dos elementos constitutivos de uma oração. Por exemplo, se L1 tem como característica predominantemente a ordem SVO, essa será poder ser usada em L2, mesmo se seu padrão for SOV.
- **Aquisição de duas primeiras línguas (*bilingual first-language acquisition*)**: Trata-se de um processo semelhante ao da ‘negociação’, mas no domínio linguístico de aquisição de linguagem, no caso de duas línguas como L1.
- **Decisão deliberada (*deliberate decision*)**: Diferentemente da ‘negociação’, a decisão deliberada envolve a vontade do grupo de falantes. Por exemplo, numa situação de contato onde há *language shift*, pode ocorrer que, deliberadamente, o grupo submetido à mudança para a TL mantenha traços de L1 como forma de marcação identitária.

Evidentemente a própria autora deixa clara a dificuldade de identificação de qual(is) fenômeno(s) acontece(m) numa situação de mudança de língua. Em regra geral há uma combinação de mais de um mecanismo no processo. No contexto do nosso estudo observaremos e identificaremos os mecanismos mais salientes usados entre italianos e descendentes do eixo Rio de Janeiro–Juiz de Fora.

Em Gaio (2013) detectamos que na região de Juiz e Fora e Zona da Mata mineira os imigrantes italianos, o maior contingente, procediam de toda a Itália. Os grupos eram, então, divididos pela própria língua uma vez que somente uma minoria era itálica. Cada grupo falava a sua própria língua/dialeto, línguas essas sem prestígio uma vez que a língua de Dante Alighieri, o dialeto *fiorentino*, havia sido a escolhida como língua oficial do recém-unificado Estado italiano. Entretanto, essas línguas eram românicas e havia alguma familiaridade com o português, língua dominante e de prestígio. Parece-nos natural, então, que houvesse já desde os primeiros contatos algum tipo de ‘negociação’, mas em virtude do parentesco linguístico comum esse mecanismo pode ter-se tornado ‘familiaridade passiva’. Também evidente nos parece que o mecanismo de ‘alternância de código’ tenha sido utilizado durante algum tempo. E é plausível admitir que entre os imigrantes adultos as ‘estratégias de aquisição de segunda língua’, como relatadas por Thomason (2001), tenham sido amplamente utilizadas, tanto no preenchimento das lacunas lexicais como fonológicas⁹¹. A literatura e a teledramaturgia brasileiras que abordam a imigração italiana costumam se valer desses preenchimentos como forma de criar vínculos reais com a sua plateia, através de experiências pessoais. Em sua análise do que chama de literatura ítalo-brasileira, Müller (2015) detalha esse tema com argúcia.

Podemos também considerar o uso do mecanismo de ‘decisão deliberada’, mas por um viés diferente daquele abordado por Thomason. De fato, é mais razoável pensar na decisão deliberada pela substituição da língua, como por exemplo através do baixo interesse na transmissão linguística para os descendentes.

Ao discorrer sobre as situações de contato linguístico, Winford (2003, p. 11) nos mostra que, em geral, podemos dividi-las em três grandes campos: as que envolvem manutenção de língua, as que envolvem *language shift* e as que acarretarão a criação de novas línguas a partir do contato. Entretanto, o autor deixa claro que há situações particulares que não se enquadram bem em uma ou outra categoria, mas navegam entre a manutenção e a *language shift*. Vamos explicitar os casos onde há manutenção.

⁹¹ A esse respeito vale ressaltar que durante a nossa infância e adolescência acostumamo-nos a ouvir em casa pronúncias particulares tais como ‘**parmeseon**’ em vez de ‘parmesão’, e vocábulos não constantes do PB, tais como ‘**cicilo**’ (/’ʃiʃilo/) em referência a pequenos pedaços de carne, ou ‘**bauco**’ (/ba’uko/), em referência a indivíduos considerados bobos, tolos. Era bastante corriqueiro também ouvir expressões de interjeição tais como ‘**porca pipa!**’, ou ‘**Ah vâ!**’. Ao chamar-nos para sair, nosso pai dizia ‘**andiamo**’ (/ãdi’amo/) em vez de ‘vamos’. Mais raro, e já transmitido à nossa geração como fato excêntrico, era a inversão ‘**Casa Santa**’ em vez de ‘Santa Casa’ em referência ao principal hospital da cidade, na época. Embora mereça a citação, acreditamos que se tratasse de hipercorreção e não de mecanismo de interferência.

Winford (2003, p. 11) afirma que manutenção de língua é a preservação da língua nativa de uma comunidade linguística⁹² de geração em geração. Significa dizer que a língua muda ao longo do tempo através somente das variações naturais que acontecem na sua estrutura interna e/ou limitado contato com outras línguas. De acordo com o tipo de contato, as línguas podem influenciar e/ou serem influenciadas em maior ou menor grau. O autor considera três situações:

- **Empréstimo:** Esse termo vem sendo usado em diversos sentidos, portanto vamos manter a definição usada por Thomason & Kaufman (1988, *apud* Winford, 2003): é “a incorporação de características de outras línguas pela língua nativa de um grupo através de seus falantes”⁹³.
- **Situações de convergência estrutural**⁹⁴: trata-se de casos em que duas ou mais línguas em contato se influenciam mutuamente, e acabam por convergir para uma estrutura semelhante. Não se trata do nascimento de uma nova língua, mas de uma adaptação, que pode ser mútua - ambas ou todas as línguas se adaptam e modificam sua estrutura - ou apenas uma (ou algumas), a(s) mais fraca(s), se adapta(m) à estrutura da mais forte.
- **Situações de *code-switching*:** Como já vimos, Thomason (2001) considera o *code-switching* um dos mecanismos de interferência que motivam a mudança de língua. Winford (2003) trata as situações de *code-switching* como estratégias de manutenção das línguas. Ambas as visões são coerentes, a depender do ponto de vista. Podemos entender, com base nos trabalhos dos dois autores, que o *code-switching* é de fato uma estratégia de manutenção de língua, mas também pode ser encarado como um mecanismo de mudança, a partir do momento em que mais falantes o adotem e os ambientes comunicativos em que são usados também aumentem. A esse propósito, temos o exemplo do *Spanglish*, que já vem sendo objeto de estudo há algum tempo.

Talvez o mais antigo registro de mudança de língua induzida pelo contato esteja registrado no capítulo CXVII do livro IV das “Histórias”⁹⁵, escrito por Heródoto, onde são narradas as guerras persas (séc. V a. C). No início do capítulo a narrativa mostra um caso de

⁹² Por hora vamos adotar a definição de Comunidade Linguística adotada por Burke (2010, p. 21): um grupo no qual uma determinada língua ou variedade linguística é compreendida. Detalharemos esse conceito em 5.5.

⁹³ “*the incorporation of foreign features in to a group’s native language by speakers of that language.*”

⁹⁴ O conceito de convergência é complexo. Nosso objetivo nesse trabalho limita-se a explicá-lo em linhas gerais. Para maiores detalhes sugerimos a leitura de Thomason (2001).

⁹⁵ <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/historiaherodoto.html> Cf. Livro IV (Melpômene), capítulo CXVII (última visita em 09/11/2016)

language shift no qual os saurómatas, povos da Sarmácia, a oeste da Cítia, mudam de sua língua nativa para uma L2:

Os Saurómatas adotam a língua cita, mas nunca a falaram com pureza, porque as Amazonas não a conheciam senão imperfeitamente. Com relação ao casamento, estabeleceram uma lei segundo a qual uma mulher não poderia contrair matrimônio enquanto não matasse um inimigo. Por isso, muitas delas, não conseguindo cumprir as disposições da lei, morrem de velhice, ainda solteiras. (grifo nosso)

Registro igualmente interessante e antigo consta no Velho Testamento, livro de Neemias (Ne 13: 23-24), que também se refere a *language shift*:

Naqueles dias, encontrei judeus que haviam desposado mulheres de Azoto, de Amon e de Moab. **A metade de seus filhos falava a língua de Azoto* e não sabiam mais o hebraico: o mesmo sucedia com a língua dos outros povos.**

* Língua De Azoto: Não se trata de um dialeto próprio, mas de um mau hebraico. **Os judeus, aos quais Neemias se refere, não são mais capazes de falar sua língua religiosa e nacional.** (grifos nossos)

Ambos os registros são da era pré-cristã, mas como aponta Thomason (2001, p. 7), é difícil afirmar qual deles é o mais antigo por fatores tais como a contemporaneidade de Heródoto e Neemias e a inconsistência de precisão cronológica dos registros bíblicos.

Weinreich (1968 [1953]) define *language shift* como a mudança de uso habitual de uma língua para outra. Winford (2003) conceitua o fenômeno como o abandono total ou parcial da língua nativa de um grupo em favor de outra, denominada *Target Language* (TL), que é a língua dominante. O autor aponta para duas categorias distintas na ocorrência do fenômeno. A primeira compreende os casos de imigração de grupos minoritários, que mudam parcial ou completamente suas línguas para a língua dominante. Na segunda categoria incluem-se os casos de dominação territorial, por invasão ou colonização. A língua do invasor se torna dominante e as línguas das comunidades locais passam a ser abandonadas em seu favor. Os exemplos são fartos, sobretudo nas Américas.

Winford (2003, p. 15) considera ainda que em muitos casos a mudança é muito bem sucedida, com pouca ou nenhuma influência na TL. Exemplifica o caso dos EUA, em que no

máximo até a terceira geração já se adquire proficiência nativa do inglês americano com êxito. Couto (2009, p. 51) descreve mais detalhadamente o fenômeno da transmissão linguística intergeracional nomeando-o como “Lei das três gerações”. Por outro lado, a TL pode sofrer variações sistemáticas com conseqüentes mudanças, influenciadas pelas línguas que foram perdidas, sejam elas de imigração (alóctones) ou autóctones. São diversos tipos de mudanças conhecidos por nomes diferentes: “interferência através de mudança”, “transferência”, “influência do substrato” e “imposição” são os mais conhecidos (WINFORD 2003, p. 16). A esse respeito, Hickey (2010) considera que

no mundo anglófono essa *language shift* nem sempre deixou vestígios da(s) língua(s) original(is). A notável mudança das línguas nativas para o inglês não afetou muito as formas gerais do inglês falado tanto nos EUA como no Canadá⁹⁶ (HICKEY, 2010, p. 151).

No entanto, não cremos que o mesmo se possa falar do PB. Há consideráveis diferenças entre o PB e o PE atualmente, motivadas pelos constantes contatos aos quais se submeteu a língua portuguesa no Brasil praticamente desde o seu descobrimento, tanto por populações nativas como por povos imigrantes, forçadamente no caso dos africanos e espontaneamente no caso dos europeus e asiáticos⁹⁷.

3.2.1. Fronteiras linguísticas: os conceitos de Durabilidade, Permeabilidade e Liminalidade

A recente tese de doutoramento da pesquisadora Zinkhahn-Rhobodes (2015) no âmbito da cotutela entre a UFF e a EUV, intitulada *Sprechen entlang der Oder? Durabilität, Permeabilität und Liminalität der sprachlichen Grenzen: am Beispiel der deutsch-polnischen Sprachroutine* é uma análise do contato linguístico entre o alemão e o polonês nas cidades de Frankfurt an der Oder e Słubice, localizadas na fronteira entre a Alemanha e a Polônia. A autora observou que o contato entre o alemão e o polonês gerou muitas formas linguísticas mistas, com registros colhidos ao longo de quatro faixas de análise - fonética, prosódia,

⁹⁶ “(...) in the anglophone world that language shift did not always leave traces of the original language(s). The considerable shift of native Americans to English has not affected general forms of English in either the USA or Canada.”

⁹⁷ Sobre o tema que abrange os estudos das diferenças entre o PE e o PB, cf. toda a obra de Rosa Virgínia Mattos e Silva, em particular Mattos e Silva (2004).

morfologia e sintaxe - observadas no dia a dia da comunidade, e mostra que o uso da linguagem em contextos multilíngues fornece condições propícias para a ocorrência das três categorias fronteiriças por ela trabalhadas: durabilidade, permeabilidade e liminalidade.

O intenso contato entre duas línguas, como o observado por Zinkhahn-Rhobodes (2015, p. 230), “leva à convergência – e talvez fusão – de estruturas linguísticas morfossintáticas e, em consequência, à emergência de formas linguísticas híbridas, que pode até levar à dissolução de fronteiras linguísticas”. Fronteira linguística é definida pela pesquisadora como “a borda estrutural entre dois sistemas linguísticos, na maioria das vezes manifestada foneticamente como o local de alternância linguística”.

Com base em pesquisas que investigaram o *code-switching* como uma ultrapassagem da fronteira linguística, a pesquisadora traçou os conceitos de Durabilidade, Permeabilidade e Liminalidade. Durabilidade se refere a barreiras estáveis e concretas entre as línguas. Nesse caso, as barreiras são impermeáveis e não há, portanto, influência nos níveis fonéticos, morfológicos e sintáticos entre as línguas. A fronteira entre uma língua e outra é claramente observável (ZINKHAHN-RHOBODES, 2015, p. 233-234).

Por sua vez, permeabilidade se refere à porosidade observável na fronteira entre uma língua e outra. Nesse caso, apesar de uma fronteira observável entre as línguas, há permeabilidade, o que permite a ultrapassagem de interferência nos níveis fonéticos, morfológicos e/ou sintáticos (ZINKHAHN-RHOBODES, 2015, p. 234).

Por fim, liminalidade refere-se a uma área de transição, uma zona fronteira entre uma língua e outra. Nesse “espaço liminal”, não é possível observar claramente a fronteira entre as línguas, assim, “a classificação e a atribuição de elementos linguísticos a uma língua ou à outra se torna difícil” (ZINKHAHN-RHOBODES, 2015, p. 236).

Na figura abaixo, reproduzimos os esquemas apresentados pela pesquisadora para ilustrar os conceitos de durabilidade, permeabilidade e liminalidade.

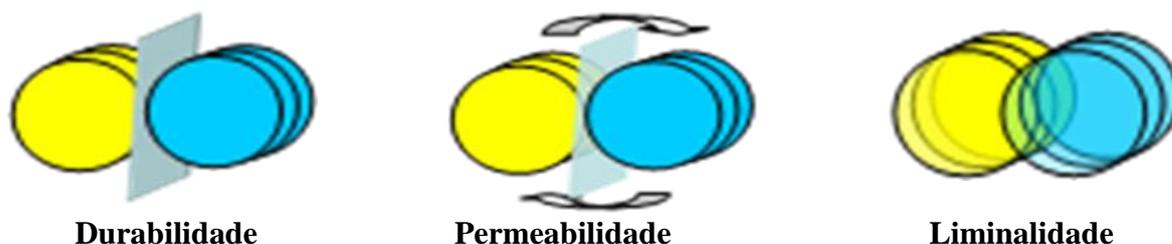


Figura 7 - Durabilidade, permeabilidade e liminalidade na fronteira linguística, segundo Zinkhahn-Rhobodes (2015, p. 234-235)

De acordo com Zinkhahn-Rhobodes (2015, p. 233), os três círculos em cada ilustração se referem aos três níveis de análise por ela adotados, a saber: fonético, morfológico e sintático.

Os conceitos de durabilidade, permeabilidade e liminalidade aplicados à linguística abrangem, assim, todos os planos da língua, desde os mais superficiais, como o lexical até os mais profundos, como as estruturas morfossintáticas. São fenômenos próprios das fronteiras linguísticas e são observados e observáveis, sobretudo em situações de CL.

Examinando exclusivamente o plano lexical, a título de exemplificação, a fronteira durável é observada nas situações em que o falante bi/multilíngue alterna os códigos linguísticos, mas o léxico de cada língua permanece tal e qual na respectiva língua original. A fronteira permeável é notada no surgimento de um novo vocábulo formado a partir das duas línguas cuja composição é facilmente percebida porque os limites entre os elementos morfológicos de cada língua na estrutura do neologismo é bem claro. Por fim, a fronteira liminal é uma extensão da permeável, porém não mais conseguimos enxergar os limites entre as partes e não raro tais neologismos são semanticamente modificados de forma que até os traços das línguas originais ainda percebidos não fazem mais sentido no contexto usado. Usualmente, esses neologismos com fronteiras liminais são criados a partir de novas necessidades comunicativas de certo grupo social bi/multilíngue, e só fazem sentido para esse grupo.

3.2.2. A extinção do uso das línguas

Os conceitos de *language shift* nos conduzem à inerente discussão sobre a morte de línguas. Afinal, podem as línguas morrerem? Romaine (2010) nos mostra que a *language shift* implica em perda de falantes e de ambientes comunicativos de uso, fundamentais para a sobrevivência de uma língua. Torna-se iminente quando a língua regularmente usada por uma comunidade em todos os ambientes comunicativos passa a ser de uso restrito, a partir do momento em que outra língua invade⁹⁸ seu território. Normalmente a língua invasora prevalece em todas as áreas da ‘vida oficial’ (administração, escolas, meios de comunicação) e passa a exigir o bilinguismo por parte do grupo subordinado. Nessas condições, as gerações mais jovens preferem falar a língua dominante, pois está ligada a melhores condições socioeconômicas (ROMAINE 2010, p. 320-321). Porém, há exceções e mesmo em contato com uma língua mais forte é possível que haja manutenção da língua minoritária. De todo modo, é questionável falar em ‘morte de línguas’. Mais adequado seria falar em abandono de línguas por parte de seus falantes.

Uma das condições favoráveis à manutenção de línguas é o impedimento à penetração da língua dominante em um ou mais ambientes comunicativos. Exemplo interessante nos mostra Thomason (2001, p. 22) acerca de grupos de imigrantes italianos e gregos nas mesmas regiões norte-americanas. Enquanto entre os italianos houve a completa mudança da língua em três gerações⁹⁹, entre os gregos a língua foi mantida. A religião, as etnias e os costumes culturais têm relação direta com essa diferença. Os italianos praticavam o catolicismo e frequentavam igrejas junto com outros grupos igualmente católicos. Também, os casamentos entre grupos de diferentes etnias eram absolutamente normais, baseados muitas vezes na fé comum, católica. Além disso, italianos eram predominantemente dialetófonos e havia pouca conexão entre suas línguas e o italiano padrão, o que dificultava a intercomunicação entre eles mesmos. Essa particularidade dos grupos de imigrantes italianos já foi exaustivamente mencionada neste trabalho e relatada na dissertação de mestrado de Gaio (2013).

Sempre que há contato duradouro de línguas haverá um período de bilinguismo. Quando esse bilinguismo é assimétrico e o grupo mais poderoso impõe sua língua a um grupo subordinado, os efeitos do contato são a *language shift*, que ocasionará a morte de uma ou

⁹⁸ A invasão não é feita necessariamente pela força. Gumperz (1982) evidencia um caso cuja invasão se deu no plano socioeconômico (fronteira entre Áustria e atual Eslovênia)

⁹⁹ Trata-se do padrão, citado por Couto (2009), como Lei das Três Gerações.

mais línguas (ROMAINE, 2010). Durante o período de contato acontece a *atrição*¹⁰⁰ – ou *desgaste* – e as conseqüentes *decadência*, ou *obsolescência*, e *morte* da L1 (THOMASON, 2001, p. 227; WINFORD, 2003, p. 16; COUTO, 2009, p. 57). Devemos destacar que a morte de uma língua nos casos de contato por imigração não corresponde necessariamente à sua extinção. Uma língua pode deixar de existir numa determinada região ou comunidade e permanecer bem viva em outra região. A língua *vêneta*, por exemplo, trazida pelos italianos da região do *Vêneto*¹⁰¹, sofreu naturais interferências do português, mas foi mantida nos estados do sul do Brasil e é conhecida como *Talian*¹⁰². Já em outros estados ela se perdeu. Processo inverso aconteceu com o *Pomerano*, língua falada em uma região que compreende hoje parte da Alemanha e parte da Polônia. A língua *pomerana* só é usada atualmente nas regiões ocupadas por imigrantes, fora do território original.

Embora a *language shift* seja o ponto de partida mais imediato para o desaparecimento de línguas, Romaine (2010, p. 320) nos lembra que as principais razões que o acarretam não são linguísticas. Usuários não deixam de falar suas línguas de um momento para outro, como se houvesse um interruptor do tipo *liga/desliga* em seus organismos. Ao contrário, a expressividade da língua nativa dos indivíduos é tão única que provocou estudos dedicados e criação de teorias, como a hipótese de Sapir-Whorf¹⁰³. O que acontece, na verdade, são pressões sobre a comunidade. Nas palavras de Romaine (2010, p. 320), “*language shift* e conseqüente morte ocorrem como respostas a pressões de vários tipos (social, cultural, econômica e até mesmo militar) sobre uma comunidade¹⁰⁴”. Em outras palavras, os membros da comunidade se sentem coagidos e vão pouco a pouco deixando de usar suas línguas em benefício da língua dominante. Na Figura 8 ilustramos graficamente a descrição de Couto (2009, p. 57) sobre esse fenômeno:

¹⁰⁰ “*Attrition*” em inglês. Escolhemos o uso do termo ‘*atrição*’ de acordo com Couto (2009).

¹⁰¹ Região do nordeste italiano cuja capital é Veneza.

¹⁰² Cf. <https://www.ethnologue.com/language/vec> (visitado em 04/11/2016)

¹⁰³ Nos anos 30, os linguistas americanos Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf desenvolveram uma teoria em que se propunha que a forma como as pessoas enxergam o mundo é expressa e/ou determinada pela língua que falam.

¹⁰⁴ “*Language shift* and death occur as responses to pressures of various types (social, cultural, economic, and even military) on a community.”

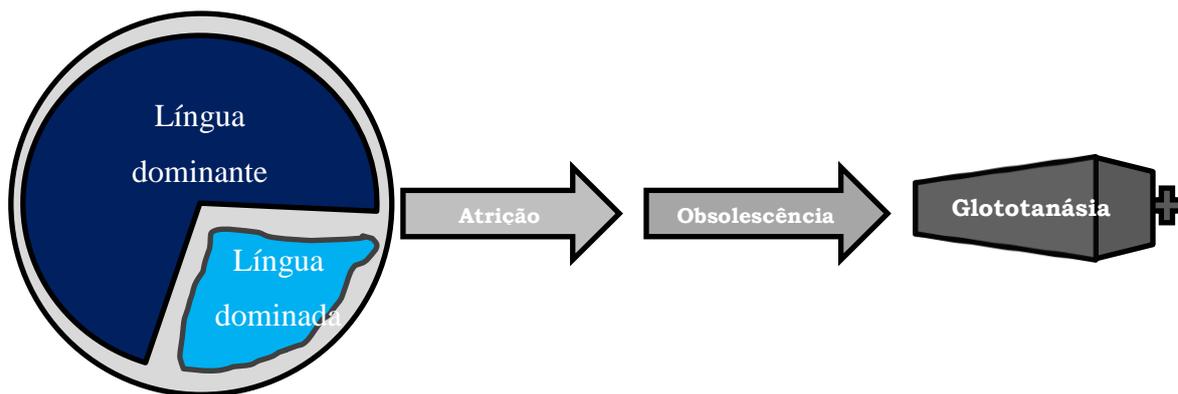


Figura 8 – Esquema gráfico do processo de glototanásia

O fim do processo poderia ser também chamado de glotofagia (CALVET, 1974), termo pouco usado na literatura, mas que foi tema de importante trabalho do linguista Louis-Jean Calvet¹⁰⁵. Neste nosso trabalho vamos optar pelo termo ‘glototanásia’, por nos parecer mais adequado ao processo havido entre os imigrantes italianos na nossa área de pesquisa. Defendemos a ideia de que línguas não morrem, mas podem se extinguir, como espécies biológicas (MUFWENE, 2004; 2008). Como parasitas dos falantes/hospedeiros, são esses que decidem, voluntária ou involuntariamente, deixar de usar línguas e assim determinar sua extinção.

Thomason (2001) indica três caminhos que uma língua pode seguir antes de seu desaparecimento: a atrição, a substituição gramatical e a ausência de mudanças. Porém, a autora afirma que nem sempre essa classificação atende a todos os casos, e mesmo quando atende, ela parece muito mais simples do que é a realidade dos fatos. “Línguas em processo de morte apresentam um *continuum* de mais ou menos desvios lexicais e estruturais do *corpus* linguístico anterior ao início do processo de declínio em direção à morte”¹⁰⁶ (THOMASON 2001, p. 227).

Do ponto de vista da Ecologia da Língua (MUFWENE, 2004; 2008), os falantes são os hospedeiros do parasita língua, e podem decidir eliminar esse parasita bastando para isso não falá-la. A opção por não usá-la e, conseqüentemente, não transmiti-la é a glototanásia. Porém, marcas culturais permanecem, involuntariamente ou não, e os descendentes, vez por outra,

¹⁰⁵ Calvet, Jean-Louis. *Langue et colonialisme: petit traité de glotophagie*. Payot: Paris, 1974

¹⁰⁶ “*dying languages notoriously display a continuum of more and less lexical and structural deviation from the language state before the beginning of the slide toward death*”.

podem resgatar a língua de origem através de expressões e vocábulos ouvidos em casa para se sentir parte daquela cultura.

3.2.3. Língua de herança e língua por herança

Antes de prosseguir, desejamos discutir o tema das Línguas de Herança (LH), costumeiramente abordado sob a perspectiva didático-pedagógica. Há vasta literatura sobre metodologia de ensino de LH a descendentes de imigrantes, sejam os nascidos em território estrangeiro ou os emigrados em tenra idade, que se propõe a dar suporte às famílias que desejam manter laços com o território de origem e o fazem através do ensino de língua. Essa, então, serve de meio de transporte, por assim dizer, de toda uma cultura. Em outras palavras, o objetivo real é manter laços culturais com o território de origem, e a língua é o meio utilizado para atingi-lo, embora, cremos nós, nem sempre isso esteja claro na mente dos descendentes.

Há que se levantar alguns pontos. Em primeiro lugar, frequentemente esse território ao qual nos referimos é ligado instintivamente ao Estado-Nação de origem. Como consequência, a cultura é relacionada à nacionalidade. Todos nós temos sido sugestionados por essa ideia desde a formação dos Estados Nacionais na Europa, a partir do século XVII, e a disseminação em todo o mundo da concepção da tríade ‘uma língua, um povo, uma nação’.

Em segundo lugar, a partir do momento em que admitimos que a língua é o meio utilizado para a manutenção de laços culturais com o território de origem, mesmo que estes sejam vinculados à nação, há um problema claro quando a língua utilizada é pluricêntrica, como por exemplo o português. Seria produtivo ensinar a variedade do PE a brasileiros, angolanos, moçambicanos, caboverdianos...? De outro lado, temos o caso dos imigrantes italianos de que tratamos neste trabalho, que, como já vimos, eram dialetófonos em sua maioria. Que língua se enquadraria como LH? O dialeto dos ancestrais ou o italiano, língua nacional do país de proveniência?

Não há um perfil que se possa definir para falante de LH (FISHMAN, 2001, p. 29; BOON 2014, p. 6). Isso permite ao pesquisador uma gama de possibilidades para a delimitação de seu objeto. Há, porém, alguns pontos sem os quais não há hipótese para que se possa enquadrar o objeto na categoria ‘falante de LH’. Evidentemente, é imperativo que entre

o falante e a língua estudada haja algum tipo de relação, assim como é preciso que a motivação para o estudo da LH seja essa própria relação. Destacamos também que consideramos como atividades complementares e não excludentes o estudo da mesma língua tanto como Língua Estrangeira (LE) ou LH. Existe estreita relação entre ambos.

No contexto norte-americano Fishman (2001) elenca três grupos de LH: as indígenas, as que eram faladas por povos autóctones antes da colonização; as coloniais, línguas faladas pelos povos que ocuparam a América do Norte antes da Revolução; as de imigração, mais recentes, línguas dos imigrantes que povoaram a América do Norte ao longo dos séculos XIX e XX. Embora talvez seja a mais ampla definição sobre LH, vale destacar sua excessiva ‘americanidade’¹⁰⁷ (BOON, 2014), ou seja, é uma definição que se aplica bem à América do Norte, mas que pode ser revista em outros contextos. A percepção da autora é compreensível, ela trabalha com o galês, uma língua minoritária falada por cerca de 600.000 falantes¹⁰⁸, a grande maioria bilíngue com o inglês. Boon (2014, p. 10) ainda pondera que uma infância com profunda exposição a uma língua sem nenhuma ligação cultural ou étnica com suas origens pode ser também LH quando essa criança se torna adulta, ou seja, ela aumenta a abrangência daquilo que é habitualmente considerado LH. Nós, neste trabalho, entendemos que a definição de Fishman se estenda a toda a América e identificamos as três categorias como perfeitamente aplicáveis ao contexto brasileiro. Nosso estudo trata da terceira categoria de Fishman, a LH de imigrantes.

Entre os informantes do nosso estudo não há casos, do ponto de vista formal, de estudantes de italiano como LH, mas há situações em que há presença da LH de origem do ancestral no seio familiar, diferente do italiano estatal/oficial, assim como há casos de estudo de italiano como LE motivado pela italianidade. Em outras palavras, há descendentes que por razões étnico-culturais decidiram aprender a língua italiana. Daí vem um questionamento para reflexão: seria o italiano padrão a língua DE herança desses descendentes ou a língua que aprenderam POR herança cultural de seus pais/avós/bisavós?

A frequente associação entre LH e antiguidade, coisa do passado, é outro ponto interessante para discussão. Duarte Soares (2012), em sua experiência como professora de português para estrangeiros nos Estados Unidos atesta essa conotação dada pelos

¹⁰⁷ O termo ‘americanidade’ foi escolhido por nós para tentar explicitar o que a autora quer dizer com “*too american*” no trecho “*For our purposes Fishman’s definition is too inclusive (and too american), but the parallels with the Welsh language in Wales cut across each of Fishman’s three categories*”.

¹⁰⁸ Fonte: <https://www.ethnologue.com/language/cym> (última visita em 14/07/2016)

falantes/estudantes de português como LH. Malgrado a avaliação positiva como riqueza cultural, os diversos rótulos¹⁰⁹ dados à LH “transportam em si uma certa conotação com algo do passado, algo retrógrado quase, o que traz fortes implicações para a transmissão, manutenção, legitimação” (DUARTE SOARES, 2012, p. 11). Segundo a autora, essa noção aparece também no discurso dos falantes/estudantes de LH, que a consideram língua dos ancestrais e não deles.

Nosso *corpus* revela algumas situações que atestam a afirmação de Duarte Soares, sobretudo quando se trata dos dialetos. São meras lembranças do passado, o interesse no aprendizado da língua dos ancestrais, quando há, é voltado à língua nacional, o italiano padrão, até mesmo por razões pragmáticas.

3.2.4. Língua e Emoção

Antes determinar esse capítulo discorreremos brevemente sobre a relação existente entre língua e emoção, objeto de estudo de psicanalistas desde Freud, e que ainda permanecem sub-teorizadas e sub-pesquisadas nos estudos de multilinguismo, como aponta Pavlenko (2012). Pacientes bi/multilíngues costumam apresentar diferentes personalidades nas suas respectivas línguas e uma característica é bem recorrente: a L1 é sempre presente na origem das ansiedades mais profundas ao passo que as demais línguas por eles faladas ou usadas funcionam como um distanciador de experiências traumáticas (PAVLENKO, 2012, p. 456). Em outras palavras, a L1 está ligada intrinsecamente aos sentimentos mais íntimos.

“Emoções constituem uma parte intrínseca de nossas atitudes linguísticas e de interação¹¹⁰” (PAVLENKO, 2012, p. 454). Falantes manifestam suas emoções de modo diferente, conforme a língua usada e o contexto em que se encontram. A mesma autora aponta para estudos interlinguísticos que demonstram diferenças entre línguas acerca de tamanho do léxico dedicado a emoção, ou de categorias morfossintáticas usadas para expressar emoções e também em organização conceitual no domínio da emoção (PAVLENKO, 2012, p. 457). Isso reflete importantes diferenças culturais que guiam esse domínio nas diversas sociedades. Por

¹⁰⁹ Cf. Duarte Soares (2012, p. 11): “língua dos imigrantes; língua dos refugiados, língua dos indígenas, língua ancestral (Kondo-Brown 2005; Van Deusen-Scholl 2003; He 2010), língua familiar, língua primitiva, língua nativa, língua da comunidade (Shin 2010), língua colonial (Fishman 2001; Carreira 2004), língua étnica, língua minoritária, língua não-social (Valdés 2005)”

¹¹⁰ “*Emotions constitute an intrinsic part of our language attitudes and linguistic interaction and yet they have remained under-researched and undertheorized in the field of multilingualism.*”

essa razão, Dewaele (2013, p. 18) faz uma crítica aos estudos cognitivos acerca das emoções, vistos como universais, mas predominantemente realizados em ambientes anglófonos, como se a relação entre emoções e língua inglesa valessem para qualquer língua.

Tomando como exemplo o sentimento de raiva e as áreas do cérebro que são por ela afetadas, estudiosos admitem que emoções sejam ligadas a processos fisiológicos, mas ressaltam a importância de que estudos sobre emoções precisam de informações provenientes de várias línguas. A esse respeito, afirmam Harkins & Wierzbicka (2001, p. 2-3)

Sejam quais forem as condições que produzem uma emoção como a raiva, seja ela visivelmente expressa ou não, e sejam quais forem as respostas fisiológicas que a acompanham, é somente através da língua (...) que podemos reconhecer que o que está sendo experienciado é raiva.

Os vocábulos relacionados às emoções, as *'Emotion Words'*¹¹¹, refletem e transmitem determinados modelos culturais que por sua vez refletem e transmitem parâmetros de referência da sociedade de onde surgiram e se desenvolveram (HARKINS & WIERZBICKA, 2001, p. 17). De forma mais abrangente, uma análise diacrônica pode demonstrar que o significado das *emotion words* muda ao longo do tempo, como apontam Harkins & Wierzbicka (2001, p. 16). Não existe, portanto, um conceito completamente desapegado de cultura (*culture-free*). Os mesmos autores nos mostram que o léxico é apenas um dos itens que nos ajudam a identificar pistas que nos levam ao 'universo emocional da cultura'¹¹². A gramática, o modo de se construir uma oração ou um período, a prosódia, as interjeições, os xingamentos, as formas de se dirigir a alguém, a linguagem corporal... A linguagem multimodal nos oferece boas pistas para rastrear as emoções manifestadas pelos indivíduos. E queremos chamar particular atenção para os xingamentos, que costumam vir do âmago do indivíduo.

Dewaele (2013) se vale de conceitos de Averill (1982) para apontar a importância do meio social na avaliação das emoções. Segundo esse último, a atribuição da emoção dependeria do significado de seu papel dentro de um sistema mais amplo de comportamento, começando pelo nível social. "(...) muitos sentimentos de emoção (...) refletem o pensamento

¹¹¹ Por simplificação, doravante adotaremos essa expressão em inglês em referência a 'vocábulos relacionados a emoções'

¹¹² *'Emotional Universe of Culture'*, expressão usada por Harkins & Wierzbicka (2001)

de uma era, o segredo de uma civilização¹¹³” (AVERILL, 1982, p. 19). E complementa: “(...) entender o significado de uma emoção é entender os aspectos relevantes de um sistema sociocultural, do qual a emoção faz parte¹¹⁴” (AVERILL, 1982, p. 24).

Recentes estudos sobre a relação entre multilinguismo e emoções demonstram que falantes sempre preferem a sua L1 para externar emoções, sejam elas positivas (felicidade, satisfação) ou negativas (raiva, angústia). Pavlenko (2012, p. 460-461) evidencia diversas situações em que L1 sobressai nos momentos emotivos. Apenas para citar alguns exemplos, há escritores bilíngues que preferem escrever em sua L1 e pais que afirmam que só conseguem criar conexão emocional com os filhos nas suas L1.

Quando os pais criam os filhos em L2 o *code-switching* acontece em situações de emoção. As palavras de carinho usadas para se dirigir aos cônjuges ou aos filhos via de regra são de L1. Além disso,

Indivíduos que mantêm suas L1 como línguas dominantes e as percebem como mais emocionais podem espontaneamente inverter suas falas para L1 para discutir com os cônjuges ou para zangar com os filhos e discipliná-los e para usar expressões consideradas tabus, palavrões e xingamentos para o máximo de efeito e satisfação (PAVLENKO, 2012, p. 461).¹¹⁵

Como observamos até esse momento, estamos sempre considerando a condição de bi/multilinguismo como não balanceada, isto é, com uma L1 tratada como língua nativa (ou materna como aceita pelo senso comum), e as demais como línguas secundárias. É importante frisar esse ponto porque a condição de bi/multilíngue que leva em conta somente os falantes cujo domínio de mais de uma língua é igual ao nativo é muito rara, se é que existem. Falantes bi/multilíngues têm sempre uma língua em que se sentem mais confortáveis em certas situações. São as suas línguas de segurança. Portanto, tomamos como base a afirmação de Savedra (1994; 2009) de que bi/multilinguismo é um fenômeno relativo, pois depende da forma como os códigos são adquiridos, do uso que fazem das línguas em comunidades de fala distintas e diferentes ambientes comunicativos e também da sua perda e/ou manutenção.

¹¹³ “... *most emotions (...) reflect the thought of an epoch, the secret of a civilization*”.

¹¹⁴ “...*to understand the meaning of an emotion is to understand the relevant aspects of the sociocultural system of which the emotion is a part*”.

¹¹⁵ “*Individuals who remain dominant in their L1 and perceive it as most emotional may also spontaneously revert to L1 to argue with spouses and partners, to scold and discipline their children, and to use taboo and swearwords to maximum effect and satisfaction.*”

4. TRANSCULTURALIDADE

“Ó senhor... mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. Isso que me alegra, montão”.
(Riobaldo Tatarana *in*: ROSA, 1994, p. 24-25).

4.1. Migração, transnacionalismo, diáspora

Antes de entrar diretamente no tema e nos conceitos de transculturalidade, revisemos esses três elementos, os quais são fundamentais para o nosso trabalho. Afinal, tratamos de imigração, que promove, em maior ou menos grau, o transnacionalismo. Por fim, devemos abordar a questão da diáspora, termo frequentemente associado ao povo judeu, mas que é bastante adequado a outras situações de dispersão de povos (BRUBAKER, 2005). Canevacci (2004, p. 76-77) distingue os sujeitos diaspóricos dos sujeitos nomádicos. Esses últimos são inflexíveis às cidades. Os primeiros são os formadores das metrópoles. Desconectam-se da sua matriz étnica e essa desconexão coloca em discussão toda a configuração classificatória do ocidente - raça, etnia, sexo... O sujeito diaspórico é ‘multividual’ e não mais individual. Ele cruza tecnologias, estilos, culturas, produzindo sincretismos. É essencialmente um sujeito transcultural.

Ainda antes da unificação da Itália os cidadãos italianos já emigravam em busca de trabalho e melhores condições de vida. Por se tratar de uma península, todas as regiões estão relativamente próximas ao mar e o território central é bastante montanhoso, o que sempre dificultou a obtenção de recursos para o sustento das famílias. Essas características favoreceram as migrações de italianos para regiões vizinhas, seja para planícies, onde havia boas condições para a agricultura, seja para as cidades (BERTONHA, 2005, p. 81).

Olhando sob outro prisma, o território italiano sempre foi um lugar de passagem, dada a sua localização, bem em meio ao mar Mediterrâneo. Um território que surge do arco alpino

e desemboca no mar que foi durante anos a principal via de circulação entre oriente e ocidente. Sua geografia tinha uma vocação natural para provocar invasões e conflitos, mas também para estabelecer relações, fazer contatos e escambos (GAMBI, 1972, *apud* TRIFONE, 2010, p. 21). O mapa a seguir ilustra o relevo da península itálica¹¹⁶:



Figura 9 – Península italiana – relevo

¹¹⁶ imagem:

<http://www.didatticanord.it/media/catalog/product/cache/2/image/9df78eab33525d08d6e5fb8d27136e95/0/6/06990.jpg> (Última visita em 20/03/2017)

No fim do século XIX, logo após a unificação e suas decorrentes dificuldades, esse movimento migratório aumentou sensivelmente. O nascimento do *Regno d'Italia* unificou não somente territórios, mas também o mercado capitalista. A industrialização e os métodos capitalistas utilizados no campo, chegados na Itália um pouco mais tarde do que em países do norte da Europa, provocaram efeitos devastadores para os camponeses, que não conseguiam concorrer com os grandes produtores. Muitos faliram e foram obrigados a vender suas terras o que estimulou a opção pela emigração. (BERTONHA, 2005, p. 84).

Como corolário, as transformações tecnológicas da época, tais como ferrovias e o navio a vapor, aceleraram significativamente o processo de emigração, tanto em quantidade como em velocidade (BERTONHA, 2005, p. 85). O mesmo autor indica que em 100 anos, entre 1870 e 1970, cerca de 26 milhões de pessoas deixaram a Itália, o que corresponde à própria população italiana de 1870. E algo entre 7 e 8 milhões não retornaram. Trata-se evidentemente de números impressionantes, principalmente se considerarmos que essa emigração se deu em direção a quase todo o planeta, com destaque para as Américas, a própria Europa e a Oceania.

O transnacionalismo é definido de duas formas, ou sob duas diferentes abordagens, de acordo com a corrente de estudo; uma mais usada por antropólogos, sociólogos e historiadores estadunidenses e outra mais difundida entre cientistas políticos europeus (MIRDAL; RYYNÄNEN-KARJALAINEN, 2004). A primeira considera que seja uma combinação entre associações de cunho político, econômico, redes sociais e identidades culturais que se conectam a pessoas e a instituições de dois ou mais Estados-nação. A segunda vê o transnacionalismo como um sentimento supra-estatal, que envolve identidades e lealdades que vão além da relação do indivíduo com o Estado-Nação. Esses conceitos foram assim descritos por Leo Lucassen e Anita Böcker em workshop apresentado no *Netherlands Institute for Advanced Study in the Humanities and Social Sciences* (NIAS), em dezembro de 2002, em Wassenaar (Holanda).

Para exemplificar, um indivíduo filho de imigrantes, nascido e criado em determinado Estado-nação, mas que tenha vínculos sociais e cívicos com o Estado-nação dos pais, tais como a nacionalidade por *jus sanguinis*, a frequência a clubes ou associações recreativas destinadas a imigrantes e algum conhecimento da língua nacional de origem, seria um sujeito envolvido em transnacionalismo do primeiro caso, mas não necessariamente do segundo, que depende de um comprometimento empático maior. Evidentemente o segundo conceito é bem

mais abstrato porque medir o grau de lealdade de alguém a um grupo ou a uma nação não é empreitada simples. Um bom exemplo de transnacionalismo do segundo caso são as associações islâmicas, como a Liga Árabe Europeia, na Bélgica. Envolve reconhecimento forte identitário e independe do estado nacional de origem dos membros.

Fica claro então que neste trabalho tratamos do transnacionalismo do primeiro caso e a partir desse conceito, entendemos que a transnacionalidade de um indivíduo é condição desse indivíduo ser mais ou menos transnacional, de acordo com a relação com as nacionalidades envolvidas e as experiências pessoais vividas. Em outras palavras, a condição do indivíduo como agente e paciente do transnacionalismo. No mundo corporativo a transnacionalidade costuma se referir a empresas que atuam em mais de um país e a processos que envolvam mais de uma nação. Essa concepção não nos interessa. A transnacionalidade com que trabalhamos é de natureza humana.

Esse entendimento nos remete às definições de bilinguismo e bilinguagem propostas por Svedra (1994; 2009). A autora defende que o bilinguismo é um fenômeno relativo, uma condição particular e pessoal, que varia de acordo com os contextos, com o modo de aprendizado das línguas e com a manutenção ou perda da capacidade de usá-las. Dessa forma, os usos linguísticos variam de acordo com o ambiente comunicativo, que ela divide em quatro: familiar, social, escolar e profissional. A função da língua em cada ambiente é diferente e o nível de competência linguística exigido varia em no que ela chama de estágios de bilinguagem. Em outras palavras, o bilinguismo nunca é estanque, fixo, antitético. É constantemente variável e suas medidas sincrônicas são os estágios de bilinguagem.

Por analogia, o transnacionalismo quando referido a um indivíduo é também um fenômeno relativo, e as nuances dessa relatividade são as variações da transnacionalidade. Como propõem Fauser *et alii* (2012), a transnacionalidade de um indivíduo pode ser mensurada através de metodologia baseada em dados que analisam quantitativamente quatro itens: as trocas de valor financeiro, tais como envio e recebimento de remessas; as relações pessoais, tais como os vínculos com parentes residindo no exterior; a identificação pessoal com o país de origem; as práticas culturais, tais como a leitura regular de jornais e revistas do país de origem¹¹⁷.

¹¹⁷ Cf. FAUSER et al. **Transnationality and Social Inequalities of Migrants in Germany**. SFB 882 Working Paper Series n. 11, December 2012 (<http://www.sfb882.uni-bielefeld.de/>)

Há que se considerar, porém, que os resultados da averiguação e quantificação desses dados são mais claros e objetivos em imigrantes da atualidade, ainda em vida, pois são cidadãos que estão vivenciando diretamente a experiência de deixar a própria terra e viver em outro país.

Diáspora e transnacionalidade também podem ser estudadas conjuntamente. Embora sejam fatos distintos, há elementos de conexão entre ambos. A revisão crítica que Bonnerjee *et alii* (2012) fazem da ideia de comunidades conectadas (*connected communities*) em relação a diáspora e transnacionalidade nas ciências sociais coloca esses dois conceitos ligados um ao outro. O trabalho explora a ideia de uma conectividade que permeia comunidades diaspóricas e transnacionais. Abordam o tema focando em quatro áreas, a saber: histórias da comunidade; lar, comunidade e migração; cidades, comunidades e conexões; comunidades de fé e diásporas religiosas¹¹⁸.

Nosso trabalho investiga comunidades de descendentes de imigrantes, não descartando a possibilidade de que ainda haja imigrantes vivos, mas que certamente não é a maioria. Neste contexto, seguindo a proposta de Fauser *et alii* (2012), haveria uma transnacionalidade por herança, uma transnacionalidade medida pelos legados culturais deixados pelos que imigraram, entremeada pelas características da sociedade brasileira, uma sociedade multiétnica em movimento (SAVEDRA & GAIO, 2015). É, ao fim e ao cabo, o próprio processo de transculturalidade.

Diáspora invoca a ideia de dispersão de um povo pelo mundo, forçada pela expulsão de seu território. Vincula indiretamente povo a etnia, e à ocupação territorial por períodos seculares. Historicamente esse termo é associado aos judeus, expulsos de sua terra e dispersos pelo mundo. São dois os pilares básicos que sustentam o seu conceito: expulsão e dispersão. Cabe, no entanto, uma breve reflexão sobre a definição de povo. Grassi *et alii* (2014, p. 229) sugerem povo como uma formação social distinta, caracterizada por uma identidade específica e por um sentimento de pertencimento comum, seja a uma família, a uma localidade, a uma etnia.

Embora o senso comum ainda nos faça associar diáspora ao povo judeu, é inegável que ele se encaixe perfeitamente ao que ocorreu aos africanos durante o nefasto período de

¹¹⁸ Cf. BONNERJEE, Jayani et. al. **Connected Communities: Diaspora and Transnationality**. Queen Mary University of London. Jan. 2012

mercado de escravos. Da mesma forma, pode-se comparar os movimentos migratórios atuais, sobretudo da América Latina para os EUA, e da África e Ásia para a Europa, como as diásporas contemporâneas. É bem verdade que não se trata rigorosamente de expulsão do próprio território, na acepção que considera a transitividade objetiva direta do verbo como resultado de um sujeito que exerce a ação – alguém expulsa alguém. Porém, o sujeito dessa ação pode ser interpretado como um fato, um acontecimento, uma situação particular. A falta de necessidades básicas – água, comida, segurança... - para a fixação de um povo em um território pode expulsar esse povo desse território, mesmo que seja habitado há séculos pelos seus ancestrais. O verbo se torna reflexivo - o próprio povo ‘se’ expulsa – ou mantém sua natureza transitiva direta, se tomarmos as condições básicas de sobrevivência como o agente.

Considerando, como já vimos, a volumosa emigração italiana para o mundo, podemos então chamar esse movimento migratório de diáspora itálica¹¹⁹. Esse conceito nos ajudará a entender melhor a relação das identidades dos sujeitos diaspóricos (CANEVACCI, 2004) com a transculturalidade na formação do Brasil, que propomos nesse estudo.

Vejamos o que diz Canevacci (2004, p. 81):

Assim as novas identidades-diaspóricas exprimem desafios e irregularidades tanto em relação à ordem administrativa estatal hospedeira como em relação ao controle das origens transplantadas no mesmo território. Frequentemente as formas linguísticas e flutuantes desses desafios se exprimem com múltiplos módulos de sincretismo cultural.

O que é isso senão o que aconteceu nas cidades e estados brasileiros que receberam imigrantes no fim do século XIX? E considerando a enorme quantidade de cidadãos provenientes da península itálica, é plausível considerar a imigração italiana como uma diáspora moderna, aos moldes da descrita e exemplificada por Canevacci.

A distinção que o antropólogo italiano faz entre sujeito nomádico e sujeito diaspórico se coaduna com nosso trabalho, uma vez que analisamos contextos urbanos de imigração. O sujeito nomádico é irredutível às cidades, o sujeito diaspórico é multiplicativo nas metrópoles.

¹¹⁹ Usamos o termo ‘itálica’, e não ‘italiana’, por considerar a abordagem do *Dizionario Enciclopedico delle Migrazioni Italiane nel Mondo* (GRASSI *et alii*, 2014) adequada e coerente com o nosso trabalho. O uso de itálica desvincula propositalmente a ideia de nacionalidade que viria carregada em ‘italiana’. São diásporas de “pessoas com identidades diferentes que, nem sempre podem ser definidas como italianas no sentido próprio do termo, mas sim itálicas.” (“*persone con identità differenti che non sempre possono essere definite come italiane nel senso proprio del termine, ma più italiche*”)

As diásporas, mais cedo ou mais tarde, vão terminar nas metrópoles. Os sujeitos diaspóricos são decisivos para a produção da nova metrópole. Sem diáspora não existem metrópoles. Juiz de Fora está longe de ser uma metrópole, mas é importante centro regional urbano. Já no fim do século XIX a sua vocação industrial colocava a cidade em dessintonia com o contexto predominantemente agrário e conservador do estado de Minas Gerais. A cidade “despiu-se de sua herança colonial para vestir com euforia o manto da civilização, seguindo exemplarmente os passos do Rio de Janeiro” (SILVA, 2002). Quanto ao Rio de Janeiro, repetimos as palavras de Croci (2011, p. 95): é a primeira metrópole multiétnica brasileira.

Segundo Brubaker (2005, p. 3), do ponto de vista do território de origem, emigração é definida como diáspora mesmo quando os emigrantes assimilam bem as novas culturas, que é bem o caso da diáspora itálica¹²⁰. Essa afirmação parece corroborar com a definição de sujeitos diaspóricos de Canevacci (2004) no que diz respeito à imigração italiana no Brasil, principalmente aquela que ocupou centros urbanos. Durante alguns anos os italianos eram minorias não territoriais (PUSKÁS, 2009, p. 53), mas sua dispersão pelas cidades e assimilação à nova sociedade os transformaram em sujeitos diaspóricos. Como consequência, o legado transmitido às suas gerações posteriores são transculturais, na medida em que as culturas já foram interpenetradas.

A identidade cultural diaspórica nos ensina que as culturas não se conservam sendo protegidas de qualquer ‘entrelaçamento’. Ao contrário, provavelmente só podem continuar a existir como produto desse entrelaçamento. Culturas, assim como identidades, são constantemente remodeladas¹²¹ (BOYARIN & BOYARIN, 1993, p. 721).

4.2. Transculturalidade, hibridismo e sincretismo: a questão terminológica

O termo transculturação aparece pela primeira vez em 1940, proposto pelo intelectual cubano Fernando Ortiz¹²² para explicar a formação cultural do povo da ilha de Cuba. E o fez com a ponderação e responsabilidade necessárias, de modo a não ser só mais um termo

¹²⁰ O autor fala em diáspora italiana (*italian diaspora*). Optamos pelo termo itálica como explicado na nota 119.

¹²¹ “*Diasporic cultural identity teaches us that cultures are not pre-served by being protected from "mixing" but probably can only continue to exist as a product of such mixing. Cultures, as well as identities, are constantly being remade*”.

¹²² Fernando Ortiz Fernández (1881 – 1969) foi um antropólogo, sociólogo, etnógrafo e jurista cubano. Escreveu numerosas obras em várias disciplinas. Seu conceito de transculturação foi muito importantes para os estudos no campo da Antropologia Cultural.

sugerido. A prudência de Ortiz começa na humildade em pedir a opinião do renomado antropólogo Bronislaw Malinowski¹²³ acerca do novo vocábulo que pretendia utilizar, o que acabou por ser aceito entusiasticamente, segundo suas próprias palavras, no prefácio introdutório de “*Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar.*”¹²⁴

Sua intenção era encontrar um termo mais adequado para substituir o vocábulo aculturação, que não representava os fenômenos observados em Cuba e que no fim das contas era uma expressão anglo-americana que representava a aquisição de uma cultura diferente. Por transculturação entende-se o processo no qual culturas se encontram, se assimilam e se transformam. É um processo completo que envolve aculturação, desculturação (a perda parcial de cultura) e neoculturação (criação de novos fenômenos culturais). A transculturação compreende todas as fases do processo de transição de uma cultura a outra (ORTIZ, 1999 [1940], p. 83).

Como estudioso dos processos de formação de seu país, Ortiz procurou e encontrou o neologismo “para expressar os variadíssimos fenômenos que se originam em Cuba pelas complexíssimas transmutações de culturas que aqui se verificam” (ORTIZ, 1999 [1940], p. 80)¹²⁵. Sem conhecê-las, torna-se impossível entender a evolução do povo cubano em todos os aspectos de suas vidas, sejam eles econômicos, institucionais, jurídicos, éticos, religiosos, artísticos, linguísticos, psicológicos, sexuais ou outros.

As chamadas “intrincadíssimas transculturações” da história cubana, segundo Ortiz, partem da transculturação do índio paleolítico ao neolítico e ao desaparecimento desse último por não sucumbir ao “impacto da nova cultura castelhana”. Depois, continuam com a transculturação do enorme fluxo de imigrantes brancos provenientes da Espanha, mas de culturas diferentes entre si, ao mesmo tempo em que chegavam, igualmente em grande volume, negros africanos de etnias e culturas (e línguas) diferentes, provenientes de praticamente toda a costa do continente. À diferença dos europeus, os africanos não se transferiram para Cuba voluntariamente. E suas culturas não valiam absolutamente nada no novo território. Somem-se a isso as imigrações em maior ou menor quantidade de diversas origens tais como índios do continente americano, judeus, portugueses, anglo-saxões,

¹²³ Bronislaw Kasper Malinowski (1884 – 1942), antropólogo polonês, considerado um dos fundadores da Antropologia Social.

¹²⁴ O volume consultado nesta pesquisa é a 5ª edição em espanhol, de 1999. Antes dela houve a original, de 1940, seguidas de duas em 1963 e uma de 1978.

¹²⁵ “...para expressar los variadíssimos fenómenos que se originan em Cuba por las complejíssimas transmutaciones de culturas que aquí se verifican...”

franceses, norte-americanos e chineses. “E cada imigrante como um desarraigado da sua terra nativa em transe duplo entre desajuste e reajuste, de desculturação ou exculturação e de aculturação ou inculturação, e por fim, de síntese de transculturação¹²⁶”.

Feita essa revisão, gostaríamos de chamar a atenção para a semelhança entre o que descreve Ortiz sobre a formação cultural do povo cubano e a história do que se passou no Brasil. Como se percebe, não há diferenças substanciais. A história da formação populacional e cultural de Cuba se assemelha em muitos sentidos à formação do Brasil. Certamente se assemelha também à essência do que é hoje toda a América, mas estamos convencidos de que a semelhança com o Brasil é destacada, com a importante ressalva de que, ao contrário de Cuba, o Brasil tem dimensão continental; seu território é quase 80 vezes maior do que o da ilha caribenha e sua população é cerca de 20 vezes superior.

A população brasileira é formada por africanos, índios autóctones, europeus de diversos países, asiáticos e povos do oriente médio, ao contrário do que a “fábula das três raças¹²⁷” tenta nos fazer crer. Se é verdade que até meados do século XIX a formação do povo brasileiro, de modo geral era constituída por portugueses, africanos e populações autóctones, a partir dos movimentos migratórios da Europa, Ásia e Oriente Médio essa configuração sofreu alterações significantes. Burke (2009, p. 46) nos mostra duas definições distintas acerca da formação do povo brasileiro que atestam essa mudança ao longo do tempo: o explorador Karl von Martius (1794-1868) diz que “a história do Brasil poderia ser escrita em termos de fusão de três raças”. Já o sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987) falava da “fusão harmoniosa de tradições diversas”.

A história do Brasil é marcada pelo constante deslocamento de pessoas, seja forçado ou voluntário. Constitui-se como uma sociedade multiétnica em virtude desse movimento de pessoas de origens e culturas (e línguas, devemos acrescentar) diferentes e distantes (CROCI, 2011, p. 73). Para demonstrar o que estamos dizendo, analisemos dados estatísticos acerca da imigração no Brasil. Entre os anos de 1884 e 1933 entraram no Brasil 3.959.508 imigrantes de diversas nacionalidades. A população brasileira, mensurada antes (1872) e depois (1940)

¹²⁶ “*Y cada inmigrante como un desarraigado de su tierra nativa en doble trance de desajuste y de reajuste, de desculturación o exculturación y de aculturación o inculturación, y al fin, de síntesis de transculturación*”. Na versão consultada, a última vírgula foi colocada após a palavra síntesis, o que nos causou estranhamento. Por isso, investigamos outros trabalhos sobre essa obra e detectamos que em todas as citações a esse texto a vírgula está sempre colocada após ‘fin’ (cf. Toro, 2005, p. 4, n. 3)

¹²⁷ Cf. Croci (2011, p. 73). A fábula das três raças prega a ideia de que o povo brasileiro é formado pela miscigenação entre os brancos (portugueses), os negros e os índios. Não considera a importância dos imigrantes de outros países europeus, asiáticos e médio-orientais.

desse longo período de imigração correspondia a 9.930.478 e 41.236.315¹²⁸, respectivamente. Quase quatro milhões de imigrantes entraram no Brasil em cerca de 50 anos, constituindo famílias, gerando filhos, miscigenando-se, e fazendo com que a sua população praticamente quadruplicasse.

Ressaltamos a importância dos italianos em particular, que nesse mesmo período (1884-1933) corresponderam a 35,39% das entradas no país; o maior contingente, superando inclusive os portugueses, com 28,94%. O ápice de entrada de italianos aconteceu nas duas primeiras décadas do período: 510.533 (57,77% do total) entre 1884 e 1893 e 537.784 (63,11% do total) entre 1894 e 1903. O autor desse trabalho é neto de quatro entre esses 1.048.317. A tabela abaixo ilustra o movimento imigratório no Brasil entre o fim do século XIX e o início do século XX¹²⁹:

<i>Nacionalidade</i>	<i>Total (1884-1933)</i>	<i>% do total</i>
<i>Italianos</i>	<i>1.401.335</i>	<i>35,39%</i>
<i>Portugueses</i>	<i>1.145.737</i>	<i>28,94%</i>
<i>Espanhóis</i>	<i>587.114</i>	<i>14,83%</i>
<i>Alemães</i>	<i>154.397</i>	<i>3,90%</i>
<i>Japoneses</i>	<i>142.457</i>	<i>3,60%</i>
<i>Sírios-Libaneses-Turcos*</i>	<i>93.823</i>	<i>2,37%</i>
<i>Outros</i>	<i>434.645</i>	<i>10,98%</i>
<i>Total</i>	<i>3.959.508</i>	

Tabela 2 - Entrada de imigrantes no Brasil entre 1894 e 1933

***O IBGE registra somente Sírios e Turcos. Optamos, assim como faz Croci (2011, p. 102) em incluir os libaneses nesse mesmo contingente, sem alteração dos dados numéricos.**

¹²⁸ Fonte: IBGE (<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censohistorico/default.shtm>). Os dados de 1872 não incluem a população de 32 paróquias, estimada em 181.583, não recenseadas na data determinada.

¹²⁹ <http://cod.ibge.gov.br/23BL5> ou <http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933>

O Brasil de hoje é uma verdadeira sociedade multiétnica, com um povo bastante miscigenado que traz elementos culturais e linguísticos de suas origens, mas que os incorpora com outras culturas, de onde surge uma própria (trans)cultura.

Evidentemente, não podemos deixar de considerar dois aspectos relevantes nessa comparação entre Cuba e Brasil, já mencionados anteriormente, e repetidos aqui. O primeiro deles é a extensão territorial; cabem quase 80 Cubas em todo o Brasil, cuja população é quase vinte vezes maior do que a cubana. O segundo, o fato de Cuba ser uma ilha ao passo que o Brasil é um território continental¹³⁰. Mesmo assim, as semelhanças são notórias. O próprio Ortiz (1999 [1940], p. 83) o sugere, quando esclarece que o conceito de transculturação é fundamental para o entendimento da história de Cuba e, “por razões análogas, de toda a América em geral”.

A partir das razões que levaram o termo transculturação a ser proposto tantos anos atrás, vamos dar um salto no tempo e chegar à última década do século XX, quando Wolfgang Welsch define o conceito de transculturalidade, um dos pilares teóricos que sustenta nossa pesquisa.

Partamos dos conceitos de cultura propostos por Herder¹³¹ no século XVIII. A cultura de um povo era entendida como algo isolado, fator de união e separação ao mesmo tempo, e caracterizada por três elementos básicos: homogeneização social, consolidação étnica e delimitação intercultural. Esse conceito de cultura busca a afirmação do ‘nós’ e a exclusão do ‘eles’, o que conduz a ideias de purismo e, conseqüentemente, produz separatismo. Suas conseqüências podem levar a uma espécie de racismo cultural. Em resumo, “o modelo clássico de cultura não se presta a descrever a realidade atual, além de ser normativamente perigoso e insustentável¹³²”. Atualmente é preciso pensar em culturas muito além dessa contraposição ‘nossos’/’deles’ (WELSCH, 1999, p. 195). Como afirma Street (1993, p. 25), “cultura é um verbo”. Cultura “é um processo ativo de criação de significado”.

Considerando então que diferentes culturas não são piores nem melhores em relação às outras o autor define interculturalidade e multiculturalidade. A primeira busca modos de

¹³⁰ Para uma comparação mais precisa o Brasil deveria ser analisado regionalmente, de acordo com suas peculiaridades. Não é nossa intenção fazê-lo neste trabalho, portanto nos detemos ao campo da especulação e sugestão para trabalhos futuros.

¹³¹ Johann Gottfried von Herder (1744-1803), filósofo alemão

¹³² Adaptado de “*The classical model of culture is not only descriptively unserviceable, but also normatively dangerous and untenable*”

compreensão e reconhecimento de culturas diferentes. Na verdade, não é nada inovador, apenas propõe a possibilidade de paz e de entendimento do ‘outro’. Essencialmente muda muito pouco porque prevê, como no clássico conceito de cultura, a separação. A segunda é uma extensão da primeira. As ideias são as mesmas, cada um com sua cultura, mas admite que essas possam conviver na mesma sociedade. Segundo esses conceitos, as culturas permanecem diferentes, cada qual se enxergando dentro de seu próprio ambiente cultural, que é diferente do outro, embora possam supostamente conviver sem conflitos.

Observamos então que, para Welsch, interculturalidade e multiculturalidade mantêm os mesmos velhos preceitos acerca de cultura, nos quais se prega a homogeneidade de grupos, isolados e separados dos outros. Como único avanço, há o reconhecimento de culturas diferentes e admite-se a possibilidade de convivência pacífica entre elas, mas a ideia de que culturas podem ser mescladas, ou interpenetradas, nas palavras do autor, ainda não é concebida.

Se pensarmos no contexto histórico e geográfico em que vivia Herder quando postulou esse conceito de cultura dos povos – homogênea, isolada e separada umas das outras - compreendemos melhor suas ideias: Europa, fim do século XVIII, momento revolucionário francês, período em que ferviam e se multiplicavam as ideias nacionalistas. Burke (2010, p. 177) comenta que as línguas foram instrumentos de “culto da nação”, justamente porque elas têm a capacidade de expressar e ajudar a criar comunidades nacionais. Naquele contexto, conceber ideias de cultura atreladas à separação nacionalista parecia ser axiomático.

As nações se consolidaram como tal, mas o mundo avançou e o contato entre línguas e culturas aumentou gradativamente. No século XIX, com as grandes migrações de europeus para fora do próprio continente, esses contatos se estenderam a outras partes do planeta, sobretudo à América, o Novo Mundo. E aqui devemos obrigatoriamente retornar a alguns parágrafos e lembrar o que enxergou e definiu Ortiz (1999 [1940]) para explicar o fenômeno ocorrido em Cuba, e por analogia como já demonstramos, com o Brasil: a transculturação.

A transculturação é um processo. A transculturalidade, uma condição, a condição de ser transcultural. Numa macro visão, é “uma consequência da distinção interna e da

complexidade das culturas modernas¹³³”, que se interpenetram ou emergem umas das outras (WELSCH, 1999, p. 4). Também no nível do indivíduo, ou numa micro visão, a transculturalidade está ganhando terreno porque a sua formação cultural vem sendo cada vez mais influenciada por múltiplas conexões culturais. “Somos híbridos culturais¹³⁴”, (WELSCH, 1999, p. 5), e a população brasileira é certamente um bom exemplo.

No entanto, não devemos nos precipitar e associar identidade cultural a identidade nacional. Ao fazermos isso, arriscamos incorrer no mesmo erro do passado. “A distinção entre as identidades cultural e nacional é de importância elementar¹³⁵”, aponta o autor. Não se trata, então, de associar a percepção da transculturalidade que caracteriza a etnicidade brasileira com uma identidade brasileira socialmente homogênea e culturalmente delimitada, em contraposição a outras nacionalidades. Essa atitude representaria uma volta ao passado. Ao contrário, é preciso enxergar esse sincretismo cultural (CANEVACCI, 2004) como algo que absorve e emana culturas, as quais se entrelaçam e se recriam num *continuum*... Vale dizer, segundo as próprias palavras de Welsch (1999, p. 8), que quando percebemos a nossa transculturalidade interior e não mais a negamos, nos tornamos capazes de lidar com a transculturalidade exterior. Nesse sentido, a transculturalidade de Welsch destoa da ideia de transculturação de Ortiz. Esse último associa a transculturação ao processo que criou a cultura do povo cubano, assim como o filho de um casal: tem traços dos dois pais, mas é uma criatura distinta (ORTIZ, 1999 [1940], p. 83). Para Welsch, um indivíduo ou um grupo transcultural está em constante interpenetração e recriação.

Assim também pensa Toro (2005), cuja ideia sobre transculturalidade difere da de Ortiz, sobretudo pelo seu caráter de produto final (neoculturação) como resultado de perda e/ou desarraigo das culturas precedentes. Toro considera que transculturalidade não implica em perda ou cancelamento da própria cultura e nem tem resultado homogeneizante. Ao contrário é um processo contínuo e híbrido. Na sua concepção de transculturalidade, falar de destruição é inadequado. É melhor falar de desterritorialização/reterritorialização (TORO, 2005, p. 4). O prefixo trans- prevê o entendimento de que há uma confluência e um entrelaçamento de identidades e culturas em uma interação em constante movimento.

Para nós, fica claro que as propostas terminológicas dos três estudiosos têm a mesma fundamentação, porém Welsch e Toro não consideram que o processo possa ter um fim. Em

¹³³ “*Transculturality is (...) a consequence of the inner differentiation and complexity of modern cultures*”

¹³⁴ “*We are cultural hybrids*”

¹³⁵ “*The distinction between cultural and national identity is of elementary importance*”

outras palavras, Ortiz quis mostrar que a cultura cubana é resultado final de um processo de transculturação, que, segundo ele, foi breve, pois durou menos de quatro séculos em comparação com os quatro milênios do mesmo processo, experimentados na Europa (ORTIZ, 1999 [1940], p. 81). Toro é bem claro e afirma que seu conceito de transculturalidade se assemelha ao de Ortiz apenas no sentido de entrecruzamento de culturas. Welsch nem sequer cita Ortiz.

A nosso ver, a ideia de que esse processo de transculturalidade não apresente resultado final é bastante coerente. Afinal de contas, se o processo de transculturação tiver um fim, corremos o risco de tornar ao velho conceito de cultura de Herder: isolada, homogeneizante, separatista. É sempre importante frisar que Ortiz elaborou esse conceito em 1940, época muito distante da globalização, do acesso fácil a mídias eletrônicas, das interações rápidas entre indivíduos, do contato constante entre povos, cada qual com suas línguas e culturas, através da internet. Sua inovação terminológica foi importante e serve de referência até hoje, mas o conceito deve ser revisitado.

É naturalmente recorrente citar Ortiz em estudos sobre transculturalidade mesmo que compreendam diferentes temas. Assim fizeram, por exemplo, Gremels (2013) examinando transculturalidade e exílio nos poemas de William Navarrete, Stauder (2013) analisando a novela de Carpentier “O Século das Luzes”, Künstler (2013) ao explicar o conceito de transdiferença e Toro (2005) contrapondo seu próprio conceito de transculturalidade com o do cubano. Welsch (1999), para nossa surpresa, defende um ponto de vista e um conceito de transculturalidade, contrapondo-o às definições de interculturalidade e multiculturalidade, mas em momento algum menciona Ortiz, o pai terminológico da ideia, tal como faz Toro.

Há também quem considere transculturalidade como outro nome para interculturalidade, ignorando a sugestão de Welsch. Assim o fazem Dervin & Risager (2015, p. 9), pois tratam por interculturalidade aquilo que atualmente é entendido por ‘diversidade e encontros’. Os autores consideram que essas noções são muito disputadas e também polissêmicas, e que observam uma superabundância de termos acerca do tema, tais como diversidade cultural, sociedade multicultural, **transculturalidade** (grifo nosso), complexidade cultural, superdiversidade e hibridismo cultural. Em outras palavras, para eles a terminologia a ser usada é uma questão de opção do pesquisador. Não entra na lista de Dervin & Risager a multiculturalidade, que pela definição de Welsch (1999), se assemelha ao que eles vão chamar de interculturalidade. Em resumo, para esses autores, a interculturalidade é entendida como

um enorme campo de estudos onde há encontro de culturas diversas. Para eles o que conta, o que é importante, é o prefixo ‘inter-‘ em vez do “contestado conceito de cultura” e apontam para os diversos usos desse prefixo em expressões que envolvem subjetividade, como experiência (pessoal) intercultural, ser intercultural, identidade intercultural entre outras.

É, porém, significativa a observação que fazem sobre essa grande área de estudos. Os mesmos autores se dizem testemunhas de uma “reavaliação paralela” desses conceitos que está relacionada à identidade. Verificam que essa reavaliação põe em cheque a ideia da existência de culturas separadas pré-existentes e os supostos encontros entre elas. Entendem que a mobilidade dos indivíduos e as migrações criam modos de vida ‘em-mudança-constante’ (*ever-changing*), além de processos de produção de sentido e reconstruções de identidade. “As pessoas estão constantemente criando mesclas culturais fluidas e complexas” (DERVIN & RISAGER, 2015, p. 9). Com isso, torna-se difícil definir interculturalidade justamente por causa da palavra cultura e os autores esperam que o sufixo ‘-dade dê mais flexibilidade, instabilidade e criticidade ao conceito.

A nosso ver, se considerarmos apenas os estudos de encontros e diversidades, o termo interculturalidade é válido a partir do momento em que não pensemos, ou não analisemos o entrecruzamento e a mescla cultural. Contudo, assim como Toro (2005), acreditamos que o prefixo trans- seja mais adequado do que inter- quando se pretende estudar e compreender o dinamismo da interação entre identidades e culturas diversas. Talvez a flexibilidade e instabilidade buscadas por Dervin & Risager se encontrem na mudança de prefixo.

Discorreremos agora sobre hibridismo, termo mencionado ao longo deste estudo e que merece aprofundamento. O termo hibridismo está intrinsecamente ligado a essa mistura cultural e é particularmente caro a alguns pesquisadores, portanto vamos discuti-lo para esclarecer nossas opções terminológicas.

4.2.1. Hibridismo cultural

Dentro de toda a polissemia em torno da interculturalidade entendida como ‘diversidade e encontros’ (DERVIN & RISAGER, 2015, p. 9), a expressão Hibridismo Cultural também é citada e merece nossas considerações. Em um primeiro momento é bastante fácil entender Hibridismo Cultural como mistura de culturas, com base no que é

conhecido como híbrido, a condição do que é misturado, formado por elementos diferentes. É um conceito que está estreitamente ligado à biologia. Denotativamente, hibridismo pode ter a acepção de anomalia, de algo sem normalidade, sem regularidade, o que carrega um sentido intrínseco de negatividade, de algo que é pior do que o que é considerado regular¹³⁶. Há também acepções e usos bastante pragmáticos, sem qualquer carga negativa. Nos estudos de gramática aprende-se que uma palavra formada por elementos de origens diferentes é chamada de híbrida: ‘monóculo’ e ‘centímetro’, por exemplo, que têm um elemento grego e um latino.

De todo modo, híbrido e hibridismo (ou também hibridez) portam consigo um significado de algo não puro. Tal significado é antigo, os romanos consideravam híbridos os filhos de romanos com estrangeiros (não romanos), numa clara alusão da falta de uma suposta pureza. E é preciso considerar também que as espécies híbridas de cruzamentos entre espécies diferentes são, via de regra, estéreis, o que talvez justifique a acepção dicionarizada de anomalia¹³⁷. Independentemente de possíveis associações negativas que podem ser feitas ao termo, é claro que o conceito de hibridismo está sempre ligado a algo que não é bem definido, pouco claro. Cabe aqui retomar as ‘palavras híbridas’ citadas anteriormente. Em monóculo e centímetro está muito claro o que é grego e o que é latino. Curiosamente, não há qualquer tipo de conotação negativa ou duvidosa associada a essas palavras pelo fato de serem híbridas.

Ainda no campo linguístico, Bagno (2012) apresenta artigo intitulado “Norma linguística, hibridismo & tradução” no qual fala sobre as dificuldades encontradas por usuários letrados da língua, que transitam entre a norma culta e a norma-padrão¹³⁸:

Com isso, entre a norma-padrão e a norma culta surge uma zona de tensão na qual todos os falantes, e mais intensamente os falantes urbanos letrados, se veem pressionados por duas forças opostas. O resultado é que, desconhecendo em sua integralidade todo o aparato normativo e, ao mesmo tempo, sujeitos à força inelutável de sua intuição linguística, esses falantes acabam por criar, cada um deles, uma representação da norma que é, sempre,

¹³⁶ O dicionário Houaiss da língua portuguesa, edição de 2009, apresenta a definição de hibridismo associada somente à gramática e sugere que seja o mesmo que hibridez, cuja definição é “ausência de regularidade, de normalidade; anomalia”. Também diz que os organismos híbridos são frequentemente estéreis. O dicionário online Priberam (www.priberam.pt) aponta hibridez (preferida a hibridismo) “irregularidade, anomalia”; e uma das acepções de ‘híbrido’ é “contrário às leis da natureza”

¹³⁷ Queremos esclarecer que nossa intenção aqui tem caráter linguístico cultural. Buscamos a representação linguística do termo hibridismo para embasar nossas escolhas.

¹³⁸ Por norma culta entenda-se a norma regular usada por falantes letrados urbanos. Norma-padrão é a prescrição prevista pelas gramáticas normativas.

um **compósito híbrido**, em que o normal e o normativo se interpenetram e se mesclam (BAGNO, 2012, p. 26) (grifos nossos).

Esse ‘compósito híbrido’ não tem uma regra clara, tal como percebida na morfologia de centímetro e monóculo, em que sabemos onde termina um e começa o outro. É uma mescla que varia, às vezes até incoerentemente¹³⁹, entre o que os falantes cultos produzem regularmente e o que prescreve a gramática normativa, essa zona de tensão existente entre duas forças opostas, a norma culta e a norma-padrão (BAGNO, 2012, p. 26). O linguista cita bons exemplos, extraídos de textos de renomados jornalistas e juristas, indivíduos altamente letrados.

Percebemos então que o hibridismo (ou a hibridez, ou a condição do híbrido) é quase sempre relacionado a uma zona mista, por vezes meio obscura. O híbrido não é A nem B, mas uma mistura de parte de ambos e não se sabe ao certo quanto de cada um o compõe. A e B são puros, o resultado da mistura dos dois é híbrido.

Vimos até agora o quão pantanoso pode ser o terreno que engloba o contato e a mistura de culturas. Dervin & Risager se põem essa questão na chamada “reavaliação paralela” por nós já mencionada em 4.2. Afinal, existem culturas separadas que se encontram ou o mundo é composto pelos ‘em-mudança-constante’ (*ever-changing*) modos de vida e pelas constantes reconstruções de identidades? A proposta da reavaliação é importante, mas devemos ressaltar que ela foi idealizada a partir das ideias de culturas separadas que se encontram e se misturam.

Lembremos então como o mundo sempre valorizou a pureza em todos os campos sociais. Burke (2010, p. 158-159) nos mostra como o conceito de pureza nos primórdios da Europa moderna tinha relação estreita com a religião e nenhuma ligação com o sentido de higiene. No início do século XVII a cidade de Cambridge foi atingida pela peste¹⁴⁰, mas o chefe do *Emmanuel College*, ao contrário de estimular o asseio pessoal, dizia que “não é manter a limpeza e varrer as nossas casas e ruas que podemos expulsar esse terrível mensageiro da ira de Deus, e sim purgar e limpar nossa consciência”. Era particularmente notável a preocupação com essa pureza no domínio religioso. O catolicismo enxergava a heresia como uma doença e os contaminados precisavam ser ‘purificados pelo fogo’. A igreja

¹³⁹ Exemplos citados pelo autor mostram, dentro do mesmo período, regências verbais ora seguindo a intuição natural do falante, ora seguindo a prescrição gramatical, como com os verbos implicar e assistir.

¹⁴⁰ Trata-se da peste da batata, que causou a conhecida Grande Fome na Irlanda e se propagou pela Europa.

ortodoxa por sua vez, não foge à regra, pois “se conserva em sua pureza inviolável e límpida” no Monte Atos, na Grécia¹⁴¹.

O discurso de pureza atinge também a sociedade. Na Espanha, nos séculos XVI e XVII havia grande preocupação com a ‘*limpieza del sangre*’. Ter sangue puro significava ter “antigo sangue cristão”, não contaminado com o dos judeus ou muçulmanos”. Em Pistoia, Itália, no ano de 1630, o governo da cidade ordenou a expulsão de estrangeiros, curandeiros e judeus como forma de combate à peste. O que vem de fora, o que é diferente, não é puro e, portanto, pode nos contaminar (BURKE, 2010, p. 159).

A esse propósito, Bhabha (1998, p. 67) aponta para a insustentabilidade do que ele denomina “reivindicações hierárquicas de originalidade ou pureza” assim que se compreende que todos os sistemas culturais são construídos no espaço contraditório e ambivalente entre o significante e o significado, denominado por ele de terceiro espaço de enunciação.

Essa preocupação com a pureza chega também à língua, naturalmente. Não à toa percebemos que os discursos que pregam a pureza das línguas (e por isso mesmo chamados de puristas) usam frequentemente terminologia bélica como argumentação; ‘precisamos DEFENDER nosso idioma’, ‘nossa língua tem sofrido ATAQUES constantes’, ‘há uma INVASÃO estrangeira na nossa língua’, são apenas simulacros de frases feitas que podem ser encontradas em discursos puristas.

Frello (2015) aborda a questão da interculturalidade, independentemente da terminologia usada, tais como transculturalidade ou hibridismo cultural, chamando a atenção para a complexidade do tema. A autora questiona a noção de que cultura, território e identidade estejam inerentemente relacionados e que, por extensão, haveria uma relação intrínseca entre cultura e nacionalidade. Essa noção de cultura, território e identidade delimitados acaba por trazer à tona um sentido de exclusão, e conseqüentemente de pureza. Para a autora o importante é que seja qual for a nomenclatura usada - interculturalidade, transculturalidade ou hibridismo – a sua aplicação deve se voltar para o entendimento das culturas que não podem ser claramente distintas e que também sirva para demonstrar as conseqüências negativas de que essa noção de culturas delimitadas carrega consigo uma sugestão de exclusão.

¹⁴¹ Embora a citação seja relatada no romance “Os irmãos Karamazov”, de Dostoiévsky, essa lenda teria sido recriada a partir de relatos de religiosos. (cf. DOSTOIEVSKY, 2009, v. 2, p. 450)

Como tratar desse assunto senão pela ideia generalizada de que há culturas diferentes que convivem e se imbricam? O ponto focal, talvez, esteja na mobilidade constante, no *ever-changing* cultural. Não podemos pensar em culturas delimitadas e fechadas em si, mas também temos que admitir que há culturas distintas que se entrecruzam, mas elas já são fruto de outros entrecruzamentos culturais.

Há quem defenda o uso de Hibridismo Cultural para o resultado dessa mistura e desses encontros culturais. Ang (2001) crê que as pessoas devam aprender a lidar com o que ela chama de *togetherness-in-difference*, algo como o agrupamento-na-diferença, derivado de um mundo cada vez mais transnacional. Com base na sua história pessoal, a autora sugere que os conceitos de Hibridismo, Diáspora e Multiculturalidade abarcam o tema de modo geral, mas defende a ideia de que, mesmo com problemas, somente o Hibridismo dá conta de explicá-lo. Porém, esse termo não é consensual entre pesquisadores e estudiosos. Por vezes, trata-se apenas de nomenclaturas diferentes para o mesmo fim, mas há também quem o critique como não adequado, como veremos mais à frente.

Interessante observar o uso dos termos (e dos conceitos de) Diáspora e Multiculturalidade, esse último citado apenas esporadicamente no elenco terminológico que abarca o pantanoso tema da mescla de culturas e só definido especificamente por Welsh (1999). Talvez Toro (2005) nos dê uma pista acerca do seu pouco frequente uso quando afirma que desistiu do emprego do termo por estar “carregado de diversas implicações negativas, tanto políticas quanto ideológicas¹⁴²” (TORO, 2005, p. 3, nota 2). Diáspora, por sua vez, não representa a mistura de culturas propriamente, mas deve ser estudada como suporte para o entendimento de grandes migrações de povos, os quais carregam suas culturas consigo e acabam por fomentar o surgimento do sujeito diaspórico (CANEVACCI, 2004).

De fato, Ang (2001) se vale do termo diáspora para criticar seu uso disseminado na definição de o que ela chama de capital simbólico criado como estratégia para o reconhecimento das diferenças, ou seja, pela assunção de que existem diferenças que jamais serão assimiladas. A requisitada identidade diaspórica representa um modo de identificar-se como parte de um grupo que tem raízes. Para Ang (2001, p. 13) a diáspora é um conceito de *sameness-in-dispersal*, bem diferente de *togetherness-in-difference*, definição criticada por

¹⁴² “Desistimos del empleo del término ‘multiculturalidad’ porque está cargado de diversas implicaciones negativas, tanto políticas como ideológicas”.

Frello (2015, p. 195) por não considerar a limitação dos conceitos de cultura, apenas assumir que uma minoria compartilha uma cultura que pertence a outro lugar.

Resta explicar a crítica que Ang faz ao multiculturalismo. Partimos do que ela mesma define para o termo:

Multiculturalismo pode ser definido (...) como o reconhecimento oficial e informal de que minorias raciais e étnicas em um certo Estado-Nação têm suas culturas e comunidades próprias e que essas devem ser reconhecidas e apreciadas como tais¹⁴³ (ANG, 2001, p. 14).

Em outros termos, admite-se a coexistência de culturas múltiplas dentro do mesmo espaço, ou território, geralmente o Estado-Nação, definição que coincide com a de Welsch (1999).

Embora Ang reconheça que, ao contrário de diáspora, o multiculturalismo realmente trata da *togetherness-in-difference*, ele ainda não representa concretamente o dinamismo próprio da interação que acontece quando grupos se estabelecem em territórios diferentes. Segundo ela, o multiculturalismo é, no fim das contas, uma política governamental para administrar uma situação criada a partir do momento em que o Estado-Nação não consegue mais manter sua homogeneidade. “... então, a melhor solução seria permitir a preservação da diversidade de culturas, mas com limites bem marcados de modo a não incomodar ou ameaçar a unidade nacional¹⁴⁴” (ANG, 2001, p. 14). Em resumo, é mais uma imagem de aceitação e organização do que exatamente a representação do que passa na realidade. O que ela chama de imagem de *living-apart-together*.

O que se depreende até esse ponto a partir da visão de Ang é que tanto diáspora como multiculturalismo repetem a noção de culturas delimitadas. Ambos, cada um a sua maneira, reproduzem os problemas de opressão e exclusão presentes no Estado-Nação e não é isso que se pretende quando se quer abordar o intrincado tema da *togetherness-in-difference* (FRELLO, 2015).

¹⁴³ “Multiculturalism can be defined (...) as the official and informal recognition that racial and ethnic minorities in a particular nation-state have their own distinct cultures and communities, and that these have to [be] recognized and appreciated as such.”

¹⁴⁴ “... then the best solution would be to allow for the preservation of a diversity of cultures, but within certain, well-demarcated limits, so as not to disturb or threaten the national unity”.

Resta conceituar Hibridismo, que Ang defende como sendo a melhor opção para dar conta da *togetherness-in-difference*. Segundo a autora (2001, p. 16), o hibridismo pertence à fronteira, à zona de contato que acontece na fronteira e tem como implicação uma área de indefinição, como uma fotografia desfocada e, daí, uma inquietação de identidades. Sob esse ponto de vista, não há como negar que essa desfocagem, essa fotografia embaçada na qual os elementos não são percebidos claramente atende bastante bem ao que ela propõe, pois é um contraponto bem claro ao que vimos sobre multiculturalidade e diáspora. Esses últimos, embora sendo conceitos sempre sujeitos a contestações da mesma forma que interculturalidade e transculturalidade (FRELLO, 2015, p. 195), tentam manter a separação dos elementos, ao passo que o Hibridismo é a condição que, por definição, não permite a separação e, por isso, cria essa perturbação da identidade. Inegavelmente faz sentido. Como vimos anteriormente, “o híbrido não é A nem B, mas uma mistura de parte de ambos e não se sabe ao certo quanto de cada um o compõe. A e B são puros, o resultado da mistura dos dois é híbrido”. O hibridismo, então, é mais do que mistura. Tem a ver com tensão, contestação e questionamentos, os quais caminham lado a lado com a heterogeneidade, a diversidade e multiplicidade. Temos que conviver com isso para vivermos essa *togetherness-in-difference* (ANG, 2001, p. 200).

Toro (2005, p. 2) considera que o hibridismo possa ser entendido como “a estratégia que relaciona e conecta elementos étnicos, sociais e culturais da alteridade em um contexto político-cultural onde o poder das instituições tem um papel fundamental”. Para o autor, então, hibridismo é uma estratégia que depende do poder das instituições. Não é uma situação criada, ou derivada de encontros, mas um expediente. Essa estratégia potencializa a diferença, e num segundo momento conduz ao seu reconhecimento, vale dizer à possibilidade de negociar identidades diferentes num terceiro espaço. A palavra chave para o autor é negociar:

(...) o hibridismo implica tanto a expressão de categorias consideradas tabus no debate multicultural tais como medo e alienação diante do que é estranho como também a reivindicação de pátria e identidade, no sentido de negociação e não de exclusão (TORO, 2005, p. 3)¹⁴⁵.

O termo Hibridismo, para o autor, engloba várias formas de tratamento da alteridade, como a “miscigenação”, entendida como mistura de etnias, e o sincretismo, geralmente

¹⁴⁵ “(...) la hibridez implica tanto la expresión de categorías tabuizadas en el debate multicultural como el ‘miedo’ y ‘alienación’ frente a lo extraño, como también el reclamo de patria e identidad, pero no en un sentido de exclusión, sino de negociación”.

associado à mescla de religiões, mas que pode ser entendido como mescla de etnias ou qualquer outro tipo de mistura.

Sob o ponto de vista do hibridismo como estratégia, ou seja, de que exista uma estratégia de hibridação, compreende-se que o sincretismo e a miscigenação possam ser parte do bojo. Entretanto, visto como situação, como resultado de encontros de diversidades, o hibridismo seria somente mais um termo para tentar definir essa zona de contato ‘borrada’, ‘embaçada’, criada a partir desses encontros. E nesse caso, por que não falar de sincretismo, de zona sincrética, ou de sincretismo cultural? Antes disso, vejamos algumas críticas ao uso de Hibridismo.

Todas essas questões acerca de terminologias que possam definir o que acontece no território onde há encontro de diversidades partem do reconhecimento de que as culturas isoladas, como previa Herder, não existem, mas continuam sendo paradoxalmente citadas mesmo nas teorias que falam de mescla cultural. Então, há a necessidade de definir esse espaço, um espaço que transgrida as noções de cultura delimitada, ou de cultura ligada a nacionalismo, ou ainda da relação supostamente intrínseca entre cultura, território e identidade (FRELLO, 2015).

Burke (2009), cerca de 10 anos depois de apresentar palestra sobre ‘intercâmbio cultural’ (*cultural exchange*) em Berlim, publica um livro intitulado ‘*Cultural Hybridity*’. Seu conteúdo é uma extensão do que foi apresentado na citada palestra, acrescentado de dados brasileiros registrados em ‘Hibridismo Cultural’, de 2003, expandido em seguida para traduções em espanhol e italiano. A esse ponto o autor achou que fosse o tempo de haver uma versão em inglês, o que foi motivo para ulterior expansão.

O ensaio aborda a questão do hibridismo sob vários pontos de vista, coerentemente com o interesse que há pelo tema a muitas disciplinas. Considerando que, pelo viés pretendido pelo autor, hibridismo é basicamente mistura, entrelaçamento, fusão, o ensaio trata de mistura, entrelaçamento, fusão de culturas. Burke (2009, p. 46) trata o hibridismo cultural como processo e não como resultado. Faz sentido, a partir do momento em que enxergamos os encontros culturais, cada vez mais frequentes e intensos, como dinâmicos.

Para abordar a questão terminológica o autor revela jocosamente que a América tem sido sempre redescoberta e a roda reinventada muitas vezes porque estudiosos não se dão conta daquilo que colegas de outras disciplinas estão pensando. “Há muitas palavras para

descrever o mesmo fenômeno” (BURKE, 2009, p. 34). Deixo, porém, para reflexão a seguinte afirmação: **“Vivemos em uma selva de conceitos competindo por sobrevivência¹⁴⁶”** (BURKE, 2009, p. 34) (grifo nosso).

O autor dedica um inteiro capítulo¹⁴⁷ de seu ensaio à discussão sobre terminologia adotada para encontros e mesclas culturais. Muitos deles são metafóricos, com destaque para cinco casos em particular, advindos de outros campos de estudo: economia, zoologia, metalurgia, alimentação e linguística. São eles, respectivamente, empréstimo (*borrowing*), hibridismo (*hybridity*), caldeirão (*melting pot*), sopa (*stew*) e tradução e crioulização (*translation and creolization*).

Bem mais que uma discussão, trata-se de uma exposição da terminologia, com seus usos, motivações e críticas, o que nos deixa bastante à vontade para fazer também nossas escolhas. O ponto de partida da discussão é a ‘enlouquecedora elasticidade’¹⁴⁸ com que o termo hibridismo tem sido descrito, mas essa crítica pode ser aplicada aos termos concorrentes também (BURKE, 2009, p. 34).

Apesar das críticas ao termo, algumas bastante severas, como as de Friedman (1999), Ang (2001) defende que hibridismo, embora ainda com problemas, dê conta de explicar essa zona de contato. Friedman (1999) considera que os defensores do hibridismo invocam as mesmas categorias que dizem transgredir. Ao considerar que marroquinas lutando boxe tailandês em Amsterdam, ou rap asiático tocado em Londres, ou ainda tacos¹⁴⁹ chineses vendidos nos EUA sejam exemplos de hibridismo (Pieterse, 1995, *apud* Friedman, 1999, p. 236), ele mostra como o problema com esses fenômenos poderia ser reduzido às suas meras identificações e a partir delas, admitindo-se que sejam produtos culturais, bastaria definir a sua forma de classificação. Segundo Friedman, isso era a preocupação dos teóricos do século XIX e não cabe mais nos dias de hoje.

Para o mesmo autor, o hibridismo é um conceito não bem elaborado. É mais uma ferramenta para rotular, uma tentativa de definir o *status* cultural do mundo de hoje. Esse comportamento é típico dos modelos hegemônicos, habituados a transformar a parte no todo, a generalizar a partir de uma percepção de um caso particular (FRIEDMAN, 1999, p. 237).

¹⁴⁶ “*We live in a jungle of concepts competing for survival*”

¹⁴⁷ Trata-se do capítulo 2, ‘*Varieties of terminology*’

¹⁴⁸ Nas palavras do autor, o termo hibridismo tem sido descrito como ‘enlouquecedoramente elástico’ (*‘maddeningly elastic’*) (p. 1; p. 34)

¹⁴⁹ Entenda-se o tipo de sanduíche, de origem supostamente mexicana.

Frello (2015, p. 196-197) critica esse posicionamento e crê que Friedman agrupe diferentes teorias para reduzi-las em benefício próprio.

Não é nosso propósito entrar nesse mérito, queremos apenas expor que a teoria que embasa o uso do termo hibridismo para explicar encontro de diversidades é controversa. A questão já abordada de que o hibridismo comporta a noção de impureza é uma justificativa semântica a ser levada em conta. Há também o seu caráter rotulador, apontado criticamente por Friedman, por se tratar de comportamento das classes dominantes. Como aponta Frello (2015, p. 197), “a exaltação do Hibridismo pode ser um ato de poder tanto quanto a exaltação da pureza cultural¹⁵⁰”.

A humanidade é curiosa. O Homem é um animal social, dizia Aristóteles, precisa viver em sociedade, mas ao mesmo tempo tende a se separar em grupos distintos de acordo com critérios nem sempre muito claros. Em regra geral o homem se agrupa por necessidade de segurança. Pessoas sujeitas às mesmas condições e necessidades tendem a se agrupar por identificar-se nos problemas e, a partir daí, sentirem-se seguras, na esperança de poderem ajudar-se mutuamente (BAUMAN, 2005). Por outro lado, tendem a se separar de outros grupos quando não encontram a necessária identificação que os agrupa. Embora as necessidades comuns não obrigatoriamente estejam relacionadas a etnias e a nacionalidades, esses agrupamentos costumam ser vistos sob essa ótica. Sendo assim, a mistura permanece sendo percebida como contaminação, uma espécie de violação à pureza, ou quebra da identidade.

Por fim, não podemos deixar de falar do polêmico conceito de hibridismo proposto pelo crítico pós-colonial indiano Homi Bhabha (SOUZA, 2004), utilizado com frequência nas ciências sociais e humanas. Este surgiu “a partir de sua experiência própria como membro da elite local de uma sociedade colonizada pelos ingleses durante dois séculos” (SOUZA, 2004, p. 113). Embora o Brasil seja (ou tenha sido?) uma sociedade colonizada, não há como compará-la nesse sentido com a sociedade indiana.

Uma sociedade que sofreu a experiência de ter sido colonizada é geralmente uma sociedade que viveu plenamente sob o signo da ironia. Isso porque os seus membros – especialmente, mas não apenas, as suas elites – viveram num contexto onde pelo menos dois conjuntos desiguais de valores e verdades coexistiam: o conjunto de valores da cultura colonizadora e o conjunto de

¹⁵⁰ “*The celebration of hybridity can be an act of power, as can the celebration of cultural purity*”.

valores da cultura colonizada. A experiência da ironia nesse contexto, para um membro da elite local colonizada, por exemplo, consistia na percepção constante de que, em relação aos outros colonizados ele/ela estavam numa posição superior e hegemônica de dominação, enquanto simultaneamente, em relação aos colonizadores, ele/ela estava numa posição inferior (SOUZA, 2004, p. 114)

É a partir dessa experiência que Bhabha elucubra o espaço entre o significante e o significado, denominando-o de terceiro espaço de enunciação (BHABHA, 1998), onde ocorrem as interações entre todos os conflitos e contradições de elementos linguísticos e culturais. Esse espaço constitui o hibridismo de Bhabha. Portanto, embora admitamos que esse terceiro espaço possa ser estudado em diferentes perspectivas, não foi e nem é essa a experiência vivida por imigrantes e descendentes. É mais um motivo que reforça nossa opção por sincretismo cultural, em vez de hibridismo cultural, por refletir mais adequadamente as mesclas e as interseções culturais representativas da população brasileira.

4.2.2. O sincretismo cultural

Sincretismo é a palavra-chave para entender a transformação em curso no processo de globalização e localização (CANEVACCI, 2004, p. 19). É uma referência a esse processo que “abarca, choca e atropela¹⁵¹” os tradicionais modos de produzir cultura, consumo e comunicação. O autor pontua os sinônimos, às vezes supostamente mais elegantes, outras vezes conflituosos, com os quais o sincretismo frequentemente se disfarça, entre eles, hibridismo. Hibridismo seria apenas mais um travestimento de Sincretismo.

Em 1928, Oswald de Andrade aludia a esse sincretismo cultural brasileiro com seu Manifesto Antropófago. Entretanto, fê-lo em forma de manifesto revoltoso, talvez de chamamento a uma espécie de revolução que daria aos brasileiros uma identidade que estivesse de acordo com a sua realidade. “Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem¹⁵²”.

¹⁵¹ Para “abarca, choca e atropela” o autor faz um jogo de palavras aproveitando-se de três verbos italianos cujo radical é o mesmo: “coinvolge, sconvolge e travolge”.

¹⁵² ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. Revista de Antropofagia, ano I, n. 1. São Paulo, maio de 1928

Canevacci (2004) interpreta o sincretismo cultural na mesma linha de pensamento. Considera-o não como um bem ou um mal adequado aos tempos atuais. A solução finalmente encontrada ou o engano explícito pelo encontro-desencontro entre grupos étnicos diversos, mas como

uma proposta oximoro, um projeto ubíquo, um modelo descentralizado, um collage textual, um quilombo deslocado, uma montagem incompatível, um logos ilegítimo, um contato indigenizado, uma viagem mimética, um fluxo antropofágico¹⁵³ CANEVACCI, 2004, p. 31-32).

Retomando o Manifesto, Oswald nos mostra que esse sincretismo é produto de contato e migrações, e que é um processo sem fim, de misturas e amálgamas que se renovam.

“Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. *Ori Villegaignon print terre*. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.

(...)

As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios e o tédio especulativo”¹⁵⁴.

A definição de Haroldo de Campos (1992) para a antropofagia oswaldiana é certa, salientando o conceito de transculturalidade: Trans-: atravessar e ser atravessado, introduzir e ser introduzido, interpenetrar.

A antropofagia oswaldiana é o pensamento da devoração crítica do legado cultural universal, elaborado não a partir da perspectiva submissa e reconciliada do bom selvagem, mas segundo o ponto de vista desabusado do mau selvagem, devorador de brancos. Ela não envolve uma submissão (uma catequese), **mas uma transculturação; melhor ainda, uma transvalorização**: uma visão crítica da história como função negativa

¹⁵³ “Il sincretismo è una proposta ossimoro, un progetto ubiquo, un modello decentrato, un testo-collage, un quilombo dislocato, un montaggio incompatibile, un logos illegitimo, un contatto indigenizzato, un viaggio mimetico, un flusso antropofagico...”

¹⁵⁴ Idem nota 152

(Nietzsche) capaz tanto de uma apropriação como de desapropriação, desierarquização e desconstrução (CAMPOS, 1992, p. 234) (grifo nosso).

Ora, o Brasil, tal como vem sendo construído, é um evidente produto de contato e migrações. Portanto, culturalmente sincrético. Contudo, para não incorrer no equívoco de classificação unitária de ‘cultura’ como algo homogêneo e fechado, preferimos apontar para o caminho que acreditamos seja o mais adequado: o Brasil é transculturalmente sincrético. Então, vamos adotar a expressão Sincretismo Transcultural para representar a realidade brasileira.

A grande discussão mantida em torno daquilo que Dervin & Risager nomeiam interculturalidade, chamando a atenção para a polissemia e para a diversidade terminológica que a ela pode ser associada, existe pela dificuldade que pesquisadores encontram quando se deparam com situações não claramente classificáveis. Por mais que tentem, pesquisadores têm dificuldade em analisar tudo aquilo que não é facilmente sistematizado. De alguma forma, tudo o que sai do sistema binário – zero ou um – incomoda.

Esse é o primeiro ponto que nos faz eliminar certas nomenclaturas por não representarem o que queremos efetivamente estudar, mesmo cientes das dificuldades metodológicas que essa decisão comporta. Interculturalidade e multiculturalidade, assim como afirma Welsch, representam separação, mesmo na mistura. Isso está bem claro a nosso ver, e não é disso que tratamos. O fenômeno que estudamos é a transculturalidade de acordo com a definição de Welsch (1999) e que teve sua origem conceitual em Ortiz (1999, [1940]). É o entrecruzamento cultural constante, não há zero nem um, há somente qualquer valor entre eles. Esse valor não é exato e nunca vai ser. Porém, não buscaremos explicações ou justificativas pelo viés do hibridismo (ANG, 2001) que, como afirma Friedman (1999), carrega a ideia de mistura de coisas pré-existentes e puras. É um conceito muito ligado à biologia e induz à crença de que seja algo impuro, estéril, sem *pedigree*¹⁵⁵. cremos que a transculturalidade possa ser mais bem expressa pelo sincretismo cultural. A diáspora é a mãe dos sincretismos, afirma Canevacci (2004, p. 13). Grande parte da população brasileira, sobretudo a dos grandes centros urbanos, é formada por sujeitos diaspóricos. O sincretismo étnico brasileiro é produtor de transcultura.

¹⁵⁵ O pedigree é o registro da genealogia de um animal, portanto o animal que tem pedigree é considerado “de raça”, com a conotação de que não é híbrido, não é impuro e, conseqüentemente, é “superior”.

5. A PERSPECTIVA ECOLINGUÍSTICA

“Podemos dizer que a Terra tem alma vegetativa, que sua carne é o solo e seus ossos, a estrutura das rochas... Sua respiração e sua pulsação são o fluxo e refluxo do mar”. (atribuído a Leonardo da Vinci, segundo Sheldrake, 2014)

O referencial teórico abordado até aqui, no arcabouço da Sociolinguística complementado com outras fontes que lhe são afins, tratou dos principais alicerces que sustentam o tema principal de nosso trabalho, refletido em seu título. Discorreremos sobre imigração, dando ênfase naturalmente à imigração italiana, chamada por vezes de diáspora itálica, e às peculiaridades inerentes aos povos, com seus costumes e suas línguas, que habitavam um território recém-unificado e transformado em Estado-nação; revemos conceitos de redes sociais, CP e CF e discutimos conceitos de identidade com base sobretudo nas teorias de Zygmunt Bauman; relacionamos identidade com nacionalismo, com língua e cultura, e apresentamos conceitos de *belonging* – a sensação de pertencimento – comparando-os com as definições de *groupness*.

Por ser um tema estudado dentro de uma perspectiva sociolinguística, apresentamos os efeitos provocados pelo CL, ressaltando a glototanásia, fenômeno ocorrido entre os imigrantes italianos na região delimitada para o nosso trabalho. Mencionamos também aspectos de LH e a relação entre língua e emoção.

Por fim, abordamos especificamente o tema da transculturalidade, partindo de sua gênese, a transculturação, de Fernando Ortiz. Tratamos também de diáspora e transnacionalismo. Mostramos que “vivemos em uma selva de conceitos competindo por sobrevivência” (BURKE, 2009, p. 34) e esclarecemos nossas opções terminológicas, que incluem nossa preferência por sincretismo cultural a hibridismo cultural, para nos referirmos à mescla de culturas diversas.

Ao longo de toda essa explanação apresentamos brevemente os conceitos de ecossistema linguístico, ecossistema cultural e ecossistema linguístico-cultural. Sob o viés da Linguística Ecossistêmica, detalharemos tudo isso a partir de agora para então definir CF, com a qual trabalharemos nos dados de nosso *corpus*.

5.1. A ecologia da língua

Embora nem tão novo, o ramo da ciência da linguagem que trabalha com a perspectiva ecológica tem tomado mais corpo nos últimos vinte anos. Mufwene (2016) reconhece e admite um “débito intelectual” com autores que apontaram o caminho do estudo das línguas com base em conceitos da biologia para o estudo de organismos e espécies, tais como Voegelin, Voegelin & Schutz em 1967 e Haugen em 1971. Façamos um resumo dos principais conceitos que envolvem a ecologia da língua e a ecolinguística para, posteriormente, contextualizar nosso estudo. Para isso, estamos deliberadamente nos baseando nos recentes ensaios de Mufwene (2016) e Couto (2016a; 2016b; 2016c), autores de grande representatividade nesse campo de pesquisa.

A Ecologia (*Ökologie*, em alemão) é a ciência que tem como objeto de estudo a relação entre os organismos com o mundo que lhes circunda. Foi definido assim pelo biólogo alemão Ernst Haeckel em 1866. Trampe (2016) nos mostra que o biólogo não pensava na hipótese de entender a língua como parte do processo, na perspectiva de uma linguística ecológica ou de uma ecologia linguística. Dentro das relações entre o organismo e o meio ambiente em que vive, evidentemente há processos de comunicação e transmissão de informação envolvidos, e se considerarmos a espécie humana em particular, há complexos processos de linguagem. Como a sobrevivência das espécies depende também desses processos de informação e comunicação, toda essa relação tem especial valor para os humanos, pela sua própria cultura de comunicação (TRAMPE, 2016, p. 44). O autor considera ‘trivial’ a visão dos processos de linguagem e comunicação como processos ecológicos. Portanto, pertencem também à ecologia.

Como não podia ser diferente, a Ecologia da Língua se inspira na biologia. De certa forma, parte de uma ideia desenvolvida desde o século XIX, que demonstra que as línguas têm vida. Os avanços nesses estudos apontaram para a comparação equivocada de línguas com organismos, muitas vezes expressas até mesmo em livros didáticos no enunciado “a língua é um organismo vivo¹⁵⁶”. Como nos mostra Mufwene (2004; 2008; 2016), as línguas

¹⁵⁶ Uma breve pesquisa no Google com os dizeres “a língua é um organismo vivo” (entre aspas para que mostre somente a expressão completa) resulta em quase cinco mil ocorrências, entre as quais muitos sites de ensino de português.

são de fato vivas, mas não podem ser comparadas a organismos, mas a espécies. E espécies parasíticas, que dependem de um hospedeiro, o ser humano.

Línguas, assim como espécies biológicas, não têm data de nascimento ou de óbito. Diferentemente dos organismos, não há momento de concepção, período de incubação e consequente data de nascimento de uma língua. Percebemos *a posteriori* a existência de uma língua, assim como a sua morte. A importância da variação linguística é, nas palavras de Mufwene, “uma extrapolação do que não passa de uma população de idioletos falados por indivíduos ao comunicarem uns com os outros” (MUFWENE, 2016, p. 20). Como parasita, a vida de uma língua depende de seu hospedeiro, principalmente das interações que acontecem entre os hospedeiros. Em outras palavras, os hospedeiros têm o poder de sustentar uma língua, modificá-la, e extingui-la. Tudo isso tem relação direta com o meio ambiente, com a ecologia em que as línguas estão inseridas. É nessa ecologia que as línguas podem sofrer todos esses processos.

Da mesma forma que entre as espécies biológicas, há também competição, seleção e adaptação entre línguas, quando elas entram em contato. E elas entram em contato o tempo todo, motivadas por diversos fatores¹⁵⁷. Um deles é a migração dos povos, que levam e trazem línguas a todo o globo terrestre, desde sempre. Porém, deve ficar claro que não se trata de competição por falantes, o que não faria nenhum sentido e inverteria a ordem natural. Trata-se de uma competição que envolve fatores econômicos, políticos sociais e etnográficos. Uma língua por si só não exerce ações. Elas dependem de seus hospedeiros. O que acontece, então, é que as populações usuárias das línguas podem escolher (seleção) aquelas que serão usadas, em ambientes comunicativos diversos, e também ao longo do tempo (‘espaçotempo’¹⁵⁸, como preferem Mufwene & Vigouroux (2012), em substituição a ‘contexto’), de acordo com uma classificação preferencial que fazem, e que é frequentemente desigual. A escolha é uma atitude social, baseada no poder socioeconômico e político relacionado às opções (MUFWENE, 2016). A escolha por essa ou aquela língua depende das vantagens que se pode obter.

Até agora falamos sobre o contato interlinguístico, mas os conceitos podem ser estendidos para os casos de contato intralinguístico. Para exemplificar, podemos falar das inovações que surgem nas línguas, aquelas responsáveis pela variação e posteriormente pela

¹⁵⁷ Se não há distinção entre língua e dialeto (Cf. nota 14), contato de línguas e contato de dialetos são da mesma natureza.

¹⁵⁸ *Timespace*, no original

mudança. As inovações surgem frequentemente nas conversas e interações pouco monitoradas, e por isso mesmo costumam partir das classes populares. Basta lembrar que o PB que falamos, assim como as demais línguas românicas derivam do latim vulgar. Essas formas muitas vezes penetram nas classes sociais mais conservadoras e acabam por se fixar em discursos e gêneros textuais mais monitorados, como o jornalístico, por exemplo. O processo é semelhante ao da propagação de um vírus. O linguista Marcos Bagno, em sua coluna no *Jornal do Romário* do dia 02 de fevereiro de 2016¹⁵⁹, nos dá exemplo prático de um caso. Cita ele a falta de concordância normativa na frase “Seria impossível tantos vazamentos sem um acordo entre todas as partes da investigação”, coletada na revista *Carta Capital* da semana anterior, mostrando-nos que inovações como essas, quando chegam a gêneros textuais monitorados, são reflexo natural de que a forma já está implantada na língua. Vale ressaltar que Bagno utiliza metáforas que mais lembram as invasões de território, tais como “investida colonial”, “conquista”, “bastião de resistência”, mas a analogia com os processos biológicos é bem clara. O próprio autor nos remete a ela quando menciona o que fez ao se deparar com a frase na revista: “apanhei minha pinça de coletar dados e recolhi o espécime para fazer parte da minha coleção de borboletas linguísticas”.

Essas escolhas, tanto inter- como intralinguísticas não são necessariamente conscientes. Os falantes buscam a comunicação, o entendimento do que precisa ser comunicado, e isso pode levar a resultados variados, de acordo com a ecologia. Os falantes não têm noção de que essas escolhas influenciam o processo dinâmico da variação e mudança linguísticas (MUFWENE, 2016). Como essa seleção tem relação direta com as necessidades comunicativas, um enunciado pode ser perfeitamente aceitável numa certa comunidade, independentemente de seguir as prescrições gramaticais, para desespero dos normativistas (COUTO, 2016).

Couto (2009) nos apresenta o processo básico do contato de línguas. Consiste em alguns passos que podem ser cronologicamente vistos da seguinte forma: primeiro, a co-presença de duas línguas – dois povos que falam línguas distintas ocupando o mesmo território; a seguir vem a interação, ou tentativa de interação, e geralmente leva à comunhão. A comunhão existe também entre outros animais além do homem. É a solidariedade que garante a conexão entre os indivíduos que ocupam o mesmo espaço. É algo espiritual. Quando há comunhão, os indivíduos compartilham interesses comuns. A partir da comunhão vem a

¹⁵⁹ <http://www.jornaldoromario.com.br/artigos/678-o-que-fazer-com-a-mudanca-da-lingua>

comunicação, que é a interação propriamente dita. Quando esse processo acontece entre grupos de línguas distintas, a longo prazo pode acontecer de um grupo se apropriar da língua do outro, ou pode haver o nascimento de outra língua, um crioulo.

5.1.1. Interação - comunhão

Vimos que os processos de interação seguem uma sequência ao longo do tempo. O primeiro passo é a comunhão, a solidariedade que se estabelece naturalmente em virtude do compartilhamento do mesmo espaço, das necessidades e interesses comuns. Se não há comunhão, não haverá interação propriamente dita. Quando não há comunhão, há risco de haver conflitos. A partir da comunhão, há uma necessidade de comunicação.

A comunhão não precisa de linguagem comum, mas o estágio seguinte sim. Couto (2016) exemplifica o primeiro contato entre a esquadra de Cabral e os índios Tupinambás como exemplo de comunhão, pelo menos em alguns momentos, a partir dos relatos de Caminha. Exemplo do mesmo autor para a falta de comunhão pode ser entendido em um grupo de pessoas num elevador. Todos querem chegar rapidamente a seus andares, mas se alguém pergunta algo que seja de interesse de outrem, o grupo pode passar a um estado de comunhão. Os exemplos foram propositais uma vez que no primeiro caso não havia nada de comum entre as línguas faladas pelos povos em comunhão; no segundo há língua comum, mas não há comunhão, ao menos num primeiro momento.

5.1.2. Interação – comunicação

A partir da comunhão, o passo seguinte é a comunicação. Para a Linguística Ecológica, a comunicação, ou mais apropriadamente Interação Comunicativa, prevê quatro elementos que constituem a chamada Ecologia da Interação Comunicativa (EIC). São eles o falante, o ouvinte (que se alternam na função), um assunto sobre o qual se interage e um ambiente (COUTO, 2016).

Essa é a situação base, a mais simples e ao mesmo tempo a mínima necessária. A partir dessa situação fundamental podemos conjecturar e imaginar conjunturas sociais que dela derivam. Por exemplo, as relações de intimidade. Se os Atos de Interação Comunicativa

(AIC) se estreitam dentro de uma EIC, tende-se a aumentar o repertório de assuntos e a se conhecer mais sobre o próprio ambiente em que estão todos inseridos, pois haverá maior troca de informações. De consequência os interlocutores se conhecerão mais aprofundadamente e a solidariedade, surgida ainda no estágio de comunhão, tende a aumentar¹⁶⁰. Os interlocutores passam a compartilhar mais interesses comuns, e pode surgir a formação de redes sociais. De acordo com a intensidade dessas relações, poderemos ter redes de tessitura mais ou menos densas.

Em artigo recente, Gomes (2015) aponta para as contribuições que as redes sociais podem dar aos estudos de ecolinguística. As redes sociais são constituídas de grupos de pessoas com interesses comuns. A partir das redes podemos entrar no conceito de CP (WENGER, 2006 [1998]), penetrando na terceira onda dos estudos sociolinguísticos (ECKERT, 2005; 2012). A terceira onda enxerga a variação linguística como um reflexo de mudanças sociais. Membros de CP mudam suas práticas linguísticas, sobretudo estilisticamente, para se identificarem como grupo específico.

Os estudos de redes sociais nos mostram que há uma relação direta entre coesão dos membros e conservadorismo de língua. Vale dizer que comunidades rurais isoladas com forte vínculo entre os membros tendem a não aceitar mudanças na língua, enquanto que comunidades urbanas tendem a aceitar e incorporar variações na língua com facilidade, pois os laços entre os membros, além de normalmente serem menos fortes do que em comunidades rurais, via de regra se dão em apenas alguns domínios (GUMPERZ, 1982), ou ambientes comunicativos (SAVEDRA, 1994, 2009).

Como aponta Couto (2016), o ecossistema cultural rural tende a ser centrípeto, voltado para si, fechado, e o ecossistema cultural urbano tende a ser centrífugo, aberto, voltado para fora, frequentemente para centros maiores tais como capitais ou metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, ou até mesmo grandes referências urbanas mundiais, como Nova York ou Paris.

Corroborando com essas observações, vejamos as cidades escolhidas para a nossa pesquisa, Juiz de Fora e Rio de Janeiro. A primeira, como já mostramos, recebe forte influência cultural da segunda a despeito de não pertencer ao mesmo estado federativo. É um

¹⁶⁰ Evidentemente, pode haver o inverso, isto é, uma falta de empatia que se agrava por opiniões divergentes sobre um mesmo assunto provocando discórdia e conflito. Esse caso pode ser tema de outra pesquisa. Nosso interesse está nos casos de união.

evidente caso de ação da força centrífuga presente em ecossistema cultural urbano. Essa influência era certamente mais forte e importante no início do século XX, a partir da construção da estrada União-Indústria. Da mesma forma, o Rio de Janeiro do fim do século XIX se espelhava em Paris e tentava reproduzir seus modelos culturais (SILVA, 2002).

Forças centrípetas atraem para o interior, forças centrífugas atraem para exterior. Assim, entendemos que o ecossistema cultural centrípeto tem o seu limite em si mesmo e o ecossistema cultural centrífugo não tem limite uma vez que o único impedimento ao alcance geográfico é a própria força (centrífuga). Então, podemos dizer que Juiz de Fora reproduzia modelos europeus indiretamente, através dos modelos do Rio de Janeiro. O poeta Murilo Mendes, juiz-forano nascido em 1901 e emigrado para o Rio de Janeiro em 1921, nos ajuda a enxergar esse momento da história. Em “A Idade do Serrote”, sua autobiografia, publicada em 1968, o poeta registra a seguinte passagem:

“Juiz de Fora, dizem, antecipou-se a São Paulo em certos pontos da industrialização, conta uma usina hidrelétrica, além de muitas fábricas de tecidos, de cerveja, de móveis etc”

A cidade mostrava ser vanguardista, diferentemente do perfil mais conservador do estado de Minas Gerais, o que é expresso nas duas primeiras estrofes do hino da cidade¹⁶¹:

Viva a princesa de Minas
Viva a bela Juiz de Fora
Que caminha na vanguarda
Do progresso estrada afora!

Das cidades brasileiras
Sendo a mais industrial
Na cultura e no trabalho
Não receia outra rival.

Silva (2002) complementa:

¹⁶¹ Escrito por Duque Bicalho e Lindolfo Gomes

“a relação desta província com a metrópole externa era mediada pela metrópole interna. A última moda importada de Paris “adornava” primeiro a capital brasileira e a exemplo desta é que Juiz de Fora iria se “adornar”. Tanto era assim que a cidade euforicamente se pensava como “Rio de Janeiro em Ponto Pequeno” ou era pejorativamente pensada como “Carioca do Brejo”. Afinal, muitos nomes de suas avenidas, ruas e até estabelecimentos eram coincidentes com os do Rio de Janeiro, soando como ecos interioranos da capital litorânea”.

À alcunha pejorativa ‘carioca do brejo’ se contrapôs a igualmente depreciativa denominação de ‘roça grande’, dirigida à capital do estado, Belo Horizonte. Passados os anos, nada disso é mais visto ou sentido como ofensa a ponto de existir um estabelecimento comercial em Juiz de Fora com o nome de ‘Carioca do Brejo’.



Figura 10 – Fachada do bar ‘Carioca do Brejo’, em Juiz de Fora

Merece também destaque mais um trecho de ‘A Idade do Serrote’, onde há uma marca que ‘separa’ (por assim dizer) Juiz de Fora de Minas Gerais. Numa passagem em que cita sua ama de leite, Sebastiana, escreve o poeta:

“Sebastiana remexe lá dentro um colherão de pau, gira, gira, Sebastiana diz que tem uma vontade doida de ir a Minas Gerais, Mamãe diz: mas Sebastiana você mora em Minas Gerais, ué gente, eu pensava que eu morasse em Juiz de Fora [...]” (p. 20)

Por último, registramos as impressões que o intelectual Sílvio Romero, residente em Juiz de Fora entre 1911 e 1912, teve sobre a cidade. Segundo ele, Juiz de Fora era a “Europa dos Pobres”. Ao contrário do que possa parecer hoje em dia, era um comentário muito elogioso. Significava que nas “doçuras do clima de Juiz de Fora, aqueles que não traziam as algibeiras recheadas poderiam gozar de prazeres culturais e climáticos semelhantes aos das capitais européias d’além-mar.”¹⁶² De fato, além da vocação industrial, Juiz de Fora era muito conhecida como um centro cultural importante. Havia uma rica diversidade de opções culturais entre teatro, concertos, exposições de arte, estreias cinematográficas (SILVA, 2002). Vale também ressaltar que a Academia Mineira de Letras fora ali fundada, e não na capital, como acontece de praxe.

Discorreremos sobre a característica urbana e vanguardista da cidade de Juiz de Fora, contrastante com ruralidade do estado de Minas Gerais no início do século XX, e também sobre a característica metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, então capital do país. Fica bastante clara a referência urbana do território em que se baseia nossa pesquisa. Falemos agora da população.

Como já vimos, Juiz de Fora recebeu uma grande quantidade de imigrantes entre o fim do século XIX e o início do século XX, em sua maioria italianos, mas não somente. Da mesma forma, o Rio de Janeiro, na qualidade de capital, era uma cidade rica etnicamente. Não é difícil imaginar que nas primeiras décadas do século XX deviam ser percebidos muitos efeitos que o contato de línguas proporciona, sobretudo empréstimos, *code-switching* e convergência. Como sabemos que hoje o PB é amplamente predominante nessa região, podemos dizer que através das interferências linguísticas entre os imigrantes houve mudança induzida pelo contato, tais como as que descreve Thomason (2001). Entre os italianos, é plausível admitir que o efeito denominado Familiaridade passiva (*passive familiarity*) deve ter sido bastante comum, dado ao parentesco entre as línguas dos imigrantes italianos e o PB, todas descendentes do latim. Naturalmente, era questão pragmática, afinal havia a necessidade de se adaptar à nova sociedade.

Natural também era a formação de associações cujo escopo era reunir cidadãos das mesmas origens. Assim temos tanto no Rio de Janeiro como em Juiz de Fora, Clube Sírío e Libanês, Associação Portuguesa e a *Casa d’Italia*, para citar alguns. Essas associações eram

¹⁶² ROMERO, Sílvio, **Prefácio**. In: ESTEVES, Albino, **O teatro em Juiz de Fora**, Juiz de Fora, Typographia d’O Pharol, 1910, p. 11

possivelmente criadas a partir de redes sociais, mas certamente estimulavam a formação de novas redes sociais e/ou CP, de acordo com a necessidade encontrada. Clubes recreativos, associações de mútuo socorro, associações de beneficência, todos criam um ambiente propício para a formação de uma ecologia própria. As interações entre os membros dessas redes, o espaço ocupado (as sedes das associações) e a língua usada, com tudo o que lhe é subjacente constituem uma ecologia que merece ser estudada à luz da linguística ecossistêmica. Gomes (2015) considera essas relações ao apontar a importância dos estudos de redes sociais para a Ecolinguística.

5.1.3. Interação - significação

Creemos ser consenso entre estudiosos que quase toda palavra ou expressão é polissêmica. Vale dizer que os significados dependem do contexto em que os enunciados são proferidos. Além disso, devemos considerar também a capacidade individual de entendimento, que difere de um para outro. Existe, entretanto, uma práxis social que permite um entendimento comum. Essa práxis está vinculada ao meio social e, com frequência, à CF.

O modelo de matriz semântica de Bang & Døør (2015, p. 67) sugere a existência de “quatro constituintes semânticos que constroem e condicionam” o uso da língua. É uma proposta para uma teoria dialética e ecológica da linguística. Os quatro constituintes são *social sense*, *individual meaning*, *social import* e *personal significance*¹⁶³. Os constituintes partem, em um eixo horizontal, de uma semântica universal para a semântica particular, e em um eixo vertical de um contexto geral para um contexto específico.

Para exemplificar, o significado aceito socialmente, o *social sense*, é aquele que serve à Comunidade de Língua (CdL)¹⁶⁴. É um parâmetro e estão ligadas a um contexto geral e a uma semântica ‘universal’. Já o entendimento pessoal de uma palavra ou expressão é individual e isso é que difere um indivíduo de outros; é que o identifica como um ser pensante e não uma máquina (BANG & DØØR, 2015, p. 68). No entanto, há suficientes semelhanças

¹⁶³ Preferimos deliberadamente usar os termos no original em inglês. A versão do artigo traduzida ao PB apresenta os seguintes termos, respectivamente: sentido social, significado individual, sentido social e significação pessoal.

¹⁶⁴ Falaremos à frente mais especificamente sobre Comunidade de Língua em comparação a Comunidade de Fala, de acordo com Couto (2016; 2016b). Em linhas gerais, Comunidade de língua é aquela que abrange todas as variedades de uma língua. Por exemplo, a Comunidade de Língua portuguesa, que compreende todos os falantes de português como L1 no mundo.

entre esses significados (individuais) que permitem uma conversa entre duas pessoas, mesmo que de CF diferentes. Os autores esclarecem:

O significado individual é (i) relativamente invariável por um período longo na minha história pessoal e (ii) relativamente invariável em situações diferentes em tempos e lugares diferentes. O sistema dos meus significados individuais está, portanto, em uma relação dialética com meu *topos*. De certa forma, o meu significado individual de algumas palavras-chave, de alguns textos-chave determina a minha personalidade e co-determina a minha identidade social (BANG & DØØR, 2015, p. 68).

Couto (2016b, p. 64) ratifica essa proposição afirmando que o significado das palavras só existe na CF, ou mais do que isso, nos AIC onde são empregadas, ressaltando que existe o que ele chama de base comum, um significado ligado à CdL, corroborando assim com Bang e Døør. Couto vai além e aponta para a subversão que o significado da palavra usualmente sofre em cada AIC. Até mesmo o significado oposto ao definido pelos dicionários pode ser perfeitamente entendido numa CF. Afinal, o que importa é a eficácia da comunicação.

5.2. A ecolinguística e a linguística ecossistêmica

A Ecolinguística, como imaginada por Haugen (1971)¹⁶⁵, é o estudo das relações entre língua e meio ambiente. Numa definição mais moderna, é o estudo das interações verbais que se dão no interior do Ecosistema Linguístico. A Linguística Ecossistêmica tem esse nome por razões óbvias. A premissa básica da Linguística Ecossistêmica é a existência de um ecossistema, conceito central da ecologia; enxerga a língua como parte do Ecosistema Linguístico. Nas palavras de Trampe (2016, p. 190), “o ponto de partida da abordagem ecossistêmica é a ecologia biológica”. Como na ecologia, este ecossistema consta de uma população (P), convivendo em seu território (T) e interagindo pelo modo tradicional de interagir, ou seja, sua língua/linguagem (L). O Ecosistema Linguístico é composto então por essa tríade: Povo – Língua – Território. Couto (2007; 2009; 2016) a ilustra da seguinte forma:

¹⁶⁵ In: DIL (1972)

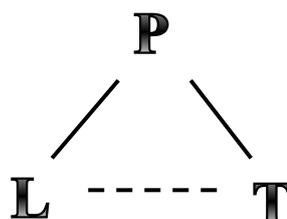


Figura 11 – Tríade de representação do Ecosistema Linguístico

Em poucas palavras, o esquema representa uma população P, que vive no território T e interage através de sua língua L. P tem relação direta com T e com L. Já a relação entre L e T é indireta porque só faz sentido se houver P, o seu mediador. Daí a representação por uma linha tracejada.

Essa, entretanto, é uma visão geral e abrangente do que se quer chamar de Ecosistema Linguístico. De acordo com a perspectiva que se queira dar, ou do ponto de vista adotado, são três os ecossistemas linguísticos: os Ecossistemas Natural, Mental e Social da língua. Eles são associados, respectivamente, aos meios ambientes natural, mental e social da língua. A fusão dos três determina o Ecosistema Integral da Língua (EIL) (COUTO, 2016).

No Ecosistema Mental da Língua, T é mente do falante, L é o conjunto de conexões neurais que dão ao indivíduo a capacidade de comunicação e expressão e P tem a ver com a vontade da pessoa. No Ecosistema Social da Língua, T é a sociedade onde o sujeito está incluído e P é a própria coletividade. Assim, L é a manifestação linguística usada na interação entre os sujeitos na mesma coletividade. No Ecosistema Natural da Língua, T é o território físico (uma aldeia indígena, por exemplo) e P são as pessoas naturais. Essa é a diferença em relação aos outros Ecossistemas. T e P são entidades físicas, naturais (COUTO, 2016). Os três ecossistemas agrupados formam o EIL.

5.3. A internet como território

Todas as definições anteriores são bastante claras para a distinção do que é P, T e L. No EIL, T é uma entidade física, um território, uma área qualquer (de acordo com a delimitação do pesquisador), mas algo natural, concreto, tangível. No entanto, nos últimos 20

anos aproximadamente temos acompanhado uma evolução tecnológica tão acelerada que não podemos nos furtar de analisar o que chamamos de espaço virtual, a internet.

A internet se tornou pública em meados dos anos 90, mas tornou-se popular já no século XXI. O acesso a ela era feito através de linha telefônica, conhecido como ‘acesso discado’. Ademais, o acesso exigia um computador, aparelho que ainda não estava presente em muitos lares. Por tudo isso, quando alguém ligava um computador, este não dava acesso automático à grande rede. As pessoas precisavam ‘entrar’ nela, e posteriormente ‘sair’ dela. Era essa a prática corrente, até mesmo por motivos econômicos uma vez que havia o custo da ligação telefônica durante a permanência na internet.

Com o passar dos anos e o exponencial avanço tecnológico chegamos à fase do acesso à internet em banda larga, operado por empresas provedoras, cujo custo passou a ser fixo mensal, de acordo com a velocidade de acesso contratada. Portanto, quem pudesse ter um computador e uma assinatura de banda larga, ‘entrava’ na internet assim que o computador era ligado, e ‘saía’ no momento em que ele era desligado.

O avanço tecnológico não para e os aparelhos móveis – *tablets* incluídos, inventados nesse ínterim – passaram a dar acesso à internet também, funcionando como computadores de bolso. Tudo isso acontecia paralelamente ao desenvolvimento de softwares e aplicativos cuja função era promover a **interação** entre as pessoas. Assim, ainda nos anos 90 foi desenvolvido um protocolo de comunicação para a internet conhecido como IRC¹⁶⁶ que permitia conversas (chats) através da grande rede; em seguida surgiu o ICQ¹⁶⁷; a Microsoft desenvolveu o Messenger. Surgiram as redes sociais virtuais tais como o Orkut e o Facebook, essas mais gerais e abrangentes e não temáticas, e várias outras mais específicas, temáticas. Ainda dentro do caos organizado do desenvolvimento tecnológico, o SMS¹⁶⁸ se tornou quase obsoleto. Seu custo por mensagem enviada fomentou o surgimento de aplicativos de bate-papo via celular, sendo o Whatsapp o mais popular até o momento. Criados com uma interface mais amigável e atraente do que a do SMS, tinham a vantagem de funcionar através da internet, e não pela plataforma da operadora de telefonia. E para tornar o acesso à internet ainda mais simples, ao longo desse tempo todo apareceu a tecnologia do Wi-Fi, permitindo que a internet se tornasse disponível para diversos aparelhos ao mesmo tempo, em qualquer lugar praticamente. E até

¹⁶⁶ Sigla para *Internet Relay Chat*

¹⁶⁷ A sigla ICQ é uma redução da frase inglesa “*I seek you*”, baseada em sua pronúncia.

¹⁶⁸ Sigla para *Short Message Service*, o serviço de mensagens usado nas linhas de telefone celular.

mesmo as ligações telefônicas passaram a ser realizadas através da grande rede com o desenvolvimento do VoIP¹⁶⁹.

O resultado disso tudo é que já há um bom tempo em que as expressões ‘entrar’ e ‘sair’ da internet já não fazem mais sentido: nós estamos nela o tempo todo. Porém, continuamos a fazer uso de ‘entrar’, ‘sair’, ‘ficar’, ‘permanecer’, verbos que fazem referência a lugares, a localização, quando se trata de espaços virtuais específicos: ‘entramos’ em portais de notícias, em aplicativos de busca, em blogs, em redes sociais virtuais (nas quais muitos usuários permanecem dentro 24 h por dia). E nem chegamos a mencionar os emails, os quais podem ser lidos facilmente no momento em que chegam. É quase outra forma de comunicação on-line.

Ainda dentro do campo semântico, além dos verbos que expressam movimento de ou para um local, fazendo referências a lugares virtuais, temos o uso de advérbios de lugar e dêiticos com correspondência a locais de **interação** virtual. A quantidade de aplicativos para **interação** é muito grande, e as pessoas costumam usar muitos deles. Assim, imaginemos a situação em que alguém, em conversa pelo Whatsapp, afirma ter dito algo ao(s) seu(s) interlocutor(es)¹⁷⁰ e esses não encontram o registro. O falante/escrevente então pode dizer: “mas não foi **aqui** no Whatsapp, foi **lá** no Messenger!”, fazendo uso de advérbios de lugar.

Com tudo isso queremos mostrar que mais do que nunca a internet é um enorme espaço virtual, mas deve ser comparado ao mundo, e não a um lugar específico. Assim como ocorre no mundo real, na internet encontram-se vários ‘lugares’, ‘territórios’. No mundo real esses espaços são físicos, tangíveis; no mundo virtual esses espaços são virtuais, intangíveis. Precisamos aprender a lidar com isso, e certamente deveremos dar conta de ressignificar alguns conceitos. Para os ecolinguistas talvez o primeiro deles seja o conceito de território.

Trazendo os conceitos da Linguística Ecolinguística para o mundo das comunicações virtuais, podemos fazer as seguintes analogias: a Internet, como um espaço por onde circula todo tipo de informação virtual é o mundo virtual. Em outras palavras, podemos comparar a rede de ligações chamada Internet de mundo virtual. Através dela temos acesso virtual a tudo aquilo que há no mundo real, palpável, tangível, com a exceção do contato físico. Por exemplo, posso visitar Paris ou Roma com riqueza de detalhes, mas não posso tocar seus

¹⁶⁹ Sigla para *Voice over Internet Protocol*, sistema que permite a transmissão de voz pela internet.

¹⁷⁰ Mantemos o vocábulo interlocutor por praticidade, embora achemos que ele também deva ser ressignificado a partir do momento em que nesse tipo de interação, escrita prevalentemente, não costuma haver locução.

monumentos, as pessoas, ou almoçar num restaurante e sentir o cheiro e o gosto dos alimentos. Porém, podemos ver coisas, animais, gente, e conversar com pessoas. É como se no mundo virtual ficássemos limitados a dois sentidos, visão e audição, sendo privados dos outros três. Todavia, é perfeitamente possível haver **interação** entre pessoas.

Analisando especificamente cada ecossistema que faz parte do EIL, percebemos que o Ecossistema Mental da Língua permanece inalterado. As interações neurais não mudam, ou mudam somente para se adaptar aos novos tipos de interação. Essencialmente, não há diferença.

O Ecossistema Social da Língua sofre uma mudança de plataforma de interação. Os sujeitos, nos seus diversos papéis sociais, interagem de acordo com o domínio (GUMPERZ, 1982) e esse domínio não precisa ser um espaço real. Podemos retomar os conceitos de ambientes comunicativos sugeridos por Savedra (1994; 2009), ressignificando-os também para que seus conceitos deem conta de incluir os espaços virtuais. Na verdade, os ambientes comunicativos permanecem os mesmos, as interações é que passam a ser realizadas através de outro espaço, o virtual. Por exemplo, as interações no ambiente de trabalho podem acontecer totalmente no espaço virtual (emails, chats...) ou em extensão às que acontecem no espaço real. Nas interações familiares é fácil enxergar essa extensão virtual do espaço real. Portanto, a expressão ‘ambiente comunicativo’ não pode mais ser associada a espaço unicamente físico.

O Ecossistema Natural da Língua, esse sim, é alterado, até porque ele não é natural, no sentido de surgimento espontâneo. Podemos então chamá-lo de Ecossistema Artificial da Língua em contraposição a Natural, assim como estamos considerando o termo Virtual em contraposição a Real. Porém, os sujeitos são os mesmos, a sociedade é a mesma, as línguas são as mesmas, com a diferença de que o registro escrito passa a prevalecer. E como esse registro passa a ser usado em um ‘espaçotempo’ novo (que inclui a aproximação deliberada ao registro oral), ele vem sofrendo variações tais e quais ocorrem com as línguas naturais. O Ecossistema Artificial da Língua acaba por ser uma extensão do Ecossistema Natural da Língua. Foi criado a partir desse último, pode ter certa autonomia, mas não está completamente desvinculado do Natural. O Artificial só existe porque existe o Natural.

As interações neste espaço virtual são uma realidade. São AIC tão importantes e corriqueiros quanto os AIC nos espaços naturais. E possuem regras próprias, uma vez que esses AIC são predominantemente realizados no registro escrito das línguas, com a intenção

de se aproximarem do registro falado. Conseqüentemente, os falantes/escreventes criam formas específicas de escrita para acelerar a comunicação, para retratar sentimentos, enfim, para aproximar o registro escrito ao falado.

O que chamamos de território virtual é esse espaço por onde circulam as interações modernas, não só no Whatsapp, embora esse aplicativo seja bem representativo. Existem outros semelhantes, alguns até com mais funções interativas do que o Whatsapp, mas parece que esse último caiu nas graças do povo (com perdão do clichê). Entretanto é preciso explicar que esse espaço virtual não é tão novo assim. Podemos dizer que interações a distância existem desde a invenção do telégrafo. Claramente, a invenção de Morse permitiu a interação a distância por um espaço virtual. Pouco depois, em 1849, o italiano Antonio Meucci cria o *teletrofono*, o avô do telefone atual, que foi patenteado por Graham Bell. A comunicação oral a distância tornava-se possível. Do ponto de vista tecnológico o *teletrofono* teve grande avanço e chegou aos modernos aparelhos de telefones celulares, com comunicação via satélite. Do ponto de vista interacional esse aparelho não teve grande evolução até meados dos anos 90. Permaneceu uma ferramenta que servia à interação entre duas pessoas, embora mesmo assim pudesse já ser estudada sob o ponto de vista da linguística ecossistêmica, a partir do momento que consideramos duas pessoas como CF mínima. Porém, as interações através de telefones eram apenas muletas que auxiliavam a comunicação. De todo modo, uma comunicação telefônica é um AIC a partir do momento em que há interação comunicativa, mas não ocorre em uma EIC prototípica (COUTO, 2007, p. 110).

A diferença para os dias atuais é bem grande, e nos inspira a pensar nesse espaço virtual como um espaço de **interação**. Couto o chama jocosa ou ironicamente de ‘alhures’, sugerindo inclusive o neologismo ‘alhuridade’ para dar conta das características desse espaço. A parte a brincadeira, creio que seja possível nomear esse espaço. Creio que alhures seja indeterminado demais, pois remete a outro lugar qualquer, sem muita especificação. No nosso entendimento, o caminho é possivelmente análogo ao uso do termo ‘nuvem’, usado para novos espaços de armazenamento de dados fora de nossos computadores e apetrechos eletrônicos. A nuvem, nessas circunstâncias, é um espaço virtual, mas é facilmente imaginável porque podemos ‘enxergá-la’ a partir das ideias que temos sobre a nuvem real, um elemento físico da natureza destacado do planeta, mas pertencendo a ele, e sobre os discos rígidos de nossos computadores, local físico onde armazenamos nossos dados digitais.

Na falta de uma boa definição e também de uma terminologia, vamos adotar neste trabalho o nome de ‘nuvem de interação’ para esse espaço virtual. Nas circunstâncias de análise, o espaço virtual ‘nuvem de interação’ deve ser comparado ao espaço físico (real) ‘planeta Terra’. É importante deixar isso claro porque a nuvem de interação não é uma CF nem uma CdL. Pela analogia proposta, dentro dessa nuvem de interação teremos outros espaços de convivência, mais ou menos restritos, comparáveis a CdL e/ou a CF. Ressaltamos que a proposta da terminologia ‘nuvem de interação’, embora determinada por analogia à ‘nuvem’ de armazenamento remoto de dados digitais, foi também escolhida por ir ao encontro dos anseios da ecolinguagem (MATOS et al, 2014).

A proposta que acabamos de apresentar tem o escopo de sugerir novos rumos para a investigação ecolinguística, dentro da Linguística Ecolinguística, a partir de sua própria premissa e definição. Não há como, a nosso ver, desprezar ou ignorar a realidade das interações modernas, que acontecem nestas nuvens de interação. Parece-nos exageradamente conservadora e pessimista a argumentação citada por Couto (2016, p. 232) de que a globalização tem promovido um esvaimento do modelo P-T-L com o uso frequente do inglês e de que haja uma ausência de T, com as interações apenas virtuais. Ora, interações são interações, virtuais ou reais, continuam sendo interações. Há necessidade de comunhão, de compartilhamento de códigos, de contexto. Em primeiro lugar, não é necessário provar que essas interações não acontecem somente em inglês. Segundo, em vez de ‘ausência’ de T, o que há é uma ‘extensão’ de T, abstrata, não real, mas compreendida como espaço territorial. Não à toa, é corriqueira a expressão “o mundo está cada vez menor”, em alusão à facilidade e rapidez com que sabemos de tudo o que se passa atualmente, em qualquer ponto do planeta, e às vezes até fora dele¹⁷¹. Sabemos perfeitamente que o mundo permanece do mesmo tamanho, a metáfora somente explicita a ideia de que podemos interagir com qualquer pessoa, em qualquer parte de planeta com muita facilidade. Vai muito além das transmissões radiofônicas ou televisivas justamente porque se trata de interação, de relação falante/ouvinte.

Faremos uso da proposta também para analisar o *corpus* colhido nas entrevistas que realizamos. Como não podia ser diferente, e demonstrando que as interações nos espaços virtuais já estão definitivamente incorporadas à sociedade, diversos informantes mencionaram comunicações e interações frequentes através de ‘nuvens de interação’.

¹⁷¹ Como exemplo, astronautas da Estação Espacial Internacional, (sigla ISS em inglês) costumam usar redes sociais virtuais para interagir com o público na Terra.

5.4. O Ecosistema Cultural

Analogamente ao Ecosistema Linguístico, representado por um Povo convivendo em um Território e interagindo através de uma Língua, Couto (2016) define o Ecosistema Cultural formado por um tripé semelhante, e um pouco mais abrangente. Um Povo convivendo em um Território e compartilhando Cultura. A Cultura deve ser entendida como tudo o que o envolve o passado, o presente e o futuro desse Povo nesse Território. No passado está o acervo que sustenta sua identidade; no presente se encontra o seu comportamento atual, todas as práticas e os ‘padrões de ação’; e no futuro estão o planejamento e os investimentos. Sendo assim, o ecossistema cultural corresponde à totalidade de signos da comunidade, ou seja, tudo o que tem significação própria para a comunidade, tudo o que é compartilhado pela comunidade e por ser compartilhado é usado nas interações comunicativas. Gráficamente, é assim representado:

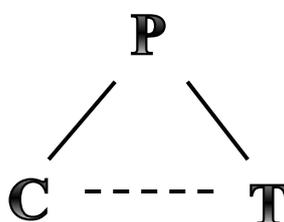


Figura 12 – Tríade de representação do Ecosistema Cultural

Devemos chamar especial atenção para esse modelo. Nosso estudo aborda todas as questões culturais, inclusive a língua. Não por acaso tratamos da transculturalidade e do sincretismo cultural.

A proposta de Couto (2016b; 2016c) para esse modelo considera C como “tudo que P fez, faz e fará”. Em outras palavras, é o acervo que P traz do seu passado “e que garante a identidade do grupo”, o comportamento e modos de agir no presente, e os planos para o futuro, o que inclui a educação das crianças. É evidente que a língua tem parte importante no componente do passado e na manutenção da identidade, mas não é somente ela a responsável pela identificação de P como pertencentes a um mesmo grupo. Há outros elementos também,

materiais e imateriais. O Ecossistema Cultural é composto de cultura material e imaterial (COUTO, 2016c).

Não é difícil discernir o que se entende por cultura material e imaterial. A primeira inclui tudo aquilo que é concreto, tangível. A segunda é, por oposição, o que é abstrato, intangível, mas perceptível (COUTO, 2016c). Construções com estilos arquitetônicos próprios, artefatos e utensílios que carregam a história de um grupo fazem parte da cultura material.

Exemplo pessoal do autor deste trabalho é uma panela de ferro que pertenceu a seus bisavós italianos, passou aos avós, pais e chegou a ele. Embora o pesquisador não tenha conhecido os bisavós, conheceu a história de imigração da família contada pelos avós, adolescentes à época em que imigraram, e a panela funciona como um símbolo dessa história.



Figura 13 – Artefato – Panela de ferro pertencente à família, que atravessou gerações durante mais de 100 anos.

Igualmente, o *Foglio di Congedo Illimitato de 3ª Categoria*, documento oficial de dispensa do serviço militar emitido pelo *Regio Esercito Italiano*, pertencente a seu avô paterno e emitido em 1905, é também um acervo cultural material.

Modello n. 13,
del Regolam. sul Reclutam.
(§ 187).

N. 4-C del Catal.
(R. 1899).

REGIO ESERCITO ITALIANO
MILIZIA TERRITORIALE

Distretto militare di *Belluno*

**FOGLIO
DI CONGEDO ILLIMITATO
di 3ª Categoria.**

Si rilascia a *Gaio Antonio*
figlio di *Martino* e di *Concetta*
nato il *8* *Guigno* 18*83* nel Comune di *Lamon*
Mandamento di *Tourens*
il quale, estrasse il N. *26* nella leva della classe 18*83*
quale iscritto nel Comune di *Lamon* Mandamento
di *Tourens* Distretto militare di *Belluno*,
e fu iscritto alla 3ª CATEGORIA dei **nati** nell'anno 18*84* (1)
A *Belluno* li *4* *Febbraio* 1905.

Per il Comandante del Distretto
L'Ufficiale delegato in 1ª alla leva

(1) Qualunque sia la leva alla quale l'iscritto abbia concorso, sarà sempre qui inteso il luogo di nascita.
NB. — I militari iscritti alla 3ª Categoria possono recarsi all'Estero senza che loro occorra alcuna autorizzazione per parte dell'Autorità militare.

Figura 14 – Certificado de dispensa de incorporação do exército italiano de Antonio Gaio – acervo pessoal

Ambos têm valor inestimável para o pesquisador e seus familiares, mas para outros grupos sociais trata-se apenas de uma panela velha e pouco prática, porque muito pesada, e um documento velho escrito em língua estrangeira.

O exemplo de cultura imaterial mais evidente é a língua, mas há outros. São as manifestações que caracterizam um povo, ou um grupo, tais como danças, modo de agir, tradições, festas etc.

A esse ponto já podemos refletir sobre a atribuição que Couto dá a C na tríade proposta para o Ecosistema Cultural: “tudo o que P fez, faz e fará”, ou seja, passado, presente e futuro traduzidos pelo verbo fazer em forma de ação e de comportamento. Se o passado é representado pelo acervo que garante a identidade do grupo, é natural pensar na transmissão desse acervo como condição de manutenção de identidade. Podemos dividir C em três partes, C₁, C₂ e C₃, representando respectivamente o passado, o presente e o futuro de C. Temos então que o índice de transmissão de C₁ a C₂ e de C₂ a C₃ é diretamente proporcional ao grau de manutenção de C. Neste trabalho não pretendemos atribuir valores a esses dados, mas o certo é que devemos entender que quanto mais transmissão há, mais conhecida e consolidada é C. Outro ponto que pode ser discutido é o peso que se possa dar à cultura material e imaterial na transmissão e na consequente manutenção cultural. Uma panela de ferro que pertenceu aos ancestrais, tangível e concreta, remete mais ou menos à sua cultura do que a língua falada por eles, intangível e abstrata? Se a língua é o componente mais importante da cultura de um povo, como afirma Couto (2016c), cremos que a transmissão linguística teria um peso maior na manutenção dos hábitos culturais.

Prosseguindo com os conceitos propostos pelo mesmo autor, dentro de tudo que compõe a cultura podemos separar a língua de um lado e os fatos e objetos de outro. Nas palavras de Couto (2016b, p. 66), “o primeiro de todos os ingredientes da cultura é a língua”. Já os fatos se subdividem em:

- **Naturofatos** – tudo aquilo que é da natureza e simboliza de alguma forma um povo, tal como o Monte Fuji para o Japão, o Pão de Açúcar para o Rio de Janeiro, o Panda para a China;
- **Artefatos** – Todos os objetos construídos pela mão humana e que tem direta relação com um povo ou um grupo. Construções famosas como o Cristo Redentor no Rio de Janeiro, a Torre Eiffel em Paris remetem ao Brasil e à França, mas podem remeter

também às cidades do Rio e de Paris. São símbolos conhecidos. Artefatos podem ser ligados a culturas mais específicas, como o berimbau no Brasil ou *le carte da scopa* (cartas de baralho para o jogo de scopa) na Itália.

- **Mentefatos** – São as crenças e o simbolismo presente em certas atividades, que associam práticas a cultura. São de caráter psíquico, intelectual e emocional. Englobam tudo aquilo que tem relação com a cognição, percepção, sensação, imaginação, memória, emoção, excitação, depressão;
- **Sociofatos** – Podem ser entendidos como algumas regras culturais ou comportamentais típicas de determinados grupos. Um exemplo superficial, mas didático, pode ser o respeito que os alemães têm, em regra geral, por horários marcados, ao passo que os brasileiros, igualmente em regra geral, não se importam muito com isso. A questão é de longe muito mais profunda do que simplesmente um rótulo de pontual pra uns e não pontual pra outros, mas ilustra bem que a falta de pontualidade na Alemanha pode ser ofensiva, ao passo que chegar na hora marcada no Brasil pode ser motivo de estranhamento.

Com os conceitos de fatos esclarecidos resta a língua, na composição do que representa a Cultura. Se língua é parte da cultura, é fácil deduzir que o ecossistema linguístico é parte do ecossistema cultural. Retomamos o modelo da tríade do ecossistema cultural com a seguinte configuração, proposta por Couto (2016c).

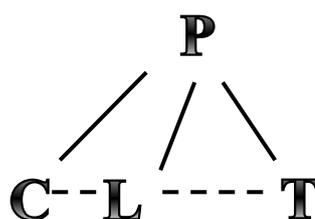


Figura 15 – representação do Ecosistema Linguístico-cultural

CPT é o Ecosistema Cultural; LPT é o Ecosistema Linguístico; C/LPT é o Ecosistema Linguístico-Cultural, que abarca todo o Ecosistema. Essa inclusão tem seis razões bem claras. Nas palavras do autor:

A inclusão do ecossistema linguístico no ecossistema cultural tem muitas implicações. A primeira e mais óbvia é a de que **o povo (P) e o território (T)**

dos dois são os mesmos. A segunda é o fato de que **a língua de um povo é parte da cultura desse povo, é parte integrante dela.** A terceira é que **grande parte da cultura desse povo é de natureza linguística.** Tanto que a maior parte do triângulo do ecossistema cultural é ocupada pelo ecossistema linguístico. A quarta refere-se ao fato de que **tanto um como outro ecossistema são de natureza semiótica.** A quinta consiste no fato de **a língua poder ser veículo de cultura,** ou seja, além de ser parte dela, pode manifestá-la também. A sexta consiste no fato de haver **uma parte da cultura que fica fora do domínio da língua,** justamente a composta pela maioria dos sociofatos, mas praticamente por todos os naturofatos e os artefatos (COUTO, 2016c, sem paginação) (grifos nossos).

A sexta implicação sugerida pelo autor não inclui, como se percebe, os mentefatos. Por serem esses de natureza psíquica, intelectual e emocional é muito difícil desvencilhá-los da língua.

Embora sem as vestes da Ecolinguística ou da Linguística ecossistêmica, Jungbluth (2007) aborda o tema da identidade catalã a partir da chegada de imigrantes na região, que vem transformando a língua dos mais jovens numa variedade denominada por ela de espanhol catalão. Sugere ela que na perspectiva do falante, a percepção da existência do catalão espanhol, que seria uma variedade terciária do espanhol em *status nascendi*, coincide com o amplo uso dele entre os jovens. Em função de toda essa mudança a autora aponta para as diversas maneiras possíveis de se comunicar a identidade catalã, e a língua é uma entre outras. Segundo ela, a identidade catalã não deve mais ser vista no singular, mas no plural (JUNGBLUTH, 2007, p. 94). Seu estudo mostra, em outras palavras, que o Ecossistema Cultural Catalão em Barcelona vem sofrendo alterações e se adaptando aos novos tempos e a língua é reflexo dessa adaptação, o que nos leva a refletir também sobre a proposta de Mufwene (2004; 2008), que compara línguas a espécies biológicas: há competição, seleção e adaptação.

O que deve ficar claro até esse ponto é que a tríade C/L-P-T situa L dentro do Ecossistema Cultural, o que vale dizer que um povo pode perder a sua língua sem perder a sua cultura na totalidade, mas não pode perder sua cultura sem perder a sua língua.

Por fim, somente a título de explanação e esclarecimento, os ecossistemas culturais podem ser divididos em dois tipos, os Ecossistemas Culturais Rurais e Ecossistemas Culturais Urbanos, conceitos auto-explicáveis. Neste trabalho tratamos somente do Ecossistema

Cultural Urbano, mas deixamos claro que essa divisão não é estanque nem excludente. É perfeitamente possível que num Ecosistema Cultural Urbano haja elementos linguísticos e culturais rurais e vice-versa.

O contexto de nosso estudo é de imigração italiana. Portanto, além do PB, tratamos da introdução de línguas alóctones em determinado território, o que provocou CL. Podemos, para simplificar, dizer que houve contato entre o italiano e o PB, mas a coisa não ocorreu dessa forma. Como já apontado por Gaio (2013), os imigrantes italianos que aqui chegaram eram dialetófonos e somente poucos deles falavam a língua oficial da Itália. O contato linguístico aconteceu entre as várias línguas faladas pelos próprios imigrantes e o PB¹⁷². Mas qual PB? Seguindo, por coerência, a definição proposta pela Linguística Ecológica, vamos considerar três dialetos no Brasil: o urbano, o rural e o estatal. O dialeto urbano é aquele falado nas áreas urbanas; o dialeto rural¹⁷³, por sua vez, o falado nas áreas rurais; por fim, o dialeto estatal, aquele imposto pelo Estado (COUTO, 2016c). Esse último não é língua de ninguém, é um parâmetro normativo de balizamento que tem o objetivo de alcançar um mútuo entendimento entre os cidadãos do mesmo Estado, no caso o Brasil.

Da mesma forma que definimos dialeto rural em contraposição a dialeto urbano, cujos ecossistemas linguísticos são respectivamente rurais ou urbanos, temos por extensão ecossistemas culturais rurais e urbanos. Salientamos aqui a não existência de ecossistema estatal – seja linguístico ou cultural – para atender ao dialeto estatal. A partir do momento em que o dialeto estatal é uma abstração, uma língua artificial que serve de referência a uma suposta unificação linguística nacional, não faz sentido falar de ecossistema estatal. O dialeto estatal não é língua de ninguém, portanto não é meio de interação regular em nenhum ecossistema. Embora seja uma questão discutível, partimos da premissa de que se eventualmente houvesse interações em dialeto estatal estas não seriam práticas de interação ecossistêmicas tais como as que ocorrem em CF¹⁷⁴. O dialeto estatal, na condição de artificial, não pode ser entendido como parte de um sistema língua-mundo (TRAMPE, 2016). Não é

¹⁷² É importante frisar que havia imigrantes de outras partes do mundo, falantes de outras línguas que não o PB. Portanto, é lícito imaginar que houve outros contatos.

¹⁷³ Não estamos de forma nenhuma afirmando que nas áreas rurais brasileiras o dialeto rural é o mesmo. Certamente que não. Porém, como afirma Couto (2016b, p. 57) “os dialetos rurais brasileiros apresentam uma notável semelhança, a ponto de não haver grandes problemas de comunicação entre seus falantes, do Oiapoque ao Chuí”. Ademais, os dialetos rurais não estão no escopo deste trabalho pois que trabalhamos com áreas urbanas.

¹⁷⁴ A partir do momento em que consideramos a existência de um dialeto estatal, é possível admitir interação comunicativa através de seu uso. Daí reputarmos o tema discutível. No entanto, como se trata de uma artificialidade, ele não pode existir em ambientes naturais, somente em ambientes artificiais, como a escola, por exemplo.

produto de experiências naturais. Ao contrário do que acontece nos sistemas língua-mundo naturais, em que a língua vernacular é construída a partir de experiências (TRAMPE, 2016, p. 55), o dialeto estatal é um construto artificial com objetivo específico¹⁷⁵.

As CF de que tratamos neste estudo se incluem no grupo dos dialetos urbanos. Trabalhamos com grupos de imigrantes e descendentes (principalmente) que ocuparam território urbano, e que conseqüentemente tiveram contato com os falares urbanos de suas respectivas localidades.

5.5. Comunidades de Fala e Comunidades de Prática

A partir dos conceitos até agora expostos, passamos a definir Comunidade de Fala (CF). Façamos uma breve revisão bibliográfica antes de analisar tal conceito sob a perspectiva da Linguística Ecológica.

Desde que Bloomfield dedicou um inteiro capítulo de seu livro *Language*, de 1933, às ‘*Speech Communities*’ (Comunidades de Fala), o tema vem sendo discutido e nem sempre há acordo entre as suas definições. O conceito laboviano de CF talvez seja o mais referenciado. Em seus estudos, o linguista estadunidense percebe que não é possível distinguir língua de sociedade. A língua deve ser sempre observada em seu contexto social, isto é, se desejamos estudar todos os aspectos estruturais das línguas, eles devem ser sempre vinculados ao contexto social da comunidade de fala onde essa língua é usada, uma vez que “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (LABOV, 2008 [1972], p. 21). Isto posto, resta definir o que determina o pertencimento a uma ou outra CF, e Labov considera que esse limite surge sob duas perspectivas, a do nível consciente e a do nível inconsciente do indivíduo. O nível inconsciente diz respeito a práticas não percebidas, tais como as variações diatópicas, ou as variações por faixa etária. Isso não nos interessa diretamente nesse estudo uma vez que Labov trata de variedades linguísticas da mesma língua, abordando a questão do prestígio, ao passo que nós tratamos de CF nas quais a língua usada é estrangeira. Porém, vale ressaltar que o baixo prestígio da língua falada pelos

¹⁷⁵ Não pretendemos aprofundar esse tema porque ele não nos interessa nesse momento e não interfere no tema dessa pesquisa.

imigrantes foi fator determinante para a sua não transmissão intergeracional. No nível consciente, os falantes de uma CF compartilham os mesmos valores e têm as mesmas atitudes linguísticas. Uma CF “é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à língua” (LABOV, 2008 [1972], p. 188).

Hudson (2001 [1980]) nos propõe interessante discussão acerca do desacordo entre definições de CF, além de nos mostrar a confusão por vezes tomada entre tais conceitos e os de Comunidade Linguística. Segundo ele, ambas as terminologias são usadas para se referirem a uma comunidade com base na língua falada em seu seio. Burke (2010, p. 21), por exemplo, admite que os sociolinguistas têm necessidade da ‘comunidade linguística’ para trabalhar, termo cuja origem vem do alemão *Sprachgemeinschaft* ainda nos anos 20 do séc. XX. Sua abordagem não distingue comunidade linguística de CF, o foco de sua argumentação está na problematização do uso do termo ‘comunidade’.

Ao mostrar as principais definições surgidas desde Bloomfield, Hudson (2001 [1980]) demonstra que essas vão sendo refinadas e aprimoradas ao longo da história, até chegar a Gumperz, em 1968, e Labov, em 1972. O primeiro aponta para a necessidade de haver diferenças linguísticas específicas para que se constitua uma CF, diferentemente das definições anteriores que mencionavam apenas línguas, ou seja, transmitiam a ideia de que CF eram distinguidas por línguas diferentes. Para Gumperz uma CF é qualquer conjunto de seres humanos que interagem entre si através de um conjunto compartilhado de signos verbais (HUDSON, 2001 [1980], p. 25). Diferentemente das outras definições, Gumperz considera algo mais do que somente a língua comum como marca de uma CF: é preciso, haver interação frequente e um sistema de signos verbais comum à comunidade, o que aponta para uma relação mais estreita entre membro e comunidade. O segundo, Labov, que já vimos no parágrafo anterior, enfatiza as atitudes linguísticas como marcas de uma CF (HUDSON, 1980 [2001], p. 25).

Por fim, Hymes (1986 [1972]) vai mais além e aponta para CF como grupos sociais dos quais os membros se sentem parte. Diferentemente das outras definições, seus membros têm consciência de que fazem parte de um grupo social, que são membros de uma comunidade. Uma CF é a condição primária para que se postule a existência de um grupo como entidade social e não linguística. “Inicia-se a partir do grupo social e considera-se todas

as variedades linguísticas ali presentes, em vez de começar com alguma variedade¹⁷⁶, (HYMES, 1986 [1972], p. 54). O mesmo autor define CF como “uma comunidade que compartilha regras de conduta e interpretação da fala e regras para a interpretação de, ao menos, uma variedade linguística. Ambas as condições são necessárias” (HYMES, 1986 [1972], p. 54).

Le Page & Tabouret-Keller (1985) também se referem a grupos sociais que se distinguem pelo modo de falar, além de outras características sociais peculiares, embora não mencionem explicitamente a expressão ‘Comunidade de Fala’ – segundo Hudson (2001 [1980]), os autores a evitam. Da mesma forma que Hymes (1972), os autores sustentam que tais grupos são aqueles nos quais o falante se percebe como parte, e não necessariamente aqueles descobertos (ou delimitados) metodologicamente pelo pesquisador: “indivíduos criam padrões para seus comportamentos linguísticos de modo a se assemelhar ao(s) grupo(s) com o(s) qual(is) de tempos em tempos querem ser identificados¹⁷⁷”. (LE PAGE & TABOURET-KELLER, 1985, p. 18).

O entendimento de Le Page & Tabouret-Keller (1985) nos remete ao conceito de Comunidades de Prática (CP) proposto primeiro por Lave & Wenger, em 1991 e Wenger, em 1998, para organizações sociais, e levado à sociolinguística por Eckert (2000). Wenger (2006 [1998]) define CP como um conjunto de pessoas que se juntam em um grupo em torno de um empreendimento comum. Três são os elementos básicos para a existência de uma CP (WENGER, 2006 [1998], p. 87):

- ✓ Empenho (compromisso/comprometimento) recíproco;
- ✓ Objetivo/empreendimento comum;
- ✓ Repertório comum.

Uma CP não é somente um conjunto de pessoas definido por algumas características comuns. Por isso deve haver um compromisso recíproco entre os membros. Uma CP não é definida simplesmente por quem conhece quem, ou por quem fala com quem numa rede de relações interpessoais através das quais correm as informações. Essa é uma prerrogativa das redes sociais, mas não basta para que haja uma CP.

¹⁷⁶ “*One starts with a social group and considers all the linguistic varieties present on it, rather than starting with any one variety*”.

¹⁷⁷ “*individuals create the patterns for their linguistic behaviour so as to resemble those of the group or groups with which from time to time they wish to be identified*”

O comprometimento recíproco não implica homogeneidade, mas cria relações entre as pessoas. Ao longo do tempo une os participantes com especificidades que podem vir a ser mais profundas do que afinidades abstratas no plano das características pessoais ou das categorias sociais. Nesse sentido, uma CP pode se tornar um nó muito apertado de relações interpessoais.

Repertório é o conjunto de recursos compartilhados pela CP que enfatiza o que foi experienciado por ela, além da disponibilidade de aceitação para novos envolvimento em outras práticas. Estendido ao conceito de Ecosistema Cultural de Couto (2016; 2016b), o repertório é o próprio C da tríade P-C-T (Povo-Cultura-Território). Evidentemente, a língua é parte do repertório comum.

O empreendimento comum é a própria base de sustentação da CP, pois é em torno dele que se criam as CP. Como sugere Eckert (2000, p. 35), é fácil identificar o empreendimento comum que reúne as prerrogativas para o surgimento de uma CP. Por exemplo, uma banda de garagem, uma cooperativa, um grupo de pesquisa. O conceito de CP também é utilizado na perspectiva atual da sociolinguística de contato.

Eckert (2000) aborda a questão da variação linguística como prática social. A autora revê os conceitos de CF e CP para desenvolver estudos sobre *social meaning of linguistic variables* (significado social de variáveis linguísticas), que mais tarde vão dar suporte ao que ela denomina terceira onda no estudo das variações linguísticas (ECKERT, 2005; 2012). A autora retoma o conceito pioneiro de CP, de Lave & Wenger e o estende à sociolinguística.

A primeira onda nasce junto com a própria sociolinguística laboviana, que associava variações a dados sociais (sexo, idade, classe, etnia...). A segunda onda utilizava métodos etnográficos que abarcavam aqueles dados sociais. Ambas enxergavam as variações linguísticas como marcas sociais. A terceira onda enxerga a variação como motivador de mudanças sociais e não apenas reflexo delas. A terceira onda situa ideologia na própria língua, na construção de significado (ECKERT, 2012).

Os estudos das três ondas nos servem apenas para balizar nosso trabalho, uma vez que são voltados à sociolinguística variacionista, assunto não tratado aqui. Entretanto, achamos necessário esclarecer esses pontos, dada a ligação proposta entre CP e sociolinguística.

5.6. A Comunidade de Fala na perspectiva da Linguística Ecológica

A Linguística Ecológica atualiza o conceito de Comunidade de Fala, definindo-a em contraposição a Comunidade de Língua (CdL). Uma CF, em regra geral, é um pequeno ecossistema linguístico no qual há solidariedade e frequente interação entre seus membros. Portanto, uma CF é entendida como tal pelos atos de interação comunicativa entre seus membros (COUTO, 2016b). A CdL, por sua vez, é um ecossistema linguístico que não depende do tamanho do território porque é entendida pelo pertencimento a um sistema linguístico e não pela interação. Os países cuja língua oficial é a portuguesa constituem uma CdL. É axiomática a analogia com a dicotomia Saussuriana *langue/parole* (COUTO, 2016b, p. 51). Ainda nas palavras do autor (2016b, p. 48), uma CF “é o ecossistema linguístico por excelência” por ser comparável ao ecossistema biológico. A CF pode ser delimitada pelo pesquisador de acordo com o viés de observação que esse adote ao passo que a CdL não tem essa prerrogativa. Assim, o pesquisador tem liberdade de definir a CF sob sua investigação de acordo com o que pretende observar. A CF máxima pode ser a própria CdL. Se pensarmos numa pesquisa histórica da evolução da língua portuguesa, o investigador poderá definir a CdL portuguesa como a sua CF objeto do estudo. De outra parte, a CF mínima é um diálogo entre duas pessoas, desde que façam parte de ecossistema linguístico comum. Resumidamente, a CdL é o ecossistema linguístico visto da perspectiva do sistema e a CF é o ecossistema linguístico visto da perspectiva dos atos de interação (COUTO, 2016b). Tais definições têm como base os conceitos de *‘speech field’* (área de fala) e *‘language field’* (área de língua), que “podem ser definidos como a gama total de comunidades dentro das quais um indivíduo que conheça as variedades e regras de fala esteja potencialmente capacitado a se mover comunicativamente¹⁷⁸” (HYMES, 1986 [1972], p. 55). Da mesma forma que Couto (2016), também Hymes (1986 [1972]) já apontava para a maleabilidade da delimitação da CF, pois

a CF de um indivíduo pode ser, efetivamente, uma localidade, ou uma parte dela; a área de língua do indivíduo será delimitada pelo repertório de variedades desse mesmo indivíduo; a área de fala pelo seu repertório de padrões de fala¹⁷⁹ (HYMES, 1986 [1972], p. 55).

¹⁷⁸ “can be defined as the total range of communities within which a person's knowledge of varieties and speaking rules potentially enables him to move communicatively”.

¹⁷⁹ “one's speech community may be, effectively, a single locality or portion of it; one's language field will be delimited by one's repertoire of varieties; one's speech field by one's repertoire of patterns of speaking”.

Sob a denominação de Comunidade Linguística, Burke (2010, p. 21) também menciona a sua flexibilidade. O termo Comunidade Linguística “é empregado para se referir ao grupo – que pode ser tão grande quanto a França ou tão pequeno quanto uma família – no qual uma determinada língua ou variedade linguística é compreendida”.

Novos conceitos acerca de CF têm sido introduzidos nos estudos ecolinguísticos, de acordo com as características dos grupos de indivíduos que as formam. Uma CF simples se contrapõe à complexa. A primeira é monodialetal e/ou monolíngue; a complexa é bi/multilíngue e/ou bi/multidialetal. A CF pode ser também compacta, quando seus membros vivem em proximidade espacial, ou difusa, quando os membros estão espalhados pelo território. Na compacta a interação e a comunicação são facilitadas pela proximidade dos indivíduos (COUTO, 2016b, p. 51-52). Nesse sentido, precisaremos refletir e talvez ressignificar esses conceitos levando em conta o novo espaço de interação que denominamos de nuvem de interação. Nesse novo espaço virtual temos um modelo de interação que permite que pessoas localizadas nos quatro cantos do planeta interajam facilmente e assiduamente, caso desejem. Portanto, podemos ter em certos casos uma ‘CF difusa compactada’, no sentido em que os indivíduos podem estar espalhados por todo o planeta (e até fora dele) e o espaço físico entre eles pode ser enorme. Todavia, a nuvem de interação lhes confere uma grande proximidade virtual.

É interessante perceber a integração entre os ecossistemas natural, mental e social quando o território de interação é o virtual. Como dissemos anteriormente, as conexões neurais que dão ao indivíduo a capacidade de comunicação e expressão não se alteram, mas se adaptam e transmitem ao indivíduo a sensação de proximidade com os interlocutores, os quais possivelmente fazem parte do mesmo ecossistema social e/ou natural.

Prosseguindo com os novos conceitos propostos por Couto (2016d), podemos ter também as CF efêmeras ou permanentes. As primeiras, aquelas que se formam por motivos pontuais, particulares, e tendem a desaparecer assim que o motivo que as uniu desapareça. As CF permanentes, como o próprio nome diz, são duradouras. À semelhanças destas, podemos ainda ter as CF sedentárias e nômades. Em alguns aspectos as sedentárias se assemelham às permanentes e as nômades às efêmeras, mas há diferenças. Tomando o exemplo do autor, um acampamento de Sem Terra é uma CF efêmera, mas não exatamente nômade.

Salientamos aqui mais uma vez a necessidade de aprofundar estudos nos espaços virtuais, as nuvens de interação. Por observação empírica, percebemos que as CF efêmeras abundam nesses espaços, embora verifiquemos também a presença de CF permanentes. Nossa hipótese é a de que esses espaços facilitam – e muito – as interações entre indivíduos, fomentando por isso o surgimento de diversas redes sociais, o que permitiria o surgimento de muitas CF. Porém, da mesma forma que surgem se esvaem, dada a simplicidade que o indivíduo tem de se destacar de qualquer grupo, de optar por não mais fazer parte desses grupos sociais sem traumas. Igualmente, os grupos podem banir alguém de um grupo com dois ou três cliques. Talvez seja esse um interessante percurso de estudo: buscar a compreensão do comportamento humano nesses novos espaços através das práticas linguísticas e culturais adotadas.

Repetimos que ignorar ou desprezar esses espaços é contraproducente. Eles existem e são cada vez mais preenchidos. A questão está nas nossas atitudes. O senso comum acredita que as interações nesses novos espaços estão isolando as pessoas umas das outras¹⁸⁰. Essa ideia é paradoxal porque vivemos em um tempo em que, graças a esses espaços, interagimos muito mais frequentemente, e com mais pessoas. Como disse o linguista português Rui Manuel do Nascimento Lima Ramos em recente evento acadêmico, durante conversa particular conosco, qualquer pessoa sempre pode se isolar de outra, evitar troca de olhares, evitar conversas. Os modernos apetrechos eletrônicos que nos permitem fazê-lo com facilidade são somente mais um dos muitos objetos que usamos como justificativa. Mudam os objetos, permanecem as atitudes. Antes dos celulares, se uma pessoa não estivesse disposta a conversar, por exemplo, num ônibus, ou num consultório médico, bastava para isso simular a leitura de um livro, ou de uma revista. A atitude é que provoca o isolamento ou a conjunção.

6. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Antes de iniciar nosso trabalho de campo havíamos planejado executar uma pesquisa que nos tivesse permitido uma análise de resultados quali-quantitativa. A parcela quantitativa teria como base os resultados de uma enquete sociolinguística, aplicada nas redes sociais que havíamos imaginado encontrar. As redes que por observações empíricas vislumbrávamos

¹⁸⁰ Couto chama esse isolamento de Descomunhão, que seria a antítese da Comunhão (cf. 5.1.1). Sugerimos a leitura de seu texto a respeito do tema em <http://ilinguagem.blogspot.com.br/2015/09/descomunhao.html> (última visita em 30/03/2017)

encontrar seriam formadas por italianos imigrantes, seus filhos, netos, bisnetos que entendíamos mantivessem contato estreito por razões afetivas que os unissem pela história familiar comum. Para a identificação dessas redes nos propusemos a entrevistar os líderes de quatro associações diretamente relacionadas à italianidade. Nosso escopo era entender o funcionamento de tais associações com o intuito de investigar se elas *per se* pudessem constituir as próprias redes, ou ainda CP. Dessa forma identificaríamos os âncoras, e, a partir deles, identificar os membros das redes.

Servimo-nos de Holmes & Hazen (2014) como aporte metodológico fundamental, sobretudo os capítulos dedicados às entrevistas sociolinguísticas (HOFFMAN, 2014, cap. 2) e às Redes Sociais, CF e CP (DODSWORTH, 2014, cap. 17). Esse último foi fundamental na elucidação de algumas questões que envolviam abordagem a grupos.

No período em que nos encontrávamos na Europa-Universität Viadrina em Frankfurt/Oder, Alemanha, entramos em contato com os líderes das seguintes associações:

- Associação Ítalo-brasileira San Francesco di Paola (Juiz de Fora)
- Associação de Cultura Ítalo-brasileira (Juiz de Fora)
- Associação Cultural Grupo de Dança Folclórica Italiana Tarantolato (Juiz de Fora)
- *Circolo Italiano di Petropolis* (Petrópolis)

Este último, apesar da insistência, não respondeu, não obstante seu aceite a responder ao questionário. Posteriormente identificamos que o *Circolo* não é uma associação, com sócios e membros. É uma iniciativa pessoal que busca divulgar eventos culturais na cidade de Petrópolis e notícias relativas a italianos e à Itália através da rede Facebook. A partir disso, foi descartado.

Nas respostas dos três primeiros percebemos rapidamente que apenas o grupo de dança Tarantolato apresenta características de um agrupamento de pessoas com objetivo comum, assemelhando-se mais a uma CP. Havia já indícios de que as redes que buscávamos não mais existissem, uma vez que a principal delas, a Associação San Francesco di Paola não mais funcionava como uma agremiação, ou ponto de encontro. As demais reuniam interessados em língua italiana e dança folclórica, mas seus membros não mantinham relações características de redes densas. A Associação de Cultura Italiana participa de eventos

esporadicamente e organiza viagens entre os estudantes, mas não assiduamente. Além disso, seus membros variam pela própria rotatividade dos cursos de língua. O Grupo de Dança Tarantolato é menos volátil, pois os membros se mantêm por longo tempo. A rotatividade varia de acordo com as necessidades de vida de seus membros. Porém, não há nenhuma exigência ou necessidade de relação com a italianidade para participar do grupo.

Posteriormente, no início de nossa pesquisa de campo, notamos que as imaginadas redes sociais entre italianos e descendentes não mais existem, ou são tão pouco densas a ponto de não se caracterizarem como tais e merecerem uma investigação mais aprofundada. Existem laços familiares comuns naturalmente mantidos. Porém, observamos, ainda que superficialmente, uma retomada de contatos com familiares italianos não imigrantes, a parte da descendência familiar cujos ancestrais não imigraram. E isso se dá através das ferramentas tecnológicas atuais que permitem o surgimento de espaços virtuais de interação bastante simplificados, o que temos chamado de ‘nuvens de interação’.

As orientações de Hoffman (2014) para a abordagem e contato com a comunidade a ser investigada tornaram-se secundárias, pois não havia de fato uma comunidade a ser investigada, mas resquícios daquilo que um dia foi (ou foram) CF. Da mesma forma, se antes buscávamos, além dos traços culturais, relevar traços linguísticos predominantes motivados pelo contato, observamos que salvo raras interferências lexicais destacadas em contextos particulares, a língua dos imigrantes se extinguiu na região, restando o italiano aprendido como LE a alguns descendentes, mas não a ponto de ser usado em contextos que se relacionem com italianidade. Portanto, o problema posto por Hoffman (2014) acerca de métodos de contato com a comunidade deixou de ser relevante. Dessa forma, ainda seguindo a mesma autora, o número de participantes deixou de ser um fator apurador de melhores resultados uma vez que a pesquisa se tornou menos quantitativa para se tornar mais qualitativa.

Apesar da ausência das redes que imaginávamos encontrar, revelou-se que durante cerca de 20 anos havia CF complexas (bi- ou tri dialetais) e difusas tanto em Juiz de Fora como no Rio de Janeiro. A língua predominante era uma variedade do calabrés. Um número considerável de calabreses se dedicou ao trabalho de distribuição de jornais em bancas, o que os fazia estar juntos com frequência. Some-se a isso a curiosa constituição de famílias entre parentes, fazendo com que os laços familiares fossem cada vez mais fortes. O estreito contato com os dialetos urbano e estatal, além, é claro de alguns conhecimentos do italiano padrão

fazia com que alguns efeitos do CL pudessem ser observados pelos informantes descendentes, tais como *code-switching*, *code alternation* e *passive familiarity* (THOMASON, 2001, p. 131-152). Ao menos esses três efeitos foram relevados através dos depoimentos colhidos, ao comentarem a respeito das práticas linguísticas familiares. Com isso, o suporte da metodologia proposta Dodsworth (2014) nos serviu de apoio para compreender algumas questões centrais que são normalmente usadas em estudos de CF, tais como (DODSWORTH, 2014, pos. 7322¹⁸¹):

- De que maneiras o dialeto local muda ao longo do tempo?
- Os falantes individuais alteram suas formas de falar de acordo com o contexto?

Certamente essas perguntas não puderam ser respondidas diretamente, mas nossos *corpora* apontam para respostas que revelam a existência de tais CF e seu comportamento linguístico. À primeira pergunta não podemos responder com traços linguísticos específicos, tal como Labov o fez, mas com a extinção do uso e não transmissão intergeracional; à segunda pergunta respondemos que sim, os falantes da CF alteravam suas formas de falar de acordo com o contexto, mas da mesma forma que na primeira pergunta, a resposta não envolve traços linguísticos específicos, mas se refere a mudança interlinguística, de acordo com o ambiente comunicativo e com os interlocutores.

Em vista dessas dificuldades encontradas, valemo-nos também do aporte metodológico proposto por Puskás (2009), em sua tese de doutorado. A autora pretendia comparar uma minoria territorial com uma minoria não territorial, ambas com as mesmas origens etnoculturais húngaras. Ela então percebeu que a comparação de casos poderia incorrer em problemas que envolveriam etnicismo e nacionalismo, o que “poderia resultar em etnicismo metodológico, racismo metodológico e nacionalismo metodológico¹⁸²” (PUSKÁS, 2009, p 62). Esse tipo de estudo comparativo entre grupos levaria certamente ao entendimento de que grupos são uniformes e homogêneos, como se o comportamento de um e de outro fosse padronizado. No caso específico de seu trabalho, é como se a hungrianidade fosse uma propriedade de grupos bem definidos. Sabemos perfeitamente que não funciona assim, e a autora não pretendia reforçar a separação do ‘us’ and ‘them’ (‘nós’ e ‘eles’), o que a fez

¹⁸¹ Trata-se de e-book, sem paginação clássica. Em vez de páginas, há posições.

¹⁸² “... result in methodological ethnicism, methodological racism and methodological nationalism”.

enfocar seu trabalho em identificações etnoculturais no que ela definiu contextos de minorias etnoculturais.

A partir do momento em que identificamos o desaparecimento das redes sociais que imaginávamos ainda existir, o direcionamento de nosso trabalho foi reordenado e nossa investigação deu foco ao legado cultural deixado pelos imigrantes italianos, dentro de um ‘contexto das minorias etnoculturais’ como definido por Puskás (2009). Haveria o risco da comparação entre grupos de imigrantes e grupos de descendentes, posto que algumas vezes os próprios descendentes se colocam na posição de ‘nós’ em oposição ao ‘eles’, os imigrantes, mesmo sendo eles ancestrais diretos, como pais ou avós.

Optamos então pelas entrevistas individuais semiestruturadas por acreditar que elas permitem ao pesquisador abordar seu tema de pesquisa de formas diferentes. Vale ressaltar que nossa condição pessoal de descendente de italianos colaborou bastante com a abordagem aos entrevistados por podermos nos colocar como vivenciadores de experiências semelhantes. Entrevistas também contribuem para o entendimento de como os indivíduos percebem e falam sobre etnicidade (PUSKÁS, 2009, p. 66). Essa mesma autora enfocou suas entrevistas individuais no papel que a hungarianidade tem nas vidas dos seus informantes, foco muito semelhante ao dado por nós em nossas entrevistas, uma vez que buscamos entender de certa forma como os descendentes lidam com a italianidade e em que medida essa italianidade exerce influência linguístico-cultural em suas vidas brasileiras.

Nossas entrevistas foram conduzidas na maioria das vezes nos locais de trabalho dos informantes. Em algumas situações preferimos um local público neutro, como um café ou uma praça. Uma entrevista individual somente foi realizada na residência do informante, além do Grupo Focal.

Nosso projeto inicial previa também previa, com ressalvas, a observação participante, o que foi descartado assim que percebemos que não havia nenhum grupo específico de descendentes que mantivessem atividades rotineiras, as quais pudessem ser observadas. Imaginamos que pudesse ser igualmente produtora a realização de Grupos Focais, mas a dificuldade levantada pelos próprios entrevistados em se reunir nos fez repensar essa opção. Entretanto, realizamos um Grupo Focal limitado a uma família. Os participantes eram um imigrante italiano, sua esposa brasileira e seu neto, que vive com os avós. Por simplificação, os sujeitos serão identificados da mesma forma que os entrevistados, sendo que a esposa

brasileira foi excluída da lista por não fazer parte da seleção de sujeitos programada. Da mesma forma que Puskás (2009) fez com seus entrevistados, cujo passado ‘húngaro’ era obrigatório, nossos informantes foram selecionados tendo como ponto comum seu passado ‘italiano’. Daremos mais detalhes em 6.2.1.

Utilizamos mecanismos de abordagem que trouxeram à tona a transculturalidade dos sujeitos envolvidos, manifestada pelas peculiaridades inerentes à cultura trazida pelos ancestrais que penetram na vida cotidiana dos sujeitos, fazendo-os perceberem-nas como parte de suas vidas, sem considerarem-se italianos *de facto*. Todavia, a indelebilidade dessas marcas, manifestadas de diferentes maneiras, todas elas demonstrando certo orgulho da própria história de vida familiar, os definem como brasileirítalos, terminologia que substitui a informalidade da categoria de condição herdada, italianos, e a formalidade da categoria hifenizada, ítalo-brasileiros¹⁸³, que já não atende à realidade porque enfatiza o componente italiano em detrimento do brasileiro, certamente mais forte entre os descendentes.

Como complemento ao *corpus* implementamos questionários por escrito a líderes de Associações que funcionam em torno da italianidade, três deles identificados em Juiz de Fora e um identificado em Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro. Nosso escopo, nestes casos era identificar possíveis ou potenciais CP. Os questionários foram elaborados com perguntas diretas para serem respondidas e enviadas por email. As perguntas tinham foco na identificação de grupos mobilizados em CP, uma vez que se trata de Associações existentes em função de italianidade. Isso, no entanto, não é suficiente para que se constitua uma CP, que tem seus requisitos próprios, como vimos em 5.5.

6.1. O pré-teste

6.1.1. Seleção dos sujeitos e aplicação dos instrumentos

Nossa pesquisa tem um eixo geográfico bem delimitado, que nos constringe a buscar informantes que vivem neste espaço. Porém, como a prerrogativa mais básica da pesquisa é a ascendência italiana dos informantes, entendemos que um teste pudesse ser aplicado a qualquer descendente de italiano. Refletindo mais profundamente, acreditamos que haja aspectos bastante interessantes nessa escolha, pois poderíamos identificar traços, marcas

¹⁸³ A respeito de condição herdada e categoria hifenizada, Cf. Lesser (2015, p. 29)

linguísticas e culturais, comuns a descendentes de italianos, independentemente da região ou da localidade em que se estabeleceram, sempre, é claro, que fosse no Brasil. Não nos esqueçamos de que o propósito deste trabalho é diretamente ligado à formação da população brasileira.

Sendo assim, o sujeito escolhido para o pré-teste é paulistano e tem 50 anos de idade, o que reúne características que abrangem uma gama de situações semelhantes. Além de ser nascido em São Paulo, cidade bastante conhecida por ter recebido expressivo número de imigrantes italianos, sempre viveu em ambiente urbano e na sua infância seu ambiente familiar era “todo italiano”, como ele mesmo diz, rodeado por italianos, filhos e netos de mais de uma família. É casado, não tem filhos, tem escolaridade de nível superior, tem dupla cidadania (brasileira e italiana) e foi identificado, de acordo com o critério adotado, como SP01M¹⁸⁴.

O pré-teste consistia em entrevista semiestruturada, seguindo um roteiro mais ou menos livre, mas que abordasse o que temos chamado de grau de italianidade. Vale dizer que buscávamos entender em que medida o legado linguístico e cultural de seus ancestrais italianos exerceram influência no seu *modus vivendi*. A longa entrevista teve a duração de 1 h e 37 min e nos serviu de balizamento também para o tempo a ser dispendido com as demais. Houve diversos momentos em que a prolixidade tomou conta da conversa, o que foi corrigido para as entrevistas finais. Um dos motivos do excesso de prolixidade foi a excessiva participação do entrevistador. Como este tem um passado igualmente de ascendentes italianos, a estratégia de se aproximar do informante por empatia com comparações a semelhantes situações vividas careceu de calibração para que o entrevistador não se tornasse o entrevistado.

Para a gravação foi usado o aplicativo *Supernote*, produzido pela *Clear Sky Apps*, instalado em um tablet do tipo *iPad*, fabricado pela *Apple Inc*.

6.1.2. Análise dos resultados do pré-teste

A primeira informação importante relevada na entrevista foi a sua situação familiar. O informante é bisneto de italianos por parte de pai, mas oficialmente é neto uma vez que seu

¹⁸⁴ O critério de identificação será detalhado em 6.2.2

pai fora registrado como filho dos avós e não dos próprios pais. É uma questão familiar, não é relevante detalhá-la. Sendo assim, o pai do informante é oficialmente filho de um casal de italianos, mas na verdade é neto desse mesmo casal. Seus vínculos diretos com ascendentes italianos são poucos, uma vez que esses bisavós são os únicos italianos na família. Entretanto, sua vida até os oito anos de idade era envolvida por outras famílias italianas. Em suas próprias palavras, havia um grupo grande de ‘italianos’¹⁸⁵, que vivia em proximidade e eram muito íntimos a ponto de todos se considerarem primos e tios, e se chamarem assim até hoje.

A partir disso a maior constatação é a existência de uma rede social aparentemente bastante fechada, que servia a um suporte mútuo. Redes como essas foram relevadas também em todas as entrevistas que compõem nossos *corpora*. O informante relembra que essas famílias que formavam esse grupo se frequentavam uns aos outros de forma muito íntima. Os seguintes excertos identificam essas redes criadas por imigrantes:

“Quando as famílias vieram da Itália, independente delas serem parentes ou não, elas se juntavam. Então, a gente tinha na nossa família, por exemplo, além de [seu sobrenome], tinha os [outro sobrenome]. E tinham outras famílias que praticamente formavam um grupo, onde que natais, ano novo etc. ou outras datas comemorativas eles vinham tudo em casa. Então formava aquela festa louca, tinha carteadado, tinha jogatina...”

“Naquela época era todo mundo junto. (...) A minha concepção até os oito anos de idade eu sentia que era, como se fosse uma união só. (...) Eram muito unidos, era um grupo. Era um grupo que vivia assim, um na casa do outro... Até finais de semana...”

“Eu tenho primos por conveniência. Naquela época o meu pai tinha muita amizade... Meu pai era engenheiro e tinha amizade com outro engenheiro que era de uma família chamada [sobrenome italiano]. E eles viviam juntos. Então, os meus finais de semana às vezes eu passava na casa deles como também o vice-versa (sic). Então era uma coisa muito próxima, era uma ligação muito próxima”.

¹⁸⁵ Como eles se autodenominavam. A esse respeito, Cf. Lesser (2014, p. 29)

O trecho da entrevista aqui mostra como o informante entende a formação dessas redes. Para ele, os hábitos são importantes. Evidentemente, ele fala de aspectos culturais, costumes similares. O entrevistador provocou a pergunta sobre a língua, se ela é considerada fator importante para que semelhantes de unam. (E = entrevistador; I = informante)¹⁸⁶

I: É como quando você sai do seu país e vai pra outro país e mantém algumas relações por conveniência. Ou por... Como é que se fala...

E: Segurança talvez?

I: Talvez. Talvez. Talvez.

E: O que você acha, assim... você encontra um semelhante (de mesma nacionalidade), por exemplo...

I: Com certeza nacionalidade. E também hábitos.

E: Língua também?

I: Língua também. Todos falavam italiano. Meu pai, por exemplo, aprendeu italiano de criança.

E: Em casa?

I: Aprendeu em casa, junto com minha avó, que ela falava, e meus bisavós. Também falavam italiano.

A esse ponto notamos a ruptura da transmissão linguística intergeracional. Observemos o seguinte excerto:

I: Minha mãe relatava, isso já... Uma coisa que, pra mim, eu nem me lembro... Na época... porque com certeza eu só aprendi a falar o português. Mesmo. E meu pai também deu muita ênfase pra isso. Pra falar o português, pra seguir colégio, não sei o que...

E: Seu pai não se importava então de...

I: Não... de eu falar o italiano. Ele poderia até, tipo assim, ensinar se fosse o caso, mas nunca...

¹⁸⁶ Essa legenda será mantida ao longo de todo o trabalho.

A entrevista prosseguiu depois com relatos acerca da ruptura dos laços com os familiares. Aos oito anos de idade seu pai faleceu e sua mãe, que não tinha origens italianas, teve que se transferir para outra cidade. Ele sentiu bastante essa mudança e a perda de contato com os ‘primos’ e o restante da família. Entretanto, nunca se esqueceu dessas origens e assim que se tornou maior de idade buscou o reconhecimento de sua cidadania italiana.

Veremos a seguir os depoimentos constantes em nossos *corpora* e veremos semelhanças com os depoimentos do nosso informante do pré-teste. A formação de redes sociais e a ruptura da transmissão linguística são traços comuns encontrados, bem como a valorização da própria italianidade.

6.2. A coleta dos dados definitiva

6.2.1. Seleção dos sujeitos

Embora como já vimos as redes imaginadas não mais existissem, a identificação dos sujeitos que formaram os *corpora* de nossa pesquisa teve base também nos estudos de Redes Sociais. Nossa premissa era a de que as redes existiram em algum momento, e foram importantes no estabelecimento e na fixação dos imigrantes no Brasil.

Como já vimos, a Rede Social de um indivíduo é o conjunto das relações contraídas por ele com outros indivíduos (MILROY, 2003, part. III, cap. 22, p. 1). A ‘Análise de Redes Sociais’ (ARS) analisa as diferentes estruturas e propriedades dessas relações. O modelo de ARS adotado pelos variacionistas foi aquele desenvolvido pela antropologia nos anos 60, mas não há até hoje um procedimento canônico de ARS que possa servir de modelo ideal.

Mitchell (1973, p. 22 *apud* Bortoni-Ricardo, 2011, p. 84) afirma que uma rede social é “basicamente pensada como o conjunto real de vínculos de todos os tipos no interior de um conjunto de indivíduos”. Um postulado fundamental na Análise de Redes proposto por Mitchell (1986, p. 74 *apud* Milroy, 2003) é o de que os indivíduos criam comunidades pessoais que lhes dão sustentação para resolver os problemas cotidianos. Essas comunidades são constituídas por relações interpessoais de maior ou menor força. Pode-se compreender, então, que fatores como afinidade, liderança, e outros similares podem fazer com que alguns

indivíduos tenham ligação mais estreita e/ou mais forte com vários membros da comunidade. Esses indivíduos são chamados de ‘âncoras’ das redes.

Bortoni-Ricardo (2011) resume alguns conceitos aplicados às redes como os de Milroy & Milroy (1985) acerca dos tipos Uniplex e Multiplex. As redes Uniplex são menos densas, os vínculos entre duas pessoas se limitam a apenas uma capacidade, como por exemplo a relação patrão/empregado. Já as chamadas Multiplex são mais densas e consistem em redes onde os vínculos entre os membros são mais estreitos, em mais de uma capacidade. Além desses conceitos, a mesma autora cita os de Barnes, de 1954, baseados na distinção entre sociedades rurais e sociedades urbanas. Barnes se vale das expressões ‘*small mesh*’ e ‘*large mesh*’, traduzidos por ‘tessitura miúda’ e ‘tessitura larga’.

As redes de tessitura miúda são aquelas nas quais muitas pessoas conhecidas de uma pessoa interagem também entre si. Já nas redes de tessitura larga acontece o oposto, as ligações são mais fracas. As pessoas conhecidas de uma pessoa não interagem entre si. É evidente a relação que há entre os conceitos de redes Uniplex, semelhantes às de redes de tessitura larga, e os de redes Multiplex, semelhantes às redes de tessitura miúda.

Com base nos conceitos apresentados acima reconhecemos importância dos ‘âncoras’ nas redes sociais, sejam elas mais densas (ou de tessitura miúda, ou multiplex), ou menos densas (ou de tessitura larga, ou uniplex) pelo fato de serem indivíduos-modelo a serem seguidos, ou líderes.

Para ilustrar como buscamos identificar as redes, selecionamos um exemplo observado na cidade de Juiz de Fora, ponto inicial do espaço delimitado para nossa pesquisa. Nesta cidade, emerge como relevante o grande número de descendentes de italianos originários de uma mesma região, a Calábria, que aparentemente se mostram bastante ligados pelas origens comuns. Observações empíricas evidenciam uma relação de parentesco estreita, além de atividades laborativas comuns, a distribuição de jornais e revistas. Muitos jornalistas da cidade são italianos ou descendentes e, a princípio, se relacionam entre si. Dentro do conceito de rede social que utilizamos no estudo, o contexto descrito parecia evidenciar uma determinada rede social. Logicamente, as redes poderiam ser identificadas em outros universos tais como clubes, igrejas, ambientes de trabalho... Portanto, a partir dessas observações, e a exemplo de Puskás (2009, p. 71), nosso modo de seleção dos sujeitos foi informal, baseando-nos em algum conhecimento prévio acerca da descendência

italiana do sujeito e do seu interesse pela italianidade. No caso específico dos jornalheiros, baseamo-nos na localização conhecida de bancas que pertencem ou pertenceram aos imigrantes e hoje são administradas por descendentes. Diferentemente de Puskás (2009), que selecionou indivíduos que haviam alcançado sucesso profissional em suas vidas, nossa pesquisa não teve nenhuma restrição de natureza socioeconômica.

6.2.2. Aplicação dos Instrumentos

A proposta inicial para os instrumentos a serem utilizados na pesquisa se baseavam na hipótese da existência de redes sociais densas. Porém, como já esclarecemos, essas redes não mais existem, o que nos levou a alterar o planejamento da pesquisa de campo. Havíamos planejado identificar âncoras de redes sociais para entrevistá-los e, a partir dos resultados, elaborar e aplicar uma enquete sociolinguística aos membros dessas redes. O primeiro passo para a identificação desses âncoras foi dado através do questionário enviado aos líderes das associações já mencionadas. A partir de suas respostas percebemos que podem haver CP cujo repertório comum seja a relação com a italianidade, mas as redes, se existem, são fracas. Portanto, desistimos da aplicação da enquete sociolinguística, pois ela seria inócua. Optamos, por outro lado, a estender as entrevistas orais, tanto em quantidade de entrevistados quanto em tempo de conversação.

Como vimos, a primeira parte de nossa investigação constou de três entrevistas em forma de questionário enviadas em documento word por email aos três líderes das associações que envolvem língua e cultura italiana em Juiz de Fora. As respostas aos questionários foram esclarecedoras do ponto de vista da identificação de CP. Foram realizadas por escrito e não tinham como escopo direto aspectos linguísticos.

Nossa pesquisa de campo contou com entrevistas semiestruturadas e um pequeno Grupo Focal, contando no total com onze informantes. Utilizamos o aplicativo *Supernote*, produzido pela *Clear Sky Apps*, como suporte para nossas gravações e registro de imagens. Antes de cada entrevista pedimos aos informantes que preenchessem um brevíssimo questionário¹⁸⁷ com os seguintes dados pessoais: idade, estado civil, naturalidade, nacionalidade, número de filhos e o grau de ascendência italiana. Consideramos ‘italianos’ os

¹⁸⁷ Ver anexo VII

cidadãos nascidos na Itália e emigrados, uma vez que tratamos de imigração¹⁸⁸. Os informantes foram identificados com cinco caracteres alfanuméricos, a saber: iniciais da cidade de origem, número sequencial com dois dígitos da entrevista por cidade de origem e gênero, designado por M ou F. Resumidamente, esse é o perfil dos informantes:

Informante	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Nacionalidade de	Estado Civil	Filhos	Ascendência Italiana
JF01F	31	Pós-graduada	Juiz de Fora	Brasileira	Solteira	-	Avô e avó paternos
JF02M	55	Ensino Médio	Juiz de Fora	Brasileira	Divorciado	-	Pai e mãe
JF03F	67	Superior	Ubá	Brasileira e Italiana	Casada	2	Todos os avós
JF04F	25	Superior	Juiz de Fora	Brasileira e Italiana	Solteira	-	Pai
JF05F	60	Ensino Médio	Juiz de Fora	Brasileira	Casada	-	Avós paternos e mãe
JF06F	52	Superior	Gov. Valadares	Brasileira	Casada	3	Pai
RJ01M	58	Superior incompleto	Rio de Janeiro	Brasileira e Italiana	Casado	2	Bisavós pais do avô paterno
RJ02M	61	Superior	Rio de Janeiro	Brasileira e Italiana	Solteiro	-	Avós paternos
RJ03M	81	5º ano do EM	Portogruaro (VE) - Itália	Italiana	Casado	3	-
RJ04M	22	Superior incompleto	Rio de Janeiro	Brasileira	Solteiro	-	Avô paterno
RJ05M	66	Superior	Rio de Janeiro	Brasileira	Casado	2	Avós paternos

Tabela 3 – Elenco dos informantes selecionados

Paralelamente, executamos pesquisa e análise documental em arquivos públicos municipais e também no arquivo público sob a guarda da Universidade Federal de Juiz de Fora. Peças antigas, documentos, manuscritos são sempre fontes importantes de dados por refletirem a história de uma época. Do ponto de vista linguístico são ricas fontes de pesquisa, os registros escritos, mesmo monitorados pela pressão normativa, costumam indicar efeitos de CL que acabam por retratar as realidades de uma época.

¹⁸⁸ Essa ressalva se deve ao fato de que descendentes de italianos nascidos no exterior têm direito a requerer cidadania italiana pelo *jus sanguinis*.

6.2.2.1. Entrevistas

Realizamos entrevistas semiestruturadas com onze informantes, dez deles descendentes de italianos nascidos no Brasil e um italiano nato. O tempo total de gravação é de 7 horas e 42 minutos, com tempo médio por informante de 42 minutos. Uma das entrevistas foi realizada com a presença de dois informantes, avô e neto respectivamente, o primeiro, o italiano nato e o segundo, brasileiro. Contou ainda com a participação mais passiva que ativa da esposa brasileira do informante italiano. Essa entrevista funcionou como um Grupo Focal e foi particularmente interessante por confrontar as gerações e destacar a transculturalidade, tanto do avô, já bem abasileirado, quanto do neto, em fase de italianização. Por conta dessa reciprocidade, esse grupo focal se mostrou um exemplo de traços de etnicidade linguística e cultural em movimento em ambas as direções.

Nessas entrevistas foram ressaltados diversos aspectos linguístico-culturais, cuja análise detalhada será feita no próximo capítulo. Notamos que, embora a língua dos imigrantes tenha efetivamente se perdido através das gerações, num claro exemplo de *language shift*, ainda restam pequenas marcas, sobretudo fonéticas e lexicais, nas falas de alguns informantes. Contudo, à exceção do cidadão italiano nato que mantém traços fonéticos em sua fala uma vez que o PB foi adquirido já como adulto, as marcas notadas nos demais são praticamente imperceptíveis. São casos esporádicos de uso de léxico italiano mesmo com correspondente em PB. Uma das informantes demonstrou mesclar elementos de língua italiana, ainda que esporadicamente, porém fortemente influenciada pela sua recente passagem na Itália por motivos de estudo.

Elaboramos um roteiro de perguntas de forma a seguir uma linha de raciocínio comum. Porém, como acontece frequentemente em entrevistas semiestruturadas, esse roteiro foi transgredido em diversas ocasiões, sobretudo para dar liberdade ao informante de se manifestar como quisesse. Nossa proposta era ouvi-los e por vezes surgiam dados interessantes não previstos no roteiro inicial. Desse modo, as entrevistas, inicialmente pensadas para a duração de cerca de meia hora, acabaram por ter duração bem variada; a mais breve tomou 20 minutos e a mais longa 1 h e 30 min. As perguntas previstas no roteiro eram:

- Como e por que seus ancestrais vieram para Juiz de Fora/Rio de Janeiro?
- Eles exerciam que profissão na Itália?

- As conversas em casa eram em italiano/dialeto?
- Havia práticas diferentes na sua casa em relação às de seus colegas em suas casas?
- Você se lembra de canções de ninar ou músicas infantis cantadas em casas?
- Seus ancestrais tinham amigos italianos?
 - Se sim, da mesma cidade/região?
 - Que língua falavam entre amigos?
- Seus ancestrais têm/tinham parentes/amigos no Rio de Janeiro/Juiz de Fora?
 - Se sim, ainda mantêm contato?
- Você sabe italiano?
 - Se sim, como aprendeu?
- Existe alguma associação de italianos que você conheça e/ou participe?
- Você frequenta algum local (bar/clube/associação) frequentado habitualmente por italianos?
- Tem parentes/amigos italianos na Itália?
 - Se sim, mantém contato com eles? Como?

Durante as entrevistas buscamos captar traços linguísticos eventualmente transmitidos e repetidos pelos descendentes. Ficou claro que não há qualquer traço morfossintático de língua italiana ou dialeto na fala dos descendentes, mesmo os de primeira geração. Porém, ligeiros traços lexicais foram identificados na fala de alguns deles. Fundamentalmente, identificamos as redes sociais outrora existentes e que foram de importância vital para a subsistência das famílias. Além disso, evidenciaram-se traços culturais que criam sentimento de etnicidade, baseado em diferenças de costumes e hábitos, o que corrobora com o que Weber (1978) entende por etnicidade, reiterado por Puskás (2009) e assumido por nós.

6.2.2.2. *Doing Ethnicity*

Preferimos manter o título desse sub-item em inglês por ser referência ao idêntico título dado por Puskás (2009, p. 44). O modo como a autora aborda o tema é sugestivamente interessante por estar de acordo com as nossas premissas acerca de etnicidade em movimento, e que nos conduz ao tema da transculturalidade.

Weber (1978, p. 392) afirma que as ‘diferenças acentuadas de hábitos e costumes’¹⁸⁹ criam sentimento de etnicidade da mesma forma que o tipo físico herdado, ou seja, os hábitos (que entendemos como culturais) criam um sentimento de etnicidade, de pertencimento a determinado grupo. Porém, essa afiliação étnica (*ethnic membership*) é uma identidade presumida e não constitui um grupo:

A afiliação étnica (*Gemeinsamkeit*) difere do grupo de parentela justamente por ser uma identidade presumida, e não um grupo com ação social concreta, como a última. Em nosso sentido, a afiliação étnica não constitui um grupo; apenas facilita a formação de grupos de qualquer tipo, particularmente na esfera política (WEBER, 1978, p. 389)¹⁹⁰.

Essa afirmação sustenta o que temos dito a respeito de etnicidade em movimento e processos de transculturalidade uma vez que o sentimento de pertencimento (*belonging*) é pessoal e claramente varia de acordo com o maior ou menos envolvimento que o descendente de imigrante tem com os hábitos culturais trazidos e mantidos pelos ancestrais.

Weber associa as diferenças ‘acentuadas’ de costumes à afiliação étnica. Nós entendemos que o termo ‘acentuadas’ pode ser moderado e mais bem definido. Vale dizer que, no nosso entendimento, há um *continuum* entre o – acentuado e o + acentuado na medida em que diferenças culturais mantidas e transmitidas dependem do contexto onde vivem os indivíduos. No caso específico de imigrantes, há sensíveis diferenças entre os grupos que se fecham em guetos e os que se inserem rapidamente na sociedade que os recebem; há os grupos que ocupam territórios isolados, geralmente rurais, e aqueles que ocupam áreas urbanas. Os primeiros tendem a viver isolados e, conseqüentemente, manter hábitos; os outros mantêm hábitos até certo ponto porque naturalmente absorvem outras culturas e outros hábitos. Portanto, a identidade presumida surgida a partir da afiliação étnica é diretamente

¹⁸⁹ “*Pronounced differences of custom*”, na tradução das palavras do autor. O original foi escrito em alemão.

¹⁹⁰ “*Ethnic membership (Gemeinsamkeit) differs from the kinship group precisely by being a presumed identity, not a group with concrete social action, like the latter. In our sense, ethnic membership does not constitute a group; it only facilitates group formation of any kind, particularly in the political sphere.*”

proporcional ao grau de envolvimento do indivíduo com os hábitos de sua cultura ancestral, trazida pelos imigrantes.

Salientamos também o excerto final da citação em destaque: a afiliação étnica pode facilitar a formação de grupos de qualquer tipo, em particular dentro da esfera política. Tal afirmação nos permite fazer analogia com o surgimento de CP, independentemente da motivação, se política ou não. Ora, a afiliação étnica nada mais é do que o sentimento de pertencimento a um grupo por identificação e/ou reconhecimento de semelhanças de mesmas origens. A depender do estímulo, pode haver mobilização em torno de um objetivo comum relacionado com a história de vida dos indivíduos. No caso de contextos de imigração, essa mobilização pode ter razões linguístico-culturais, como movimentos de preservação de línguas minoritárias de imigração, e movimentos de divulgação cultural, como grupos de dança folclórica. Pode ainda ter razões políticas, como nos casos de defesa de direitos de minorias étnicas. E pode ainda ter razões que englobam os campos da cultura e da política, como os que aconteceram em torno da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora.

Sem muita convicção, traduziríamos *doing ethnicity* em ‘ação de fazer etnicidade’. Puskás (2009, p. 44-45) nos apresenta o que ela entende por esse conceito, e nos ilustra de várias formas. Tem a ver com criação e preservação de diferenças. É “criar diferença e se apropriar de categorias étnicas que foram criadas através do processo de criação de diferença¹⁹¹”. Segundo a autora, as minorias étnicas sequer existiriam se a etnicidade não fosse feita. A definição que mais nos agrada e mais bem explora os conceitos construídos ao longo deste trabalho considera que sejam os atos e as atividades que podem assumir formas diferentes, desde atos individuais até atividades promovidas institucionalmente¹⁹². Em outras palavras, atitudes e práticas individuais podem ter relação direta com a etnicidade, bem como as ações conjuntas, que podem se dar na forma de CP.

Depreendemos disso tudo que sentir-se etnicamente afiliado não significa *per se* pertencer a um grupo, embora essa afiliação reúna condições para que certos grupos sejam formados. O envolvimento ativo em alguma organização que tenha sido criada em torno de uma categoria étnica é somente um modo de ‘fazer etnicidade’ (PUSKÁS, 2009, p. 45).

¹⁹¹ “Doing ethnicity is both creating difference and appropriating the ethnic categories that have been created through the process of creating difference”.

¹⁹² “Doing ethnicity refers to acts and activities which may take different forms ranging from individual acts to institutionally promoted activities”.

Acreditamos ser importante levantar essas questões, que reafirmam a proposta de Brubaker (2002, p. 167) de repensar etnicidade, largando a ideia de entidades discretas e tangíveis e enxergando-a como dinâmica e variável. Assim como grupos não são estanques, a etnicidade também não é um organismo concreto e limitado¹⁹³.

A etnicidade é variável e se movimenta. Assim como há aqueles descendentes que mantêm hábitos culturais trazidos de seus ancestrais, há outros que já os perderam ou os mantêm somente na memória. Igualmente, há também aqueles que não preservaram nada da cultura dos ascendentes e apenas reconhecem sua descendência, sem que isso tenha tido influência direta em suas vidas.

6.3. Análise dos dados coletados

Para sistematizar a análise dos dados colhidos em nossa pesquisa de campo e investigação documental os dividiremos em três categorias: língua, ecossistema cultural e Comunidades de Prática.

Analisaremos também, separadamente e com certa brevidade, aquilo que denominamos AIC no território virtual de forma a exemplificar como as novas tecnologias favorecem a formação de novas redes sociais. A imigração, que outrora era motivo de distanciamento da família e conseqüente destacamento das gerações nascidas no território de destino em relação aos familiares não emigrados, encontra hoje em dia um espaço de interação que lhes permite manter contato bastante estreito, e em alguns casos retomar um relacionamento familiar que era fadado a desaparecer. Isso pode ter implicações linguísticas bastante interessantes na medida em que os recursos linguísticos dos indivíduos são adaptados a uma nova realidade comunicativa. A consequência disso ainda é bastante obscura pois trata-se de algo muito recente.

As características inerentes à imigração italiana no espaço geográfico delimitado em nossa pesquisa não pressupõem uniformidade de resultados, mas certamente há pontos em comum. São momentos bastante diferentes, cujos pontos de interseção são a própria italianidade, manifestada pelos descendentes. É parte da própria pesquisa identificar os elementos comuns entre os descendentes, levando-se em conta que, de algum modo, vai

¹⁹³ Cf. 2.1.2

sempre haver algo que os una, mesmo sendo a Itália bastante diversa dos pontos de vista linguístico e cultural.

Evidentemente, o foco de nossa pesquisa prioriza os descendentes, pois é através deles que podemos distinguir os processos de transculturalidade e a própria etnicidade em movimento. E como o processo de imigração de italianos para o Brasil teve longa duração, buscamos sujeitos tanto com ascendência mais distante, bisnetos, como também próxima, filhos de pai e mãe italianos. Isso nos permite relacionar a distância temporal dos antepassados com o modo como vivenciam essa italianidade, traduzida pela transculturalidade, tema que propomos neste trabalho. Achamos importante também coletar informações de um imigrante italiano nato, que emigrou para o Rio de Janeiro na década de 50 do século passado, constituindo família no Brasil.

Observamos então dois momentos importantes. O primeiro, entre o fim do século XIX e o início do século XX. Italianos de toda a península chegaram aos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, desembarcando no porto carioca. O movimento imigratório teve seu ápice entre os anos de 1894 e 1897 (GAIO, 2013). O segundo, mais recente, data dos anos 50 do século XX, período posterior à segunda grande guerra. Neste último período é notável, proporcionalmente, o volume de imigrantes calabreses, sobretudo da província de Cosenza. Não por acaso a província de Cosenza é a segunda província italiana em número de registros de cidadãos residentes no exterior. Só perde para Roma (GRASSI *et. alli.*, 2014, p. 203). Se levarmos em conta que cidadãos italianos nascidos no exterior são, por regra, registrados na *caput mundi*¹⁹⁴, percebe-se que Cosenza é, de fato, uma província de onde partiu um número considerável de imigrantes.

Em Juiz de Fora os imigrantes do primeiro movimento ocuparam-se de várias funções laborativas, com relativo destaque para a construção civil (GAIO, 2013). No segundo movimento há algumas peculiaridades: além de serem originários predominante do sul da Itália, em particular modo da Calábria, um grupo consideravelmente grande se dedicou ao trabalho de distribuição de jornais, sendo muitos deles proprietários de bancas de jornais. Os mercados de gêneros alimentares também foram fonte de sustento para alguns deles.

As atividades ligadas à distribuição de jornais e revistas relacionadas a calabreses e descendentes não se restringem a Juiz de Fora. Também no Rio de Janeiro era bastante

¹⁹⁴ A cidade de Roma.

comum que esses italianos se dedicassem a essa função, o que foi relevado e confirmado em entrevistas durante nossa pesquisa de campo. Portanto, além dessas evidências e da ligação estreita entre as cidades de Juiz de Fora e Rio de Janeiro, tudo nos levava a crer que houvesse uma grande rede social e cuja densidade pudesse eventualmente ser mensurada como parte de nosso trabalho.

Entretanto, detectamos que essas redes realmente existiram, mas não existem mais. Os filhos e netos dos calabreses pioneiros ainda mantêm vínculos com as bancas de jornais, às vezes ainda trabalhando diretamente, às vezes cedendo-as em aluguéis e não se desfazendo das licenças. Porém, estamos num outro momento da imigração.

Vale lembrar que estamos falando de imigração italiana anterior ao período do *boom* econômico italiano, nos anos 60 do século XX. Não é escopo desta pesquisa tratar de imigrantes modernos (por assim dizer). A globalização, a crise econômica europeia, as oportunidades de trabalho qualificado criadas nos primeiros dez anos do século XXI tornaram o Brasil atraente para a imigração, mas essa imigração nada tem a ver com a tratada neste trabalho.

Os sujeitos entrevistados abrangeram descendentes de italianos de gerações diferentes, o que implica dizer que os períodos de imigração dos ancestrais dos sujeitos são igualmente diferentes. Entretanto, há interessantes traços comuns em muitos deles, independentemente da origem do ancestral e da região onde a família se estabeleceu. Variam desde o nível lexical, como o uso de palavras e expressões íntimas seja em italiano ou nos respectivos dialetos – palavras carinhosas para se referirem aos filhos, xingamentos, nomenclatura gastronômica – até um nível mais interno, mais profundo, mais cultural e menos linguístico.

A esse propósito defendemos que língua e cultura estão intrinsecamente e fortemente ligadas, mas não são interdependentes. Acreditamos que a língua seja um dos mais fortes meios de transmissão e manutenção de cultura, mas a cultura se manifesta de outras formas (JUNGBLUTH, 2007). Como aponta Couto (2016b, p. 66), “o primeiro de todos os ingredientes da cultura é a língua, Mas aí entram também os gestos, as crenças, os usos e costumes, os artefatos, aí inclusas a casas, os monumentos, as ferramentas e muito mais”. Em situação de imigração há contato de línguas e de culturas, e de acordo com as diversas relações de poder que permeiam esse contato, a língua pode se manter, desaparecer ou se misturar, fazendo surgir um crioulo. Da mesma forma, o mesmo pode acontecer com hábitos

culturais que estão em certa medida desvinculados da língua, tais como costumes alimentares, crenças etc.

Assim como a língua, tais hábitos podem ser transmitidos com maior ou menor intensidade entre as gerações, e a partir do momento em que as gerações já nascidas no local de destino dos imigrantes não mais percebem essas diferenças de hábitos, mesmo apontando sistematicamente para elas, observamos o fenômeno da transculturalidade.

Em algumas situações notamos que a cultura italiana é percebida como algo antigo, quase parado no tempo. A ligação dos descendentes com a língua e cultura italiana mantém elementos que remetem ao passado, quase sempre ao passado mais recente, de meados do século XX. Atribuímos esse fenômeno a dois elementos importantes: o primeiro, ao *boom* econômico italiano dos anos 50 e 60, que provocou uma disseminação de cultura e práticas sociais daquele povo pelo mundo, sobretudo na música, mas também em produtos industriais, como a *Lambretta*. Na música, nomes como Rita Pavone, Peppino di Capri, Gigliola Cinquetti, Sergio Endrigo e tantos outros penetraram as casas brasileiras, com destaque para aquelas em que havia raízes italianas. Embora cantores recentes tenham feito certo sucesso no Brasil, tais como Laura Pausini, Eros Ramazzotti, Tiziano Ferro, entre outros, notamos que os descendentes, quando se lembram de músicas italianas, se referem quase sempre àquelas mais antigas. O que vem à tona é que, falecido o ancestral italiano, a música italiana manteve-se a mesma, ou seja, a cultura musical italiana existente entre os descendentes parou no tempo e não foi alimentada com novos elementos, corroborando com o que vimos a respeito de LH em 3.2.3, a partir das considerações de Duarte Soares (2012).

A esse respeito, é importante mencionar o depoimento da informante JF01F, 31 anos, neta de ambos os avós paternos italianos, sobre um evento promovido pela *Casa d'Italia*. A administração da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora tem promovido eventos ligados à cultura italiana com o objetivo de recuperar sua natureza de centro promotor de cultura e reinseri-lo entre os principais espaços culturais da cidade. Em maio de 2016 foi promovida a segunda edição da Noite Italiana. A primeira havia ocorrido em outubro do ano anterior. Na sua página do facebook¹⁹⁵ a chamada é a seguinte:

“2ª Noite Italiana – Cultura & Gastronomia. Na noite do DIA 06 DE MAIO os juiz-foranos terão a oportunidade de vivenciar a experiência de estar na Itália, isto porque a *Casa d'Italia* Juiz de Fora receberá a segunda edição da

¹⁹⁵ <https://www.facebook.com/events/537862873048546/>

'Noite Italiana'. O evento, (sic) promete levar os presentes a uma experiência única, apresentando a todos uma verdadeira festa típica italiana com muita comida, música e dança.”

A informante compareceu ao evento e declarou que estava muito bom, interessante, com cantor ao vivo. “Parecia mesmo que a gente tava na Itália...”. Porém, ressaltou que a atmosfera era dos anos 60, não era de uma Itália moderna. “... mas uma Itália dos anos 60, né? Porque as músicas eram típicas de lá¹⁹⁶.” Essa observação é interessante. Os anos passam, mas a ideia de ‘música italiana’ fica ainda presa a uma época precisa, – áurea, é bem verdade – mas quase parada no tempo. Essa falta de renovação é percebida também na seguinte declaração, da mesma informante: “tinha muitas senhoras, né? Não tinha jovens não, eram poucos”.

Enxergamos uma relação direta entre a não renovação das redes sociais e a ausência de jovens nos recentes eventos da *Casa d'Italia*, que visa a promover cultura italiana, mas que talvez peque pela manutenção de cânones tradicionais e importantes, mas de pouco apelo aos jovens.

Restam ainda importantes traços entre os descendentes, que de certa forma se orgulham do passado de suas famílias, não de forma ufanista, mas por reconhecerem nele o esforço por uma vida melhor, mesmo que isso representasse o abandono de suas casas. Essas imagens criadas pelos seus imaginários os fazem sentir-se parte dessa mesma história, como se o legado deixado pelos ancestrais estivesse incorporado neles mesmos. Algumas vezes esse sentimento pode se transformar em CP no seu sentido original, proposto por Wenger (2006 [1998]), como grupos de dança folclórica.

6.3.1. A língua

A imigração italiana não deixou traços linguísticos evidentes na fala da população local. Embora contando com um volume grande de imigrantes, não foi suficiente para provocar marcas perceptíveis nas variedades locais¹⁹⁷. Claramente, o fato de se tratar de imigração urbana tem relação com perda linguística. O contato estreito com os dialetos

¹⁹⁶ ‘lá’ é usado como advérbio de tempo, indicando ‘daquela época’, e não como advérbio de lugar.

¹⁹⁷ Não encontramos pesquisas que relacionem os falares da região delimitada para a nossa pesquisa com a imigração italiana. Porém, não podemos descartar essa possibilidade.

urbanos e com o dialeto estatal (COUTO, 2016c) através da escola, aliado ao desinteresse na transmissão da própria língua aos descendentes colaborou fortemente para que as marcas tenham sido apagadas. Há também que se considerar que os primeiros imigrantes eram de origem variada, sendo em sua maioria dialetófonos, o que dificultava a comunicação entre eles mesmos (GAIO, 2013). No pós-segunda guerra houve uma retomada da imigração, sobretudo dos calabreses. Estes estabeleceram redes sociais (redes de interação linguística, na perspectiva da Linguística Ecológica) que não foram renovadas e, conseqüentemente, a língua foi perdida.

Certamente, houve efeito do contato linguístico durante algum tempo e alguns deles podem ser notados em alguns textos escritos por italianos e alguns descendentes, sejam formais como ofícios endereçados a autoridades ou cartões postais ou cartas pessoais. Em 1946, na cidade de Juiz de Fora, fundava-se a Associação Cultural Ítalo-brasileira Anita Garibaldi (AAG) e diversas correspondências oficiais foram enviadas à embaixada no Rio de Janeiro, ou ao consulado geral, em Belo Horizonte. Nessas correspondências há marcas linguísticas de interferência do português, a língua dominante e de imposição.

6.3.2. Os efeitos do contato

O CL por nós estudado envolve duas línguas irmãs, cuja mãe é o latim¹⁹⁸. São línguas que compartilham boa parte do léxico. Um dos efeitos mais comuns, e pouco estudados, nesta situação é a chamada Familiaridade Passiva¹⁹⁹ (THOMASON, 2001). Esses exemplos ficaram bastante claros em algumas correspondências oficiais trocadas entre a Associação Cultural Ítalo-brasileira Anita Garibaldi e órgãos do governo italiano no Brasil, tais como o vice-consulado de Juiz de Fora, o consulado de Belo Horizonte e a embaixada, no Rio de Janeiro.

São pequenos traços que apontam para esses fenômenos, em regra geral as cartas são muito bem redigidas, seguindo padrões de carta comercial. É particularmente interessante encontrar nessas correspondências esses efeitos do CL justamente porque tais cartas seguem certas regras, como por exemplo fórmulas de saudação e despedida padrão. Tomaremos

¹⁹⁸ Tomamos a definição de língua-mãe de Dubois *et al.* (2006, p. 389). Neste caso, consideramos o parentesco entre o português e o italiano por simplificação.

¹⁹⁹ *Passive Familiarity*. Cf. Thomason (2001, p. 139)

alguns exemplos dessas correspondências, escritas pelo presidente da AAG. As cartas na íntegra estão nos anexos, indicados nos excertos.

Exemplo 1:

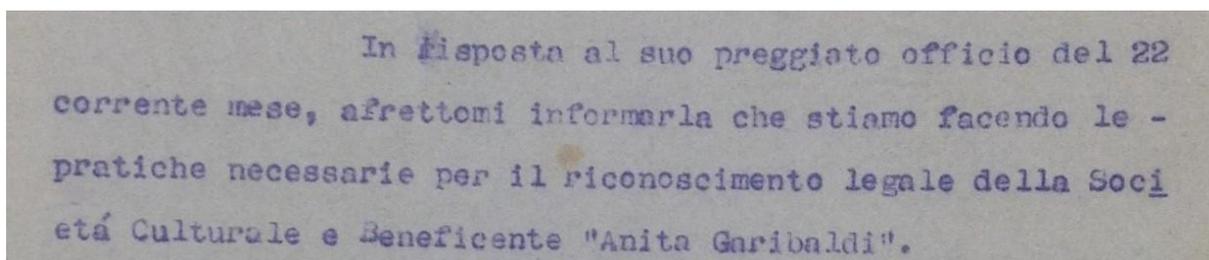


Figura 16 - Excerto da carta de José De Landa, da AAG ao cônsul italiano, Luigi Boggiolo (26/03/1946)

(“Em resposta à sua estimada carta de 22 do corrente mês, apresso-me em lhe informar que estamos providenciando todos os procedimentos necessários para o reconhecimento legal da Associação Cultural e Beneficente ‘Anita Garibaldi’”. - ver anexo VIII)

Observamos aqui o uso do termo ‘*ufficio*’ em referência ao modelo de carta comercial conhecido no Brasil como ‘ofício’. Porém, em italiano esse vocábulo não tem esse mesmo significado. O autor, por familiaridade passiva, italianizou o termo, que provavelmente não causou estranheza ao destinatário uma vez que este era o cônsul, certamente habituado às nomenclaturas brasileiras.

Ainda neste mesmo trecho notamos a construção ‘*affrettomi informarla*²⁰⁰’, que nos mostra mais uma interferência do PB na redação do autor, cuja locução deveria ser ‘*mi affretto ad informarla*’. A colocação pronominal em ênclise (-MI) deve ter sido motivada pelo início de oração, exigida pela tradição normativa do português. A falta da preposição ‘ad’ é um caso que talvez não se explique pelo CL, uma vez que seria exigido também em português. O autor da carta se equivoca também na grafia, omitindo um F. Trata-se de outro caso em que a familiaridade passiva possa explicar uma vez que as consoantes dobradas em italiano são muito mais abundantes do que em português.

²⁰⁰ Em tradução literal, ‘apresso-me informá-lo’

Exemplo 2:

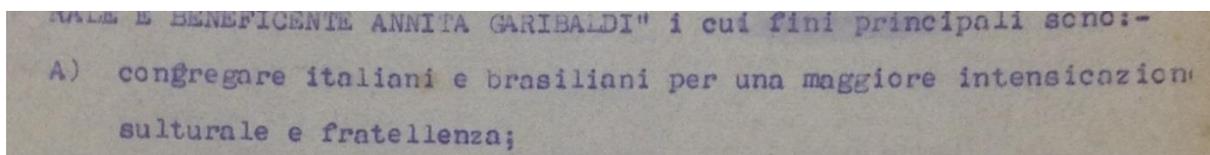


Figura 17 - Excerto da carta de José De Landa, da AAG ao cônsul italiano, Luigi Boggiolo (18/03/1946)

(“A) congregare italianos e brasileiros para uma maior intensificação cultural e fraternidade” - ver anexo IX)

Embora o termo ‘*congregare*’ seja parte regular do vocabulário italiano, não é o vocábulo ideal para a proposta sugerida. Trata-se de um termo pouco usado na língua italiana, e serve a contextos mais específicos, como por exemplo religiosos (*congregare i fedeli* – congregar os fiéis). Entretanto, na tradução em português – congregar - é um termo bastante adequado para a situação.

Exemplo 3:

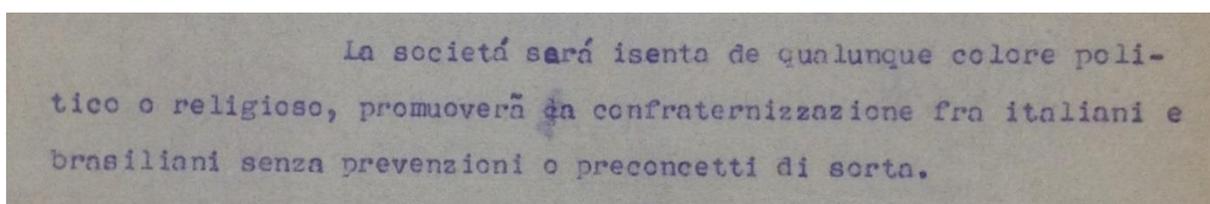
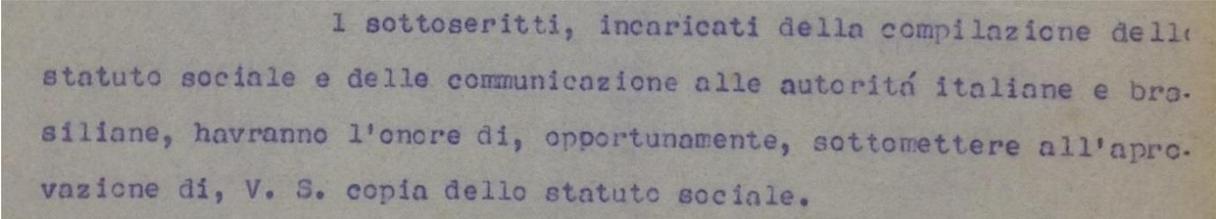


Figura 18 - Excerto da carta de José De Landa, da AAG ao cônsul italiano, Luigi Boggiolo (18/03/1946)

(“A associação será isenta de todo e qualquer viés político ou religioso, promoverá a confraternização entre italianos e brasileiros sem inclinações ou preconceitos de qualquer natureza”. - ver anexo IX)

Assim como no exemplo 1, o autor da correspondência insere por familiaridade passiva o vocábulo ‘confraternização’ da língua portuguesa, italianizando-o para ‘*confraternizzazione*’.

Exemplo 4:



I sottoscritti, incaricati della compilazione dello statuto sociale e delle comunicazioni alle autorità italiane e brasiliane, avranno l'onore di, opportunamente, sottomettere all'approvazione di, V. S. copia dello statuto sociale.

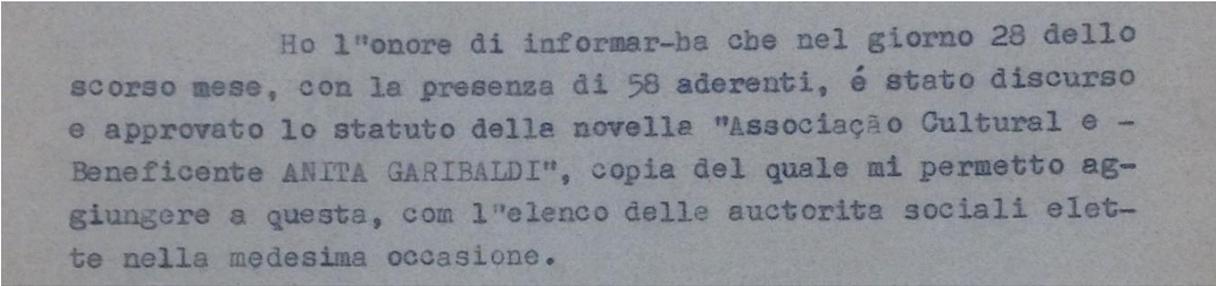
Figura 19 - Excerto da carta de José De Landa, da AAG ao cônsul italiano, Luigi Boggiolo (18/03/1946)

(“Os abaixo-assinados, encarregados da compilação do estatuto social e das comunicações às autoridades italianas e brasileiras, terão a honra de, oportunamente, submeter à aprovação de V. S. cópia do estatuto social”. - ver anexo IX)

As interferências no caso acima se encontram somente no plano da convenção ortográfica. Em ‘*havranno*’ o redator insere a letra H à frente da forma da terceira pessoa do plural do futuro do presente do verbo ‘*avere*’, (ter). Essa interferência pode ter sido motivada por duas causas. A primeira, a influência do português, uma vez que a forma do verbo se assemelha ao verbo ‘*haver*’, o qual mantém a grafia do H em todas os modos, tempos e pessoas; a segunda, influência do próprio italiano, que tem a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo grafada com H: ‘*hanno*’.

O autor também acaba por aportuguesar a sigla de pronome de tratamento V. S. (vossa senhoria, em português). O uso italiano indica que tal tratamento deve ser grafado S. V. (*Signoria Vostra*).

Exemplo 5:



Ho l'onore di informar-*ba* che nel giorno 28 dello scorso mese, con la presenza di 58 aderenti, é stato discusso e approvato lo statuto della novella "Associação Cultural e - Beneficente ANITA GARIBALDI", copia del quale mi permetto aggiungere a questa, con l'elenco delle auctorita sociali elette nella medesima occasione.

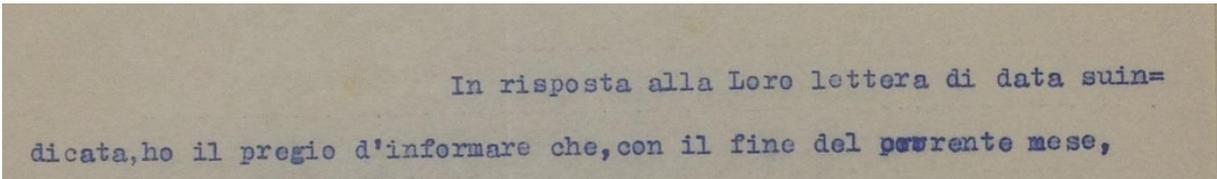
Figura 20 - Excerto da carta de José De Landa, da AAG ao embaixador Mario Augusto Martini (03/05/1946)

(“Tenho a honra de informar-lhe que no dia 28 do mês passado, com a presença de 58 membros, foi discutido e aprovado o estatuto da recém criada Associação Cultural e Beneficente Anita Garibaldi, cuja cópia me permito anexar a esta, com a lista das autoridades sociais eleitas na mesma ocasião”. – ver anexo X)

Este excerto nos mostra interferência por familiaridade passiva em dois itens lexicais. O primeiro, em ‘*informar-ha’, verbo com pronome oblíquo cujo uso em português requer o hífen entre um e outro. Em italiano o registro é feito aglutinando-se o pronome ao verbo. A grafia correta seria ‘*informarla*’. Não há explicação plausível para o uso de ‘-ha’ em vez de ‘-la’, e não pretendemos conjecturar. Porém, o uso do hífen é claramente influenciado pelo português.

O segundo caso envolve o verbo ‘*discutere*’ (discutir) em sua forma de participio. A forma irregular italiana ‘*discusso*’, além de bastante diferente do português ‘discutido’, se assemelha ao corriqueiro substantivo ‘discurso’. Daí a aproximação por familiaridade passiva.

Exemplo 6:



In risposta alla Loro lettera di data suindicata, ho il pregio d'informare che, con il fine del presente mese,

Figura 21 - Excerto da carta do vice-cônsul de Juiz de Fora, Ugo Scalabrino, à AAG (19/07/1957)

(“Em resposta à sua carta na data supracitada, tenho o prazer de informar que, com o fim do presente mês...” - ver anexo XI)

Neste excerto temos a troca de gênero da palavra ‘fine’ (fim), que em italiano é feminina. O redator, influenciado pelo gênero masculino do português ‘fim’ usa o artigo masculino ‘il’ em vez do adequado ‘la’. É interessante aqui apontar que o autor foi

influenciado pela sua L2 enquanto redigia uma carta na sua L1, destacando uma interdependência entre L2 e L1.

Exemplo 7:

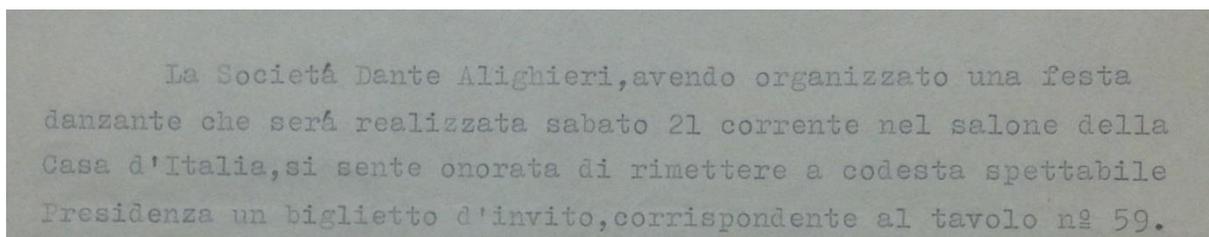


Figura 22 – Excerto da carta do presidente da Societá Dante Alighieri de Juiz de Fora, Franco Bocchini, à AAG (12/05/1960)

(“A Sociedade Dante Alighieri, tendo organizado uma festa dançante que será realizada sábado dia 21 do corrente no salão da *Casa d'Italia*, se sente honrada de enviar a esta estimada presidência um convite, correspondente à mesa nº 59”. - ver anexo XII)

O caso acima reflete dois tipos de interferência distintos um do outro. O primeiro, a aproximação do verbo *ser* na terceira pessoa do singular do futuro do presente à forma da língua portuguesa. O italiano ‘*sarà*’ dá lugar ao português ‘*será*’. O segundo, mais complexo, é semelhante ao do exemplo 1, quando certo vocábulo se assemelha na sua forma mas não no significado. O autor da carta informa o envio de um convite para uma festa e para isso se apropria do verbo italiano ‘*rimettere*’ sugestionado pelo verbo português ‘*remeter*’. O italiano ‘*Rimettere*’ significa algo como recolocar, tornar a por algo em seu lugar, ao passo que o português ‘*remeter*’ significa enviar.

Exemplo 8:

Per accordi presi con il superiore Consolato di Belo Horizonte, domenica 17 agosto alle ore 11, saranno ricevuti i provenienti di Minas, ed a tal scopo quest'Ufficio Consolare, sta organizzando omnibus speciali in partenza, sabato 16 agosto alle ore 14 con ritorno da Rio il giorno dopo (doménica) alle ore 17.

Figura 23 - Excerto da carta do vice-cônsul de Juiz de Fora, Ugo Scalabrino, à AAG (07/08/1952)

(“Através de acordo com o superior Consulado de Belo Horizonte, domingo dia 17 de agosto às 14 h serão recebidos os provenientes de Minas, e por essa razão este serviço consular está organizando ônibus especiais partindo sábado dia 16 de agosto às 14 h com retorno do Rio no dia seguinte (domingo) às 17 h”. - ver anexo XIII)

Este último exemplo nos mostra mais uma vez a apropriação lexical do português para se referir ao meio de transporte ‘*omnibus’, uma possível tentativa de italianização do termo português ‘ônibus’, em lugar do italiano ‘autobus’, ou, mais apropriadamente ao caso, ‘corriera’ ou ainda o anglicismo ‘pullmann’, uma vez que ‘autobus’ é o meio usado em área urbana.

Como notamos pelos excertos, há casos isolados e esparsos registrados de efeitos de CL. Chama-nos a atenção o fato é que os casos que selecionamos dizem respeito a cartas oficiais, envolvendo sociedades importantes, consulados e embaixadas, normalmente sujeitas a revisão textual com certo rigor. Isso nos leva a pensar que certamente esses efeitos eram muito percebidos no dia-a-dia das pessoas.

Como aponta Thomason (2001, p. 139), o fenômeno da Familiaridade Passiva é menos visível do que o da Alternância de Códigos (Cf. 3.2). A mesma autora revela que há dificuldade na identificação dos diversos efeitos do CL. Porém, os exemplos colhidos nos mostram casos que podem ser classificados como Familiaridade Passiva dadas as características desse fenômeno.

Durante as entrevistas percebemos raros casos de efeito de contato motivado por empréstimo, nos quais inferimos que a terminologia familiar preferia o uso italiano em detrimento do mesmo vocábulo em PB. Vejamos os exemplos:

INFORMANTE JF02M, 55 ANOS

Ascendência	Pai e mãe italianos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	Meu pai conversava assim, na língua deles, que era a língua de <i>Paola</i> . (...) A gente tem parente em <i>Firenze</i> , e lá fala o italiano. Tanto é que eles [os pais] tinham dificuldade de entender. Tinha coisa que ele balançava a cabeça e... Não tava entendendo.

A variedade do PB na fala do informante JF02M é a que chamamos popular no sentido em que há pouca ou nenhuma preocupação em aproximar-se do dialeto estatal, ou norma padrão, mesmo na situação de entrevista. Manteve a espontaneidade da fala não monitorada mesmo na presença do entrevistador, que lhe era completamente desconhecido e se apresentou como acadêmico. O informante nunca aprendeu o italiano porque nunca se interessou por isso, nas palavras dele mesmo. Entretanto, quando pronuncia a palavra *Paola*, cidade natal de seus pais, não há a aproximação natural ao ditongo /aw/ (\pawla\) da pronúncia brasileira. Esse, porém, é um caso complexo pela similaridade ao PB. O outro exemplo é mais claro do ponto de vista lexical. A cidade toscana de Florença é denominada *Firenze*, demonstrando a preferência pela denominação italiana, de onde inferimos que há ainda alguns poucos elementos lexicais italianos usados entre as famílias.

INFORMANTE JF01F, 31 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria

Depoimentos	Eles gostavam de ir na Casa d'Italia . Tem a boccia , aos domingos (...) A Casa d'Italia também é um ponto de encontro.
--------------------	--

A informante JF01F é doutoranda em literatura brasileira e se interessou pela língua italiana ainda jovem. Na situação de entrevista sua fala se aproximava bastante da norma padrão do PB e em momento algum sua fala sofreu interferências, exceto ao nomear jogo de bocha (em italiano, *boccia* \bɔʃa\). A informante se mostrou cuidadosa na escolha das palavras durante a entrevista, claramente monitorando sua fala. Uma das hipóteses de uso da terminologia italiana neste caso particular pode ser atribuída à insegurança em relação à forma brasileira, o que reforça a sugestão de que esse termo em particular manteve-se em uso no ambiente comunicativo familiar.

INFORMANTE JF04F, 25 ANOS

Ascendência	Pai italiano
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Tricarico, Basilicata
Depoimentos	<p>E: <i>Eu escutando uma pessoa do sul falando, quando eu entendo algumas palavras eu acho que é o napolitano. Quando eu não entendo absolutamente nada é mais pra Sicília...</i></p> <p>I: <u>È vero...</u></p> <p>E: <i>É incompreensível</i></p> <p>I: <i>É incompreensível mesmo</i></p>
	Eu me lembro principalmente com o [amigo que trouxe o pai dela para o Brasil] que eles começavam a falar em português, ma terminavam falando em dialeto.

A informante JF04F foi a única brasileira a manifestar interferência morfossintática em sua fala. É preciso esclarecer que foi a informante que se manifestou mais ligada à língua e cultura italianas. Recém graduada, a informante cumpriu dois períodos letivos em uma

universidade italiana em 2015, onde pretende cursar o mestrado num futuro breve. Seu depoimento foi finalizado com a afirmação “sou mais feliz lá [na Itália], entendeu? (...) Eu tava muito bem, não queria voltar, voltei com muito pesar, entendeu? Eu chorei tanto... Eu tava muito feliz, sabe?” As interferências assinaladas, na expressão cristalizada “è vero” e na conjunção ‘ma’ em vez da brasileira ‘mas’, apontam para a naturalidade com que L2 penetra em L1 imperceptivelmente, motivada pelo recente contato frequente com L2 e pelo desejo pessoal de (re)integração à cultura italiana.

INFORMANTE RJ03M, 81 ANOS

Ascendência	Italiano ele próprio
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Portogruaro, Vêneto
Depoimentos	<p>Meu primeiro trabalho, quando cheguei, fiquei uma semana na ilha das Flores, né, naquele tempo, lá em Niterói, aí uma semana depois, já com documentos, eu vim trabalhar na Cia Federal de Fundição. Aonde é a <u>prefeitura aí...</u> Atrás da prefeitura nova, <u>naquela área aí</u>, tinha uma fábrica enorme de máquinas de fazer papel.</p> <p>[sobre ter conhecido italianos no Rio] Só no trabalho que eu fui, conheci, <u>já tinha uns três quatro</u> lá trabalhando no mesmo lugar, tanto que assim que eu fui trabalhar e conheci eles, ainda fui uns dia, ia pra casa, ia dormir na Ilha das Flores, né? Mas aí me arranjaram uma vaga em uma... uma pensão, <u>aí na rua</u> do Estácio.</p> <p>Eles moravam lá, e aí fui morar lá também, morei um bocado de tempo e depois... Não sei como é que eu fui morar em uma casa de família na rua Colina, <u>aí pertinho</u>... Não é? Aí depois, <u>dois três anos</u>, eu casei e aí fui morar na minha casa e pronto.</p>

Vale registrar também as interferências do PB nos atos de fala do informante RJ03M. Residente há cerca de 60 anos no Brasil, sempre no Rio de Janeiro, demonstra um domínio amplo da fala padrão brasileira nas normas do PB de falantes cultos, como por exemplo o uso do pronome reto como objeto direto (conheci eles), ou o uso indiscriminado de onde/aonde²⁰¹. Há evidentemente traços fonéticos de sua L1 inerentes a quem aprende uma segunda língua já

²⁰¹ Cf. Bagno (2001, p. 103 e 146)

na fase adulta, mas esses são discretos e estão longe de causar ruídos na comunicação. Entretanto, chamamos a atenção para o caso da influência de L1 em L2 em casos de imprecisão de dados. No PB requer-se a conjunção alternativa ‘ou’ quando enunciarmos números imprecisamente, tais como ‘dois ou três anos’, ‘seis ou sete dias’... Em italiano a conjunção é dispensada. O uso corrente e gramaticalmente adequado requer a simples enumeração, sem conjunção (*due, tre anni; sei sette giorni...*)²⁰². O informante, falando correntemente o PB, não usa a conjunção. Naturalmente a sua falta não causa nenhum tipo de ruído comunicativo. Caso houvesse problema sua fala já teria sido adaptada. Notamos também que RJ03M apresenta momentos de uso inadequado do advérbio de lugar ‘aí’ de acordo com os padrões do PB. Os exemplos destacados nos excertos mostram que ‘aí’ substitui os advérbios ‘ali’ e/ou ‘lá’. Uma pesquisa mais detalhada poderia identificar em que medida se trata de mera confusão entre advérbios (não presentes na língua italiana) ou influência do corriqueiro uso de ‘aí’ com o mesmo valor semântico da conjunção ‘então’.

Os casos acima observados podem ser estudados também à luz dos conceitos apresentados por Zinkahn-Rhobodes (2015) acerca de fronteiras linguísticas, como visto em 3.2.1, embora sejam casos bastante isolados e não verificados em interação entre informantes. No Grupo Focal que realizamos entre RJ03M e RJ04M não houve sequer uma situação de code-switching, o que teria propiciado uma análise mais apurada do funcionamento das fronteiras.

Evidentemente, não é nosso escopo aprofundar essas questões por serem elas paralelas ao bojo deste trabalho. Nossa pesquisa se insere na Sociolinguística, mas como já vimos exaustivamente as línguas de imigração italiana se perderam no eixo que delimitamos, e essa perda faz parte do processo de CL, é o fim do processo de *language shift*, tratado em 3.2.2. Quisemos demonstrar alguns efeitos do CL registrados em documentos com o objetivo de ilustrar o próprio processo, uma vez que entre descendentes já não relevamos traços linguísticos das línguas de imigração. Contudo, a língua, mesmo que não mais usada, foi parte importante da transmissão e da assimilação cultural. Faremos, então, um recorte dentro da delimitação do nosso estudo no qual abordaremos o que a Linguística Ecológica denomina Ecossistema linguístico-cultural.

²⁰² Dois três anos; seis sete dias

6.3.3. O ecossistema linguístico-cultural dos jornalheiros

Dentro da delimitação prevista neste trabalho faremos um recorte particular da imigração a partir do eixo de nossa pesquisa. Imigração em contexto urbano tem peculiaridades que necessitam de lupas para serem enxergadas. A imigração italiana especificamente é tema complexo pela sua natureza. Afinal, os italianos vieram quase ininterruptamente para o Brasil durante cerca de 80 anos. Como já dissemos, durante nossa pesquisa observamos que houve destacada imigração de italianos provenientes da Calábria nos anos 50 do séc. XX, sobretudo da província de Cosenza, e que muitos deles se ocuparam de distribuição de jornais e revistas, tanto em Juiz de Fora como no Rio de Janeiro. Surgia assim um ecossistema linguístico-cultural em território descontínuo, o ambiente urbano. Na tríade P - C/L - T, P são os jornalheiros calabreses, C é tudo que envolve a cultura trazida com eles e L a língua por eles falada, o dialeto calabrês²⁰³. A partir das redes sociais que fomentaram a imigração, criou-se uma CF complexa e difusa. Essa CF permaneceu bastante ativa durante anos, mas não foi mantida pelos descendentes, pela própria natureza da imigração de tipo urbano, respaldando os conceitos propostos por Barnes em 1954 (*apud* BORTONI-RICARDO, 2011)²⁰⁴. Antes, porém, abordemos as teorias sobre redes sociais, que nos ajudarão a entender esse processo.

6.3.4. A rede social

Repitamos uma definição básica de rede social, já citada em 2.3 e 6.2.1. A Rede Social de um indivíduo é o conjunto das relações contraídas por ele com outros indivíduos (MILROY, 2003, part. III, cap. 22, p. 1). Relembremos também o postulado para a ARS: indivíduos criam comunidades pessoais que lhes dão sustentação para resolver os problemas cotidianos e essas comunidades são constituídas por relações interpessoais de maior ou menor força.

Dentre todos os depoimentos colhidos em nossa pesquisa de campo observamos com certa clareza como essas redes funcionavam durante o período de imigração. Os informantes são quase unânimes em informar como a imigração e o acolhimento dependia de relações

²⁰³ Vamos denominá-lo calabrês por praticidade, poderíamos tê-lo chamado dialeto paolano, aquele falado na cidade de Paola, que se situa na província de Cosenza, Calábria.

²⁰⁴ Cf. 6.2.1

interpessoais. À primeira pergunta de nossas entrevistas “Como e por que seus ancestrais vieram para Juiz de Fora/Rio de Janeiro?”, é patente que vinham em função de parentes e/ou amigos que já haviam imigrado. Em alguns casos os informantes creem que seus ancestrais tenha sido os primeiros, e por causa deles outros vieram. Porém, essa resposta, quase sempre sem convicção, indica que esse pioneirismo se refere à própria família, isto é, teriam sido os primeiros da família e não os primeiros imigrantes provenientes da mesma região.

É recorrente também a informação de que parentes imigrantes residiam proximamente, o que reforça os laços sociais. A constituição familiar entre parentes oriundos da mesma região é outro fato particularmente singular. Isso aconteceu principalmente com os calabreses oriundos da província de Cosenza, tanto em Juiz de Fora quanto no Rio de Janeiro, e não somente no pós-segunda guerra, como se vê no depoimento abaixo:

INFORMANTE RJ05M, 66 ANOS

Ascendência	Neto dos avós paternos italianos
Período de imigração	1913/1914
Origem	San Lucido e Paola, Calábria
Depoimentos	<p>Pelo que sei da minha família, eles foram os primeiros [das famílias do avô e da avó a emigrar]</p> <p>... tanto que depois vieram outros [sobrenome do avô] e outros [sobrenome da avó]. Aí começou a haver um emaranhado de primo com primo... e tal”.</p> <p>A cidade de Paola seria, vamos dizer, mais importante que San Lucido. San Lucido é vizinho, né? Do mesmo jeito que do outro lado tá Fuscaldo. Porque também vieram os [sobrenome 1] de Fuscaldo, e que casaram com [sobrenome 2], no Brasil... né? Acabou juntando essas três cidades em torno de uma família só. Porque o [sobrenome 1] casou com a [sobrenome 2]... E o outro casou com [sobrenome 3]... Fizeram uma confusão danada. Entre famílias. Eram conhecidos, da mesma região..., e como veio o primo, depois veio o tio, depois veio o irmão, aí veio a irmã...</p> <p>Vieram juntos, entre aspas, e um recebeu o outro. Então é aquele negócio: a minha irmã veio. Por exemplo. O Natale tinha um irmão. Aí a irmã da mulher dele veio. Então, meu irmão, conhece, e... Fica fácil... Tem uma mesma raiz, mesmo palavreado, dialeto, uma língua, e outra coisa é o grau cultural, né? Porque naquela época eles não tinham estudo.</p> <p>Como quase todo mundo morava em Botafogo, era comum frequentar a casa dos outros.</p>

Os informantes JF05F e JF02M reiteram o depoimento anterior e apresentam relatos que mostram outros destinos antes de chegar a Juiz de Fora. O pai da primeira imigrou depois de um tio, que tinha ido para Taubaté (SP) montar um comércio. Esse tio chamou seu pai, que ficou um tempo, mas não se adaptou. Então, foi para Juiz de Fora. Ali eles começaram a trabalhar com entrega de jornais. A informante usa o plural, possivelmente para expressar o núcleo familiar entre marido e mulher. O segundo menciona Rio e Petrópolis como outros destinos, além de Juiz de Fora.

INFORMANTE JF05F, 60 ANOS

Ascendência	Filha de mãe italiana e neta de ambos avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p>Porque... Veio primeiro um primo do meu pai. Primeiro foram a Taubaté. Ficaram lá um período (...) e resolveram montar um comércio. Aí chamou o meu pai.</p> <p>Existem também famílias que vieram na mesma época e moram no Rio. No Rio, Petrópolis, tão tudo espalhado. (...) Primos tem no Rio de Janeiro e São Paulo. Então vieram praticamente tudo na mesma época.</p> <p>O presidente que é lá (sic) [da <i>Casa d'Italia</i> de Juiz de Fora], aliás agora é vice-consul, o [nome e sobrenome], ele é primo da minha prima, ele é casado com a minha prima.</p>

INFORMANTE JF02M, 55 ANOS

Ascendência	Pai e mãe italianos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p>Eu acho... eles contam um monte de história... Quer dizer, eles não inventam, né? Porque na época... Eles são tudo de Paola. A maioria é tudo de Paola. Aí vieram pro Brasil, (...) Uns foram pro Rio, outros pra Petrópolis. Meu pai, acho que antes de vir pra JF, acho que</p>

<p>ele foi em Petrópolis também, ficou em Petrópolis, e depois veio pra Juiz de Fora.</p> <p>Aí veio pra cá, já se conheciam, né? Que que aconteceu...? Porque a gente mora tudo junto. Lá em casa é assim: o meu pai, ele é irmão da minha tia. Ele é irmão da minha tia. A minha mãe, ela é irmã do meu tio. Então, eles trocaram, entendeu? Eles trocaram.</p> <p>Eu lembro de uma história que eles falavam que... antes deles casarem eles chegaram a morar foi aqui, quase em frente à [nome de uma escola municipal]. Ali, naquele passeio da igreja. Moravam ali. Ali morava a italianada toda. Tudo ali, né? Eles recebiam as pessoas e ficava tudo ali.</p>

Os próximos depoimentos, tanto do Rio como de Juiz de Fora, confirmam a existência das redes sociais de acolhimento.

INFORMANTE JF06F, 52 ANOS

Ascendência	Pai italiano
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Maratea, Basilicata
Depoimentos²⁰⁵	<p>... Porque já tinha vindo um tio dele com um primo. Vieram na frente pra Além Paraíba. Aí convidou ele pra ele vir. Ele veio logo em seguida pra Além Paraíba.</p> <p>Eram todos parentes [a respeito de contato com outros italianos]. Era assim... região de Leopoldina, a gente viajava porque tinha muito parente dele. Além Paraíba..., Aventureiro tinha muito italiano... Então assim, ele tinha essa colônia de parentes dele que era muito fechada e eles sempre se reuniam, entendeu?</p>

INFORMANTE RJ01M, 58 ANOS

Ascendência	Bisavós, pais do avô paterno
Período de imigração	1902
Origem	Castrovillari e Tarsia, Calábria
Depoimentos	Quando eu era pequenininho nós morávamos numa vila. Aquela vila era praticamente da

²⁰⁵ Além Paraíba, Leopoldina e Santo Antônio do Aventureiro são municípios mineiros próximos a Juiz de Fora e à divisa com o estado do Rio de Janeiro.

	família [sobrenome da família]
	A vila foi se dispersando e acabou a família [sobrenome da família] naquela vila ali. Mas antes éramos muito próximos, muito chegados, fazíamos festa juntos, balão..., eu me lembro quando eu era pequeno, via aqueles balão enorme...!

INFORMANTE JF01F, 31 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	Eles vieram [os avós], acho que eles, é... percorreram um pouco aqui do Brasil e não sei aí... Não sei explicar, mas eles pararam aqui em Juiz de Fora como muitos italianos. E aí eles conseguiram se estabelecer aqui, através da... Da banca de jornal, né? Que tinha, eu acho que era [sobrenome de outra família italiana], não sei, ele dava, empregava muita gente. E aí ele conseguiu emprego aqui.

INFORMANTE JF03F, 67 ANOS

Ascendência	Todos os quatro avós
Período de imigração	Final do século XIX
Origem	Adria e Padova, Vêneto / Celle di Bulgheria, Campânia
Depoimentos	Lá em Guiricema [pequena cidade próxima a Ubá, na Zona da mata mineira] tinha uma rua que era tudo [sobrenome da família].

O informante RJ02M tem menos informações sobre a chegada dos ancestrais no Rio de Janeiro. Afirma que seu avô chegou aqui com 13 anos de idade, acompanhado por um primo de apenas 11 anos. Estranhamos que a dupla tenha vindo em tão tenra idade e ele nos disse que acredita que havia algum contato na então capital brasileira, ou seja, alguém a quem recorrer quando chegasse. É mais plausível imaginar essa situação até porque eles não eram clandestinos nem refugiados. Outro forte indício aponta para o bairro para onde se dirigiram

quando aportaram: Santa Tereza, um bairro que acolheu muitos calabreses²⁰⁶. À pergunta “por que vieram para o Rio de Janeiro?”, o informante responde: “Não sei. Talvez algum... alguém, não sei, eu não sei”, fazendo alusão à possibilidade de haver alguém no Rio. O indício conclusivo reside no matrimônio do avô, com uma concidadã, bem mais jovem. O informante não tem certeza, mas desconfia que eles se conheceram pela rede comum da qual faziam parte. Afinal, eram provenientes da mesma cidade calabresa. Vejamos este excerto:

INFORMANTE RJ02M, 61 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	Final do século XIX
Origem	Fuscaldò, Calábria
Depoimentos	<p><i>E: Por que eles vieram [para o Rio de Janeiro]?</i></p> <p>I: A situação lá tava negra, né? Dificuldade econômica. Ele veio com 13 anos.</p> <p><i>E: Com 13 anos..!. Aí ele não conhecia sua avó ainda, né?</i></p> <p>I: Não. Parece que tinha algum relacionamento... de família que aí depois... Mas encontrou muito depois</p> <p><i>E: Sim, sim, Mas coincidência, ou essa relação italiano- mesma cidade, pode ter pesado, assim, pra eles se encontrarem?</i></p> <p>I: Eu acho que havia algum conhecimento familiar pra ele ter chegado até ela, eu imagino, não tenho certeza.</p>

Os depoimentos do mesmo informante sobre a formação da rede repete o padrão dos outros, reforçando uma prática comum de ajuda mútua:

INFORMANTE RJ02M, 61 ANOS

²⁰⁶ O bairro de Santa Teresa já foi conhecido como a Calábria carioca. Cf. WEYRAUCH, C. S. Deus abençoe esta bagunça: Imigrantes italianos na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Comunità, 2010. Uma resenha sobre esse trabalho pode ser encontrada aqui: <http://www.faperj.br/?id=1789.2.9> (última visita: 17/11/2016)

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	Final do século XIX
Origem	Fuscaldò, Calábria
Depoimentos	<p>Bom, com 13 anos não sei exatamente. Vamos botar Santa Teresa, que foi o ponto deles, tiveram o primeiro filho, minha avó acho que tinha 16 anos, então a criança morreu. Aí eles foram embora pra Itália, e voltaram. Meu avô já tava bem, foram embora pra Itália. Aí teve o segundo filho lá, aí é que voltou pro Brasil</p> <p>[depois de retornarem à Itália, e voltarem ao Brasil] Ficaram aqui. Aí veio a família toda de lá. Veio muita família de lá.</p> <p>[após o retorno ao Rio] Veio gente pra burro, veio um monte de gente, e se você olhar na cidade de Fuscaldò, meu avô foi um dos primeiros a vir. (...). Foi o cara que começou a imigração pra cá.</p>

A informante JF04F relaciona a vinda do pai a apenas um amigo conterrâneo que já vivia no Brasil. A configuração é a mesma, com a ressalva de que não houve imigração posterior de mais membros familiares, ou outros amigos. Sua rede foi construída com esse amigo, em primeiro lugar, e posteriormente com outros italianos já residentes na cidade de Juiz de Fora, provenientes de regiões diversas da sua, mas todos da Itália meridional.

INFORMANTE JF04F, 25 ANOS

Ascendência	Pai italiano
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Tricarico, Basilicata
Depoimentos	<p>Ele tinha um amigo, que era o [nome], que era dono de uma rede hoteleira lá em Ubá. E aí, na época, ele falou pro meu ir para Ubá porque era uma cidade onde corria muito dinheiro. É um polo moveleiro, tinha muitos hotéis, e aí os comerciantes naquela época eram muito prósperos lá.</p> <p>Na minha cidade, não [Ubá]. Aqui [em Juiz de Fora] ele tinha muitos [amigos]. Era um grupo de italianos... que era o... Tinha o [nome], em Ubá, que foi o primeiro amigo dele, mas ele tinha amigos aqui também, (...) e eles se reuniam pra jogar baralho, que era o que eles mais gostavam.</p>

A exceção à regra cabe ao nosso único informante italiano, RJ03M, e pela mesma razão, seu neto, o informante RJ04M. Ele não tem relatos semelhantes porque seu processo imigratório foi bastante diferente do dos demais. Tratou-se de uma busca por oportunidade no exterior, porém com profissão bem definida - era torneiro mecânico - e com processo seletivo realizado ainda antes de emigrar. Como foi aprovado, veio para o Rio de Janeiro sozinho, com emprego garantido. Não emigrou contando com apoio de redes sociais formadas por amigos ou parentes. Casou-se com uma brasileira pouco tempo após sua chegada e constituiu família. Relata que fez amizades superficiais com italianos, seu depoimento não aponta para redes sociais entre italianos.

INFORMANTE RJ03M, 81 ANOS

Ascendência	Italiano ele próprio
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Portogruaro, Vêneto
Depoimentos	<p><i>E: Esses italianos o sr. conheceu bem? Fez amizades...?</i></p> <p>I: Não, não, não, não. Não.</p> <p><i>E: Não?</i></p> <p>I: Não. Não tinha. É... Essa família [uma família de italianos que fora citada anteriormente na entrevista] que tinha um pouquinho de amizade porque esse meu amigo, o ÚNICO amigo que eu tinha, por exemplo, italiano... Não. Tinha outros, mas sumiram, não sei nem onde é que foram. Ma essa [a citada família] até mora aqui ainda, é... ele... era o único que eu tinha mais, mais amizade mesmo... Não é? Ele até casou com a filha de..., a filha mais nova... Não é? E... Mas a... Com a família dela, os velhos não... Só conhecia assim... Fui 2, 3 vezes lá na casa deles ma non, não tinha muita intimidade não.</p>

Pelos depoimentos fica claro que havia estreitas redes sociais entre esses imigrantes, que se ajudavam arranjando trabalho e pousos para outros. E como já vimos, havia muitos matrimônios entre parentes, particularmente os provenientes da província de Cosenza, na Calábria, reforçando os laços da rede. Algumas dessas redes se tornaram CF importantes, que se desfizeram por diversas razões, entre elas a falta de interesse na transmissão vertical da

língua, que não era o italiano. Os descendentes não mantiveram os mesmos laços, o que é natural em ambientes urbanos multiculturais. É importante lembrar que Juiz de Fora recebeu diversos italianos, mas recebeu também imigrantes de outras partes do mundo, sobretudo portugueses, alemães, sírios e libaneses, e já contava naquela época com uma população bastante grande de brasileiros natos.

6.3.4.1. A língua da rede social

As redes sociais de tessitura miúda tendem a ser conservadoras do ponto de vista linguístico como veremos mais à frente, na Figura 24, no quadro ilustrativo proposto por Bortoni-Ricardo (2011, p. 113). Como se trata de rede social formada por imigrantes, imagina-se que o conservadorismo se baseie na sua língua de origem, os respectivos dialetos. No caso específico dos calabreses, o dialeto calabrês, ou paolano.

Uma rede social não necessariamente tem uma língua própria, embora a variedade usada por seu membros influencie o grupo e por ele seja influenciada (ECKERT, 2000). Os estudos de Milroy & Milroy (1985), Milroy (2002; 2003) e Bortoni-Ricardo (2011) apontam para uma relação direta entre a densidade de uma rede e o conservadorismo da sua língua.

As redes por nós percebidas são formadas por imigrantes italianos, em boa parte provenientes da Calábria. Mostramos que a imigração italiana do eixo delimitado para a nossa pesquisa teve como elemento comum a formação de redes sociais, mas aquelas mais antigas se perderam completamente. Não é mais possível rastrear a sua existência na medida em que seus descendentes vivos estão completamente imersos na cultura brasileira e suas lembranças se limitam a peculiaridades culturais mais marcantes. As informações colhidas com bisnetos de italianos, que normalmente não têm contato com os próprios bisavós, e que frequentemente também têm origens não italianas são bastante esparsas, por vezes ligadas a estereótipos. Tais estereótipos não são negativos, e podem corresponder à realidade. Mencionar como costume italiano a lembrança da uma macarronada aos domingos, com a família toda reunida é um estereótipo, mas é também bastante verdadeiro em certa medida. É fato que massas são um prato comum nas mesas brasileiras, às vezes adaptadas aos costumes locais, e isso certamente vem de influência de costumes italianos, bem como as reuniões familiares em torno de um longo e duradouro almoço dominical. Sendo assim, delimitamos nossa análise às redes

rastreadas, as que reúnem imigrantes calabreses do pós-segunda guerra, entre os quais muitos se dedicaram ao ofício de jornalista, ou distribuidor de jornais e revistas.

A ARS proposta por Milroy (2003) e Bortoni-Ricardo (2011) estudam grupos de pessoas em ambiente urbano, falantes de variedades de línguas locais. O clássico estudo de Milroy analisa redes sociais de moradores da periferia de Belfast e o trabalho de Bortoni-Ricardo se pauta nas comunidades periféricas de Brasília. Estas trazem consigo uma variedade rural do PB que entra em contato com a variedade urbana, de onde surge o dialeto por ela denominado ‘rurbano’.

A autora brasileira, ao exemplificar o que ela entende por Comunidade de Fala Brasileira, comenta sobre os imigrantes europeus, não portugueses, que ocuparam áreas urbanas, sobretudo das regiões sul e sudeste, que

tenderam à assimilação da língua dominante no período de uma ou duas gerações; enquanto que os que permaneceram isolados em típicos sistemas de redes fechadas foram mais conservadores e lentos na aquisição do português, o qual para alguns desses grupos ainda era, até há poucas décadas, uma segunda língua aprendida na escola (Bortoni-Ricardo, 2011, p. 20-21).

Pois bem, nosso estudo trata de redes sociais urbanas de imigração, com características de redes fechadas no que tange as relações entre os membros e características de redes abertas no que diz respeito à natureza da área ocupada.

O esquema abaixo, proposto por Bortoni-Ricardo (2011) ilustra muito bem esse processo. Embora tenha sido criado para variedades urbanas e rurais do PB, aplica-se bem para situações de línguas de imigração em áreas urbanas.

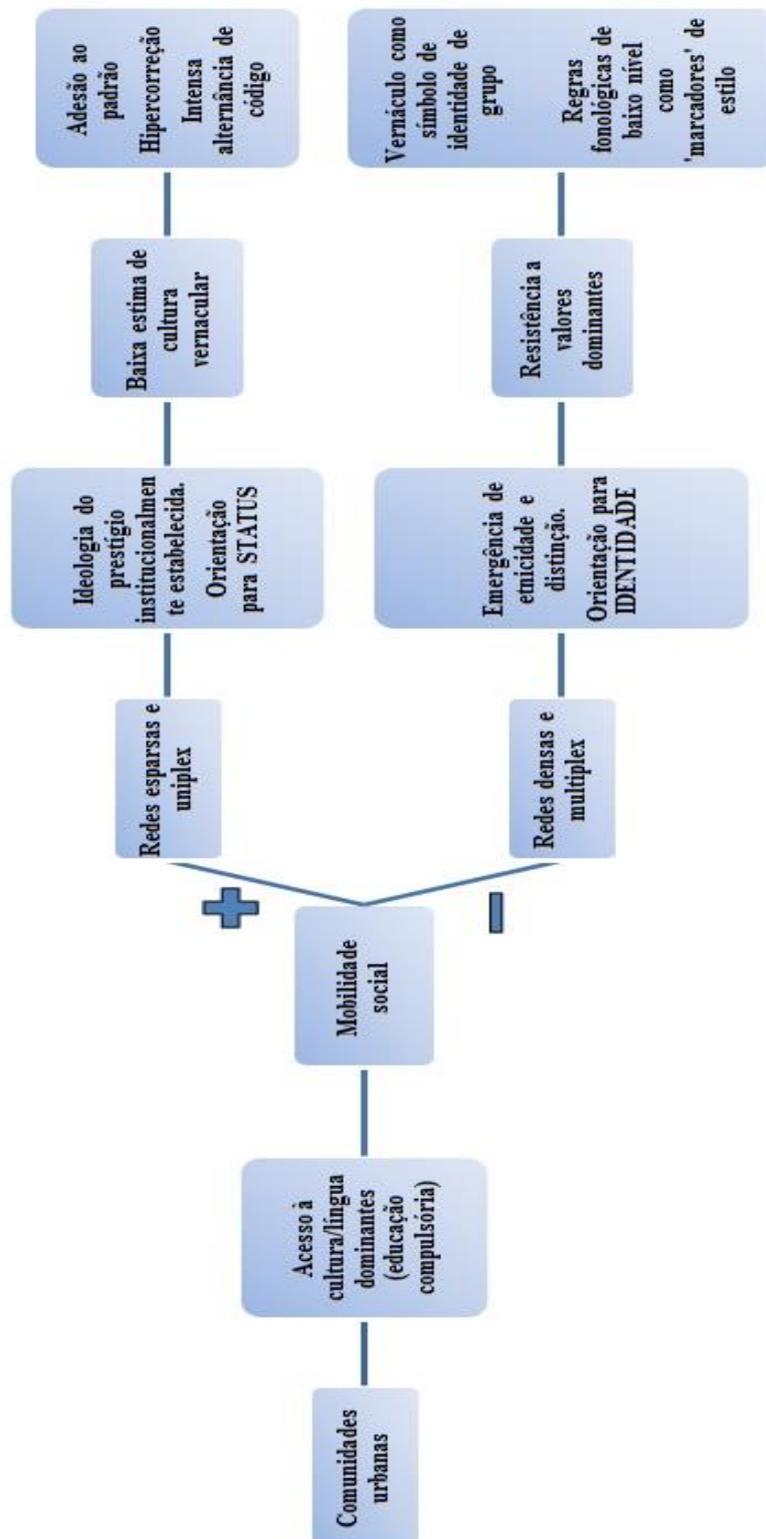


Figura 24 – Esquema da relação entre padrões de redes sociais e preservação do vernáculo proposta por Bortoni-Ricardo (2011, p. 113)

Independentemente do próprio perfil pessoal dos imigrantes em questão, de *status* socioeconômico baixo e nível de escolaridade precário, é natural supor que a língua falada entre eles, ou seja, a língua usada na rede social, fosse o próprio dialeto regional. No caso específico dos calabreses, o dialeto da província de Cosenza. Essa era a L1 dos membros, não havia motivo para que falassem outra língua, como aponta o relato do informante RJ05M.

INFORMANTE RJ05M, 66 ANOS

Ascendência	Neto dos avós paternos italianos
Período de imigração	1913/1914
Origem	San Lucido e Paola, Calábria
Depoimentos	Meu avô não tinha estudo, minha avó menos ainda. Minha avó inclusive nunca falou português. Era complicadíssimo entender. Ela falava um dialeto calabrês, PAOLANO, misturado com um português que Deus sabe de onde. Eu não entendia o que ela falava.

A questão do nível de escolaridade tem relação direta com o conhecimento da língua oficial da Itália, de maior prestígio. O relato da informante JF04F dá o tom dessa diferença, e aponta para uma relação igualmente direta entre prestígio da língua e interesse na transmissão intergeracional. O pai fazia questão de que ela estudasse a língua, que era o italiano padrão, e mantinha a prática de fazê-lo três vezes por semana. Porém, o italiano não era a L1 do pai. A informante, ainda criança, notava que o que ele ensinava a ela era bastante diferente do que ele falava com sua irmã, tia da informante, pelo telefone.

INFORMANTE JF04F, 25 ANOS

Ascendência	Pai italiano
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Tricarico, Basilicata

Depoimentos	<p>Outra coisa que meu pai fazia questão também: que eu estudasse a língua. Então eu posso dizer que isso é uma diferença em relação aos meus colegas, que eu fui alfabetizada nas duas línguas. Eu fazia aula com ele e... Isso ele fazia questão, três vezes na semana a gente sentava e estudava italiano.</p>
	<p>Meu pai não falava italiano com fluência, ele falava o dialeto. Mas mesmo assim eu também fui meio autodidata, depois de maiorzinha eu fui pegando sozinha.</p>
	<p>Quando criança ele nunca me esclareceu isso. Ele não fazia distinção entre o italiano e o dialeto. Comigo ele nunca falava em dialeto, mas eu percebia que com a minha tia ele falava uma coisa completamente diferente. E... E aí, quando maior eu fui entender, estudando por minha conta, a distinção. Mas não por ele, ele nunca fez essa distinção pra mim.</p>

As declarações de JF04F nos fazem refletir, como havíamos proposto em 3.2.3, sobre as definições de LH. A informante estudava/aprendia formalmente o italiano, mesmo sem metodologia de prática ensino. Porém, essa língua não era a L1 do pai, mas a língua nacional do seu país de origem. Então, para JF04F o italiano era a língua DE herança, ou era a língua adquirida POR herança cultural? A rigor, a LH deveria ser a L1 do pai, o dialeto adquirido por ele no ambiente social em que cresceu, a língua primeira do ecossistema cultural de origem. Todavia, seu pai, como imigrante, era italiano antes de ser lucano, materano ou tricaricese²⁰⁷. Imigrantes são conhecidos habitualmente pela nacionalidade e não pela naturalidade. Sob essa ótica, é possível considerar o italiano padrão também como LH, desde que entendamos essa língua como a principal portadora de elementos culturais nacionais e não somente locais.

O depoimento da informante JF06F confirma a relação entre prestígio de uma língua e interesse na transmissão, porém aqui temos o caso de interesse de apenas uma das partes. Quando há interesse de ambas as partes – o que ensina tem vontade de ensinar e o que aprende deseja aprender, a equação se resolve naturalmente. Porém, se ao menos uma das partes não se interessa pela sua função, não há transmissão de conhecimento.

INFORMANTE JF06F, 52 ANOS

²⁰⁷ Lucano é o cidadão natural da região da Basilicata, sul da Itália, outrora denominada Lucânia; materano é o cidadão natural de Matera, província da Basilicata, onde se encontra a cidade de Tricarico, cujo gentílico é tricaricese (/trikari'fjeze/).

Ascendência	Pai italiano
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Maratea, Basilicata
Depoimentos	<p>Eu até... cobrava dele... Porque eu falava assim: você tinha que ter me ensinado... Quando eu fiquei adulta, né, mais velha, eu falava: Você tinha que ter me ensinado essa língua, hoje eu tinha aprendido mais uma língua, porque quando criança tudo é mais fácil. E a gente cobrou isso muito dele, sabe?</p> <p>Na época, que que acontece, a situação era outra, não existia curso de italiano. Só tinha curso de inglês. Entendeu? Então ele falava... Que era muito atarefado, era complicado... Cada filho tava numa idade diferente... entendeu? Então assim, ele não... E a gente falava isso muito pra ele: você devia ter ensinado a gente porque... não é uma língua tão difícil, né?</p>

As evidências colhidas através dos depoimentos vão mais além: dão luz ao cunho urbano da rede, pois demonstram que os descendentes imediatos – os filhos – talvez tenham aprendido a língua dos imigrantes na infância, por assimilação, mas essa língua não foi transmitida e nem preservada. Confirma-se o que afirma Bortoni-Ricardo (2011) a respeito da segunda geração.

O informante JF02M, quando questionado se aprendeu italiano, responde categoricamente: “não, não, não, não! Pra falar a verdade, nunca me interessei”. Seus relatos evidenciam também o dialeto calabrês como sendo a língua da rede social, já que seus pais não eram capazes de falar o italiano padrão:

INFORMANTE JF02M, 55 ANOS

Ascendência	Pai e mãe italianos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	Meu pai conversava assim, na língua deles, que era a língua de Paola. (...) A gente tem parente em <i>Firenze</i> , e lá fala o italiano. Tanto é que eles [os pais] tinham dificuldade de

	entender. Tinha coisa que ele balançava a cabeça e... Não tava entendendo!
	Todo mês, umas duas vezes por mês eles [os parentes italianos] telefona (sic) pra cá. Pra perguntar como é que tá... Pergunta como é que tá, e tudo... (...) A minha mãe que fala no telefone, coitada, passa até aperto, viu? O [dialeto] de Paola é tranquilo. Mas quando fala as filhas (sic), né, da turma lá, dos parente lá, que não nasceram em Paola...

INFORMANTE JF05F, 60 ANOS

Ascendência	Filha de mãe italiana e neta de ambos avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p>[sobre as conversas dentro de casa] Em dialeto. Todos em dialeto.</p> <p>[nas festas e reuniões de fim de semana na <i>Casa d'Italia</i>] E lá todo mundo falava dialeto. Dialeto!</p> <p>Minha mãe falava, carregada, mas falava o italiano. E ela aprendia alguma coisa [de português] por causa da banca de jornal. Ela era obrigada a aprender alguma coisa, ela não sabia nem ler nem escrever, mas ela tinha de se virar.</p>

O informante RJ05M também aponta para o desinteresse na aprendizagem da língua. Ele atribui essa falta de interesse à ausência de escolaridade dos imigrantes, o que nos faz inferir que não havia interesse na transmissão dos seus dialetos às demais gerações.

INFORMANTE RJ05M, 66 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	1913/1914
Origem	San Lucido e Paola, Calábria
Depoimentos	E: <i>Mas [seu pai] não quis aprender língua, né? Nem italiano...</i>

I: Não! Não! Ninguém da família aprendeu [italiano].

E: *Ninguém se interessou...*

I: Ninguém, ninguém. Não houve, é... Talvez pelo fato de que os antigos não tinham estudo... Então... tanto é que só os primos... A minha geração é que começou a estudar. A minha geração é que foi para a escola.

Paralelamente a todo esse contexto, é preciso sempre lembrar que a segunda grande guerra, entre os anos de 1939 e 1945, foi crucial para romper a transmissão cultural italiana porque a Itália fazia parte do inimigo. Italianos (e alemães também) foram perseguidos, impedidos de falar a própria língua, algumas vezes obrigados a se naturalizar, como aconteceu com o avô materno do autor deste trabalho. Sua família, composta por esposa, também italiana, e três filhos nascidos no Brasil foi submetida a ameaças e xingamentos frequentes por pessoas que passavam em frente ao seu comércio em cujos fundos residiam, na cidade de Juiz de Fora. O trecho da entrevista com o informante RJ02M demonstra essa lacuna:

INFORMANTE RJ02M, 61 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	Final do século XIX
Origem	Fuscaldo, Calábria
Depoimentos	<p><i>E: Na sua casa tinha alguma prática, por exemplo, cantiga de ninar italiana, seu avô... Pelo fato de ser seu avô, ou sua avó, ou seu pai...</i></p> <p>I: Tem uma coisa isso aí... Talvez os mais velhos tiveram, mas tem que levar uma coisa também em conta: o meu avô viveu aqui numa época, que foi da guerra, em que a guerra, os italianos eram inimigos.</p> <p><i>E: Na segunda guerra...?</i></p> <p>I: É..., o italiano era inimigo, então, a cultura italiana ali foi muito escondida, de uma certa maneira.</p> <p><i>E: É verdade.</i></p> <p>I: O que restou foi quase que um resquício, tanto que eles não falavam em italiano com os filhos. Os filhos entendem e tudo, mas os filhos não falam correntemente, porque eles escondiam o italiano por causa da guerra</p>

O mesmo informante aponta para indícios da relação de prestígio das línguas – italiano e calabrés – nos momentos de transmissão linguística intergeracional. São indícios, e não evidências, uma vez que o informante não teve contato direto com os avós italianos e seus depoimentos se baseiam nas histórias contadas em família. Contudo, ao ser questionado sobre seu conhecimento do dialeto calabrés, de seus ancestrais, ele diz que nunca foi de seu interesse.

INFORMANTE RJ02M, 61 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	Final do século XIX
Origem	Fuscaldo, Calábria
Depoimentos	<p><i>E: Você conhece expressões em dialeto?</i></p> <p>I: Não, não.</p> <p><i>E: Você nunca se interessou, né?</i></p> <p>I: Não.</p> <p><i>E: Você já foi lá [na cidade de origem dos avós]?</i></p> <p>I: Na Calábria, não. Fuscaldo, não. Já fui algumas vezes à Itália mas nunca fui pra lá.</p> <p><i>E: Não, né? Falta de interesse?</i></p> <p>I: Falta de interesse. Não tenho interesse.</p>

Esse trecho do depoimento é sintomático, pois demonstra o desinteresse não somente pela língua dos ancestrais como também pela própria cidade de origem. A sua ligação com a italianidade se transferiu para o Estado-Nação Itália, o que representa uma mudança de comportamento em relação aos próprios ancestrais.

Veremos agora, com mais detalhes, a CF surgida entre os jornaleiros de Juiz de Fora a partir da rede social de tessitura miúda, linguisticamente conservadora, e que serviu à manutenção temporária do dialeto calabrés, ou *paolano*. Tomaremos como base comparativa a CF Fazenda, descrita em Couto (2016b).

6.3.5. A Comunidade de Fala dos Jornaleiros

Vimos diversos casos de redes formadas a partir das necessidades comuns e da solidariedade entre concidadãos e conterrâneos. Notamos também que as famílias tendiam a se fixar em proximidade, como vimos no caso de uma vila em São Cristóvão, de Santa Tereza e de Botafogo, no Rio de Janeiro, bem como nos relatos de juiz-foranos declarando que moravam ‘tudo junto’. No caso particular dos calabreses, existe a curiosidade dos matrimônios entre parentes, o que certamente reforça os laços familiares. Porém, o tempo passa e as famílias vão tomando outros rumos, principalmente os descendentes. Afinal, o objetivo da imigração era fundamentalmente proporcionar melhores condições de vida para a própria família. Em ambientes urbanos multiculturais é natural que apenas alguns elementos próprios da cultura sejam transmitidos aos descendentes, mas até isso depende dos próprios descendentes, de seu maior ou menor interesse em assimilar essa cultura.

Dessa forma, as redes sociais criadas se limitaram a alguns italianos e com o passar do tempo e o natural falecimento dos membros, elas foram se extinguindo. Cabe a nós agora apenas coletar os depoimentos dos filhos, netos e bisnetos e registrar as memórias do que foram essas redes, que em alguns casos tinham laços bem fortes, eram redes de tessitura miúda. Graças aos depoimentos dos descendentes de imigrantes mais recentes identificamos e tais redes se tornaram CF difusas e complexas (COUTO, 2016), e funcionavam em espaços específicos dentro do território urbano, dos quais dois deles são bem claros: as bancas de jornal, onde havia a troca de informações e experiências, e a *Casa d'Italia*, a de Juiz de Fora em particular. Portanto, de acordo com os preceitos da Linguística Ecológica, a CF delimitada para nosso estudo será chamada de CF Jornaleiros, era formada pelos imigrantes calabreses dedicados ao ofício de distribuição e venda de jornais na cidade de Juiz de Fora.

A *Casa d'Italia* então tornou a ser, ainda que timidamente²⁰⁸, um espaço de confraternização de italianos e descendentes. Consequentemente, um espaço de interação da CF Jornaleiros, como se percebe pelos relatos de nossos informantes:

²⁰⁸ Com o termo ‘timidamente’ queremos dizer que os italianos e descendentes que ali se reuniam eram predominante provenientes da Calábria, que imigraram no pós-segunda guerra, apesar de a cidade contar com descendentes de outras gerações, vindas a partir do fim do século XIX.

INFORMANTE JF05F, 60 ANOS

Ascendência	Filha de mãe italiana e neta de ambos avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p>Tinha uma reunião lá na <i>Casa d'Italia</i>. Todo sábado iam vários italianos... Tinham contato, tinha brincadeira, tinha bocha, que eles jogavam bocha, né? Tinha bura.. bi... comé que é? <i>Scopa</i>. Eles jogavam muito <i>scopa</i>, né?</p> <p>Aquela união dos jornaleiros, vamos dizer assim, não tem mais porque já foi muita gente embora, faleceram, né... Os filhos não se importaram, aí acabou.</p>

INFORMANTE JF02F, 55 ANOS

Ascendência	Filho de pai e mãe italianos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p>A gente tinha a <i>Casa d'Italia</i>, né? (...) Quando meu pai tava vivo ele ia lá direto. Ia lá, ajudava, fazia tudo. Minha infância, eu passei muito tempo lá. A gente se reunia, os filhos dos italianos, e nós ia tudo (sic) pra lá brincar, principalmente domingo.</p> <p>Um frequentava a casa do outro por causa da <i>Casa d'Italia</i>. Naquela época a <i>Casa d'Italia</i>... Todo mundo se frequentava, todo mundo se conversava... (sic).</p>

INFORMANTE JF01F, 31 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p>Outra coisa também, que eles gostavam de ir era na <i>Casa d'Italia</i>, né? De ir lá. Tem a <i>boccia</i>, no domingo... Meu tio gostava também... Também faleceu também... eles faleceram assim bem próximos, meu pai, já vai fazer o terceiro ano que ele... faleceu.</p>

Meu tio, o segundo... Então eles iam... pra *boccia*, no domingo... Então assim, a *Casa d'Italia* também é um ponto de encontro deles, e tal, né?

Evidentemente, devemos mencionar que a *Casa d'Italia* do Rio de Janeiro também já foi ponto de encontro de italianos, como relata o informante RJ03M, no seguinte trecho de nossa entrevista (M = esposa do informante):

INFORMANTE RJ03M, 81 ANOS

Ascendência	Italiano ele próprio
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Portogruaro, Vêneto
Depoimentos	<p>E: <i>Aqui no Rio o sr. chegou a frequentar algum clube, associação, que reuniam italianos... pra jogar baralho... [por exemplo]</i></p> <p>I: No começo, como eu não sabia pra onde ir, eu ia muito na <i>Casa d'Italia</i>, era aí no Flamengo.</p> <p>E: <i>Ah, tá.</i></p> <p>I: Bem no... Bem na praia do Flamengo, bem na frente. Logo depois da Glória era logo aí. E quando eu conheci ela, foi... foi... eu ia... tinha... porque naquele tempo só podia ir de terno pra <i>Casa d'Italia</i>. Aí eu... tava voltando pra ir buscar o paletó, não me lembro, parece que era isso... Aí quando encontrei com ela, aí que conheci ela assim, a gente ficou... Mas não, nunca... porque não... Não conheço. Aqui no Rio não conheço lugares assim que... só de italianos.</p> <p>E: <i>Mas na Casa d'Italia... O que que se fazia lá? Assim, que o sr. ia lá...</i></p> <p>Ô, agora... (risos)</p> <p>M: É pra dançar, né pai?</p> <p>I: É, naquele tempo era só dança, parece.</p> <p>E: <i>Ah</i></p> <p>I: Acho que era só dança, não me lembro muito bem não.</p> <p>E: <i>Ah, o sr. Fala á noite, né?</i></p> <p>I: Não, de... durante o dia, de domingo, ou sábado, domingo. Que era só de sábado e domingo que eu ia porque durante a semana trabalhava, né?</p>

Da mesma forma que a *Casa d'Italia* representava um espaço de interação, as bancas de jornal também funcionavam como um ponto de reunião, porém não para as horas de lazer. Eram onde os italianos se encontravam, ou podiam se encontrar, nos dias de trabalho regulares, como apontam os depoimentos de nossos informantes. Esses encontros também podiam reunir, esporadicamente, jornalheiros do Rio e de Juiz de Fora, como nos conta o informante JF02M, mencionando dois parentes jornalheiros no Rio que iam a Juiz de Fora de vez em quando. A parentela em comum é mais uma vez percebida.

Esse mesmo informante, jornalheiro por herança do pai, aponta para a ruptura do contato e da transmissão intergeracional, não só pelo fato de o 'parente carioca' não ter mais retornado a Juiz de Fora após o falecimento do próprio pai, como também pelo tipo de conversa que mantinha com ele em suas visitas, restrito a assuntos profissionais.

INFORMANTE JF02F, 55 ANOS

Ascendência	Filho de pai e mãe italianos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
	[a respeito do conhecimento de jornalheiros italianos no Rio e/ou Petrópolis]. Petrópolis, não, mas meu pai sim. Na época, conhecia. Agora no Rio eu tinha, o que..?. uns dois parentes nossos, que tinha... Naquela época, não sei se ainda tem, tinha as banca no Rio que a maioria ficava 24 horas. Então tinha um parente nosso lá, (...) ele vinha de lá pra cá, inclusive até essas revistas boas, que na época tinha Manchete, esses troço tudo, né... No carnaval..., e ele trazia pra nós pra nós vendê aqui, pra podê... ganhá um lucro também, né? Ele era muito amigão do meu pai. Tanto é que depois que meu pai faleceu ele nunca mais veio aqui, nem sei se ele tá vivo. Quando meu pai tava vivo, ele vinha direto. Entendeu? Vinha direto. Aí eu conversava com ele... até perguntava uns assunto, que aquela época as coisa tava boa, né... Como é que tá o Rio, negócio de banca de jornal. Meu papo com ele era isso. Agora o papo do meu pai com ele era aquelas coisa antiga, do passado, as coisa boa, aquelas coisa ruim que eles passaram, entendeu.

O depoimento da informante JF01F ilustra a importância das bancas como ponto de encontro importante, um território descontínuo dentro da cidade, além de evidenciar, mais

uma vez, a relação de parentesco entre os imigrantes. Também sugere a ruptura da rede por falta de transmissão do próprio ofício. Muitos descendentes preferiram outras profissões, o que é natural em ambientes urbanos.

INFORMANTE JF01F, 31 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p>A banca de jornal era meio que um point deles, né? Eles iam na banca de um, na banca de outro, conversavam com um... Eles eram assim, tudo o que se passava na vida de um os outros sabiam.</p> <p>Eles... eram muito conhecidos assim entre eles. Primos, e tal. Mas os próprios filhos deles não se conheciam. Assim, não eram de contato, assim, um com o outro e tal. (...) Como eles, o ponto de encontro deles acontecia na banca de jornal, então os filhos não tinham contato com o ambiente de tra... A menos que fossem trabalhar lá, o que não aconteceu.</p>

Apenas para ilustrar, o informante RJ03M reitera a presença dos italianos jornalheiros não só no município do Rio de Janeiro, como em outras localidades do estado.

INFORMANTE RJ03M, 81 ANOS

Ascendência	Italiano ele próprio
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Portogruaro, Vêneto
Depoimentos	<p>Na época que eu vim pro Rio, eu me lembro que... Eu me lembro que eu vinha de Niterói, não é?... então passava pela Rio Branco pra pegar o bonde, não é... Pra ir pro trabalho, eu via... que teve época que eu trabalhava todo dia, até de domingo... então eu via de madrugada, os cara lá, os jornalheiros... preparando, que vem tudo separado, né... preparando o jornal... Era uma fila pra mais de 200 homens lá, tudo... E era tudo ita... Podia bater em qualquer banca no... na Rio Branco, Saquarema, não sei o que, em</p>

qualquer lugar, só italiano!

6.3.5.1. A CF Fazenda do Zé Artino

Façamos um breve resumo da recente publicação de Couto (2016b) acerca de uma CF existente na zona rural de Patos de Minas (MG). Nosso escopo é traçar um paralelo entre as duas CF demonstrando o quanto são semelhantes do ponto de vista da Linguística Ecológica, embora aparentemente muito diferentes.

A CF Fazenda configura-se da seguinte forma: seu território é resultado de um desmembramento de uma fazenda maior, pertencente ao patriarca Artino. O território da CF Fazenda era a parte que ficou com o filho, Zé Artino. A fazenda original tinha pouco menos de 150 alqueires e foi dividida entre os sete filhos. A parte do Zé Artino tinha aproximadamente 21 alqueires mineiros, pouco menos de 50.000 m². A CF fazenda, objeto do estudo de Couto, era constituída pela família do Zé Artino e os agregados que ali viviam. Essa CF existiu de aproximadamente 1940 até meados da década de 50 do século XX.

Neste ecossistema linguístico e cultural notamos o território T e a população P. A língua utilizada era um dialeto rural bastante marcado por itens lexicais peculiares, de significação local, embora muitas vezes com correspondência ao léxico do dialeto estatal. Como afirma Couto (2016b, p. 64),

o significado das palavras é claramente ligado a um contexto, não há significado descontextualizado. Alguns autores chegam a afirmar que toda palavra tem um significado diferente para cada pessoa que a usa, ou seja, o significado das palavras só existe na comunidade de fala, e até na ecologia da interação comunicativa em que são usadas. É claro que existe uma base comum, um significado ligado à comunidade de língua, ao sistema. No entanto, em cada ato de interação comunicativa esse significado pode ser subvertido, e frequentemente é subvertido, ou melhor, adequado, adaptado.

Evidentemente essa polissemia pode ser mais acentuada em comunidades isoladas, como era o caso da CF fazenda, cujo contato com o dialeto urbano era raro e o contato com o dialeto estatal era feito precariamente através de poucas escolas.

6.3.5.2. As CF em análise: Fazenda e jornaleiros imigrantes italianos

Faremos um resumo das principais características dos ecossistemas linguísticos que compõem as duas CF em questão. Analisamos cada um dos três pilares da tríade P-L-T e verificamos suas semelhanças e diferenças. A partir da premissa de que uma CF, em regra geral, é um pequeno ecossistema linguístico no qual há solidariedade e frequente interação entre seus membros, ou seja, uma CF é entendida como tal pelos atos de interação comunicativa entre seus membros, verificamos que embora apresentem características bastante diferentes, ambas podem ser estudadas sob a perspectiva ecolinguística pela natureza holística desse ramo da linguística.

6.3.5.3. O Território

O território é sempre muito importante na delimitação de uma CF. Na CF Fazenda ele é bastante claro. É própria delimitação territorial da fazenda do Zé Artino, um território contínuo e demarcado. E como já vimos, trata-se de uma CF rural. A CF dos jornaleiros italianos é bastante diferente em diversos sentidos, a começar pela característica urbana, o que permite e facilita o contato mais estreito com outras possíveis CF e outras variedades linguísticas. Como os italianos não criaram guetos, não há como delimitar seu território, embora ele exista. Entretanto, é descontínuo, pois a CF existe e se move entre locais de encontro, como as bancas de jornal ou a *Casa d'Italia*. Naturalmente, há também o espaço familiar como núcleo de CF compacta, assim como acontecia na CF fazenda.

Embora mais difícil de ser identificado, territórios descontínuos não são tão incomuns em CF. É o caso das CF de surdos e deficientes auditivos. Esses costumam ter CF bastante ativas, espalhadas em diversas partes. Afinal, há surdos em todas as partes, mas não existe uma vila, um bairro, uma cidade ou um país com uma população só de surdos.

Em regra geral uma CF se forma a partir da comunhão. Em seguida, a comunicação e posteriormente a significação. Com base na premissa de que toda palavra ou expressão é polissêmica, as CF transformam significados, criando expressões que tem significação particular para os membros, podendo até não fazer sentido para não membros. Esse fato pode

ser abordado sob a perspectiva da terceira onda da sociolinguística, proposta por Eckert (2005; 2012), a partir do momento em que entendamos as CF como Comunidades de Prática (WENGER, 1998; ECKERT, 2005). Assim, na CF Fazenda temos expressões como *corquinho*, *ispigão*, *manguera*, *pastinho*, todas com significação bem clara para os membros da CF, e que serviam de orientação espacial para eles. Na CF dos jornaleiros de Juiz de Fora há resquícios do que eram as orientações espaciais e as menções à *Casa d'Italia* são as mais recorrentes. Mas há outras também, como a *banca de cima*, referência a uma banca que fica em outra região, e o *Pio XII*, referência a uma galeria que une duas importantes ruas da cidade. A *Casa d'Italia* é referência à imigração italiana na cidade. Tem significação própria para todos os habitantes do município; as demais só tem sentido completo para os membros da CF.

INFORMANTE JF02M, 55 ANOS

Ascendência	Pai e mãe italianos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p>Ainda lembro... Eu era 'pequeninim', então ele [o avô materno] me pegava lá, em casa, e me levava lá pra <i>banca de cima</i>. Aquela banca lá é nossa.</p> <p>Naquela época, a <i>Casa d'Italia</i>... Todo mundo se frequentava, todo mundo se conversava... Aí depois foi falecendo, falecendo... Não é que ninguém conversa com ninguém não, nós tem amizade e tudo, mas o que que eu vou fazer na <i>Casa d'Italia</i>?</p> <p>Um frequentava a casa do outro! Por causa da <i>Casa d'Italia</i>!</p> <p>Tenho contato com aquele [colega] que tem a banca lá no Pio XII</p>

6.3.5.4. A população

Pela própria natureza das CF em estudo, a CF Fazenda tem uma população facilmente identificada, composta por 13 pessoas. Por se tratar de zona rural e com pouco contato com

outras áreas, não é difícil constatar quem foram seus membros. Já a CF dos jornalheiros não nos permite identificar a quantidade de membros, muito menos se havia um líder. Tratava-se de várias famílias, vindas da mesma região italiana, com muitos matrimônios entre eles mesmos, e que se ajudavam mutuamente. Como a CF não mais existe, não há mais como identificar ao menos um número aproximado de membros, mas ela existiu e definiu, até desaparecer. E evidentemente que a própria natureza da área urbana, onde o contato entre línguas costuma favorecer aquela de maior poder, a falta de um território contínuo, e a língua sem prestígio usada na CF foram fundamentais para sua dissolução. É muito claro o desinteresse na transmissão linguística intergeracional. Os excertos dos depoimentos a seguir o demonstram:

INFORMANTE JF01F, 31 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p><i>E: Mas se dirigindo a vocês, às crianças...?</i></p> <p>I: Não. (...) Entre eles. Se tivesse meu pai e meu tio, eles falavam em italiano. Meu pai e meu tio, italiano. O dialeto, né? Entre eles, irmãos, também, era o dialeto que eles falavam.</p> <p><i>E: Tá. Mas com as crianças... eles...</i></p> <p>I: Não. Com a gente [falavam] o português. Tanto é que meus primos, eles não sabem assim, falar italiano. Não pegaram em contato com eles [os avós]”</p>

INFORMANTE JF02M, 55 ANOS

Ascendência	Pai e mãe italianos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<i>E: Você aprendeu italiano?</i>

I: Não, não, não, não, não!
 E: *Nunca se interessou?*
 I: Pra falar a verdade, nunca me interessei

INFORMANTE JF05F, 60 ANOS

Ascendência	Filha de mãe italiana e neta de ambos avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	[Perguntada de fala italiano] ‘ <i>menso a menso</i> ’ (<i>mezzo a mezzo</i>)

6.3.5.5. A língua da CF

Enquanto que na CF Fazenda a língua era um dialeto rural, havia pouco contato com os dialetos urbano e estatal e estava inserida claramente numa CdL portuguesa, a CF dos jornaleiros era o dialeto falado numa pequena província da Calábria, no sul da Itália, estava constantemente pressionado pela língua dominante, o dialeto urbano do português brasileiro e igualmente pelo dialeto estatal, sobretudo pela presença dos filhos na escola. Com relação à CdL, estava incluído também numa CdL portuguesa, e como se trata de língua estrangeira, funcionava como uma ilha linguística, ou como um enclave. Pela perspectiva da pátria de origem, poderia ser considerado um exclave (COUTO, 2009, p. 165). Devemos sempre lembrar que a língua desse enclave não tinha prestígio nem *status* de língua nacional, embora fosse, e o seja até hoje, marcador identitário. Os relatos a seguir apontam para a importância dessa língua na CF mesmo quando havia algum membro de região diferente daquela da maioria, e a pressão sofrida pela língua dominante:

INFORMANTE JF04F, 25 ANOS

Ascendência	Pai italiano
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Tricarico, Basilicata
Depoimentos	Eu me lembro principalmente com o [amigo que trouxe seu pai para o Brasil] que eles começavam a falar em português, 'ma' terminavam falando em dialeto. Era uma coisa intercalada. Essa lembrança eu tenho muito forte. O [amigo] não era de [cidade do pai], mas ele era do sul [da Itália]
	E aí eu me lembro vagamente deles conversando, todos com dialetos sulistas, mas se entendiam. (...) Mas era uma mistura, ora em português, ora em dialeto. Tenho essa lembrança muito marcada. Como todos eram do sul, eles se entendiam.

INFORMANTE JF02M, 55 ANOS

Ascendência	Pai e mãe italianos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	Meu pai conversava assim, na língua deles, que era a língua de Paola. (...) A gente tem parente em Firenze, e lá fala o italiano. Tanto é que eles [os pais] tinham dificuldade de entender. Tinha coisa que ele balançava a cabeça eee... Não tava entendendo
	Todo mês, umas duas vezes por mês eles [os parentes italianos] telefona (sic) pra cá. Pra perguntar como é que tá... Pergunta como é que tá, e tudo... (...) A minha mãe que fala no telefone, coitada, passa até aperto, viu? O [dialeto] de Paola é tranquilo. Mas quando fala as filhas (sic), né, da turma lá, dos parente lá, que não nasceram em Paola...

INFORMANTE JF01F, 31 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria

Depoimentos	<p>I: Na casa dele [do pai], eles falavam italiano, na casa do meu pai, com os irmãos dele. Todo mundo falava só italiano. Eles não falavam português até porque os pais deles [avós da informante] não falavam [português]. Só quando eles tinham contato com pessoal de fora é que eles falavam [português]”.</p> <p>E: <i>E eles falavam italiano ou dialeto?</i></p> <p>I: Dialeto. Dialeto. Meu pai sabia falar um pouco de italiano. Meu tio mais velho é italiano [nascido na Itália], mora em São Paulo, ele fala italiano, mas eu acredito que ele aprendeu depois.</p>
--------------------	--

INFORMANTE JF05F, 60 ANOS

Ascendência	Filha de mãe italiana e neta de ambos avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p>E: <i>A sra. Considera que a sua língua materna é o dialeto ou o português?</i></p> <p>I: Dialeto. O português eu aprendi na escola.</p>

A tabela comparativa a seguir resume as características principais da tríade ecossistêmica P-L-T das CF analisadas:

	CF Fazenda	CF Jornaleiros
Território (T)	<ul style="list-style-type: none"> • Território contínuo, área rural; • Casa, curral, paiol, quintal, mangueira, pastinho, pasto de cima, ... 	<ul style="list-style-type: none"> • Território descontínuo, área urbana; • Vizinhança (parentes), bancas de jornal (com sua nomenclatura), <i>Casa d'Italia</i>.
População (P)	<ul style="list-style-type: none"> • Patriarca – Zé Artino, filho do velho Artino; • Família e agregados; • 13 pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Várias famílias; • Impossível determinar um número preciso de membros – muitas uniões entre parentes; • A própria natureza da área urbana impede

		essa precisão;
		<ul style="list-style-type: none"> • Não há um patriarca, um líder.
Língua (L)	<ul style="list-style-type: none"> • Dialeto rural (variedade do PB) • Pouco contato com dialetos urbano e estatal • Localizada no domínio de CdL portuguesa 	<ul style="list-style-type: none"> • Dialeto calabrês (paolano), predominantemente, pressionado pela língua dominante. • Constante contato com dialetos urbano e estatal • Localizada no CdL portuguesa

Tabela 4 – Quadro comparativo entre as CF Fazenda e CF Jornaleiros

6.3.5.6. O fim da CF Jornaleiros

Nos anos 50 as bancas de jornais e revistas eram uma boa oportunidade de negócio e de trabalho e graças a essa atividade muitos imigrantes puderam se estabelecer nas cidades de Juiz de Fora e Rio de Janeiro. Entretanto, os avanços de uma sociedade produzem modificações comportamentais. As pessoas e as comunidades precisam se adaptar para sobreviver. E se levarmos em conta os ambientes urbanos, onde os avanços acontecem mais rapidamente, a necessidade de adaptação é mais urgente. Atualmente, o elemento urbano ‘banca de jornal’ já é algo bastante modificado em relação ao passado recente. Muitas delas se transformaram num pequeno armazém, de modo a oferecer outros produtos e variar as fontes de renda. Jornais e revistas têm reduzido suas tiragens impressas e isso causa uma modificação no próprio conceito de banca. Some-se a isso o desinteresse em frequentar a *Casa d’Italia*, local símbolo para uma geração, mas que também teve que se adaptar para sobreviver, sobretudo depois das diversas ameaças a que fora submetida nos anos 80 do séc. XX.

Pela falta de transmissão linguística, e pelos rumos que os filhos tomam na vida - em centros urbanos há sempre muitas possibilidades - a CF jornaleiros foi paulatinamente deixando de existir, com o falecimento dos seus membros. Certamente, ainda há contato entre descendentes, mas nem de longe tão estreito como no passado, entre os próprios imigrantes. Vejamos os depoimentos a seguir:

INFORMANTE JF05F

Ascendência	Filha de mãe italiana e neta de ambos avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p>Aquela união dos jornaleiros, vamos dizer assim, não tem mais porque já foi muita gente embora, faleceram, né... Os filhos não se importaram, aí acabou.</p> <p>Não! Não! Acabou”! [a respeito do hábito de se encontrar na <i>Casa d'Italia</i>] (...) É triste também, né?</p> <p>Então, ele [o atual vice-cônsul] ficou à frente da <i>Casa d'Italia</i> deve ter uns 5 ou 6 anos, e à medida que foi falecendo as pessoas (sic), ninguém tomou mais interesse naquilo ali.</p>

INFORMANTE JF01F, 31 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p>igual você falou... essa questão das famílias se comunicarem, não por causa... dessa questão, do ponto de encontro ser mais a banca de jornal ou a <i>Casa d'Italia</i>. E a <i>Casa d'Italia</i> também virou uma coisa só para os descendentes mais antigos. Pros novos, não tem essa afetividade, esse ponto de encontro. Não se renovou.</p>

INFORMANTE JF02M, 55 ANOS

Ascendência	Pai e mãe italianos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria

Depoimentos

Aí depois foi falecendo, falecendo... Não é que ninguém conversa com ninguém não, nós tem (sic) amizade e tudo, mas o que que eu vou fazer na *Casa d'Italia*?

Mufwene (2016, p. 476) esclarece que as línguas, assim como as espécies biológicas, competem e se adaptam no processo de evolução, mas esse processo não deve ser entendido como se as línguas competissem por falantes. A competição tem a ver com a classificação desigual que falantes fazem entre línguas coexistentes ‘espaçotempo’ em que são usadas.

A classificação é social, tendo muito pouco ou nada a ver com suas estruturas específicas, mas tudo a ver com poder socioeconômico e político e atitudes sociais. Evidentemente, **com os benefícios sociais advindos do falarem uma língua ou outra** em domínios específicos associados, por exemplo, a tipos específicos de empregos que se almejam, às posições sociais específicas que se deseja ter, às práticas de fazer compras, bem como às próprias atividades em outras esferas, na vizinhança, em casa, sobretudo, no último caso, quando os cônjuges ou parceiros têm passados etnolinguísticos diferentes (MUFWENE, 2016, p. 476-477) (grifos nossos)

Ora, o ‘espaçotempo’ a que nos referimos evidencia essa competição (nos termos esclarecidos por Mufwene) e a seleção linguística por parte dos descendentes, mesmo quando completamente inseridos em passados etnolinguísticos iguais, como é o caso de JF02M e JF05M. Seria inimaginável que descendentes de imigrantes italianos, em condições socioeconômicas inferiores às da população receptora e falantes de uma língua sem prestígio algum (o dialeto calabrês) pudessem optar (selecionar) a língua dos ancestrais como suas línguas principais. Mesmo que o fizessem, ela seria usada em poucos domínios ou ambientes comunicativos.

Podemos conjecturar hipóteses, entretanto. O processo de classificação e seleção linguística seria diferente caso a língua dos ancestrais fosse o italiano padrão, prestigiado pela condição de ser a língua nacional e oficial do Estado-Nação de origem dos imigrantes? Teria essa língua sido transmitida como L2, LE, ou LH? Temos indícios de que sim, como os depoimentos de JF04F e JF06F que repetimos aqui, lembrando que o pai de JF04F não tinha o italiano como L1:

“Outra coisa que meu pai fazia questão também: que eu estudasse a língua [italiana]. Então eu posso dizer que isso é uma diferença em relação aos meus

colegas, que eu fui alfabetizada nas duas línguas. Eu fazia aula com ele e... Isso ele fazia questão, três vezes na semana a gente sentava e estudava italiano” (JF04F, 25 anos).

“Eu até... cobrava dele... Porque eu falava assim: você tinha que ter me ensinado... Quando eu fiquei adulta, né, mais velha, eu falava: Você tinha que ter me ensinado essa língua [o italiano], hoje eu tinha aprendido mais uma língua, porque quando criança tudo é mais fácil. E a gente cobrou isso muito dele, sabe?” (JF06F, 52 anos)

Por fim, para instigar ainda mais nossas conjecturas, imaginemos que essa língua dos ancestrais fosse o inglês. Na classificação social que fazemos das línguas certamente o inglês ocupa um dos primeiros lugares. Então, é plausível admitir que a transmissão intergeracional teria acontecido naturalmente. Teria sido do interesse de ambas as partes. Essas conjecturas nos permitem enxergar a relação entre língua e poder. Como disse Nebrija, em 1492, “*siempre la lengua fue compañera del imperio*”.

6.4. Exemplos práticos de Ecossistema Cultural

Como ponto de partida da análise do ecossistema cultural, vejamos um quadro comparativo das duas CF analisadas, sob a perspectiva Ecolinguística. Tomamos por base o ensaio de Couto (2016b) que trata da CF Fazenda do Zé Artino e fizemos algumas comparações com a CF Jornaleiros de forma a enfatizar os pressupostos da Linguística Ecossistêmica e demonstrar que a tríade P-L-T, fundamento do ecossistema linguístico, pode ser identificada mesmo em territórios descontínuos. O quadro abaixo ilustra as diferenças entre as duas CF segundo as diversas classificações e tipologias.

CF Fazenda	CF Jornaleiros
<ul style="list-style-type: none"> • Ecossistema cultural rural 	<ul style="list-style-type: none"> • Ecossistema cultural urbano
<ul style="list-style-type: none"> • CF simples (monolíngue/monodialetal) 	<ul style="list-style-type: none"> • CF complexa (bi-trilíngue/bi-tridialetal)
<ul style="list-style-type: none"> • CF compacta (núcleo familiar) ou difusa (toda a região rural) 	<ul style="list-style-type: none"> • CF compacta (famílias vivendo em proximidade) ou difusa (toda a cidade)

<ul style="list-style-type: none"> • CdL portuguesa 	<ul style="list-style-type: none"> • CdL portuguesa, mas um exclave de CdL italiana/calabresa
<ul style="list-style-type: none"> • AIC: maior parte na cozinha 	<ul style="list-style-type: none"> • AIC: maior parte nas bancas de jornal
<ul style="list-style-type: none"> • Terminologia própria para orientação espacial – significação própria: ispigão, corquinho... 	<ul style="list-style-type: none"> • Terminologia própria para orientação espacial – significação própria: banca de cima, Pio XII, <i>Casa d'Italia</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Já extinta 	<ul style="list-style-type: none"> • Já extinta

Tabela 5 – Resumo das CF Fazenda e CF Jornaleiros

Como aponta Couto (2016), “as comunidades de fala estão umbilicalmente ligadas a um espaço e a um tempo bem definidos. Elas podem se fazer e desfazer, ser desmembradas, integrar outras comunidades de fala etc., exatamente como acontece com o ecossistema biológico”. A CF Jornaleiros foi desmembrada, ou desfeita, porque era uma CF bastante fechada em si mesma. Era uma CF complexa, cuja língua principal, um dialeto sem prestígio, não foi transmitida aos descendentes. Era também difusa, o que fomentou a dispersão dos descendentes que não mantiveram a rede estreita, já que integraram-se à sociedade juiz-forana naturalmente. Portanto, do ponto de vista linguístico houve uma ruptura na tríade P-L-T. Entretanto, elementos culturais que ficam à margem da língua, compondo a tríade P-C-T permanecem presentes nas gerações pós-imigração, e algumas vezes estão tão intrincadas a ponto de não serem percebidas. É quando percebemos os processos de transculturalidade.

Vimos em 5.4 que num ecossistema cultural podemos separar a língua dos fatos e objetos, e que os fatos podem ser classificados em:

- Naturofatos;
- Artefatos;
- Mentefatos;
- Sociofatos.

Numa comunidade de imigração não há naturofatos, ao menos no conceito tradicional que relaciona algo natural de certo território com o povo que nele habita. Porém, os artefatos podem ser recorrentes porque os imigrantes permanecem construindo e manufacturando,

mesmo longe de sua terra natal. Da mesma forma podemos relevar mentefatos e sociofatos, ambos intrinsecamente ligados ao legado cultural. Retornando em 5.4, lembramos que a cultura de um povo é tudo o que foi feito, é feito e será feito: passado, presente e futuro.

Exemplo de artefatos temos muitos, mas certamente a *Casa d'Italia* de ambas as cidades, Rio de Janeiro e Juiz de Fora, sejam os melhores exemplos. A importância da de Juiz de Fora é proporcionalmente maior do que a do Rio de Janeiro. Representa um marco da italianidade na cidade²⁰⁹. É um prédio conhecido, um ponto de referência, associado à presença italiana na composição da população. Há outros, porém, dentro da paisagem arquitetônica. Em Gaio (2013) muitos italianos que imigraram no fim do século XIX se dedicaram à construção civil, deixando marcas na arquitetura municipal. Igualmente, Weyrauch (2010) discorre sobre a presença italiana na construção do Rio de Janeiro e aborda também a construção civil, mas se estende a outros campos do saber. Apesar de não ocupar o prédio original, a *Casa d'Italia* do Rio de Janeiro é igualmente um artefato ligado à italianidade daquela cidade.



Figura 25 – Prédio da *Casa d'Italia* do Rio de Janeiro, onde funciona o Consulado Geral e o Instituto Italiano de Cultura

²⁰⁹ Cf. Figura 5 – Fachada da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora

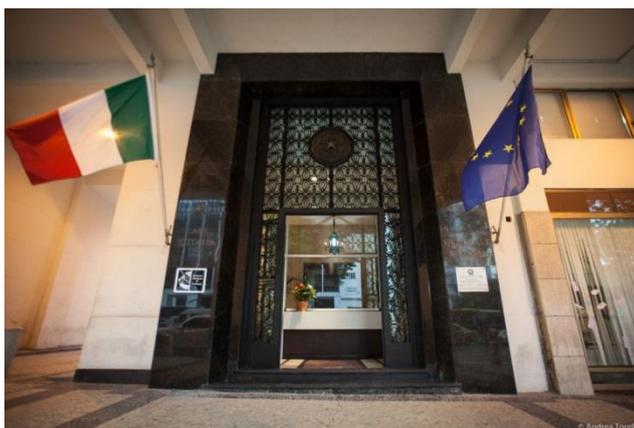


Figura 26 – Portão de entrada do prédio da *Casa d'Italia* do Rio de Janeiro

Os naturofatos, que não existem no nosso caso, e os artefatos a que nos referimos são objetos concretos, tangíveis. São símbolos que remetem a um povo ou a um grupo de pessoas que têm algo em comum, e neste trabalho tratamos especificamente ao grupo de imigrantes italianos que se estabeleceram no Rio de Janeiro e em Juiz de Fora. Portanto, uma edificação como o prédio da *Casa d'Italia* tem um sentido simbólico particular para descendentes de italianos e outro sentido para não descendentes. Essa é uma visão bastante simplificada porque essa simbologia depende do grau de italianidade dos descendentes, no sentido em que eles podem ser mais ou menos envolvidos com o legado deixado pelos ancestrais. Da mesma forma, habitantes de uma cidade precisam conhecer sua história para que símbolos como estes remetam a alguma coisa.

Passemos então aos mentefatos e aos sociofatos, elementos de natureza abstrata, intangíveis. Como vimos, os mentefatos são de caráter psíquico, intelectual e emocional; os sociofatos são regras culturais ou comportamentais seguidas por certos grupos. Os mentefatos estão presentes em diversas passagens nos relatos de nosso informantes, alguns deles com destacadas marcas emocionais.

É particularmente interessante observar como os artefatos fazem disparar mentefatos, o que nos faz refletir sobre como a cultura de um povo possa estar ligada a imagens visuais. Dessa forma, caso estas imagens ainda existam no cenário estudado, o legado cultural transmitido de geração em geração pode ser mais forte, por estar ancorado em objetos visíveis e tangíveis. Tudo isso nos leva a especular sobre a possibilidade da venda da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora, aventada nos anos 80 do séc. XX. A perda teria sido irreparável.

Em nossas entrevistas colhemos depoimentos bastante interessantes, reveladores de mentefatos ligados à teledramaturgia, que funcionava como lembrança da realidade vivida pelos imigrantes, o que ajudou os descendentes a fortalecer o vínculo com o passado e a valorizar as próprias origens através da representação das dificuldades enfrentadas. Vejamos o trecho da entrevista com o informante JF02M a respeito da importância da telenovela Terra Nostra²¹⁰, transmitida entre 1999 e 2000. O diálogo entre o entrevistador e o informante começa com uma pergunta sobre seu sentimento acerca da sua própria italianidade.

INFORMANTE JF02M, 55 ANOS

Ascendência	Pai e mãe italianos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p>E: <i>Você tem algum sentimento, acha que é um pouco italiano, ou não tem essa preocupação?</i></p> <p>I: Não, não!!! Meio a meio, cara! Meio a meio! Nossa senhora!</p> <p>E: <i>Você tem essa coisa de ... [italianidade]... Não esquece [as origens]...</i></p> <p>I: Nãããã, não não! Não desprezo não!</p> <p>E: <i>Nem pensei em desprezo, mas, sei lá, em não pensar nisso...</i></p> <p>I: Nããã! Penso, penso até neles, no sofrimento que eles tiveram, entendeu? O que eles passaram, cara... Principalmente quando passava aquela novela... Você lembra aquela novela italiana...?</p> <p>E: <i>Teve uma famosíssima que se chamava Terra Nostra.</i></p> <p>I: Essa!! Acho que foi a primeira. A primeira... A primeira, nós era moleque ainda, cara, então... Naquela época tinha o hábito da gente assistir televisão com os pais, hoje acabou isso. Lá em casa sempre teve isso, a gente sentava, via televisão. Agora não. Agora, grande, cada um vai para um lado. Mas quando eu era moleque a gente ficava tudo junto.</p> <p>E: <i>Tem a internet também</i></p> <p>I: É!! Agora virou uma zona. Agora virou zona. Aí, que que acontecia? Rapaz, pai e mãe choravam, então, pô... e quando chora um, chora outro, chora todo mundo!!</p> <p>E: <i>Claro.</i></p> <p>I: Então, cara, aquilo era de se emocionar. Não esqueço! Não esqueço! Parava tudo pra ver novela! E naquela época 8 horas era 8 horas. (...) Isso aí eu tenho marcado, cara.</p>

²¹⁰ Telenovela exibida pela Rede Globo de Televisão, escrita por Benedito Ruy Barbosa e transmitida entre 20/09/1999 e 02/06/2000. Sua temática era a imigração italiana para o Brasil no fim do século XIX.

Nossa!...

E: *Que legal!*

I: E ele [o pai] vinha pra cá, rapaz, e... E ele já tinha essa banca aqui, e ele vinha pra cá, mas pô... Se a novela foi 7 meses de novela, vamos supor, eu não lembro, não sei quanto tempo foi a novela. Se foi 7 meses de novela, [eram] 7 meses de assunto de novela. Ele ficava pra mim na parte da manhã, e na parte da manhã essa turma que sempre acompanhou a vida dele quando eu era moleque, na época não tinha banca de jornal, se entregava jornal tudo pela correia, então ele fez muita amizade em São Mateus. Muita gente já, da idade dele, conhece ele pequenininho. Se envelheceram juntos (sic). Rapaz... mas juntava 3, 4, 5 aqui, tudo sobre novela. Se ele chegava aqui 8 e meia, nove horas, de nove horas até na hora que eu chegava aqui à uma hora... Todo dia era novela. Foi uma senhora de uma novela! Então, cara... aquilo foi até uma diversão, até pra ele.

E: *É engraçado, essa parte da emoção, eles choravam porque eles lembravam...*

I: Leeeeeembra! Mas contava com a história, né cara, com a história. Não era... às vezes não podia ser 100%, mas que tinha [semelhança com a própria história]... não é?

E: *A história pega um modelo, né?*

I: ...Aí, PQP, como é que eu ria, cara. Vinha aqui, passava um, começava a contar. Aí ele já contava as coisa lá atrás que ele passou. 'comigo aconteceu a mesma coisa, no navio, fomos todos juntos...' Rapaz... Tinha dia que tinha uns que vinha aqui e olhava pra mim 'é você que tá aí? E seu pai?' Só amanhã de manhã. 'Então amanhã de manhã eu volto'. Quer dizer, vinha aqui não é pra comprar nada não, é pra conversar com ele... Sobre a novela, cara!!

JF02M emenda um assunto no outro, fazendo algumas digressões e retomando o ponto sem muitos conectivos. Partindo do sentimento de italianidade que ele faz questão de afirmar ao dizer que se sente meio brasileiro e meio italiano, se lembra da telenovela como marca emocional, uma vez que assistindo-lhe em família, choravam todos com as cenas de sofrimento com as quais os pais se identificavam. Dali o informante já começa a falar do pai em particular, que centralizava as conversas na banca em torno das cenas da novela. Ele regride no tempo ao mencionar o tempo em que seu pai entregava jornal de casa em casa, presos numa correia. Por conta deste ofício, o pai teria feito muitas amizades no bairro em que vivia. Consequentemente, havia muita gente conhecida que frequentava sua banca para conversar sobre as cenas da novela. Entendemos que o depoimento revele também a legitimidade do pai para falar desse tipo de assunto, por ser ele mesmo um imigrante italiano. O informante é preterido nesse tipo de conversa, como se vê na última resposta:

“Tinha uns que vinha aqui e olhava pra mim [e perguntava]:

- É você que tá aí? E seu pai?

- Só amanhã de manhã.

- Então amanhã de manhã eu volto.
 Quer dizer, vinha aqui não é pra comprar nada não, é pra conversar com ele...
 Sobre a novela, cara!!”

Müller (2015) trata desse tema, analisando as funções do *code-switching* literário especificamente na literatura ítalo-brasileira. Suas observações a levaram a categorizar os elementos linguísticos usados na literatura, os quais refletem a realidade das famílias de descendência italiana. Essas acabam por se identificar com a obra de ficção porque retomam os mentefatos que muitas vezes marcaram suas vidas em família.

JF05F também comenta sobre as dificuldades dos ancestrais no ofício de jornalista. O relato reforça o mentefato relacionado ao “sofrimento muito grande” da vida dos imigrantes. Igualmente, aponta para os percalços de uma família com 10 filhos. Ressalto sua inclusão no grupo, com o uso alternado e conflitante do plural, na terceira (eles) e na primeira pessoa ([nós] éramos). Embora seja nascida no Brasil, ela menciona ‘eles’ (os pais), mas se inclui no grupo como parte da família.

INFORMANTE JF05F, 60 ANOS

Ascendência	Filha de mãe italiana e neta de ambos avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p>Antigamente eles [o pai, o avô e os outros jornalistas italianos] vendiam bilhetes [de loteria] e jornal numa correia. Ficava assim naquela correia antiga... E depois passou prum triciclo. Ficou mais ou menos dois anos naquela correia, sofrimento muito grande, e começou a usar o triciclo. No triciclo eles achavam melhor, (...) tinha mais facilidade de locomoção. Aí surgiram (sic) a oportunidade de montar uma banca de jornal em Juiz de Fora. A prefeitura, naquela época tinha mais facilidade [de obter licença], aí montaram uma banca e ficaram até hoje.</p> <p>[quando vieram] eles não sabiam o que iriam enfrentar. Muita dificuldade. Porque a mamãe era mãe de 10 filhos. 10 filhos, é uma dificuldade danada, né? Então... Mas quando eles vieram da Itália pra cá, éramos 7. Não, minto, éramos 4. (grifos nossos)</p>

O caso a seguir é emblemático. A informante não percebe que hábitos peculiares de sua rotina diária na infância são relacionados à sua italianidade, considerando-os naturais. O pesquisador questiona à informante sobre possíveis diferenças entre os costumes de sua casa e os das casas de seus colegas. Em princípio disse, titubeando, que não havia, mas quando questionada sobre hábitos alimentares, revelou muito mais do que isso, embora sempre insistindo que não havia muitas diferenças.

INFORMANTE JF04F, 25 ANOS

Ascendência	Pai italiano
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Tricarico, Basilicata
Depoimentos	<p><i>E: Você percebia, por exemplo, embora sua mãe seja brasileira, mas... é... práticas... na sua casa, práticas, vou chamar de culturais... Hábitos da sua casa que eram às vezes diferentes dos das suas colegas de escola, por exemplo, que não tinham nada de ascendência italiana... Você percebia isso?</i></p> <p>I: Olha... De hábitos diferentes assim, NÃO porque eu, eu fui muito criada com a influência da minha mãe.</p> <p><i>E: Ah, tá</i></p> <p>I: Mas assim, o que que tinha de... Então assim, de diferente dos meus colegas, não. Eu posso dizer que a gente tinha hábitos italianos. Por exemplo, de todos os dias, todo mundo comer junto e ficar à mesa durante um bom tempo. Tinha hábitos do sul da Itália. Por exemplo, todo domingo sete horas da noite meu pai tocava acordeom e a gente tinha que ficar ouvindo. E todo domingo, por exemplo, eu tinha que ligar pra minha tia, que lá no sul, na cidade dele, tinha esse costume, de todo mundo cantar as musiquinhas tradicionais <i>'il cielino che vien dal mare, che viene a dire...'</i> Aí eu tinha que ligar pra minha tia todo domingo e cantar essas musiquinhas, mas assim, hábitos diferentes das minhas colegas não, porque eu fui criada com a minha mãe. Então, assim, eu tive influência brasileira muito forte.</p> <p><i>E: Entendi.</i></p> <p>I: Tinha os hábitos italianos, principalmente no que diz respeito à alimentação, assim... Mas não, de diferente não notei.</p> <p><i>E: Tá. Mas a alimentação seria uma coisa...</i></p> <p>I: É. A alimentação, sim. Meu pai fazia MUITA questão que a gente todo dia se reunisse, sentasse à mesa, não podia um comer no sofá, outro comer ali, ele fazia muita questão disso. Mas assim, não sentia muita diferença em relação aos meus colegas não.</p> <p><i>E: E a comida?</i></p>

I: A comida... Isso sim, isso sim

E: *A comida propriamente dita*

I: Meu pai, por exemplo, a gente fazia o macarrão em casa, a massa de pizza a gente fazia em casa... **Era mais em relação à alimentação.**

Fica muito claro que há diferenças significativas entre hábitos familiares tipicamente trazidos, mantidos e transmitidos pelo pai, mas a informante não se dá conta disso. Considera os costumes dominicais normais, inclusive envolvendo ligações telefônicas internacionais, cujo objetivo era manter a tradição (segundo ela, do sul da Itália) de cantar em família, não suficientemente diferenciadores de costumes.

Esse depoimento é a síntese da etnicidade em movimento. A informante considera que em sua casa havia o que ela chama de ‘hábitos italianos’, mas no mesmo enunciado afirma que não havia diferenças de costumes em comparação com as famílias de seus colegas. Há uma tentativa de desvincular os costumes em brasileiros e italianos, que se perde quando ela aponta costumes bastante típicos de seu lado italiano e diz que “não sentia muita diferença” em relação aos colegas. Para ela, o ponto de divergência era quase que unicamente os hábitos alimentares. Não fosse isso, não haveria diferenças. Curiosamente, esses hábitos alimentares são sociofatos bastante recorrentes em praticamente todos os relatos de nossos informantes. Serão discutidos mais à frente.

Os mentefatos são os fatos marcantes do ponto de vista mental. São psíquicos, cognitivos, emocionais e muitas vezes estão ligados à própria língua, visto que esta é veículo de cultura. Ao mostrar as implicações da inclusão do ecossistema linguístico no grande sistema chamado Ecossistema Cultural, Couto (2016c) nos mostra que há uma parte da cultura que fica fora do domínio da língua, e essa parte é “composta pela maioria dos sociofatos, mas praticamente por todos os naturofatos e os artefatos.”²¹¹ Os mentefatos não são mencionados uma vez que pela sua natureza podem estar relacionados à língua. Dentro do ecossistema cultural os mentefatos transitam entre os domínios internos e externos ao ecossistema linguístico. Assim, vejamos alguns mentefatos que pertencem ao ecossistema linguístico:

²¹¹ Cf. 5.4

INFORMANTE JF06F, 52 ANOS

Ascendência	Pai italiano
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Maratea, Basilicata
Depoimentos	Ele tinha algumas coisas assim, que a gente ia pegando, que era coisa que parece que era de lá. Por exemplo, ele... A gente brigava. Aí ele ficava assim, comigo e com meu irmão: <i>tico me toca que mama não vê. Mama, tico me toca...</i> Então assim, a gente... ele traduzia mas falava em português, mas a gente via que aquilo era coisa dele lá, algum ditado lá, que ele queria passar pra gente, entendeu?

Na verdade, trata-se de uma *filastrocca* (espécie de cantilena) usada para acalmar crianças quando estão de implicância entre si. O original é ‘*Ciccio mi tocca, toccami Ciccio che mamma non vede*²¹²’, o pai provavelmente a dizia em italiano, mas os ouvintes, não conhecedores do italiano, a aproximavam para as formas e sons conhecidos. Um fato cultural específico transmitido e adaptado, mantendo o contexto, mas deixando de lado a significação original. E ainda segundo a informante, essa cantilena é repetida pela suas filhas mesmo com outras crianças, independentemente das origens étnicas. É um caso de transmissão de fatos culturais através da língua, que foi adaptada foneticamente para criar algum sentido.

Como mentefatos englobam aspectos emocionais, costumam estar ligados à intimidade familiar. Vejamos um caso em que o pai italiano se refere à filha com um nome carinhoso - *la piccini* -, mesmo quando conversas com brasileiros que não conhecem sua língua. A depoente declara que ela e o pai eram muito “agarrados”. Seus parentes, e também o pai, valiam-se de recursos de seu dialeto para chamá-la criando assim um ar de proximidade íntima tipicamente familiar: em vez de *Giulia*²¹³, chamava-a por *Giuliê*. Aparentemente trata-se de uma forma carinhosa de transformação de nomes assim como nós, no Brasil nos valem, por exemplo, do diminutivo.

²¹² Em tradução livre: Ciccio me toca, toque-me Ciccio, que a mamãe não vê. Ciccio (/ˈtʃiːtʃiw/) é o apelido comum para o nome *Francesco*. Como todos os ditados populares, há outras versões, todas elas bastante semelhantes.

²¹³ Nome fictício

INFORMANTE JF04F, 25 ANOS

Ascendência	Pai italiano
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Tricarico, Basilicata
Depoimentos	<p>E: <i>Você quando criança, você tem memória assim, de... escutar seu pai falando uma coisa que você repetia sem saber o que significava, ou..., rapidamente isso entrou no seu vocabulário...</i></p> <p>I: É... tem uma expressão que ele usava muito comigo. É “<i>la piccini</i>”. Quando ele falava com os amigos dele, às vezes escapava uma coisa dessas. Ele queria dizer ‘minha menininha, minha mocinha. Porque eu e meu pai, a gente era muito agarrado.</p> <p>Meu tio era de [nome da cidade], que é perto da cidade do meu pai. Meu tio falava o dialeto local também, mas ele saiu de lá muito jovem e foi morar em Roma, meu tio fez esse movimento de ir para a capital. Então era muito engraçado porque ele falava o dialeto local misturado com o ‘romanaccio’ [romanesco, o dialeto romano]²¹⁴. Aí eu lembro muito bem que ele falava Claudiê. Porque lá no sul eles... Meu pai também me chamava assim!</p>

Observamos o simbolismo dos mentefatos nas citações de comidas típicas trazidas pelos imigrantes, sobretudo os calabreses. Vejamos algumas:

INFORMANTE RJ02M, 61 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	Final do século XIX
Origem	Fuscaldo, Calábria
Depoimentos	Tem inclusive um prato lá, específico, que era da região da minha avó, isso a família inteira repete, todo mundo faz o seu... É uma ‘ <i>purpeta</i> ’ [tentativa de reproduzir a pronúncia dialetal. Em italiano se chama ‘ <i>polpetta</i> ’] de carne, frita, uma almôndega frita

²¹⁴ A depoente se refere ao dialeto romano como romanaccio (/roman’atʃyo/). Porém, essa é uma forma pejorativa de se referir a tudo aquilo que é ligado a Roma, representada pelo sufixo –accio (/’atʃyo/). O nome mais adequado para o dialeto romano é romanesco (/roma’nesko/)

	<p>que é bem... Bem da região lá da minha avó, e toda a família faz isso.</p> <p><i>E: Algum doce típico, você lembra?</i></p> <p>I: Olha, doce quem fazia, quem era a depositária do doce, era minha tia mais velha que era a única que sabia fazer uns doces de natal, que eram uma delícia, mas ninguém ficou com a receita daquilo.</p> <p><i>E: O nome deles, você não lembra não?</i></p> <p>I: <i>Grispela... Tordigli e grispela</i>, que a minha tia fazia, e que realmente...! Um era uma espécie de um pastel recheado com nozes, mel, e o outro era um negócio frito também, passado no mel... Eram umas coisas de natal...</p>
--	---

INFORMANTE JF01F, 31 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p><i>E: Você lembra de nomes de comida que você sabia antes de aprender italiano?</i></p> <p>I: Os nomes eram bem típicos mesmo, <i>spaghetti</i>... Tinha uns bolinhos de carne, acho que era <i>polpetta</i>. A <i>polpetta</i>... eles falavam os pratos em italiano. E isso ela sempre fazia, e tal... Então assim..., era bem italiano. Mas aí, fica um pouco mais distante, por que? Porque meu pai é homem, não cozinha, né? Então assim... E minha mãe sem nenhuma tradição italiana...</p>

INFORMANTE JF05F, 60 ANOS

Ascendência	Filha de mãe italiana e neta de ambos avós paternos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p>I: Tem aqueles pães, que antigamente chamava <i>'nbiolato</i>. O miolo dele é o queijo com linguiça. <i>'nbiolato</i>. É. Tem os doces.</p> <p><i>E: E linguiça? Alguma linguiça típica?</i></p> <p>I: Calabresa. Mamãe fazia.</p> <p><i>E: Linguiça calabresa! O que se chama hoje de linguiça calabresa. Com pimenta...</i></p>

	<p>I: Isso. Pimenta... Tudo... Pimenta do reino, tudo tudo tudo, que mamãe fazia inclusive dentro de casa. Macarrão também fazia dentro de casa. Eram muitos filhos, não podia comprar então fazia isso dentro de casa, pra manter a família</p> <p><i>E: E os nomes das comidas? Tirando o 'nbiolato, sua mãe falava macarrão ou, sei lá, fettucine, spaghetti...?</i></p> <p>I: <i>Pastasciuta! Una bella de una pastasciuta</i> [risos]. Tinha o... <i>chinulida</i>, que é doce italiano, tem a <i>chinulida</i>, tem a <i>giurgiulena</i>, que é feito com gergelim.</p> <p><i>E: Esses devem ser típicos da região deles...</i></p> <p>I: Da região. Tem <i>grispeda</i>, que é um bolinho salgado que tinha, mas era MUITO gostoso! Mas eu não sei fazer não [risos]. Eu passo assim na internet, a gente vê o que que é e faz.</p>
--	--

INFORMANTE JF02M, 55 ANOS

Ascendência	Pai e mãe italianos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p>I: Na época que nós era moleque, todo mundo junto, pô, a casa vivia lotada. Aquelas coisas que ela fazia tudo, na Itália... linguiça, aqueles <i>imbiolato</i> que eles fala, é...</p> <p><i>E: Aqueles o que?</i></p> <p>I: <i>Imbiolato</i>, eles fala <i>imbiolato</i>. Aquelas linguiça italiana que ela fazia, que ela fazia lá, faz aqui também... Aí... um monte de coisa. Chegava domingo era uma fartura total, ela fazia aquele monte de coisa pra semana inteira”.</p>

INFORMANTE JF03F, 67 ANOS

Ascendência	Todos os quatro avós
Período de imigração	Final do século XIX
Origem	Adria e Padova, Vêneto / Celle di Bulgheria, Campânia
Depoimentos	<p>Meu pai adorava polenta e massa. Os [sobrenome dos avós maternos] faziam mais simples, muito diferente dos [sobrenome dos avós paternos]</p> <p><i>E: A sra. Lembra de algum nome de comida italiana feita na sua casa?</i></p>

I: Polenta, spaghetti, aquele chapeuzinho...

E: *Cappelletti*

I: Cappelletti

E: *E... risotto?*

I: Risotto...

E: *Esses assim, mais...*

I: Mais comuns.

E: *E linguiça, ele chamava de linguiça?*

I: Linguiça. Linguiça ele fazia.

Essa última informante, JF03F, se recorda razoavelmente das comidas, mas como percebemos, foi necessário ajudá-la nas lembranças. Curiosamente, ela atribui a rigidez com a educação dos filhos e o rigor no trabalho e na divisão de tarefas em casa a marcas italianas. Aqui o mentefato se relaciona a essa rigidez, que teria sido transmitida a toda a família. Entretanto, esses relatos acerca de seu rigor com os afazeres é sempre contrabalanceado com uma conjunção adversativa que mostra sua face afetuosa com os filhos.

INFORMANTE JF03F, 67 ANOS

Ascendência	Todos os quatro avós
Período de imigração	Final do século XIX
Origem	Adria e Padova, Vêneto / Celle di Bulgheria, Campânia
Depoimentos	<p>Ele era rigorosíssimo, ele seguia realmente, respeitar (incompreensível)... Aquela CULTURA italiana... do horário, tudo tem que ter horário... o dever [a respeito da obrigação dos filhos]. Por exemplo, ele tinha uma folha de papel almaço com a obrigação de cada um.</p> <p>I: A panela tinha que estar perfeita [sobre a limpeza e a exigência com o dever dos filhos]. Ele era assim, desse tipo. Mas EXTREMAMENTE afetuoso. Ele tinha uma autoridade, onde ele nos controlava com o olhar. Ele não falava nada. Às vezes ele olhava e você já sabia ‘tô fazendo errado’.</p> <p>E: <i>Mas era carinhoso...</i></p> <p>I: EXTREMAMENTE afetuoso. Extremamente afetuoso. A expressão de afeto dele era maior do que a da mãe. Por exemplo, se um gostava de Grapette, ele comprava Grapette.</p>

Se gostava de Crush, ele comprava Crush. Então ele tinha esse carinho, esse cuidado. Mas ao mesmo tempo era exigente.

As reuniões familiares também são recheadas de simbolismos, às vezes desencadeando ideias que associam eventos ao ser italiano, à italianidade. O relato de RJ05M aponta para reuniões festivas recorrentes, com a presença da matriarca, a avó italiana. Relembra esses eventos com percebida saudade, associando italianos a festividades e comemorações.

INFORMANTE RJ05M, 66 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	1913/1914
Origem	San Lucido e Paola, Calábria
Depoimentos	<p>I: Quando tinham as festas (...) Quando tinha alguma reunião da família que era lá, era nesse terraço. Aí ela [a avó] ia, subiam ela, levavam direitinho com a escada, ela sentava numa cadeira... o pessoal aí dançava, brincava, fazia a festa toda ali. Então era quando a gente tinha uma reunião familiar. Não é? Os filhos iam todos lá, os netos, naturalmente...</p> <p><i>E: Tios, primos também?</i></p> <p>I: Às vezes sim, dependendo do tipo de comemoração.</p> <p><i>E: E era quantas vezes por ano?</i></p> <p>I: Não, não tinha... Quando tinha motivo. Italiano não precisa de motivo pra ter festa. (grifos nossos)</p>

Naturalmente, mentefatos são mais recorrentes a descendentes que se relacionaram diretamente com os ancestrais imigrantes, como notamos. Alguns deles têm lembranças vagas, mas que se refletem em sociofatos uma vez que são práticas culturais mantidas ao longo das gerações.

Vimos em 5.4 que os sociofatos são regras culturais ou comportamentais típicas de determinados grupos. Como regras culturais, são, ou podem ser, transmitidas entre gerações.

Ora, se esse mesmo grupo se isola, ou se fecha em guetos evitando o contato com outros grupos, a probabilidade de que tais regras permaneçam quase imutáveis por longo tempo é maior. Se pensamos em grupos de imigrantes, podemos fazer uma distinção entre os que ocuparam áreas rurais e os que se estabeleceram em áreas urbanas. Esses últimos tendem a adaptar suas regras às novas condições por conta do contato estreito com a(s) nova(s) sociedade(s) em que estão inseridos²¹⁵, ao passo que os primeiros, tendo menos contato com outros grupos, mantêm suas práticas por mais tempo. Como exemplo prático citamos os imigrantes italianos que se dirigiram aos estados do sul do Brasil, formando colônias. Mantiveram a sua língua, o vêneto²¹⁶, por longos anos, mesmo sendo ela desprestigiada. Esse exemplo demonstra a manutenção do que é o componente mais importante da cultura de um povo, mas há outros aspectos culturais igualmente transmitidos. É notável a semelhança da paisagem arquitetônica da serra gaúcha com o interior da região do Vêneto, na Itália. E na culinária, a polenta ainda é bem representativa.

Nesse sentido, as pesquisas em ambientes urbanos exigem observações mais refinadas pois as mudanças ocorridas ao longo dos anos são grandes. Devemos aqui reiterar que a imigração italiana no espaço de delimitação de nosso trabalho se adaptou à nova sociedade rapidamente, e seus descendentes são brasileiros para todos os efeitos, mas as suas características transculturais os definem como brasileirítalos. O *corpus* de nossa pesquisa exhibe tais características em formas de sociofatos, os quais veremos a seguir. A enorme maioria deles é relacionada a hábitos alimentares, tanto à culinária propriamente dita quanto às práticas na hora das refeições. Embora relacionar hábitos alimentares a italianidade possa parecer um estereótipo, o relato de JF01F mostra o contraste entre o ser brasileiro e o ser italiano em relação à forma de se alimentar e seu estranhamento ao primeiro. É importante lembrar que o pai da informante, já nascido no Brasil, viveu intensamente sua italianidade, sentindo-se, segundo ela, mais italiano do que brasileiro.

INFORMANTE JF01F, 31 ANOS

Ascendência	Avós paternos
-------------	---------------

²¹⁵ Evidentemente isso é somente uma tendência, há grupos de imigrantes que se fecham em guetos em ambientes urbanos, o que é uma forma de isolamento.

²¹⁶ Atualmente essa língua é denominada *Talian* e é uma variedade do vêneto. Tem interferências do lombardo, do trentino e do PB. (Cf. www.ethnologue.com)

Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	<p><i>E: Você percebia hábitos diferentes na sua casa, em relação a seus colegas?</i></p> <p>I: Olha, eu sei muito pelo hábito alimentar. Por exemplo, a questão do macarrão. Meu pai adorava macarrão. Eu lembro de uma época que ele aboliu o arroz e o feijão em casa. Nós não comíamos arroz e feijão. Então, era assim, uma vida inteira comendo macarrão. Então eu sei assim, hábitos alimentares. Por exemplo, eu até hoje em dia eu estranho, é... Muitos aqui, né [no Brasil], fazem o arroz, o feijão e coloca o macarrão. Eu não sei fazer isso. Pra mim o macarrão é o prato principal e só aquilo que tem que comer, não tem que comer mais nada. Uma saladinha, uma carninha pra acompanhar, mas nada de arroz, aquelas coisas que todo mundo mistura. Ou pega o macarrão e corta o macarrão. Eu fico pra morrer quando eu vejo essas coisas.</p>

Citar a macarronada no domingo como um sociofato presente no ecossistema cultural dos imigrantes italianos e seus descendentes pode parecer redundante, ou um dos mais clássicos estereótipos. A questão é mais abrangente, entretanto. Os depoimentos a seguir, de RJ01M e RJ04M mostram como esses sociofatos são transmitidos às gerações seguintes através do desenvolvimento de um gosto particular.

INFORMANTE RJ01M, 58 ANOS

Ascendência	Bisavós, pais do avô paterno
Período de imigração	1902
Origem	Castrovillari e Tarsia, Calábria
Depoimentos	<p><i>E: Você se lembra [na infância] de algum prato mais típico italiano, ou as refeições na sua casa eram mais dentro do padrão brasileiro?</i></p> <p>I: Era bem misturado, tinha um pouco de italiano sim. Sempre teve. Minha mãe sempre fez massas maravilhosas. Meu pai pedia. Acho que meu pai é que ficava cutucando [insistindo], então, nos finais de semana normalmente tinha uma bela macarronada, tinha uma lasanha, um nhoque, que eu me apaixonei, minha mãe fazia pra mim... Paixão! Ela falava: hoje vou fazer um nhoque pra você. Meu irmão gostava de lasanha, [ela dizia] hoje vou fazer lasanha. E era assim. Uma macarronada com um franguinho, a gente gostava muito. Então, sempre teve.</p>

INFORMANTE RJ04M, 22 ANOS

Ascendência	Avô paterno
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Portogruaro, Vêneto
Depoimentos	<p>E: <i>Você é neto, então tem o seu pai, digamos assim, de intermediário. Pai e mãe, claro. Que que você lembra de, assim... de que que teve de influência bem italiana, uma vez que sua avó não é italiana e que sua mãe não tem esse tipo de ascendência, dentro da sua casa, assim que você percebe que é diferente ligeiramente, ou não...</i></p> <p>I: Macarrão todo domingo!</p> <p>E: <i>Todo domingo (risos). Macarrão só, puramente, ou...?</i></p> <p>I: Todo domingo tem macarrão.</p>

INFORMANTE RJ02M, 61 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	Final do século XIX
Origem	Fuscaldo, Calábria
Depoimentos	<p>É uma <i>'purpeta'</i> de carne frita, uma almôndega frita que é bem... Bem da região lá da minha avó, e toda a família faz isso. E a massa, que é no mínimo duas vezes por semana em casa. Domingo sempre tem massa.</p>

O informante JF02M relata essas mesmas práticas, mas em tom mais melancólico no sentido em que era uma prática social comum, e talvez não seja mais, ao menos na sua família, reduzida hoje a ele e a mãe somente.

INFORMANTE JF02M, 55 ANOS

Ascendência	Pai e mãe italianos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	Em casa, QUAAANDO a gente tava todo mundo junto, porque agora... a turma... casou, o único que tá morando com a minha mãe sou eu. Meu pai faleceu, quem tá com ela sou eu. Aqueles hábitos italianos tinha direto lá em casa! Tanto na minha casa como na casa debaixo que era da minha tia. Macarronada... Aqueles hábitos assim... as cultura de lá né? Fazia aquelas coisa gostosa que eles fazia na Itália... Entendeu? O macarrão todo domingo era sagrado, e é até hoje pra mim porque a minha mãe nem gosta.

Ainda sobre hábitos alimentares como sociofatos, as informantes JF06F e JF04F mencionam a prática de fazer refeições juntos em família, o que elas mesmas atribuem a uma ‘coisa de italiano’. Podemos discutir se se trata de estereótipo ou não, mas é fato que a reunião a união familiar entre italianos é um sociofato recorrente. O que se extrai de ambos os depoimentos é justamente essa preocupação em unir a família, respeitar aquele momento da refeição (não podia ficar sem camisa) e dividir os acontecimentos pessoais com toda a família. Em outras palavras, a sustentação da união familiar é a regra comportamental atribuída a italianos.

INFORMANTE JF06F, 52 ANOS

Ascendência	Pai italiano
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Maratea, Basilicata
Depoimentos	Tinha que almoçar com ele... Era aquelas coisas de italiano mesmo. Minha casa tinha um ritual. No almoço não podia ficar sem camisa, tinha que estar todos sentados à mesa, e ele queria saber de tudo o que estava acontecendo..., com todos..., tinha que ser falado, entendeu?

INFORMANTE JF04F, 25 ANOS

Ascendência	Pai italiano
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Tricarico, Basilicata
Depoimentos	Meu pai fazia MUITA questão que a gente todo dia se reunisse, sentasse à mesa, não podia um comer no sofá, outro comer ali, ele fazia muita questão disso.

A citação da família/união familiar é encontrada também do domínio do trabalho. A pequena economia familiar, o trabalho dividido em família é particularmente citado pela informante JF03F como um sociofato – prática social – atribuído à italianidade, ao ser italiano, como se fosse um pré-requisito de nacionalidade. Da mesma forma que no parágrafo anterior, podemos discutir em que medida esse sociofato, transmitido e mantido através das gerações da informante seja um estereótipo. Porém, indiscutivelmente há muitos casos semelhantes a esses na Itália, mesmo na Itália moderna. O mais caracteristicamente reconhecido são as *trattorie*, restaurantes costumeiramente familiares.

INFORMANTE JF03F, 67 ANOS

Ascendência	Todos os quatro avós
Período de imigração	Final do século XIX
Origem	Adria e Padova, Vêneto / Celle di Bulgheria, Campânia
Depoimentos	Era uma atividade familiar [produção de fumo, principal atividade do pai]. E isso ficou tão forte que hoje o bar do meu filho manteve isso. O bar é dele mas ele quis que eu e o pai dele participássemos. Toda noite a gente fica aqui, ajudando. (...) A minha irmã é quem faz a comida do bar.

INFORMANTE RJ05M, 66 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	1913/1914
Origem	San Lucido e Paola, Calábria
Depoimentos	Meu avô alugou ou comprou, provavelmente comprou porque depois era dele, um prédio na [rua] Voluntários da Pátria, quase na esquina da [rua] Real Grandeza, onde ele montou, depois, uma quitanda (...). Ele faleceu cedo... Não é?... E... a família é que assumiu, a minha avó com os filhos mais velhos. Aí, [posteriormente] virou uma peixaria. Essa peixaria foi a vida inteira conduzida pelos quatro irmãos mais velhos, os dois primeiros italianos [nascidos na Itália], meu pai, o primeiro brasileiro, e o [nome].

A música italiana, ou o hábito de ouvir músicas italianas, também se mostrou um sociofato cultural. Diversos depoimentos mencionam que ao menos por algum tempo havia a prática de se ouvir músicas de origem italiana nas casas dos imigrantes. Notamos porém que tais músicas raramente são atuais. Costumam ser lembranças do passado, de canções antigas, sobretudo da década de 60, e associadas ao aprendizado da língua italiana. Observemos o trecho da entrevista abaixo, no qual a informante JF03F fala que tem muita música italiana em casa, mas cita somente clássicos, além de manifestar dificuldade de se lembrar de outros nomes. Porém, não se esquece de Peppino di Capri, lembrando inclusive o título de uma de suas canções mais famosas, *Roberta*, de 1963.

INFORMANTE JF03F, 67 ANOS

Ascendência	Todos os quatro avós
Período de imigração	Final do século XIX
Origem	Adria e Padova, Vêneto / Celle di Bulgheria, Campânia
Depoimentos	<p><i>E: Seu pai falava pouco [italiano], não se preocupava, então a sra. Não aprendeu italiano.</i></p> <p><i>I: Não se preocupava. Eu fui aprender agora. Agora, quando na universidade...</i></p> <p><i>E: Aí a sra. estudou italiano...</i></p> <p><i>I: Estudei... mas também não me dediquei, falo muito pouco, com sotaque...</i></p>

<i>E: Bem, sotaque todos nós temos...</i>
I: E... [Tem] muita música italiana na minha casa.
<i>E: Moderna ou mais antiga?</i>
I: Esses... É..., credo...
<i>E: Morreu agora?</i>
I: É
<i>E: Pavarotti?</i>
I: Pavarotti... O... Luciano Bruno... Aquele que é cego...
<i>E: Ah, o Andrea Bocelli.</i>
I: Andrea Bocelli. (...) E quando jovem, por influência do meu pai, Peppino di Capri. 'Roberta'!
<i>E: Rita Pavone?</i>
I: Rita Pavone...

O informante RJ04M também associa estudo da língua com música, porém já cita uma banda moderna. Declara que foi influenciado pelo avô italiano (RJ03M), com quem conviveu estreitamente desde criança, praticamente sempre morando junto com ele. O avô declara que gostava muito de música clássica e ópera, tendo inclusive frequentado a *Arena di Verona*²¹⁷ na juventude, antes de emigrar. O informante tem alguma dificuldade de mencionar outros cantores e se lembra de Andrea Bocelli, que embora seja atual é cantor de gênero clássico. O entrevistador o ajudou a lembrar dois cantores da atualidade bastante famosos, dos quais um ele não conhecia, ou o nome não lhe foi familiar no momento da entrevista.

INFORMANTE RJ04M, 22 ANOS

Ascendência	Avô paterno
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Portogruaro, Vêneto

²¹⁷ A Arena di Verona é um anfiteatro romano situado naquela cidade italiana, cuja construção data do primeiro século d. C. É mantido em bom estado de conservação e nele se realiza anualmente um festival de óperas líricas, no verão. Cf. <http://www.arena.it/arena/it>

Depoimentos

E: *Você fala italiano?*

I: Pouco, tô estudando.

E: *Mas antes de estudar você já sabia alguma coisa?*

I: Eu comecei a me interessar por italiano por causa do meu avô, ouvindo meu avô falando com a família lá fora, e ouvindo música italiana.

E: *Ah tá. Que tipo de música você gosta de ouvir em italiano, assim que cê...Tem cantores...?*

I: Pop, em geral italiano...Uma banda que, que... Uma banda que me puxou pro italiano foi uma banda, é até nova, é Sonora.

E: *Huhum...*

I: Ela me puxou por italiano, comecei a ouvir italiano por causa deles. É... e esses cantores em geral, é... Andrea Bocelli,...

E: *Tá, é mais clássico. Laura Pausini?*

I: Laura Pausini...

E: *Eros? Ramazzotti...*

I: Eros?...

6.5. As comunidades de prática

Durante o período de elaboração desta tese nosso escopo era identificar CP motivadas por italianidade, o que nos fez apresentar um estudo com base nas propostas de Eckert (2000), por ocasião da qualificação do projeto. Tais CP eram observações empíricas. No desenrolar de nossa pesquisa identificamos que as CP se limitavam ao seu conceito original, proposto por Wenger (2006 [1998]). Em outras palavras, não envolvia variação linguística, muito menos a variação como motivadora de mudanças sociais (ECKERT, 2012). Porém, são CP porque tem seus pressupostos mais básicos (WENGER, 2006 [1998], p. 87):

- ✓ Empenho (compromisso/comprometimento) recíproco;
- ✓ Objetivo/empreendimento comum;
- ✓ Repertório comum.

Inicialmente havíamos identificado quatro potenciais CP, das quais três em Juiz de Fora e uma em Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro. Essa última, denominada *Circolo*

Italiano di Petrópolis, foi rapidamente descartada como CP. Trata-se simplesmente de uma página do Facebook que tem o seguinte objetivo:

“O Circolo Italiano di Petrópolis, é uma pagina informativa criada para os italianos, descendentes e amigos que curtem a arte, a gastronomia e a cultura italiana”²¹⁸.

Para nos certificar, observamos o funcionamento da própria página naquela rede social virtual e confirmamos que se trata apenas de uma página informativa. Não se constitui uma CP.

Em Juiz de Fora as potenciais CP têm suas sedes na *Casa d'Italia*. São elas a **Associação Ítalo-Brasileira San Francesco di Paola**, a **Associação de Cultura Ítalo-brasileira** e a **Associação Cultural Grupo de Dança Folclórica Italiana Tarantolato**.

Entre as possíveis CP que identificamos ao longo de nossa pesquisa a única que demonstrou atender a essas prerrogativas foi a **Associação Cultural Grupo de Dança Folclórica Italiana Tarantolato**. As demais não se constituem CP.

A **Associação Ítalo-Brasileira San Francesco di Paola** foi fundada em 1990 por vinte e cinco cidadãos, a maioria italianos e/ou descendentes de italianos. Tinha como escopo, segundo seu atual presidente, divulgar os usos e costumes italianos e principalmente a língua e cultura italianas. Reza o art. 2º de seu estatuto:

ART. 2º - A ASSOCIAÇÃO ITALO-BRASILEIRA SAN FRANCESCO DE PAOLA tem por fim não lucrativo reunir os respectivos sócios para desenvolvimento de atividades assistenciais e beneficentes, culturais, artísticas, esportivas, educativas, recreativas e **preservação das tradições italianas afins**, promovendo o bem-estar material e espiritual da **coletividade italiana de Juiz de Fora**, e com o propósito de ainda mais **estreitar as relações entre italianos e brasileiros**. (grifo nosso)

Atualmente conta com 250 associados e para se tornar sócio não há obrigatoriedade relativa à própria nacionalidade ou descendência. No entanto, o art. 5º frisa:

Podem ser sócios contribuintes da ASSOCIAÇÃO ITALO-BRASILEIRA SAN FRANCESCO DE PAOLA as pessoas físicas de qualquer

²¹⁸ https://www.facebook.com/pg/CircoloItalianoDiPetropolis/about/?ref=page_internal

nacionalidade, **particularmente quando italianos e descendentes de italianos.** (grifo nosso)

Embora tenha sido criada com o escopo de divulgação de usos, costumes e língua italiana, não se trata de uma agremiação fechada a italianos. É uma entidade que busca promover e transmitir a cultura italiana à sociedade juizforana e que tem a italianidade na sua essência.

A Associação não cobra mensalidades de seus sócios. Ela se mantém através dos aluguéis pagos pelo uso das diversas salas que compõem o prédio da *Casa d'Italia*. Segundo o seu presidente, existe uma cláusula de reciprocidade entre a Associação e o governo italiano, representado pelo Consulado e pela Embaixada.

Entre os fundadores da Associação nota-se claramente a presença de diversos italianos provenientes da Calábria. Não à toa o santo católico escolhido para dar nome à Associação é da cidade de Paola, na província de Cosenza, região Calábria. O presidente da Associação, ao discorrer brevemente sobre a imigração italiana em Juiz de Fora, categoriza o movimento migratório em três fases. A primeira, durante o período da unificação da Itália, no fim do século XIX, com predominância de cidadãos do norte da Itália; a segunda, após a primeira guerra mundial, com origens variadas; e na terceira, após a segunda guerra mundial, predominaram os calabreses. Naturalmente, então, é fácil perceber que muitos italianos natos ainda vivos na época da formação da Associação eram calabreses e a escolha do nome do santo calabrés representa, além de uma homenagem, um vínculo religioso católico entre os fundadores.

A maioria dos 250 associados do atual quadro tem mais de 50 anos de idade; 34% tem dupla cidadania brasileira/italiana e 35% falam ou entendem bem o italiano. Porém, lamenta seu presidente, não tem havido renovação do quadro social. Esse número tem diminuído gradativamente ao longo dos anos e as gerações mais jovens não têm se interessado por associar-se.

Dentro do escopo original, a Associação mantém em sua sede itens culturais italianos como livros, revistas e música. Porém, não há procura por parte dos associados. Segundo seu presidente, o motivo seria a facilidade de se encontrar esses itens na internet e na TV.

A Associação Ítalo-brasileira San Francesco di Paola mantém parcerias com a escola de língua italiana que funciona no mesmo prédio, a Associação de Cultura Ítalo-brasileira

(conhecida como Cultura Italiana) e o Grupo de Dança Tarantolato, as outras duas agremiações que funcionam do mesmo prédio. A ‘San Francesco’ subsidia custos da Cultura Italiana e acolhe todo o material utilizado pelo Tarantolato, tais como os trajes, além de permitir o uso de um salão para seus ensaios.

A **Associação de Cultura Ítalo-brasileira**, mais conhecida como Cultura Italiana foi fundada em 1951 e é a escola de língua italiana mais conhecida da cidade. Em nossas observações, notamos grande afinidade entre os alunos de todos os períodos, tornando o ambiente agradável e de participação. Investigando um pouco mais, através de um questionário respondido pela sua presidenta, evidenciamos certa mobilização em torno do interesse pela língua e cultura italianas, mas este se limita à organização de viagens à Itália e à participação em eventos culturais que evocam a imigração italiana. Como os alunos são passageiros e as turmas se renovam, não podemos imaginá-la como uma CP.

A **Associação Cultural Grupo de Dança Folclórica Italiana Tarantolato**, conhecida como Grupo Tarantolato, é uma associação sem fins lucrativos. Tem o objetivo de divulgar a cultura italiana através da dança. Foi concebido e formado por iniciativa pessoal da atual presidenta do grupo. O projeto já havia sido idealizado desde que ela mesma começou a lecionar língua italiana na ‘Cultura Italiana’, a outra agremiação que mantém sua sede no mesmo prédio da *Casa d’Italia*. Porém, só no ano 2000 se tornou realidade após um convite da FUNALFA²¹⁹, entidade responsável pela política cultural do município e que organizou as comemorações do sesquicentenário da fundação de Juiz de Fora. Como parte das celebrações grupos de pessoas representando os povos que constituem a população do município desfilaram pela principal avenida da cidade e a presidenta foi convidada a formar o grupo dos ‘italianos’. A partir dessa iniciativa veio o convite para a primeira apresentação de dança, quando então surgiu a oportunidade de colocar seus antigos planos em prática.

A FUNALFA procurou os responsáveis pela Associação de Cultura Ítalo-brasileira, a ‘Cultura Italiana’, escola de língua italiana que funciona no prédio da *Casa d’Italia*. A presidenta do ‘Tarantolato’, que à época era professora e diretora de cursos da Cultura Italiana, assim explica:

“Primeiramente procuraram a diretoria da Cultura Italiana, mas ninguém estava interessado ou disponível em ajudar, assim a Alessandra, uma das organizadoras do evento, funcionária da Funalfa, me procurou

²¹⁹ Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage. Cf. http://www.pjf.mg.gov.br/administracao_indireta/funalfa/

particularmente e eu aceitei. Naquela época eu era professora e diretora de cursos”.



Figura 27 – Parte do grupo que representou os imigrantes italianos no desfile de comemoração dos 150 anos de Juiz de Fora, em fotografia em frente ao prédio da *Casa d’Italia*.

Embora seja um grupo amador sem fins lucrativos, o Tarantolato é muito bem organizado, com estatuto, cargos bem definidos e hierarquia. Atualmente conta com sete pares mais um elemento de apoio, perfazendo quinze pessoas e por questões meramente práticas, nunca ultrapassa o número máximo de nove pares de dançarinos. Há sempre lista de espera para a participação e os candidatos vão sendo convocados na medida da necessidade. Não há nenhum tipo de restrição para ingressar no grupo, embora como já frisado, trabalhem com pares. Vale dizer que salvo o elemento de apoio, o número de homens e mulheres é sempre igual.



Figura 28 – Logotipo

O Tarantolato tem sua sede, como já dissemos, no prédio da *Casa d'Italia*. Porém, não havia um local específico para a guarda dos materiais usados nas apresentações, sobre tudo as vestimentas, que improvisadamente eram acomodadas em uma das salas onde funciona a Cultura Italiana e da qual a presidenta do Tarantolato é professora e diretora. Recentemente, em 2014, o Tarantolato passou a ter oficialmente uma sala no prédio da *Casa d'Italia* e não mais precisa acomodar seu material de maneira remediada. A esse propósito a presidenta confirma o importante apoio dado pela Associação San Francesco di Paola, responsável pela administração da *Casa d'Italia*, para uso das dependências do prédio, quando necessário. Mais do que isso, declara que “o Tarantolato se orgulha de ser um grupo que representa a *Casa d'Italia*” e tem certeza de que “a *Casa d'Italia* tem orgulho de ter um grupo que a represente à altura”.

Percebe-se que a interação entre as duas entidades, Associação San Francesco di Paola e Associação de Dança Tarantolato é bastante harmônica. No entanto, há uma cooperação assimétrica, pois a San Francesco detém o direito do uso das dependências da *Casa d'Italia* e acaba por ser ela quem efetivamente coopera com o grupo Tarantolato. A reciprocidade se limita a esse reconhecimento público da importância da primeira e a esse orgulho de se sentir um de seus legítimos representantes culturais.

Os ensaios do grupo são realizados no salão principal da *Casa d'Italia* todos os domingos entre 16 e 18 h. Esse salão é um espaço criado para apresentações teatrais de pequeno e médio porte, com palco e boa estrutura para abrigar artistas e espectadores e que foi recentemente restaurado. A presidenta considera um privilégio poder realizar os ensaios do grupo no local, reforçando a ideia do orgulho já manifestado por representar a *Casa d'Italia* de Juiz de Fora.

O grupo não se limita a repetir as mesmas danças. Questionada sobre o repertório das apresentações, demonstrou a preocupação do grupo com renovação e busca por novas danças, com novas coreografias. Impressionam a vivacidade e o espírito quase profissional na condução do grupo

“A cada ano tentamos apresentar uma coreografia nova. Representamos várias regiões da Itália. O nosso ritmo base é a tarantela, mas dançamos também a valsa, a polca, a mazurca, o saltarelo, a furlana. A última foi feita pelos professores de dança italianos, Marcella Bomba e Leonardo, ela da Região da Puglia e ele da Sicília, que vivem no Brasil, na Bahia, que através

de um projeto da Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura da Funalfa, nos passaram uma coreografia da Pizzica que é uma variante da tarantela”.

Como se trata de um grupo sem fins lucrativos, não há cachê e a participação dos membros é completamente voluntária. O acordo com as entidades organizadoras de festas e eventos dos quais o Tarantolato é convidado a participar se baseia no fornecimento do transporte, lanche e uma contribuição voluntária, sem valor específico, destinada à manutenção dos trajes e do material de apoio, que pertencem ao grupo.



Figura 29 – Os 14 anos do Grupo Tarantolato em frente ao prédio da *Casa d’Italia* de Juiz de Fora.

O perfil do grupo é basicamente jovem, mas tem faixa etária variável. Não há italianos, mas alguns são descendentes. Quatro membros têm pelo menos um conhecimento básico da língua italiana, mas essa nunca é usada nos ensaios. A presidenta nota que alguns membros acabam se interessando pela língua a partir do momento em que passam a fazer parte do grupo, embora esse escopo esteja em segundo plano uma vez que o interesse principal é pela dança.

Grupo de Dança Tarantolato

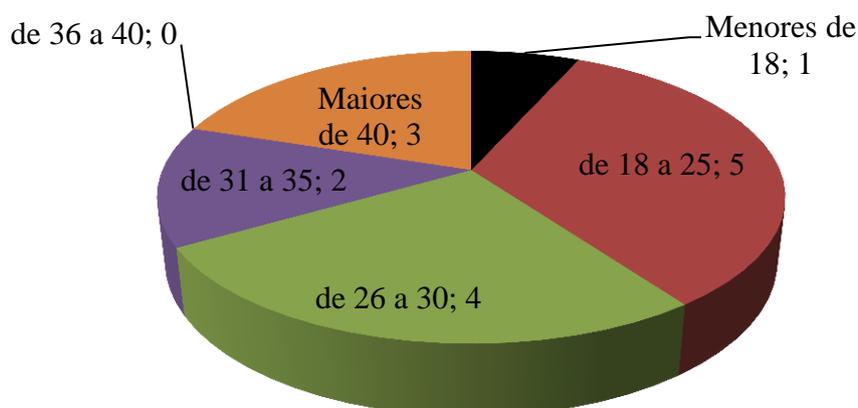


Gráfico 1 – Distribuição da faixa etária dos membros do grupo Tarantolato

Ainda segundo sua presidenta, o Tarantolato é atualmente o único grupo desse gênero que representa o folclore e a cultura italiana no estado de Minas Gerais. Nos seus 15 anos de existência já realizou mais de 300 apresentações em Minas Gerais, no Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná. Também já foi ala da Escola de Samba Real Grandeza no desfile de carnaval de Juiz de Fora e recebeu convites internacionais para se apresentar no Canadá, em Portugal e na República Tcheca. Para esses dois últimos o Tarantolato encaminhou projetos²²⁰ ao governo do estado de Minas Gerais e esses foram aprovados pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura²²¹. No entanto, não houve interesse por parte da iniciativa privada para o financiamento dos custos, o que inviabilizou a participação do grupo em ambos os eventos.

Embora com média anual de quase duas apresentações mensais, o Tarantolato não tem agenda cheia. A maioria dos eventos dos quais o grupo participa é agendado com menos de um mês de antecedência, o que pode ser um indício de como eventos culturais possam ser irregulares e imprevisíveis no Brasil, dificultando planejamentos a longo prazo. Para o Tarantolato, porém, essa imprevisibilidade não afeta seu trabalho a partir do momento em que seus membros não dependem financeiramente das apresentações. Como afirma a presidenta:

“O grupo é amador, todos dançamos por prazer e amor à dança e à cultura, porém com características de um grupo profissional no sentido de comprometimento, responsabilidade, assiduidade nos ensaios e desejar que tudo saia perfeito”.

²²⁰ Cf. anexo XIV

²²¹ Lei estadual (MG) 17.615/2008, regulamentada pelo decreto 44.866/2008, que prevê isenção fiscal para as empresas patrocinadoras de projetos culturais.

A natureza do grupo Tarantolato repercute a própria noção do sincretismo cultural que propomos neste trabalho. O projeto foi fundamentalmente criado por amor à dança, mas que quer manter ou resgatar a cultura folclórica tradicional de um país com muita representatividade na cidade e na região de Juiz de Fora. Não se fala italiano entre o grupo, uma parcela pouco relevante conhece essa língua, mas isso não é importante, pois os elementos culturais transmitidos independem da língua.

A maior expressão desse sincretismo cultural se reflete no nome dado pelo Grupo Tarantolato ao projeto aprovado pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura para as frustradas apresentações na República Tcheca (e que teria sido usado também para Portugal):

“O caipira dança tarantella em Praga”.

A brasilidade do caipira e a italianíssima *tarantella*, unidas pela arte da dança. O caipira não visto com desdém, apoucamento, desprezo, mas orgulhosamente presente no título de um projeto internacional. A tarantela, dança folclórica napolitana costumeiramente associada à Itália, diligentemente grafada à italiana (com duas letras L) a despeito de sua forma aportuguesada (tarantela). A dança como elemento de ligação cultural desse sincretismo brasileiro, essa sociedade multiétnica em movimento (SAVEDRA; GAIO, 2015).

Mas esse nome tem ainda uma razão mais profunda. A principal dança ensaiada e preparada para essas apresentações não acontecidas refletem bem claramente a influência de danças folclóricas italianas no folclore mineiro e brasileiro: o “*Ballo della Fagona*”, ou Dança da Fogueira. A seguinte descrição consta no roteiro das apresentações:

"A dança demonstra a influência italiana na cultura mineira. É o *Ballo della Fagona* ou a Dança da Fogueira, composta de duas partes. A Primeira é uma QUADRILHA ITALIANA lá dançada em festas de casamento e aqui, inspirou a quadrilha caipira – dança típica de nossas festas juninas. A segunda parte é uma *TARANTELLA*, da província de Cosenza na Calábria, dançada especialmente da Festa de São José. Os moradores das aldeias dançavam-na em honra ao santo, em volta de uma fogueira montada com a lenha que os jovens do lugar tinham a tarefa de recolher."

Freire (2001)²²² cita a importância da arte como forma de resgate cultural e discute o ensino de dança nas escolas para proporcionar aos alunos a possibilidade de se apropriar de experiências de grande valor para o próprio desenvolvimento. O Tarantolato não tem a pretensão de ser uma escola de dança. Entretanto, promove o resgate da cultura folclórica italiana e busca interpretar esse amálgama com a cultura brasileira.

Constitui-se assim uma verdadeira CP segundo os conceitos de Wenger (2006[1998]), pois reúne suas três prerrogativas básicas: o empenho recíproco, o objetivo comum e o repertório comum. Como não há variação linguística envolvida, ou seja, a CP em questão não muda suas práticas linguísticas como forma de auto-identificação como grupo específico, não podemos estudá-lo sob a perspectiva da terceira onda da sociolinguística (ECKERT, 2005; 2012).

Embora o grupo Tarantolato seja uma CP bastante viva e atuante, percebemos certa fragilidade em sua constituição. Parece-nos ser muito dependente das iniciativas de uma só pessoa, a líder do grupo. Não obstante suas participações ativas, os demais membros não têm delegações específicas de forma a que o grupo possa renovar sua liderança em caso de necessidade.

6.6. Os AIC no território virtual

Como prometemos no início dessa análise de dados, discutiremos brevemente os AIC que têm acontecido no território virtual, o que denominamos nuvens de interação, e sua relação com o contexto de imigração. Ao contrário do pessimismo com que essas novas formas de comunicação têm sido encaradas, preferimos enxergá-las sob outro viés, como verdadeiros territórios, ou espaços não geográficos, nos quais ocorrem inúmeros e constantes AIC, como jamais observados. Vimos em 5.3 que a evolução tecnológica nos permite interagir com outras pessoas em todo o mundo com muita facilidade, tornando a internet um espaço virtual paralelo comparável ao próprio planeta. Vimos também que as expressões ‘entrar (na) e sair (da) internet’ já não fazem muito sentido, uma vez que estamos nela o tempo todo com nossos aparelhos móveis de comunicação.

²²² FREIRE, Ida Maria. Dança-educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento. Cadernos Cedes, ano XXI, n. 53, abril/2001

Em vista dessa simplicidade, alguns de nossos informantes mantêm comunicação periódica com parentes italianos que não imigraram, promovendo uma interação absolutamente nova, no sentido em que reatam laços perdidos pela distância geográfica e consequente pouca comunicação interpessoal entre residentes em diferentes localidades, sobretudo diferentes continentes, da era pré-internet. Falar de inauguração de uma nova era nas comunicações pode soar clichê, mas se pensarmos nas migrações modernas, nos contatos mantidos entre os imigrados e seus parentes na terra natal, nas possibilidades de interação cotidiana entre os filhos de imigrantes já nascidos nos novos territórios com os familiares não imigrados, podemos afirmar que é de fato uma nova era que se inicia nas relações de imigração, das quais não podemos prever o futuro. Afinal, estamos apenas começando e tudo o que se disser a respeito de como será são meras conjecturas, sejam elas otimistas ou pessimistas. Os depoimentos a seguir apontam para redes sociais cujo vínculo comum é o parentesco. Tais redes só podem existir graças a esses territórios virtuais que chamamos de nuvens de interação, o T onde se realizam esses AIC. A informante JF04F mantém contato estreito com uma prima e com um primo, este último pelo whatsapp. Não há menção específica que nos leve a perceber uma rede social, mas o vínculo é forte a ponto de esse primo ter vindo ao Brasil para sua colação de grau. Evidentemente, esse contato é facilitado pelo domínio que a informante tem da língua italiana.

INFORMANTE JF04F, 25 ANOS

Ascendência	Pai italiano
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Tricarico, Basilicata
Depoimentos	<p><i>E: Como foi seu contato com a língua italiana depois do falecimento do seu pai?</i></p> <p>I: Depois que meu pai faleceu eu continuei estudando italiano por minha conta. Com 11 anos eu fui estudar [nome de uma escola particular de Juiz de Fora]. E lá eu conheci uma amiga, que é a [nome e sobrenome] que ela veio da Itália porque a mãe dela foi fazer doutorado junto com o padrasto. Então a gente estudou junto, da 5ª série até... o fim. Até o 3º ano. E aí o meu contato com a língua italiana principal depois do meu pai foi com a [nome]. Paralelamente eu mantive contato com a minha família também, porque lá na Itália eu tinha minha tia..., e os meus primos com quem eu também contato até hoje. Um até veio para o Brasil na minha formatura esse ano. Mas o contato principal era com a [nome]. A gente só falava em italiano”. (grifos nossos)</p>

(...)

E: *Você tem contato com esses seus primos? Telefone, whatsapp...*

I: Tenho, minha prima sempre pelo facebook e meu primo pelo whatsapp. Ele veio para o Brasil na minha formatura. A gente tem muito contato”.

Igualmente, RJ05M também mantém contato com familiares através de redes sociais virtuais, mas como os interlocutores não têm o domínio da língua se valem de tradutores automáticos para agilizar as conversas, ou do auxílio da esposa do informante, que aprendeu italiano como LE.

INFORMANTE RJ05M, 66 ANOS

Ascendência	Avós paternos
Período de imigração	1913/1914
Origem	San Lucido e Paola, Calábria
Depoimentos	<p>I: Eu tenho muito contato com essa região porque ainda tem parentes nosso lá, né? Do lado [sobrenome 2], que eu sei. Porque o lado [sobrenome 1], é engraçado, ele acabou se pulverizando de uma maneira tal que se perdeu o contato.</p> <p>E: <i>Mesmo lá na Itália?</i></p> <p>I: Mesmo lá na Itália.</p> <p>E: <i>Mas então vocês mantêm contato [com os parentes na Itália]?</i></p> <p>I: Pela internet, né? Mantemos, temos um primo, o [nome]...</p> <p>E: <i>Você escreve pra ele em português?</i></p> <p>I: A gente faz um rolo com o google, e minha esposa ajuda (risos)</p> <p>E: <i>Mas, falando mesmo ou escrevendo?</i></p> <p>I: Escrevendo. É, escrevendo.</p> <p>E: <i>Mas através de que? Whatsapp...</i></p> <p>I: Facebook. Nós temos páginas em que a gente se corresponde.</p>

O caso da informante JF06F aponta para uma verdadeira rede social cuja razão de existir é a origem familiar. Na definição mais simples, a rede social de um indivíduo são as relações contraídas por ele com outros indivíduos (MILROY, 2003). As relações nesse caso são as familiares e são mantidas e alimentadas por elementos facilitadores, tais como a disponibilidade financeira que permite viagens e as nuvens de interação, os territórios virtuais. No caso particular dessa informante, a tecnologia dos tradutores eletrônicos são outros elementos facilitadores de contatos intra-redes. É uma rede social base de uma pequena CF familiar, cujo P são familiares, T é a nuvem virtual. Há basicamente dois L, PB e italiano, mediado por tradutores eletrônicos quando necessário, dada o conhecimento passivo do italiano por parte dos membros brasileiro e a proximidade linguística entre PB e italiano.

INFORMANTE JF06F, 52 ANOS

Ascendência	Pai italiano
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Maratea, Basilicata
Depoimentos	<p><i>E: Você provavelmente não frequenta nenhum lugar onde se reúnam italianos, filhos, netos de italiano...</i></p> <p>I: A gente tem grupo no whatsapp dos primos.</p> <p><i>E: Dos primos. Da família...</i></p> <p>I: Da família lá, de lá. Eles participam do nosso grupo. Eles entendem, eles escrevem... Hoje tem o tradutor, né? Acredito que quando não entendem, ajuda, mas assim: a gente posta em português aqui. Aí eles respondem em italiano, a gente entende o que que eles estão falando. Entendeu? É tudo assim, a gente escreve aqui em português e eles lá em italiano, e a gente vai conversando. Então tem contato.</p> <p><i>E: E esse grupo aqui no Brasil é grande também? Os primos no Brasil... tem muitos?</i></p> <p>I: Não, não tem não. É mais a minha família mesmo, com meus irmãos com todos os meus primos de lá.</p> <p><i>E: De lá. De Maratea.</i></p> <p>I: Eles estão todos em Roma.</p> <p><i>E: Ah, estão todos em Roma.</i></p> <p>I: Não tem ninguém em Maratea.</p> <p>(...)</p> <p><i>E: Então você tem esses parentes todos lá e...</i></p>

I: Tem. A gente, sabe... mantém contato. Continua uma ligação muito forte, eles vêm aqui, a gente vai lá...

Observamos que os casos citados, únicos entre nossos informantes que relataram contatos com parentes na Itália, são de primeira geração, ou seja, os imigrantes são os próprios pais. Há outros depoentes nas mesmas condições, um dos quais relata que uns tios telefonam duas vezes por mês para a casa dele, mas que eles mesmos, do Brasil, só ligam por ocasião do Natal, demonstrando um processo de interrupção de contato unilateral.

INFORMANTE JF02M, 55 ANOS

Ascendência	Pai e mãe italianos
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Paola, Calábria
Depoimentos	Todo mês, umas duas vezes por mês eles [os parentes italianos] telefona pra cá. Pra perguntar como é que tá. Pergunta como é que tá, e tudo... (...) A gente, daqui pra lá, telefona só no Natal. Desejar bom natal, feliz ano novo e tudo. Eles lá, não. Eles lá pelo menos duas vezes por mês de lá pra cá eles vêm e telefona pra gente.

Não há em momento algum a menção às novas redes de comunicação e às novas mídias sociais para a comunicação entre parentes. Ele cita somente o telefone, objeto que tem se tornado paradoxalmente obsoleto no que seria a sua principal função. E se levarmos em conta a acessibilidade dessa tecnologia em termos de custo, acreditamos que se trate de uma certa aversão a modernidades, ou simplesmente falta de acompanhamento do desenvolvimento das modernas tecnologias, talvez por não enxergarem necessidades primárias nelas. O mesmo vale para nosso informante italiano, RJ03M, que mantém contato regular com uma prima com quem sempre teve muita afinidade, e dois sobrinhos, filhos de sua única irmã já falecida.

INFORMANTE RJ03M, 81 ANOS

Ascendência	Italiano ele próprio
Período de imigração	Pós-segunda guerra, anos 50
Origem	Portogruaro, Vêneto
Depoimentos	Eu tenho uma prima, que tem pouco menos da minha idade, eu telefono sempre, que é... da minha família, minha mãe morreu agora em maio. Meu pai já tinha morrido, e uma irmã, que eu só tinha uma irmã, morreu uns 15 anos ou mais também . E agora morreu minha mãe esse mês de maio... (...)Então eu telefono sempre pra ela, pra lá... Tenho dois sobrinhos, filhos da minha irmã, que telefono de vez em quando também... Mas que eu gosto muito mais de falar é com essa minha... Essa minha prima que é filha dum irmão do meu pai, tio meu, que era... o terceiro, é meu pai, meu tio Ítalo e meu tio Gino era o terceiro na... E... E ela sempre me... me responde assim: “ Ah bel putel ²²³ ” (grifos nossos)

Quanto aos informantes cuja distância geracional dos ancestrais italianos é maior, não há sequer menção de possíveis parentes na Itália. A interrupção do contato provoca a quebra dos vínculos que justificam a existência das redes sociais, mesmo que familiares.

Constatamos que a tecnologia moderna que permite interações assíduas mesmo à distância têm funcionado para descendentes de imigrantes, ao menos em alguns casos. Igualmente, percebemos que a ruptura desses vínculos é decisiva para que a rede se desfça, pois as histórias de vida de cada um tomam rumos próprios e se os membros das redes não estão a par do que se passa com os outros, a rede perde sua razão de ser.

Os casos relatados de manutenção dos contatos mostram o quanto a tecnologia pode ajudar no restabelecimento, ou mesmo na manutenção de línguas de imigração. Não podemos marginalizar esses novos meios de comunicação e interação porque eles aproximam pessoas, e não as afastam como o senso comum tem feito parecer. Eles colaboram na manutenção de cultura e língua, de alguma forma. Ajudam a manter contato intercultural e familiar, e a manter contato com a língua dos ancestrais.

²²³ Significa “*Ah, bello bambino*”, no dialeto friulano, L1 do informante.

7. DISCUSSÃO FINAL

Ao justificar esta pesquisa fizemos uma série de questionamentos com o propósito de discuti-los ao longo de todo o trabalho. Verificamos que a língua exerceu papel secundário na transmissão cultural intergeracional. Primeiro, porque as L1 dos imigrantes eram línguas sem prestígio. Segundo, porque mesmo quando falada pelo imigrante, esse não demonstrava interesse na transmissão da língua nacional italiana às gerações descendentes, salvo no caso da informante JF04F. Entretanto, a excepcionalidade do caso é demonstrada quando ela afirma que o pai não ensinou o italiano às suas meias-irmãs, filhas do primeiro casamento. Essa atitude se limitou à relação com a informante. Também ficou evidente que o italiano era a L2 do pai, e que as horas semanais dedicadas às aulas seguiam os modelos de ensino/aprendizagem de LE.

O legado transcultural não é identificado através de marcas linguísticas claras e patentes nas falas dos informantes, mas marcas culturais permaneceram através de atitudes registradas em artefatos, mentefatos e sociofatos que compõem o ecossistema cultural dos indivíduos, constituindo a manifestação da etnicidade em movimento.

No entanto, sentir-se ou perceber-se descendente desses italianos imigrantes pode ser motivo de orgulho pela natureza do tipo de imigração. Pode também ser indiferente na medida em que a ascendência italiana é somente parte da história familiar e nada diz ao indivíduo. A história de vida de cada um é particular e o envolvimento com o passado depende de diversos fatores sociais. Alguns informantes não se dão conta de outras ascendências que possuam, considerando-as simplesmente brasileiras, mesmo sendo elas de origem estrangeira.

Ao definirmos nossa situação problema surgiu o questionamento sobre a possibilidade de a representação do cidadão brasileiro, pela sua condição de descendente de imigrantes, pudesse estigmatizá-lo. Nossos *corpora* não demonstram sequer um indício de que possa haver qualquer tipo de estigmatização. É certo que nossos informantes foram selecionados pelas suas condições claras de descendência italiana. São sujeitos envolvidos de alguma forma com suas relações de descendência italiana. Essa condição não nos permite uma afirmação peremptória acerca de estigmatização, mas precisamos lembrar Lesser (2014, p. 29) sobre ser estrangeiro por condição herdada. Vale dizer que no Brasil ocorre de indivíduos serem denominados ‘italianos’ pelo fato de serem descendentes, sem que isso seja uma marca negativa. De modo mais formal podemos encontrar também a categoria hifenizada ítalo-

brasileiro, usada em contextos específicos. De todo modo, não há evidências de rejeição a essas denominações, que podem até existir, mas certamente não é a maioria dos casos.

Contudo, a própria natureza da etnicidade em movimento sugere que esses indivíduos se definam por brasileirítalos, uma vez que são brasileiros para todos os efeitos, e manifestam traços transculturais de seus ancestrais italianos de acordo com o contexto em que estejam inseridos.

Em todo o trabalho de pesquisa de campo depreendemos que as relações entre o reconhecimento da nacionalidade italiana por *jus sanguinis*, a geração do descendente e o número de ascendentes italianos é bastante aleatória. O reconhecimento dessa cidadania pode ter relação com o sentimento de pertencimento, aliado a certo orgulho de sua ascendência, ou mais precisamente de seus ascendentes, mas pode ter razões meramente pragmáticas, como o trânsito facilitado pela União Europeia. Dos dez brasileiros entrevistados quatro têm nacionalidade italiana, e todos eles se interessaram em aprender a língua. Portanto, entre os nossos informantes o pragmatismo não foi certamente o mote para o reconhecimento da nacionalidade. Exemplo disso são os seguintes excertos do depoimento de RJ01M:

“E [eu] já tinha a cidadania desde 91... Mas eu não quis, não peguei passaporte, não dominava a língua”.

“Se você quer conhecer bem, se você quer ser cidadão, você tem que pelo menos... dominar a língua, não é?”

Para o brasileirítalo, o aprendizado da língua nacional de seus ascendentes é uma das maneiras de se sentir filiado de alguma forma ao Estado-nação de origem dos ancestrais. É parte de seu sentimento de integração nacional. É a cidadania associada ao conhecimento da língua nacional. Uma manifestação do *belonging*, como se aprender a língua legitimasse seu pertencimento ao grupo do ‘*us*’ no sentido étnico, sem que represente sua desvinculação do grupo dos ‘*others*’. A etnicidade em movimento acontece nessa quebra de paradigma, nessa espécie de *belong to*. A cidadania, representada pelo documento (passaporte), representa o *zugerhörigkeit*, ou o *belong to*. O aprendizado da língua, associado ao documento é um passo em direção ao *zusammgehörigkeit*, ou o *belong with* numa demonstração de que língua, como afirma Couto (2016c) é o componente mais importante da cultura de um povo.

7.1. Os processos de transculturalidade

Em nossa análise dos dados coletados relevamos que os depoentes, mesmo aqueles com relação de ascendência italiana mais distante, foram ou ainda são influenciados de alguma maneira pelo legado cultural dos ancestrais. Aqueles cuja relação com os italianos foi mais intensa mantêm algum legado linguístico, seja pela transmissão intergeracional seja pelo interesse no estudo da língua italiana por motivos sentimentais. Um dos pontos mais relevantes, e que sintetiza o processo de transculturalidade pelo qual passam os brasileiros, foi o particular depoimento da informante JF04F sobre as diferenças observadas nos costumes de sua casa em relação aos de seus colegas sem vínculos com italianidade.

Ao ser questionada sobre hábitos italianos em casa que possivelmente fossem diferentes dos de suas colegas, ela elenca uma série de atividades corriqueiras em seu âmbito familiar, todas elas ligadas diretamente às suas origens italianas, mas insiste em dizer que não percebia nada de muito diferente, exceto a alimentação. A informante afirma que tem “influência brasileira muito forte” por causa da mãe.

“Hábitos diferentes das minhas colegas não porque eu fui criada com a minha mãe. Então, assim eu tive influência brasileira muito forte”.

Certamente JF04F tem, no que ela diz influência brasileira, composições de outras origens (possivelmente europeias) já bastante assimiladas a ponto de serem definidas como brasileiras, em oposição à influência italiana do pai. Ser brasileiro no Brasil é o padrão, ou seja, o traço não marcado, no caso dela, é o italiano. A componente italiana exerceu – e ainda exerce – influência linguístico-cultural na informante, o que constitui sua transculturalidade e a define como brasileirítala.

7.2. As CP em estado de latência

Uma CP tem ciclo de vida. O seu nascimento se dá quando as três condições básicas (comprometimento recíproco, objetivo comum, repertório comum) para a sua constituição são reunidas. O seu fim se dá quando essas condições se perdem, ou se dispersam. Scaratti (2006, p. XXVIII) sugere cinco fases que compõem o ciclo de vida de uma CP. São elas:

- *Potential*: as pessoas compartilham situações semelhantes, mas não usufruem dos benefícios da divisão de práticas. As atividades típicas nessa fase são buscar e encontrar outras pessoas nas mesmas condições e encontrar o que é comum a todos;
- *Coalescing*: os membros começam a reconhecer seus potenciais. As atividades típicas dessa fase são a exploração das possíveis conexões, a definição do empreendimento comum e a negociação;
- *Active*: os membros se empenham no desenvolvimento de práticas. As atividades típicas são as atividades comuns, a criação de artefatos, ferramentas, a adaptação a novas circunstâncias e a predisposição ao relacionamento;
- *Dispersed*: os membros já não se encontram tão fortemente engajados, mas a comunidade ainda está ‘viva’. As atividades típicas são a manutenção dos contatos, reuniões, os pedidos de aconselhamento;
- *Memorable*: A comunidade já não é parte central da vida dos membros, mas se lembram dela como parte importante de suas próprias identidades.

Na CP relevada em nossa pesquisa, o grupo de dança Tarantolato, podemos concluir que seu ciclo de vida está em pleno funcionamento, na fase *active*, na qual os membros se mostram empenhados no desenvolvimento de práticas relativas à própria atividade da CP. Observando mais atentamente às premissas à constituição de CP bem como seu ciclo de vida, notamos que em Juiz de Fora houve formação de CP ao longo do tempo em função da *Casa d'Italia*, o principal marco da italianidade na cidade. Dada a história dessa instituição e os riscos que correu, entendemos que ela seja um símbolo material – um artefato, parte do ecossistema cultural - do componente italiano no sincretismo cultural dos habitantes desse município e, em certa medida, de toda a região circunvizinha. O potencial heurístico da abordagem ecossistêmica (TRAMPE, 2016) nos possibilita enxergá-la como um território com características próprias, ocupado dinamicamente por uma população específica que certamente usa/usava uma linguagem que tinha relação com aquele meio ambiente. É um sistema ecológico em que organismos humanos se estruturam e incorporam uma língua com especificidades próprias, inerentes à italianidade. Ali tivemos a formação de redes sociais e CP ao longo da sua própria história de existência, desde a mobilização dos italianos e descendentes anos 30 do século XX para a sua construção até os dias de hoje, com o seu renascimento como centro de cultura. O quadro ilustrado pela Figura 30 mostra uma linha do tempo com os principais acontecimentos em torno do prédio, com toda a sua simbologia.

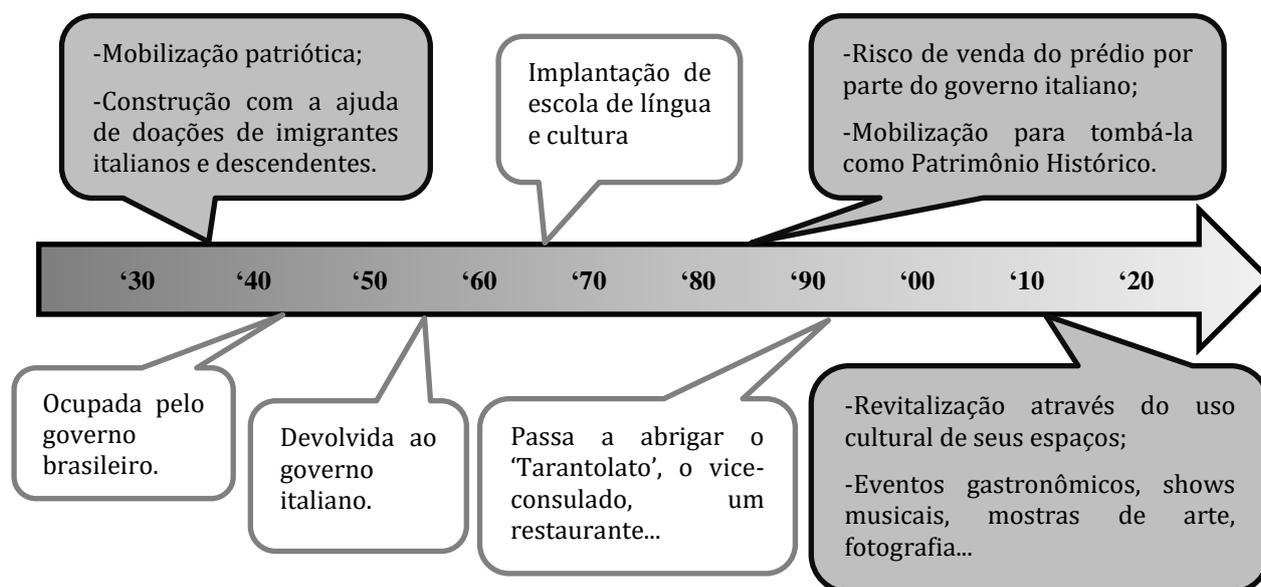


Figura 30 – Linha do tempo da Casa d'Italia de Juiz de Fora: principais acontecimentos até os dias atuais

Destacamos as três ocorrências principais que, a nosso ver, são as grandes mobilizações em torno da italianidade, independentemente do seu direcionamento ideológico: a dos anos 30 do século XX, a dos anos 80 e a dos anos 10 do século XXI. São três momentos importantes nos quais houve algum tipo de movimentação entre italianos e/ou descendentes de forma a manter ou preservar a cultura italiana. É importante lembrar que nos anos 30 o governo integralista brasileiro pretendia eliminar traços estrangeiros no Brasil, e foi justamente nessa época que surgiu a CP mais ativa e forte, sendo capaz de construir o artefato mais importante do ecossistema cultural dos imigrantes italianos na cidade. Entre os anos de 1939 e 1945 desenrolou-se a segunda grande guerra, episódio terrível e que colocou por alguns anos Brasil e Itália em lados opostos, como inimigos. Nos anos 50 houve uma retomada de imigração italiana no Brasil e, como já vimos, no eixo delimitado para a nossa pesquisa muitos desses eram calabreses. Assim, como havia uma língua comum, surgiu a CP jornalheiros. Nessa mesma época o prédio foi devolvido ao governo italiano. Muitos desses últimos italianos imigrados, além de alguns descendentes, foram pivôs da formação de uma nova CP nos anos 80, a que fomentou o tombamento do edifício da *Casa d'Italia* como patrimônio cultural do município.

Atualmente, já nos anos 10 do século XXI, temos um processo de revitalização do prédio em curso, que busca reinseri-lo no meio dos palcos de eventos culturais da cidade,

como foi no passado. Tal processo parece ser uma nova formação de CP possivelmente na fase do *Coalescing*. O tempo, com novas pesquisas, poderá dizer. O que se desprende disso tudo é que a *Casa d'Italia* permanece sendo um símbolo importante para os brasileirítalos de Juiz de Fora, e que em momentos de crise há sempre a formação de uma CP para não deixá-la cair no ostracismo. É isso que chamamos de estado de latência das CP. A **Latência** (*Latency*, para manter a terminologia em inglês) é a fase posterior à *Memorable* e anterior à *Potential*. É um estado de hibernação, e ao que parece, atravessa gerações. Como é um estado de aparente letargia, não há atividades típicas nessa fase, mas apenas a espreita por uma nova crise. Em outras palavras, o ciclo de vida de uma CP carece de um adjetivo para 'vida'; talvez seja mais adequado falar em 'ciclo de vida ativa', se considerarmos a CP como evento, independentemente dos membros que a compõem.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo a embaixada italiana no Brasil, aproximadamente 30 milhões de brasileiros, cerca de 15% da população brasileira, é descendente de italianos²²⁴. Isso não significa em absoluto que todos possam ser definidos como brasileirítalos. Conforme nossa proposta, tal condição é variável de acordo com o próprio posicionamento pessoal. Cada sujeito, desde que descendente, tem a sua própria medida de italianidade, podendo essa ser nula, se já não se interessar por isso, se essa ascendência não lhe disser nada. Há descendentes que sequer conhecem suas origens, apenas sabem que têm um ou mais ancestrais italianos, o que ocorre com mais frequência entre os indivíduos mais jovens (GAIO, 2013).

Ser descendente de italianos não significa ter pai e mãe italianos, ou todos os ancestrais italianos. Basta que um indivíduo tenha um único ancestral italiano para que possa se autodenominar descendente, o que mostra que o número de ítalo-descendentes apontado pela embaixada italiana, além de ser bastante vago e meramente estimativo, não tem relação direta com a condição de brasileirítalos. Essa condição depende do envolvimento linguístico-cultural que o indivíduo tenha com a italianidade. Um interessante indício desse envolvimento costuma ser demonstrado pela força que a ascendência italiana exerce no indivíduo quando esse fala de sua ancestralidade, considerando um lado italiano e o outro genericamente

²²⁴ Cf. http://www.ambbrasil.esteri.it/ambasciata_brasilia/it/ambasciata/ambasciatore/messaggio e <http://www.ambbrasil.esteri.it/resource/2013/02/ComunitaItalianaIntervistaAmbasciatore.pdf> (última visita em 14/11/2016)

brasileiro, como se esse outro lado já não apresentasse nenhum elemento caracterizador de outras origens. O excerto abaixo, extraído da entrevista com RJ02M esclarece o que queremos dizer:

E: Sua mãe não tem nada de italiano não, né?

I: Não.

E: Seria de que ascendência mais ou menos?

I: Minha mãe é brasileira.

E: Mas, de origem...

I: Espanhola.

E: Espanhola?

I: Um pouco.

E: Portuguesa talvez...

I: É portuguesa e espanhola.

E: Mas aí... assim... a gente considera brasileira, né? Coisa mais... antiga, né?

I: É, é

A informante JF01F é ainda mais enfática. O que se depreende de seu depoimento é que a distância entre gerações de imigrantes e a incerteza das origens provocam a perda gradual desses interesses e, conseqüentemente, desses sentimentos. A ela bastou saber que a mãe “já é brasileira, já tá esclarecido”.

E: Você sabe as origens da sua mãe, em termos de ascendência?

I: Pelo que eu sei, eu sei que é português... Mas assim, é engraçado que pelo lado da minha mãe a gente não é muito de pensar... Por essa questão de os parentes dela estarem mais distantes, e tal, e não ter uma descendência tão direta... Igual minhas tias falavam “é português”, mas assim, é beeeem bem bem lá distante! Então como, assim, pra mim acho que o italiano é bem mais próximo por ser meu avô, né... E praticamente quase meu pai, então assim, é... eu acho que me interessei muito mais [pelo lado italiano do pai] do que pensar... ah, era uma coisa que eu nunca pensei assim “ah, e as origens da minha mãe?” Era uma coisa que, pra mim, ela já é brasileira, já tá esclarecido e pronto.

Destacamos que ambos os informantes aprenderam a língua italiana como LE, sendo que JF01F é hoje professora de italiano como LE.

Em nossa pesquisa entrevistamos descendentes de italiano que, de alguma forma, mantêm algum tipo de vínculo com a italianidade. Num primeiro momento podemos imaginar que a italianidade seja inversamente proporcional à distância intergeracional, mas seria uma hipótese superficial apenas. Essa hipótese merece investigação mais profunda porque é facilmente contraposta. Se tomarmos uma comunidade isolada na zona rural, formada na sua maioria por descendentes de italianos, mesmo que de quarta ou quinta geração, é provável que sua italianidade seja muito alta. Portanto, sugerimos que a transculturalidade possa ser mensurada, sendo assim incluída no rol dos efeitos do CL, a partir do momento em que esse se encontra no bojo do contato cultural, assim como o ecossistema linguístico é parte do ecossistema cultural.

A partir dos conceitos de bilinguagem de Savedra (1994; 2009) e da proposta conceitual de medidas de bilinguagem de Salgado (2009), sugerimos, em pesquisas futuras, o desenvolvimento de um modelo metodológico que meça a transculturalidade, uma vez que cada ser humano reage diferentemente às diversas manifestações de cultura a que é exposto. O sincretismo cultural da população brasileira reflete origens de diversas etnias em constante movimento, sejam autóctones ou alóctones, tornando-o único na sua diversidade.

- “Sou meio italiano, meio alemão”;
- “Sou um pouco libanês e um pouco africano”;
- “Meu pai é japonês, mas minha mãe é brasileira”;
- “Tenho origens polonesas misturadas com índios”;
- “Meus avós paternos são portugueses e minha avó materna é síria”.

Todas essas expressões, se não verdadeiras, são verossímeis e certamente todos os brasileiros já ouviram outros brasileiros dizendo-as, mesmo que com alterações nas origens citadas. E essas origens são bem mais variadas do que as dos exemplos acima. Sendo assim, um índice de transculturalidade, que poderia ser subdividido em índices de italianidade, germanicidade, libanicidade, niponicidade, africanidade, autoctonicidade (caso das etnias indígenas brasileiras) etc. poderia dar suporte a pesquisas principalmente em áreas urbanas dado o seu caráter sincreticamente transcultural.

Canevacci (2004, p. 199) sugere que o plural de ‘eu’ talvez não seja só ‘nós’, e que devemos pensar nos vários ‘eus’ dentro do mesmo ego. Esses ‘eus’ que se apresentam de acordo com as circunstâncias. Os ‘eus’ que se materializam nas lembranças, nas atitudes, nos costumes, na língua. É a manifestação da multividauidade (CANEVACCI, 2004, p. 77).

O ser brasileirítalo não é um estado fixo, uma categorização imutável. Claro, a terminologia aponta para uma caracterização do sujeito essencialmente brasileiro, mas que mantém traços italianos nos seus ecossistemas mentais e sociais, o que o faz, vez por outra, movimentar-se na italianidade recuperando elementos de sua ascendência étnica. Em outras palavras, a condição de brasileirítalo não é estática. É móvel. O sujeito manifesta-se brasileirítalo quando há uma ocasião para tal. Diferentemente da imprecisão estática do ítalo-brasileiro e do ‘italiano’ por condição herdada (LESSER, 2014, p. 29), o brasileirítalo pode deixar de sê-lo e tornar a sê-lo de acordo com o momento vivenciado. Afinal de contas, se falamos de etnicidade em movimento, tratamos de algo dinâmico.

Ao longo deste trabalho discutimos os processos de transculturalidade identificados entre descendentes de italianos imigrados no Brasil, conforme proposto pelos nossos objetivos gerais. Há que se fazer algumas ressalvas. Os núcleos étnicos sincréticos que buscávamos, em forma de redes sociais, praticamente não mais existem. Parte das observações empíricas que nos levaram a traçar esses objetivos se referiam a redes densas que já se perderam com o falecimento de seus membros. Eram CF difusas e complexas, redes densas, que perderam força pela não transmissão intergeracional. O próprio contexto urbano da imigração fomentou a dispersão uma vez que os descendentes tinham outros contatos e outros interesses.

As redes sociais formadas pelos imigrantes se revelaram particularmente interessantes porquanto foram evidenciadas em quase todas as nossas entrevistas, tanto entre os imigrantes que se destinaram a Juiz de Fora como entre aqueles que se estabeleceram no Rio de Janeiro. A exceção à regra se encontra no caso em que o planejamento para emigrar ao Brasil se deu por recrutamento profissional ainda na Itália, de forma que o imigrante (informante RJ03M) não tinha a necessidade de se apoiar em redes sociais, ou seja, não havia a necessidade de criar relações com outros indivíduos igualmente imigrantes, ou familiares já imigrados, que lhe dessem o suporte necessário, sobretudo nos primeiros tempos pós-imigração.

Identificamos, também *a posteriori*, a existência de CF, que de acordo com a Linguística Ecológica são categorizadas como difusas, sem território delimitado, e

complexas, porque bi/trilíngues. Denominamo-las CF jornaleiros por se tratarem de imigrantes que se dedicaram à distribuição de jornais e revistas em suas respectivas bancas, mas não somente. Em Juiz de Fora essa CF teve duração de cerca de 20 anos e nela predominava a língua *paolana*, da cidade de Paola, na Calábria, região do sul da Itália. Traçamos uma analogia com a CF Fazenda (COUTO, 2016b), também já não existente, salientando as semelhanças e diferenças inerentes.

A relação de influência entre as cidades, anotada no REGIC (2007) do IBGE foi percebida também na relação de descendência italiana. Os descendentes juiz-foranos dão notícias de que havia relações com parentes e/ou conhecidos no Rio de Janeiro, principalmente os calabreses e suas bancas de jornal. Essas relações, com o passar dos anos, se enfraqueceram e se desfizeram.

Nossa proposta de recategorização - de 'italiano' por condição herdada ou de ítalo-brasileiro - para brasileiro ítalo se fundamenta nos processos de transculturalidade observados entre descendentes, que são brasileiros para todos os efeitos e manifestam sua italianidade de acordo com o contexto situacional em que se encontrem. É a etnicidade em movimento. O brasileiro ítalo é um brasileiro com origens italianas reconhecidas e assumidas. Os descendentes já não são minorias não territoriais (PUSKÁS, 2009, p. 53) como seus ancestrais imigrantes; são brasileiros que manifestam sua italianidade através da transculturalidade inerente a esse sincretismo cultural.

O Brasil é conhecido como terra de contrastes e de antropofagias de vanguarda e se tornou um extraordinário laboratório em progresso daquilo que o futuro reserva ao mundo (CANEVACCI, 2004, p. 24). Esses contrastes e essas antropofagias de vanguarda se originam em grande parte da multietnicidade do povo brasileiro, traduzida na sua transculturalidade. Assim, acreditamos que esse trabalho possa colaborar com estudos em campos variados das ciências humanas e sociais.

REFERÊNCIAS

AGAR, M. **Language Shock**. New York: William Morrow & Co, Inc., 1994

ANDRADE, O. **Manifesto Antropófago**. *Revista de Antropofagia*, ano I, n. 1. São Paulo, 1928

ANG, I. **On not speaking Chinese. Living between Asia and the West**. London: Routledge, 2001

ANTHIAS, F. **Belongings in a Globalising and Unequal World: rethinking translocations**. University of East London, 2006. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/265280705>

_____. **Identity and Belongin: conceptualisations and political framings**. KLA Working Paper Series No. 8; Kompetenznetz Lateinamerika - Ethnicity, Citizenship, Belonging, 2013 (http://www.kompetenzla.uni-koeln.de/fileadmin/WP_Anthias.pdf.)

AVERILL, J. R. **Anger and Agression: an Essay on Emotion**. New York: Springer-Verlag, 1982

BAGNO, M. **Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola, 2001

_____. **O que é uma língua? Imaginário, ciência & hipóstase**. In.: LAGARES, X. C. & BAGNO, M. (orgs.) **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, p. 355-387, 2011

_____. **Norma linguística, hibridismo & tradução**. *Traduzires, Brasília*, v.1, n. 1, p. 19-32, 2012

BANG, J. C.; DØØR, J. **Ecolinguística: um enquadramento conceitual**. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, Brasília, v. 1, n. 2, p. 65-81, 2015

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

_____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009

BERTONHA, J. F. **Sob o signo do Fascio: O fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943**. Tese de doutoramento. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1998

_____. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005

BOIX, E. **Encoding Catalan Identities**. In: JUNGBLUTH, K.; MEIERKORD, C. (eds.). **Identities in Migration Contexts**. Tübingen: Gunter Narr Verlag, p. 99-111, 2007

BONNERJEE, J. *et alli*. **Connected Communities: Diaspora and Transnationality**. *Queen Mary University of London*, 2012. Disponível em <http://www.researchgate.net/publication/265117727>

BOON, E. D. **Heritage Welsh: a study of heritage language as the outcome of minority language acquisition and bilingualism**. Doctoral dissertation, Department of Celtic Languages and Literatures, Harvard University, 2014

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade: estudo sociológico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola, 2011

BOYARIN D.; BOYARIN J. Diaspora: Generation and the Ground of Jewish Identity. *Critical Inquiry*, v. 19, n. 4, p. 693-725, 1993

BRUBAKER, R.; COOPER, F. **Beyond “identity”**. *Theory and Society*, v. 29, p. 1-47, 2000

BRUBAKER, R. **Ethnicity without groups**. *Arch. europ. sociol.*, v. XLIII, n. 2, p. 163-189, 2002. Disponível em <http://bev.berkeley.edu/Ethnic%20Religious%20Conflict/Ethnic%20and%20Religious%20Conflict/1%20Identity/Ethnicity%20without%20Groups%20Brubaker.pdf>

_____. **The ‘diaspora’ diaspora**. *Ethnic and Racial Studies*, v. 28, n. 1, p. 1-19, 2005

BURKE, P. **Cultural Hybridity**. Cambridge: Polity Press, 2009

_____. **Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

CALVET, L. **Langue et colonialisme: petit traité de glottophagie**. Paris: Payot, 1974

_____. **As políticas lingüísticas**. São Paulo: Parábola: IPOL, 2007

CAMPOS, Haroldo de. **Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira**. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992

CANEVACCI, M. **Sincretismi. Esplorazioni diasporiche sulle ibridazioni culturali**. Milano: Costlan editori, 2004

COSTA, R. **A literatura dialetal italiana como retrato de uma cultura**. In: DE BONI, Luiz Alberto (org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987

COUTO, H. H. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus, 2007

_____. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. São Paulo: Contexto, 2009

_____. **Linguística Ecológica**. In: COUTO, H. H. *et alli.* (orgs.). **O Paradigma Ecológico para as Ciências da Linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos**. Goiânia: Editora UFG, p. 209-261, 2016(a)

_____. **Comunidade de Fala revisitada**. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 47-72, 2016(b)

_____. **Ecosistema Cultural**. <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2016/06/ecossistema-cultural.html>, 2016(c)

_____. **A comunidade de Fala Fazenda do Zé Artino**. <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2016/02/a-comunidade-de-fala-fazenda-do-ze.html>, 2016(d)

CROCI, F. **A Imigração no Brasil**. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 73-120, 2011

CUNHA LACERDA, P. F. A. **A língua portuguesa em Juiz de Fora no século XIX: uma investigação sócio-histórica do falar da Zona da Mata Mineira**. Relatório de pós-doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2009

DAMKE, C.; SAVEDRA, M. M. G. **Volkslieder (músicas populares alemãs) no sul do Brasil**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

DE MAURO, T. **Storia linguística dell'Italia unita**. Bari: Editori Laterza, 1991.

DERVIN, F.; RISAGER, K. (eds.). **Researching Identity and Interculturality**. Abingdon: Routledge, 2015

DEWAELE, J. **Emotions in Multiple Languages**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013

DIL, A. S. **The Ecology of Language: Essays by Einar Haugen**. Stanford: Stanford University Press, 1972.

DODSWORTH, R. **Speech Communities, Social Networks, and Communities of Practice**. In: HOLMES, J.; HAZEN, K. **Research Methods in Sociolinguistics. A Practical Guide**. Chicester: Wiley Blackwell, 2014

DOSTOYEVSKY, F. **Os Irmãos Karamazov**. São Paulo: Editora 34, 2009

DUARTE SOARES, S. M. C. C. **Português Língua de Herança: da teoria à prática**. 84 p. Dissertação de mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012

DUBOIS J. *et. alii*. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix: 2006

ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000

ECKERT, P. **Variation, convention and social meaning**. *Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America*. Oakland CA, Jan. 7, 2005.

ECKERT, P. **Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation**. *Annual Review of Anthropology*, n. 100, p. 41-87, 2012

FAUSER, M. *et alli*. **Transnationality and Social Inequalities of Migrants in Germany**. *SFB working papers series*, n. 11. Bielefeld, 2012. Disponível em https://sfb882.uni-bielefeld.de/sites/default/files/SFB_882_WP_0011_Fauser_Voiglaender_Tuncer_Liebau_Faist_Razum.pdf

FERENZINI, V. L. **Os italianos e a Casa d'Italia de Juiz de Fora**. *Locus: revista de História da UFJF*. Juiz de Fora, v. 14, n. 2 p. 149-159, 2008

FISHMAN, J. A. **300-Plus Years of Heritage Language Education in the United States**. In: PEYTON, J. K.; RANARD, D. A.; MCGINNIS, S. (eds.) **Heritage Language in America. Preserving a National Resource**. Long Beach: CAL, p. 81-97, 2001

FRELLO, B. **On Legitimate and Illegitimate Blendings. Toward an Analytics of Hybridity**. In: DERVIN, F.; RISAGER, K. (eds.). **Researching Identity and Interculturality**. Abingdon: Routledge, p. 193-210, 2015

FRIEDMAN, J. **The Hybridization of Roots and the Abhorrence of the Bush**. In: FEATHERSTONE, M.; LASH, S. (eds.) **Spaces of Culture: city – nation – world**. London: SAGE publications, p. 230-256, 1999

FROSI, V. M.; RASO, T. **O italiano no Brasil: um caso de contato linguístico e cultural**. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (orgs) **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 317-347, 2011

GAIO, M. L. M. **Imigração italiana em Juiz de Fora: manutenção e perda linguística em perspectiva de representação**. 111f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013.

GAIO, M. L. M.; SAVEDRA, M. M. G. **Língua e cultura em contato na Zona da Mata mineira: a imigração italiana em Juiz de Fora.** *VEREDAS*, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 357-375, 2013

GAIO, M. L. M. **Transculturalidade: etnicidade em movimento no contato linguístico-cultural de línguas de imigração.** In: V Seminário dos Alunos do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF, Niterói. *Anais...* v. 1. p. 339-353, 2014

GASPARETTO JR, A. **Sociedade Beneficente Umberto I: o mutualismo como reforço da identidade étnica e como elemento de seguridade de trabalhadores italianos na cidade de Juiz de Fora (MG), 1887-1919.** In: *Revista da Imigração Italiana em Minas Gerais*. www.ponteentreculturas.com.br, sem paginação, 2011

GOMES, A. M. **O Estudo de Redes Sociais e sua Contribuição para a Ecolinguística.** *Atas do IIº encontro brasileiro de imaginário e ecolinguística*, 11 a 13/novembro, p. 256-271, 2015

GRASSI, T. *et alli*. **Dizionario Enciclopedico delle Migrazioni Italiane nel Mondo.** Roma: Società Editrice Romana, 2014

GREMELS, A. **Exilio y transculturalidad en los poemas de William Navarrete.** In: GERNALZICK, N.; PISARZ-RAMIREZ, G. (eds.) **Transmediality and Transculturality.** Heidelberg: Universitätsverlag WINTER, p. 181-199, 2013

GUISAN, P. **O paradigma da língua na formação do nacionalismo brasileiro.** In: SAVEDRA, M. M. G.; MARTINS, M. A.; DA HORA, D. (orgs.) **Identidade social e contato linguístico no português brasileiro.** Rio de Janeiro: FAPERJ: EdUERJ, p. 225-250, 2015

GUMPERZ, J. J. **Discourse strategies. Studies in Interactional Sociolinguistics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1982

HARKINS, J.; WIERZBICKA, A. (eds.). **Emotions in Crosslinguistic Perspective.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2001

HERÓDOTO. **Histórias.** <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/historiaherodoto.html>

HICKEY, R. **The handbook of language contact.** Oxford: Blackwell, 2010

HOBSBAWN, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1780.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HOFFMAN, M. **Sociolinguistic Interviews.** In: HOLMES, J.; HAZEN, K. **Research Methods in Sociolinguistics. A Practical Guide.** Chicester: Wiley Blackwell, 2014

HÖHMANN, B. **Sprachplanung und Spracherhalt innerhalb einer pommerischen Sprachgemeinschaft: Eine soziolinguistische Studie in Espírito Santo / Brasilien.** Frankfurt/Main: Peter Lang Verlag, 2011.

HOLMES, J.; HAZEN, K. **Research Methods in Sociolinguistics. A Practical Guide.** Chichester: Wiley Blackwell, 2014

HUDSON, R. A. **Sociolinguistics.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001 [1980]

HYMES, D. **Models of the Interaction of Language and Social Life.** In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (eds.) **Directions in Sociolinguistics.** Oxford: Basil Blackwell, 1986 [1972]

JUNGBLUTH, K. **Doing Identities in Regional, National and Global Contexts: The Catalan Case in Spain.** In: JUNGBLUTH, K.; MEIERKORD, C. (eds.). **Identities in Migration Contexts.** Tübingen: Gunter Narr Verlag, p. 75-98, 2007

_____. **Crossing the Border, Closing the Gap: Otherness in Language Use.** In: ROSENBERG, P.; JUNGBLUTH, K. ZINKHAN-RHOBODES, D. (eds.). **Linguistic Construction of Ethnic Borders.** Frankfurt am Main: Peterlang, p. 209-227, 2015

JUNGBLUTH, K.; GAIO, M. L. M. **Etnicidade em Movimento: processos linguísticos e (trans)culturais da imigração italiana no Brasil no eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora,** In: BORN J.; LADILOVA, A.; SCHÖN K.; LESCHZYK, D. (eds.) **Línguas, culturas e políticas em movimento? (R)evoluções, transformações e contatos na lusofonia,** Bern/Frankfurt a.M.: Peter Lang, (no prelo)

KIESLING, S. F. **Constructing Identities.** In: CHAMBLERS, J. K.; SCHILLING, N. (eds.). **The Handbook of Language Variation and Change.** Chichester: Wiley Blackwell, p. 448-467, 2013

KLUGE, B. **Negotiating Regional Identity in Conversation: A Chilean Case Study.** In: JUNGBLUTH, K.; MEIERKORD, C. (eds.). **Identities in Migration Contexts.** Tübingen: Gunter Narr Verlag, p. 129-156, 2007

KRAMSCH, C. **Identity and Subjectivity: Different Timescales, Different Methodologies.** In: DERVIN, F.; RISAGER, K. (eds.). **Researching Identity and Interculturality.** Abingdon: Routledge, p. 211-230, 2015

KÜNSTLER B. **“I’m in two places at once”: Transdifference and the 1.5-Generation in Gustavo Pérez Firmat’s Next Year in Cuba.** In: GERNALZICK, N.; PISARZ-RAMIREZ, G. (eds.) **Transmediality and Transculturality.** Heidelberg: Universitätsverlag WINTER, p. 159-179, 2013

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008 [1972]

LAGE, O. V. B.; ESTEVES, A. (orgs.). **Album do Município de Juiz de Fóra**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915.

LE PAGE, R. B.; TABOURET-KELLER, A. **Acts of identity: creole-based approaches to language and ethnicity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985

LESSER, J. **A invenção da brasilidade. Identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração**. São Paulo: Editora Unesp, 2014

MARCATO, C. **Dialetto, dialetti e italiano**. 2.ed. Bologna: Il Mulino, 2007

MATOS, F. G. *et al.* **Ecolinguagem**. In: COUTO, E. K. N. N.; DUNCK-CINTRA, E. M.; BORGES, L. A. O. (orgs.). **Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora**, Brasília: Thesaurus, p. 215-224, 2014

MATRAS, Y. **Language Contact**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004 v. 1

MENDES, M. **A idade do serrote**. Rio de Janeiro: Ed. Sabiá, 1968

MILROY J.; MILROY L. **Linguistic change, social network and speaker innovation**. *Journal of Linguistics*, Cambridge, Vol. 21, n. 2, pp. 339-384, 1985

MILROY, L. **Introduction: Mobility, contact and language change – Working with contemporary speech communities**. *Journal of Sociolinguistics*, Oxford, Blackwell Publishers Ltd., vol. 6, n. 1, p. 3-15, 2002

_____. **Social Networks**. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds). **The Handbook of Language Variation and change**. Blackwell Publishing, 2003. (Blackwell Reference Online. 31 December 2007 http://www.blackwellreference.com/subscriber/book?id=g9781405116923_9781405116923)

MILROY L.; GORDON M. **Sociolinguistics: method and interpretation**. Oxford: Blackwell, 2003

MIRDAL, G. M.; RYYNÄNEN-KARJALAINEN, L. **Migration and Transcultural Identities**. *The European Science Foundation-ESF Forward look report 2* (www.esf.org), 2004

MONTANELLI, I. **Storia d'Italia, Vol. VI**. Milano: RCS Libri S.p.A., 2006.

MUFWENE, S. S. **The ecology of language evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MUFWENE, S. S. **Language evolution: contact, competition and change**. Londres: Continuum International Publishing Group, 2008.

MUFWENE, S. S.; VIGOUROUX, C. B. **Individuals, Populations and Timespace: Perspectives on the Ecology of Language**. *Cahiers de Linguistique – Revue de sociolinguistique et de sociologie de la langue française*, v. 38, n. 2, p. 111-137, 2012

MUFWENE, S. S. **Ecologia da língua: algumas perspectivas evolutivas**. In: COUTO, H. H. *et alli.* (orgs.). **O Paradigma Ecológico para as Ciências da Linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos**. Goiânia: Editora UFG, p. 473-500, 2016

MÜLLER, K. **Code-switching in Italo-Brazilian literature from Rio Grande do Sul and São Paulo: A sociolinguistic analysis of the forms and functions of literary code-switching**. *Language and Literature*, SAGE publishing, v.23, n. 3, p. 249-263, 2015

MUYSKEN, P. **Language contact outcomes as the result of bilingual optimization strategies**. *Bilingualism: Language and Cognition*, Cambridge University Press, v. 16, n. 4, p. 709–730, 2013

ORTIZ, F. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Madrid: EditoCubaEspaña, 1999 [1940]

PAVLENKO, A. **Multilingualism and emotions**. In: MARTIN-JONES, M.; BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. (eds.) **The Routledge Handbook of Multilingualism**. Abingdon: Routledge, p. 454-469, 2012

PFÄFF-CZARNECKA, J. **From identity to belonging in Social Research: Plurality, Social Boundaries, and the Politics of the self**. In: ALBIEZ, S.; CASTRO, N.; JÜSSEN L.; YOUKHANA, E. (eds.) **Ethnicity, Citizenship and Belonging: Practices, Theory and Spatial Dimensions**. Madrid: Iberoamericana - Vervuert, p. 199-219, 2011

_____. **Multiple belonging and the challenges to biographic navigation**. Working paper 13-05. Max Planck Institute for the Study of Religious and Ethnic Diversity, 2013 (www.mmg.mpg.de/workingpapers)

PUSKÁS, T. **“We Belong to Them”. Narratives of Belonging, Homeland and Nationhood in Territorial and Non-territorial Minority Settings**. Brussels: Peter Lang, 2009

RIFKIN, J. **The Emphatic Civilization: the race to global consciousness in a world in crisis**. Penguin books: London, 2009

RODRIGUES, M. G. **Sob o céu de outra pátria: imigrantes e educação em Juiz de Fora e Belo Horizonte, Minas Gerais (1888-1912)**. 401f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009

ROMAINE, S. **Contact and language death**. In: HICKEY, R. (ed.) **The handbook of language contact**. Oxford: Blackwell, p. 320-339, 2010

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994

SALGADO, A. C. P. **Medidas de bilinguagem: uma proposta**. In: SAVEDRA, M. M. G.; SALGADO, A. C. P. **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Rio de Janeiro: 7letras, p. 141-162, 2009

SAVEDRA, M. M. G. **Bilinguismo e bilinguagem: o tempo passado no discurso em língua portuguesa e língua alemã**. Tese de doutoramento. 436 f. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994

_____. **Línguas majoritárias e minoritárias no Mercosul: a questão de línguas oficiais, línguas de trabalho e língua de ensino**. In: DA HORA, D.; LUCENA, R. M.; (Orgs.). **Política linguística na América Latina**. João Pessoa: Editora Universitária, p. 115-126, 2008

_____. **Bilinguismo e bilinguagem: uma nova proposta conceitual**. In: SAVEDRA, M. M. G.; SALGADO, A. C. P. (orgs.) **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Rio de Janeiro: 7letras, p. 121-140, 2009

_____. **A língua alemã no Brasil: uma língua de/em contato**. In: VON BORSTEL, C. N.; COSTA-HÜBES, T. C. (Orgs.). **Linguagem, Cultura e Ensino**. Cascavel: EDUNIOESTE, p. 13-22, 2011

SAVEDRA, M. M. G.; HÖHMANN, B. **Das Pommerische in Espírito Santo: Ergebnisse und Perspektiven einer soziolinguistischen Studie**. *Pandemonium*. São Paulo, n. 18, p. 283-300, 2011.

_____. **A Formação de professores bilíngues em projetos de revitalização de línguas de imigrantes: O caso do PROEPO (PROGRAMA DE EDUCAÇÃO ESCOLAR POMERANA)**. In: MOLLICA, C.; PATUSO, C.; BARBOSA, F. (Orgs.). **Olhares transversais em pesquisa, tecnologia e inovação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 223-240, 2012

_____. **Das plurizentrische Deutsch in Brasilien und die regionalen Kooffizialisierung eines ostniederdeutschen Dialekts**. In: SCHNEIDER-WIEJOWSKI, K.; KELLERMEIER-REHBEIN, B.; HASELHUBER, J. (Orgs.). **Vielfalt, Variation und Stellung der deutschen Sprache**. Berlin: De Gruyter Mouton, v. 1, p. 411-426, 2013

SAVEDRA, M. M. G. **A língua pluricêntrica alemã em variedades dialetais no contexto plurilíngue do Brasil.** In: SAVEDRA, M. M. G.; MARTINS, M. A.; DA HORA, D. (orgs.) **Identidade social e contato linguístico no português brasileiro.** Rio de Janeiro: FAPERJ: EdUERJ, p. 147-164, 2015

SAVEDRA, M. M. G.; GAIO, M. L. G. **Etnicidade em movimento: processos linguísticos e culturais da imigração italiana em MG.** In: VON BORSTEL C. N.; DAMKE, C. (orgs.) **Bilinguismo, discurso e ensino.** São Carlos: Pedro & João Editores, p. 139-154, 2015

SAVEDRA, M. M. G.; GAIO, M. L. M.; CARLOS NETO, M. E. **Contato linguístico e imigração no Brasil: fenômenos de manutenção/revitalização, *language shift* e *code-switching*.** *Veredas*, Juiz de Fora, v. 19, n. 1, p. 71-91, 2015

SAVEDRA, M. M. G.; ROSENBERG, P. **Etnicidade em movimento: das Deutschbrasilianische Bauernfest em contexto de transnacionalização.** In: BORN J.; LADILOVA, A.; SCHÖN K.; LESCHZYK, D. (eds.) **Línguas, culturas e políticas em movimento? (R)evoluções, transformações e contatos na lusofonia,** Bern/Frankfurt a.M.: Peter Lang, (no prelo)

SCARATTI, G. **L'(in)effabile dicibilità delle comunità di pratica.** Prefácio à edição italiana. In: WENGER, E. **Comunità di Pratica. Apprendimento, significato e identità.** Raffaello Cortina Editore. Milano, 2006

SCHWARTZ, J. M. **Pieces of Mosaic.** Intervention Press, Holjberg, 1996

SEVERO, C. G.; DE SOUZA, C. M. N. **Identidade e língua na ilha de Santa Catarina: sobre a relação entre o *manezinho* e o *manezês*.** In: SAVEDRA, M. M. G.; MARTINS, M. A.; DA HORA, D. (orgs.) **Identidade social e contato linguístico no português brasileiro.** Rio de Janeiro: FAPERJ: EdUERJ, p. 13-36, 2015

SHELDRAKE, R. **Ciência sem dogmas.** São Paulo: Cultrix, 2014

SILVA, T. V. Z. **Belle Époque na Província: a exemplo do Rio de Janeiro, Juiz de Fora também teve a sua Belle Époque.** *2º Encontro da Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ.* 21 a 23 de outubro, 2002. Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/encontro.htm>

SOARES, M. S. **Lieb Heimatland, ade! O apagamento dos traços língua-cultura identidade alemães em Juiz de Fora/MG e a hegemonia da língua portuguesa.** 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2013.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. **Hibridismo e tradução cultural em Bhabha.** In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas.** São Paulo: Boitempo Editorial, p. 113-133, 2004.

STAUDER, T. **Transculturación in Alejo Carpentier's El siglo de las luces**. In: GERNALZICK, N.; PISARZ-RAMIREZ, G. (eds.) **Transmediality and Transculturality**. Heidelberg: Universitätsverlag WINTER, p. 124-140, 2013

STREET, B. V. **Culture is a verb: Anthropological aspects of language and cultural process**. In: GRADDOL, D.; THOMPSON, L. BYRAM, M. (eds.). **Language and culture**. Clevedon, UK: BAAL in association with Multilingual Matters, p. 23–43, 1993

THOMASON, S. **Language contact: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001

TORO, A. **Pasajes – heterotopías – transculturalidad: estrategias de hibridación en las literaturas latino/americanas: un acercamiento teórico**. In: MERTZ-BAUMGARTNER, B.; PFEIFFER, E. (eds.) **Aves de Paso; autores latinoamericanos entre exilio y transculturación**. *Theorie un Kritik der Kultur und Literatur*, Bd. 28. Frankfurt am Main: Vervuert, p. 19-28, 2005, disponível em <http://home.uni-leipzig.de/iafsl/Buecher/TCCL28.htm>)

TRAMPE, W. **Sobre o papel da linguagem nos sistemas antropogênicos**. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 41-59, 2016

TRENTO A. **Os italianos no Brasil**. São Paulo: Bardella, 2000

TRIFONE, P. **L'italiano. Lingua e identità**. In: TRIFONE, P. (ed.). **Lingua e identità: una storia sociale dell'italiano**. Roma: Carocci, p. 15-45, 2010

WEBER, M. **Economy and Society. An outline of interpretive sociology**. Berkeley: University of California Press, 1978

WEINREICH, U. **Languages in Contact: Findings and Problems**. Mouton Publishers: The Hague, 1968 [1953].

WELSCH, W. **Transculturality – the Puzzling Form of Cultures Today**. In: FEATHERSTONE, M.; LASH, S. (eds.) **Spaces of Culture: city – nation – world**. London: SAGE publications, p. 194-213, 1999

WENGER, E. **Comunità di Pratica. Apprendimento, significato e identità**. Raffaello Cortina Editore. Milano, 2006 [1998]

WINFORD, D. **An introduction to contact linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003

ZINKHAHN-RHOBODES, D. E. **Sprechen entlang der Oder? Durabilität, permeabilität und Liminalität der sprachlichen Grenzen am Beispiel der deutsch-polnischen Sprachroutine**. Tese de doutoramento. Kulturwissenschaftlichen Fakultät, Europa-Universität Viadrina, Frankfurt/Oder, 2015.

ANEXOS

Anexo I - lista de publicações do projeto *Ethnicity in Motion*/Etnicidade em Movimento

- COSTA, D. A.; PEREIRA, T. C. A. S. **A aprendizagem do português como língua de inclusão em contexto de imigração haitiana no Rio de Janeiro**. In: COSTA, D. A.; PEREIRA, T. C. A.; SA, R. L. (Orgs.) *Português Para Falantes de Outras Línguas: Interculturalidade, Inclusão Social e Políticas Linguísticas* 1 ed. Editora Pontes, 2016.
- GAIO, M. L. M.; SAVEDRA, M. M. G. **Língua e cultura em contato na Zona da Mata mineira: a imigração italiana em Juiz de Fora**. *VEREDAS*, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 357-375, 2013.
- GAIO, M. L. M. **Manutenção e perda das línguas e culturas italianas de imigração no eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora**. *Anais... Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*, Simpósio 47 – Português do Brasil: história, contatos e variedades, Lecce, Italien. 8-11.10.2015 (no prelo)
- JUNGBLUTH, K. **Co-Constructions in Multilingual Settings**, In: JUNGBLUTH, K.; FERNÁNDEZ-VILLANUEVA, M. (eds.), *Beyond Language Boundaries: Multimodal Use in Multilingual Contexts*, Boston/Berlin: De Gruyter Mouton, 137-152, 2016
- JUNGBLUTH, K. **Sprechen – sprach – gesprochen: Deutschsprachige Minderheiten in Brasilien und griechisch- und urumsprachige Griechen in Georgien**, In: EILERS, V.; SERAFIN, S. (eds.), *Vivat diversitas – Romania una, linguae multae*. Stuttgart: IBIDEM.
- JUNGBLUTH, K. . **“Nacionalidade é brasileira [...] aber coração chora pros dois”**. Co-construções bilíngues – atos de identidades biculturais. In: *VI SIMELP*, Simpósio n. 47, Lecce/Italien (no prelo)
- JUNGBLUTH, K. **Comparando o uso das línguas pelos falantes de minorias lingüísticas: o caso dos descendentes alemães em Brasil e o caso dos gregos em Georgia**. In: *Cadernos de Letras da UFF*, nº 53: Línguas e culturas em contato (no prelo)
- JUNGBLUTH, K.; GAIO, M. L. M. **Etnicidade em Movimento: processos linguísticos e (trans)culturais da imigração italiana no Brasil no eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora**, In: BORN J.; LADILOVA, A.; SCHÖN K.; LESCHZYK, D. (eds.) *Línguas, culturas e políticas em movimento? (R)evoluções, transformações e contatos na lusofonia*, Bern/Frankfurt a.M.: Peter Lang, (no prelo)
- JUNGBLUTH, K.; FERNÁNDEZ-VILLANUEVA, M. (eds.) *Beyond Language Boundaries: Multimodal Use in Multilingual Contexts*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2016.
- ROSENBERG, P. **Regularität und Irregularität in der Kasusmorphologie deutscher Sprachinselvarietäten (Russland, Brasilien)**. In: Köpcke, Klaus-Michael, Bittner,

Andreas (edd.). **Regulativität und Irregularität**. Berlin/New York: De Gruyter, s. 177-217, 2016.

- **SAVEDRA, M. M. G.; MARTINS, M. A.; DA HORA, D. Identidade social e contato linguístico no português brasileiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, v. 1, 299p, 2015
- **SAVEDRA, M. M. G. Linguistic Contact in Brazil: History, Identity, Representation, Politics?** In: GOROVITZ, S.; MOZZILLO, I. (Orgs.). **Language Contact: Mobility, Borders and Urbanization**. 1ed. New Castle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, v.1 p.79-88, 2015
- **SAVEDRA, M. M. G.; GAIO, M. L. G. Etnicidade em movimento: processos linguísticos e culturais da imigração italiana em MG**. In: VON BORSTEL C. N.; DAMKE, C. (orgs.) **Bilinguismo, discurso e ensino**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 139-154, 2015
- **SAVEDRA, M. M. G.; GAIO, M. L. M.; CARLOS NETO, M. E. Contato linguístico e imigração no Brasil: fenômenos de manutenção/revitalização, *language shift* e *code-switching***. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 19, n. 1, p. 71-91, 2015
- **SAVEDRA, M. M. G. Das plurizentrische Deutsch in Brasilien als Kommunikationsmittel im DaF- und DaZ-Bereich**. In: DRUMBL, H.; CARVALHO, G.; KLINNER, J. (Orgs.) **IDT 2013 Band 8** − Sprachenpolitik und Sprachenvielfalt. 1ed. Bolzen-Itália: Bozen-Bolzano University Press, v.1 p.141-150, 2016
- **SAVEDRA, M. M. G.; ROSENBERG, P. Deutsche Einwanderung in Brasilien: Sprachrevitalisierung und Transkulturalisierung**. In: JOHNEN, T.; SAVEDRA, M. M. G.; SCHRÖDER, U. (orgs.). **Sprachgebrauch im Kontext – die Deutsche Sprache im Kontakt, Vergleich und in Interaktion mit Lateinamerika/Brasilien**. Stuttgart: Kultur, Kommunikation, Kooperation (ISSN: 1869-5884), (no prelo)
- **SAVEDRA, M. M. G.; ROSENBERG, P. Etnicidade em movimento: das Deutschbrasilianische Bauernfest em contexto de transnacionalização**. In: BORN J.; LADILOVA, A.; SCHÖN K.; LESCHZYK, D. (eds.) **Línguas, culturas e políticas em movimento? (R)evoluções, transformações e contatos na lusofonia**, Bern/Frankfurt a.M.: Peter Lang, (no prelo)
- **SOUTO, L. C. I. Português brasileiro e alemão em contato em duas comunidades virtuais**. In. *Cadernos de Letras da UFF*, nº 53: Línguas e culturas em contato, (no prelo)
- **STREB, R. Imersão recíproca – um método de ensino/aprendizagem para comunidades bi-/plurilíngues?** In. *Cadernos de Letras da UFF*, nº 53: Línguas e culturas em contato, (no prelo)

- STREB, S. **L'immersion réciproque: enjeux pédagogiques et linguistiques.** In: Hélot et al. (Hg.). *Education bilingue en France. Politiques linguistiques, modèles, pratiques.* Limoges: Ed. Lambert Lucas, p.578-591, 2016
- STREB, R **Ausbau mehrsprachiger Repertoires im Two-Way-Immersion-Kontext. Eine ethnographisch-linguistische Langzeituntersuchung in einer deutsch-italienischen Grundschulklasse.** Frankfurt am Main [u.a.]: Peter Lang, (no prelo)
- ZINKHAN-RHOBODES, D. **Crossing and blurring the language borders - the example of German-Polish language contact.** In: JUNGBLUTH, K.; FERNÁNDEZ-VILLANUEVA, M. (eds.) *Beyond Language Boundaries: Multimodal Use in Multilingual Contexts.* Berlin: De Gruyter Mouton, p. 200-221, 2016
- ZINKHAN-RHOBODES, D. **Sprechen entlang der Oder. Charakter der sprachlichen Grenzen am Beispiel der deutsch-polnischen Sprachroutine.** Frankfurt/Main et al.: Lang, 2016
- ZINKHAN-RHOBODES, D. **Polonês e alemão em contato. Uma abordagem da aplicação do conceito de limite na análise linguística.** In: *Cadernos de Letras da UFF*, nº 53: Línguas e culturas em contato, (no prelo)

Ata da 1ª reunião convocada pelo Sr. Hugo Scalabrini, para a criação
de uma sociedade cultural e literária entre brasileiros e italianos.

Objeto a duas míseras de Sociedade Beneficente e Cultural Anita
Garibaldi, cuja organização é uma associação de brasileiros e italianos
para o fim de intensificar as relações de amizade e um maior
intercâmbio de cultura entre os dois povos. Para elaborar os estatutos
também foi criada uma comissão constituída de Sr. João
Fils, José de Landa e Sr. Carmine Antonio Jovino.

Ficou deliberado, também, que os par. presentes a esta 1ª reunião serão
considerados pais fundadores, e que os também assinam o presente ata.

Fez-se em São Paulo, 18 de março de 1946.

João Fils Filho
José de Landa
M. Arcangelo Scattarini
Eustáquio de Mattos
Eustáquio de Mattos
Augusto de Mattos
Gottardo Perinzi
João Cavillan
Augusto Meggiolaro
M. Scattarini
Rogério de Landa
Antonio Petrosino
José Roque Sartino
Pedro Trifoglio
João Aguiar
Carmine Antonio Jovino
Eustáquio de Mattos
Arturo Marchesini
João Fils
João Fils
Eustáquio de Mattos
João Fils

Ata da reunião
Miguel Felício Gravato
Antônio Francisco
Domenico Lacerda
Alfredo Rodz
D. Agapio Vaz de Mello
Américo Harriani



N.º 671
Assento
Secretaria
Serviço

SERVICÓ PUBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

- DELEGACIA ESPECIALIZADA DE JUIZ DE FORA -

Em 23 de Dezembro de 1941.

Exm.º Snr. Major Ernesto Dornelles.
DD, Chefe de Polícia.

BELO HORIZONTE

A situação internacional e a vigilância que devemos manter, levam-nos a solicitar a V. Excia. as providências contidas neste ofício.

A ação nacionalizadora do atual Governo Brasileiro no terreno pratico entra em choque com interesses de outras nacionalidades.

Na preocupação de manter sempre em atividades seus sentimentos nacionais de origem, as associações estrangeiras teimam em cultivar nos brasileiros descendentes de estrangeiros, estes mesmos sentimentos, retirando da comunidade brasileira elementos uteis que nela vivem tranquilos e felizes.

A ambição despertada e posta em marcha será fatalmente uma força futura contra os nossos interesses nacionais.

A sábia legislação em vigor nos dá meios de agir. Esta atividade, entretanto, ficou reservada ao Ministerio da Justiça pelo art. 8 do dec. 383 de 1938, o qual poderá tambem delegar tal faculdade ao Governador do Estado.

Este dispositivo legal nos obrigou a colecionar a inclusa documentação para estudo do Ministerio da Justiça no Rio de Janeiro.

O decreto 383 de 18 de Abril de 1938 estabelece normas para o funcionamento, no Brasil, das sociedades estrangeiras.

Um estudo cuidadoso, em seguida a observações sobre o funcionamento de sociedades desta natureza em Juiz de Fora, levam a estas conclusões:

- I-SOCIEDADES ALEMÁS -

1-CULTO EVANGELICO ALEMÃO (DEUTSCH-EVANGELISCHEN GEMEINDE) - Trata-se de associação religiosa, mas filiada ao Sinodo Central

M. G.

SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS



N.º
Assunto
Secretaria
Serviço

2
Valente
80

Brasileiro e que recebe orientação de Berlim. Seus adeptos sem distinção de nacionalidades são protestantes luteranos e na grande maioria brasileiros descendentes de alemães. Como associação religiosa nada se tem a objetar dado o regimen de liberdade de cultos adotado pelo Brasil. Chamamos a atenção para o fato de que o atual pastor ainda faz algumas predicas em alemão, e, sendo um entusiasta do regimen politico vigente na Alemanha, faz em seus relatorios, que seguem juntos, a apologia das vitorias politicas e militares do nazismo.

Nada mais se teria que objetar relativamente ao "Culto Evangelico Alemão" se esta sociedade ainda não mantivesse, com a contribuição espontanea de seus adeptos, mais as seguintes organizações:

a) - ESOCIA ALEMÃ.

Atualmente uma escola municipalizada sendo seu programa de ensino fiscalizado pela Prefeitura local. Os alunos em sua quasi totalidade são brasileiros descendentes de alemães. Seu estudo corresponde ao dos nossos grupos escolares. A comunidade alemã subvenciona a Escola, sendo certo que, pelo menos até há pouco tempo era tambem subvencionada pela Embaixada Alemã.

O atual pastor do Culto Evangelico Alemão, um notavel educador, ensina o alemão e orienta a educação fisica. Os cantigos patrioticos alemães são cultivados com carinho, embora diminuisse de intensidade após as medidas nacionalizadoras do atual Governo brasileiro.

b) - "JARDIM DA INFANCIA" (KINDERGARTEN).

Nucleo de educação infantil que a nosso ver deve ser impedido de funcionar pois constitui o mais eficiente trabalho de desnacionalização dos descendentes de alemães em Juiz de Fora. Observamos que a orientação deste Jardim da infancia em nada difere dos jardins da infancia de Alemanha, como bem acentuaram seus dirigentes em um dos relatorios de suas atividades anuais.

c) - SOCIEDADE DE SENHORAS (FRAUVEREINS).

A ela pertencem as senhoras do Culto Evangelico Alemão que trabalham com finalidades beneficentes e de caridade.

2 - SOCIEDADE ALEMÃ DE BENEFICIENCIA DE JUZ DE FORA. Esta

M. S.

SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS



N.º
Assunto
Secretaria
Serviço

3
✓
84

associação fundada em 20 de Maio de 1872 pelos antigos colonos alemães, hoje está organizada sem distinção de nacionalidade, conforme se pode ver em seus estatutos. Apenas o nome e o fato da maioria de seus socios serem descendentes de alemães nos obrigaram a verificar sua organização.

3-KEGEL CLUBE JUIZ DE FORA-

Sociedade esportiva e recreativa aberta a socios de quaisquer nacionalidades.

Como a associação anterior, abriga apenas grande numero de descendentes de alemães.

CONCLUSÕES:

Relativamente as associações de origem alemãs achamos que se impõem as seguintes medidas:

- a)-Registro ou legalização do Culto Evangelico Allemão, dada sua filiação internacional.
- b)-Obrigaçao de que os relatorios da associaçao sejam publicados tambem em portuguaes.
- c)-Proibiçao para as predicas em alemao.
- d)-Proibiçao de que as creanças brasileiras, mesmo filhos de alemães, frequentem o Jardim da Infancia (Kindergarten), dada a sua atual organizaçao.
- e)-Proibiçao de que sejam diretores da Escola cidadãos estrangeiros.
- f)-Estão de acordo com a lei e não necessitam de registro, o Kegel Clube e a Associação Alemã de Beneficencia.

- II-SOCIEDADES ITALIANAS-

Todas as organizaçoes italianas existentes em Juiz de Fora se reuniram no magestoso edificio "Casa D'Italia" construido na Avenida Rio Branco, a expensas da colonia italiana e do Governo da Italia, em 1936.

1)-SOCIEDADE UMBERTO I (SOCIETÀ ITALIANA DE MUTUO SOCORRO E BENEFICENZA "UMBERTO I")

Sociedade nitidamente estrangeira. Necessita registro para funcionar, pois só permite sejam socios "cidadãos italianos, ou como tal reconhecidos historica e geograficamente".

M. 2

SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS



N.º
Assunto
Secretaria
Serviço

4
Vulgo
84

2-SOCIEDADE DANTE ALIGHIERI (COMITATO DELLA DANTE ALIGHIERI).

Associação estrangeira, apesar de aberta no art. 9 dos Estatutos a estrangeiros (e o brasileiro entraria para ela como estrangeiro), porque tem por finalidade procurar manter sempre "alto o sentimento e orgulho da nossa Estirpe" (estirpe italiana).
Deve ser obrigada a registro com a proibição de receber socios brasileiros.

3-SOCIEDADE "CASA D'ITALIA"-

Esta associação também é estrangeira, pois, além de sua finalidade, admite como socio "todas as associações ou inatações italianas, ou que visem principalmente fins de italianidade existente ou que venham existir em Juiz de Fora".
O patrimonio é constituído também por doações do governo italiano (art. 82-letra a), o que é vedado pelo dec. 305 ás proprias associações estrangeiras.
Em caso de dissolução seu patrimonio "Será integralmente entregue ao seu consul italiano que lhe dará o destino que convier, em beneficio das coltividades italianas" (art. IX).
É atualmente séda do Consulado da Italia o que gera confusões prejudiciais a amizade internacional.
Pretendem os seus dirigentes que a "Casa d'Italia" é um edificio que aluga ou cede suas dependencias ás sociedades-sociaza e ao Consulado da Italia.
Mesmo assim não se compreende como o escudo do Consulado esteja colocado em ponto central dando a impressão de que o edificio é dependencia do Consulado.
É membro nato do conselho diretor o Consul italiano.
Devemos informar a bem da verdade que as atividades do Fascio desapareceram em face das leis atuais do Brasil, embora os estatutos ainda cogitem desta organização nitidamente politica.

CONCLUSÕES:

Para as associações italianas se necessitam das seguintes providencias:

- a)-Registro da Sociedade Umberto I.
- b)-Registro da Sociedade Dante Alighieri.
- c)-Registro da Sociedade Casa d'Italia.

M. G.
5
Valeado.

SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Assunto
Secretaria
Serviço

d)-Fiscalização para que os brasileiros, mesmo filho de italianos não façam parte destas associações.

e)-Mesmo que todas ou algumas delas modifiquem seus estatutos para não serem sociedades estrangeiras, é necessário que se localize o consulado italiano, dentro da Casa d'Italia, para evitar confusões prejudiciais ao interesse publico.

III-SOCIEDADES DE OUTRAS NACIONALIDADES-

1-SOCIEDADE AUXILIADORA PORTUGUESA.

Associação estrangeira só para portugueses e de fins beneficentes. Dela não fazem parte brasileiros. A diretoria informa que está em andamento no Ministerio da Justiça o pedido de registro.

2-CONGREGAÇÃO NOSSA SENHORA DO LIBANO.

Sociedade religiosa e catolica dos sirios e libanezes de Juiz de Fora.

3-IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ULTIMOS DIAS.

Associação religiosa com sede na America do Norte, filiada a da cidade de São Paulo (C.F. 862).

Existem alguns missionarios norte-americanos sendo nula sua propagação em nosso meio.

4-POLISTSHUCK.

Sociedade estrangeira que tem sua sede no Rio e deve estar legalizada, segundo fomos informados.

O chefe dela em Belo Horizonte é o senhor Choen Aurizar.

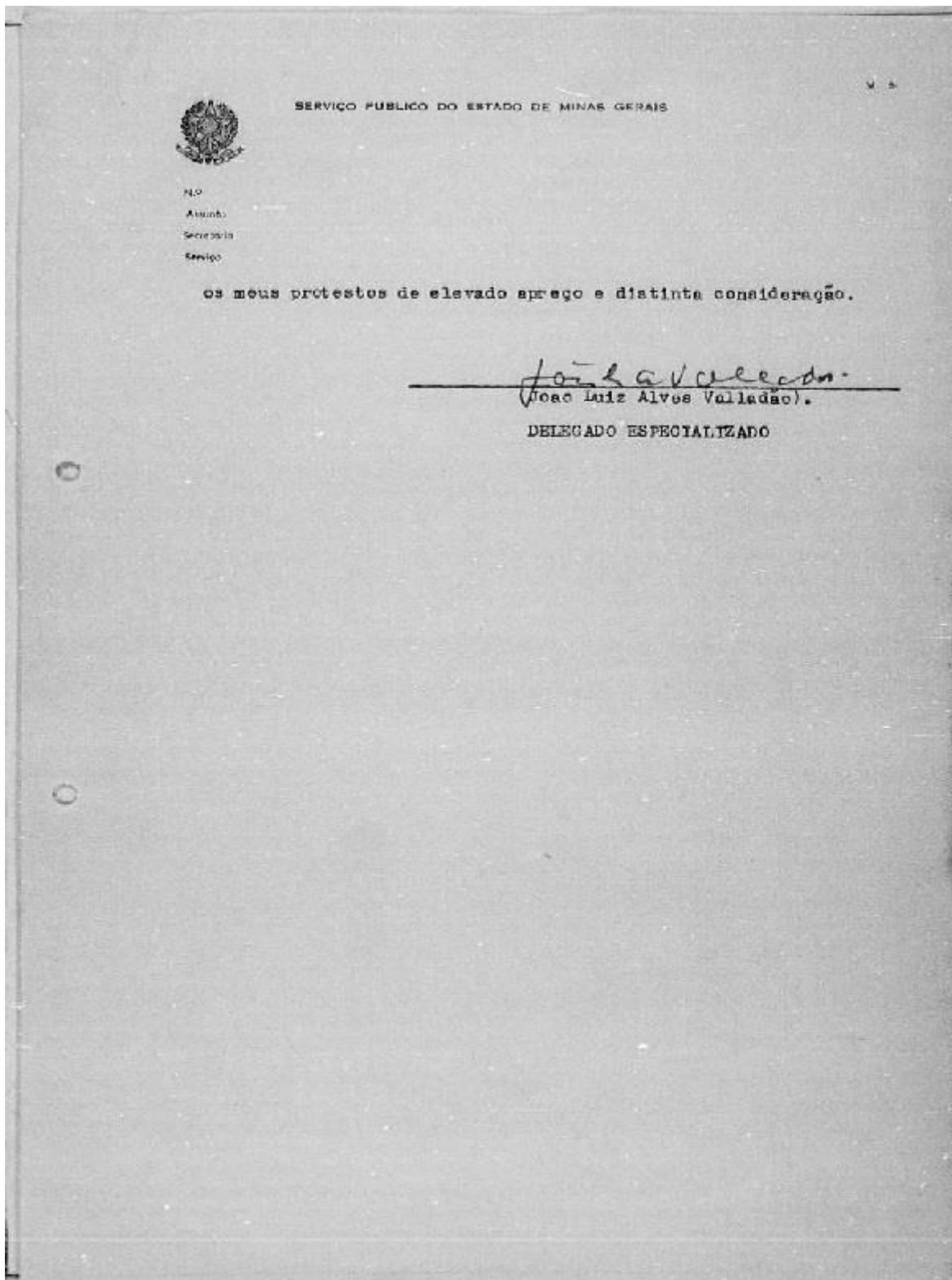
Esta associação não tem propriamente filial em Juiz de Fora, mas ja mandou pedir auxilios para refugiados de guerra aos israelistas aqui domiciliados.

5-ROTARY CLUB DE JUIZ DE FORA

Esta sociedade logo depois de promulgado o decreto 383 modificou seus estatutos e os apresentou ao Ministerio da Justiça, sendo considerada sociedade não estrangeira.

Com as considerações acima e a documentação junta, solicitamos a V. Excia., por intermedio do Exm^o Snr. Governador do Estado de Minas Gerais, sejam encaminhados ao Ministerio da Justiça no Rio de Janeiro para que se determinem as medidas legais.

Prevalêço-me da oportunidade para renovar a V. Excia.



Anexo IV – questionário respondido pelo presidente da Associação San Francesco di Paola



Universidade Federal Fluminense – Niterói/RJ - Brasil
Europa-Universität Viadrina – Frankfurt/Oder – Deutschland

Programa de Doutorado em cotutela **Estudos de Linguagem**

1. A Associação Ítalo-brasileira San Francesco di Paola foi fundada quando e por quem?
R. Foi fundada em 1990, Raffaele Maddalena, Haroldo Daldegan, Pietro Ventoso, Reginaldo Braga Arcuri, Davi Barbieri, Angela Crizick de Souza, Franco Storino, Ema Imbroinisi, Maria Caputo, Luiz Fávero, DEjanir Silva, Luiz Alberto Pazzaglia, Salvatore Maddalena, Silvio Rubioli, Pasquale Prota, Adelino Ferretti, Genaro Marzaro, Ismail Zagheto, Natale Chianello, Cláudio Temponi, Alber Ganimi, Elio Lovisi, Zila Caruso, Renzo Folena, Pasquale Siciliano.
2. Qual era o escopo/objetivos da Associação, quando foi fundada?
R. 1990, divulgar usos e costumes italianos, e principalmente a língua e cultura italiana.
3. Atualmente ela tem quantos associados?
R. 250 associados
4. O quadro de associados tem aumentado, diminuído, ou tem se mantido estável ao longo dos anos? Seria possível ter um dado concreto da quantidade de associados por período quinquenal?
R. Infelizmente, esta havendo um diminuição de associados, em função da idade elevada e conseqüentemente a morte, não esta ha acontecendo, a renovação dos descendentes.
5. Entre os associados existem pessoas de várias faixas etárias, equilibradamente?
R. A maioria são pessoas acima de 50 anos.
6. A Associação exige que os associados sejam italianos ou descendentes?
R. Qualquer pessoa pode se associar, inclusive pode ser visto na fundação da associação, o nome de um Libanes..
7. No quadro atual, quantos associados são italianos? Brasileiros? Têm dupla cidadania?
R. Entre os associados com dupla cidadania, temos em torno de 85 pessoas
8. Como a Associação se sustenta? São cobradas mensalidades?
R. Não são cobradas nenhuma mensalidade, ela se sustenta, através dos alugueis, que compõe a Casa D'Itália
9. Atualmente quais são as atividades (semanais, mensais, anuais...) promovidas pela associação?

R. Cursos de Italiano, Escola de pizzaiolos, cursos de lutas marciais, curso de alta costura, curso de pintura, semanal e 2 vezes por ano, curso de gastronomia.

10. A língua italiana, ou algum dialeto, ou ambos, são usados nas reuniões ou nas atividades promovidas mesmo que só por alguns grupos? Ou se usa exclusivamente o português?

R. A língua italiana é usada, entre os integrantes da associação e o português

11. Independentemente da resposta anterior, o sr. tem uma ideia de quantos (em percentual) associados falam ou sabem italiano? Ou algum dialeto? E quantos seriam capazes de entender razoavelmente bem mesmo sem conseguir falar?

R. Diria que 35% dos associados falam ou entendem bem o italiano, já o dialeto, cada região tem a sua.

12. Na sede da Associação são oferecidos itens culturais italianos, tais como jornais, revistas, filmes, livros, música...?

R. Livros, revista e musica.

13. Como a Associação tem sede no prédio da *Casa d'Italia*, existe alguma relação de cooperação com o consulado ou o vice-consulado? Se sim, de que tipo?

R. Na criação da Casa D'Itália, foi criada uma cláusula de reciprocidade entre o governo Italiano(Consulado e Embaixada) e a Associação

14. Existe alguma relação da Associação com a Cultura Italiana, o curso de língua italiana que funciona no mesmo prédio?

R. Sim, existe por parte da associação um subsídio nos gastos da cultura.

15. Existe alguma relação entre a Associação e o grupo de dança folclórica italiana "Tarantolato"?

R. Sim, pois foi recepcionado pela associação, como lugar específico para guarda de seus uniformes e o palco, onde há necessidade de ensaios.

16. É possível receber uma cópia dos estatutos, desde o primeiro até o mais recente?

R. Posso lhe enviar o último, o primeiro, teria que ser digitado, pois não tem como digitalizá-los, mas posso te garantir que mudou muito pouco.

17. No fim do século XIX até o início do século XX Juiz de Fora recebeu muitos imigrantes italianos, provenientes de toda a Itália. Porém no decorrer do século XX esse movimento migratório da Itália para Juiz de Fora foi reduzido, e entre os que ainda vieram muitos provinham da Calábria. Entre os fundadores da Associação percebe-se claramente que boa parte deles é proveniente daquela região. O nome da Associação, que remete a um santo de Paola, cidade calabresa, reflete esse momento digamos mais recente da imigração em Juiz de Fora?

R. A primeira leva de italianos no Brasil, foram do norte da Itália, região do Veneto e muitos da cidade de Rovigo, como meu bisavô (nome) e outros que aqui chegaram. O terreno da Casa D'Itália foi fundada por Caio Pantaleone Arcuri com a quantia de \$ 34,00 de reis e Antonio Passarella com \$ 34,00 e \$ 2.000 pelos imigrantes que participaram da compra, por \$ 70,00 de reis. O motivo da forte imigração foi a unificação da Itália, onde as maiores batalhas foram travadas no norte. Até a primeira grande guerra, norte da Itália, pós guerra misto, pós 2ª guerra região da Calábria, onde ficou mais devastada. A casa D'Itália foi tomada pelo governo Brasileiro em 1942 e devolvido em 1955, os fundadores mal puderam aproveitar de sua obra. Por isso uma Associação com nome de Santo Padroeiro da Calabria.

18. Na sua opinião, a fundação da Associação foi uma tentativa de resgatar a identidade calabresa, ou a ideia se baseou no resgate da identidade nacional italiana?

R. Da identidade Italiana.

19. Gostaria de sanar algumas dúvidas relativas à pergunta 9. As atividades desenvolvidas/promovidas que o sr. citou são referentes às salas alugadas? Essas atividades são as previstas no item III do art. 50 do estatuto (“Efetivar a realização de cursos culturais, teatrais, etc.”)? O curso de italiano mencionado na resposta é o da Cultura Italiana?
- R. Isso, mas controlada em parte por nós e consulado, nossa renda é proveniente desses alugueis e os associados, tem um desconto, ou as vezes ate de graça. Temos a cultura Italiana, o grupo de dança, o curso de pizzaiolo e a gastronomia 2 vezes por ano.
20. Gostaria de sanar algumas dúvidas relativas à pergunta 10. Quando o sr. fala que a língua italiana é usada entre os integrantes da associação significa dizer que ela é usada nos encontros dos associados na sede, em momentos de lazer?
- R. Não posso te dizer isso, quanto aos associados, os mais velhos quando se reúnem aos sábados para o jogo de Boccia e domingos o jogo de baralho, falam italiano e dialetos, pois são da mesma região. Os mais novos em Português, e na associação mesclamos.
21. Gostaria de sanar algumas dúvidas relativas à pergunta 12. Há um espaço dedicado exclusivamente aos associados para esse fim (leituras, música...)? Se sim, os associados buscam esse espaço com frequência?
- R. Infelizmente não, a internet e TV oferecem isso, sem saírem de casa
22. Gostaria de sanar algumas dúvidas relativas à pergunta 13. Quando o sr. diz “na criação da *Casa d'Italia*”, quer dizer na criação da Associação, certo?
- R. Na escritura de doação do terreno e posteriormente a Casa D'Itália, foi inserida uma cláusula, onde o prédio em questão, seria doado com destino específico, o que já foi respondido anteriormente.
23. Os 250 sócios são ativos? Em outras palavras, frequentam a Associação com assiduidade?
- R. Não, aparecem quando solicitados para alguma reunião extraordinária ou ordinária. Este é o meu objetivo para o futuro.
24. A associação e sua sede são vista como local de lazer pelos associados? (por exemplo, o jogo de boccia...). Em caso de resposta positiva, quantos seriam os frequentadores mais assíduos, estimativamente? E nesses encontros fala-se italiano? Somente entre os italianos ou entre outros associados também?
- R. sim, já respondido na questão 20, são aproximadamente uns 8, dos mais velhos.
25. No estatuto constam dois itens que apontam para uma relação institucional entre o consulado e a Associação, o parágrafo 2º do art. 38 e o item IV do art. 49. O sr. me disse que há uma cláusula de reciprocidade entre a associação e o governo italiano. Essa cláusula representa algo mais além dessas relações? Pelo meu entendimento, a Associação assumiu os compromissos formais do consulado (governo italiano). Seria esse um tipo de reciprocidade? E a contrapartida é o uso do prédio e suas instalações, e a consequente renda da locação de bens imóveis, como citado no art. 3º?
- R. Não, a doação seu (se deu) para o governo Italiano, mas com administração da Associação e a reciprocidade na questão Vice- consulado e assistência financeira a alguns italianos necessitados, no momento temos 10 italianos assistidos. O valor é entregue na mãos deles e de uma família do Barão de Monte Alto, ao curador, todos devem apresentar seus respectivas despesas.
26. O prédio da *Casa d'Italia*, ao que me consta (me corrija, por favor, se eu estiver enganado), pertence ao governo italiano. Porém, é tombado pelo Patrimônio Histórico. Existe algum tipo de isenção de impostos por essas razões (IPTU etc.)? No caso de resposta negativa, quem paga essas despesas, a associação ou o governo italiano (através do consulado)?
- R. O governo Italiano, nunca participou de nenhuma doação a Casa D'Itália, exceto na construção, dou os mármores e o letreiro que se encontra ate hoje na frente da Casa D'Itália, sim o prédio é tombado e temos a isenção de IPTU, apenas, as outras taxas de serviço não, em contrapartida, somos obrigados a conservar o prédio de todas as maneiras possíveis e impossíveis. Um exemplo: ano de 2013 o telhado da parte da frente despencou, fomos obrigados a restaurar, custo orçado em R\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais) acabou se

transformando em R\$ 400.000,00 (quatrocentos mil reais) a associação contribui com R\$ 180.000,00 (cento e oitenta mil reais) os outros R\$ 220.000,00 (duzentos e vinte mil reais) pagos pelo meu Pai, a título de empréstimo, caso a Associação algum dia tenha esse dinheiro, caso contrário fica como doação.

27. Segundo o estatuto, há três tipos de assembleias/reuniões formais previstas: a Assembleia Geral Ordinária (anuais), as reuniões do Conselho Deliberativo (semestrais), e as reuniões da Diretoria (mensais). Elas têm acontecido com a frequência prevista pelo estatuto? Se não, há alguma razão específica? Independente disso, quando acontecem usa-se a língua italiana, mesmo que alternadamente com o português?

R. Sim, mas a língua é a portuguesa

28. Os itens II e III do art. 49 falam em “intercâmbio com outras associações congêneres” e “intercâmbio com departamentos culturais no país e no estrangeiro”. Tem havido muitos intercâmbios? O sr. pode citar alguns? Caso contrário, qual seria o motivo?

R. A Expo 2015 de Milão, temos todos os dados e funcionamento da Exposição, este ano estamos tendo um sobre a língua Italiana, coordenada pela fundação Torino, em Belo Horizonte e Consulado, além de apresentação de peças Italianas.

29. O art. 50 é bastante específico com relação à preservação de tradições culturais italianas. Os setores específicos de que tratam os itens IV e V funcionam no prédio-sede da Associação? Eles atendem às necessidades dos associados? No caso do item IV, não ficou claro para mim quais são as “tradições italianas” preservadas. O sr. pode especificar?

R. A culinária, a cultura italiana, a apresentação de artistas da toscana, exposição de descendentes italianos com apresentação de fotografias, o curso de pizzaiolo, o tarantolato.

30. O item III do art. 51 (“Dar divulgação a estudos, pesquisas e levantamentos de interesse da colônia italiana”) tem relação direta com as minhas pesquisas, que trata preservação, manutenção e transmissão de língua e cultura italiana. Como tem sido feita a divulgação de pesquisas já realizadas? Existe um banco de dados, biblioteca ou coisas semelhantes para acesso dos cidadãos em geral?

R. A biblioteca existe e fica a disposição dos associados, com relação a informatização não, falta recursos, que devemos tentar buscar. Temos o arquivo.

31. Juiz de Fora é uma cidade que conta com muitos descendentes de italianos, mesmo que sejam de 3ª ou 4ª geração. O sr. disse que infelizmente não está havendo renovação do quadro de associados, e que a maioria tem mais de 50 anos. Na sua opinião, como presidente da Associação San Francesco di Paola, é possível reverter esse quadro? Se sim, como? Se não, por quê?

R. Como Presidente, tento com convites, publicação de eventos, mas o resultado não tem sido dos melhores, muitos apreciam, mas não retornam. O senhor é brasileiro e descendente, nossos irmãos brasileiros, não querem nada, que não seja remunerado.

Como desabafo, temos um comitê em BH, que cuida dos italianos fora da Itália, ele trabalha direto com o consulado, tivemos eleição no mês passado, não conseguimos completar quadro de diretores. Neste, último sábado, elegemos cooptantes, são descendentes de italiano até a 4ª geração sem documento de cidadania, não obtive ainda um resultado oficial.

Motivo, a não remuneração dos cargos, como o meu (de) Presidente, fazemos isso por amor, não há remuneração, pelo contrário as vezes gastamos do nosso bolso, para mantermos a casa funcionando.

Anexo V – entrevista com a presidente da Associação de Cultura Ítalo-brasileira

Universidade Federal Fluminense – Niterói/RJ - Brasil



**EUROPA-
UNIVERSITÄT
VIADRINA
FRANKFURT
(ODER)**

Europa-Universität Viadrina – Frankfurt/Oder – Deutschland

Programa de Doutorado em cotutela

Estudos de Linguagem

Doutorando: Mario Luis Monachesi Gaio

1. A Associação de Cultura Ítalo-brasileira, conhecida também como Cultura Italiana (CI), foi fundada quando e por quem?
R. Foi fundada no ano de 1951, pela prof. Iris Maestrini
2. Você é presidente e também professora da CI. Há quanto tempo você ministra aulas na CI?
R. Sou presidente da Associação há 8 anos e ministro aulas desde 1990
3. O escopo da Associação, na época da fundação, era exclusivamente o do ensino de língua e cultura italianas ou havia mais objetivos?
R. O objetivo sempre foi este, o ensino da Língua e da Cultura Italianas
4. Qual o número de alunos matriculados atualmente (considerar o 1º semestre de 2015)?
R. Hoje devido à crise atual o nosso número de alunos está reduzido.
5. Esse número de alunos tem aumentado, diminuído ou mantém-se estável ao longo dos anos?
R. Chegamos a ter mais de cem alunos. O número vem decrescendo pelo fator financeiro, mesmo tendo o curso um valor bem baixo em relação a outras línguas.
6. Em recente pesquisa realizada por mim mesmo, alunos com mais de 40 anos eram maioria (58%), mas havia 29% de estudantes jovens, com até 30 anos. É um dado relevante. A CI tem algum tipo de programa de incentivo a jovens que queiram estudar italiano?
R. Hoje com os programas de intercâmbio da UFJF, a procura do curso, por jovens tem sido maior. Estamos oferecendo cursos intensivos.
7. Além dos cursos regulares de italiano, a CI promove outras atividades culturais que estejam ligadas à língua e cultura italianas?
R. Viagens para festas italianas. No mês de outubro já temos um evento marcado em S. João Nepomuceno para comemarmos os 65 anos da Cultura e os 140 anos da imigração italiana. Procuramos sempre divulgar nosso trabalho.

8. Fora de sala de aula, mas dentro do mesmo ambiente da CI (intervalos na sala de espera, por exemplo) costuma-se usar o italiano, mesmo que misturado com o português?
R. Sim, é o ideal que sempre se fale em italiano.
9. Existe algum tipo de relação com ex-alunos (por exemplo, uma associação de ex-alunos da CI)?
R. Geralmente no início dos semestres fazemos contato chamando para aulas de conversação ou quando fazemos eventos sempre convidamos.
10. Independentemente da resposta anterior, ex-alunos costumam frequentar a CI como forma de manter ligação com a língua e cultura italianas? Se sim, com baixa, média ou alta frequência?
R. sim, mas poucos
11. Ainda com referência à pesquisa realizada recentemente por mim, relevamos que 71% dos estudantes da CI eram descendentes de italianos cujos ancestrais imigrantes, na grande maioria, se estabeleceram em Juiz de Fora ou na Zona da Mata mineira. O fato de Juiz de Fora ter muitos descendentes de italiano é decisivo para o funcionamento da CI?
R. Muitos procuram pela descendência, mas hoje a procura é grande por jovens que tem a cidadania, ou para provas de mestrado ou doutorado.
12. Em outras palavras, se não houvesse tantos descendentes de italiano na cidade e região a CI deveria buscar outras estratégias para conquistar alunos?
R. Penso que não, pois os motivos são vários
13. Como a CI funciona no prédio da *Casa d'Italia*, existe alguma relação de cooperação com o consulado ou o vice-consulado? Se sim, de que tipo?
R. Não
14. Nas salas da CI são oferecidos itens culturais italianos, tais como jornais, revistas, filmes, livros, música...?
R. sim
15. Se sim, os alunos fazem uso desses itens com frequência?
R. sim
16. Existe alguma relação da CI com a Associação Ítalo-brasileira San Francesco di Paola, que funciona no mesmo prédio?
R. Não. A Cultura Italiana não paga um aluguel, mas da uma colaboração mensal à ASFP para ajudar no pagamento da conta de luz.
17. Existe alguma relação de cooperação entre a CI e o grupo de dança folclórica italiana "Tarantolato"?
R. Sim. O Grupo Tarantolato nasceu dentro da Cultura Italiana e por 14 anos usou as dependências da Cultura, este ano passaram a usar uma sala da *Casa d'Italia*. Sempre que temos eventos da Cultura o grupo participa.

Anexo VI – entrevista com a presidente do grupo de dança Tarantolato



Universidade Federal Fluminense – Niterói/RJ - Brasil
Europa-Universität Viadrina – Frankfurt/Oder – Deutschland

Programa de Doutorado em cotutela

Estudos de Linguagem

Doutorando: Mario Luis Monachesi Gaio

1. Como surgiu a ideia da criação do grupo Tarantolato?
R. A ideia era já antiga. Desde que comecei a dar aulas na Cultura Italiana há 27 anos atrás já desejava formar um grupo que divulgasse a cultura através da dança. A oportunidade surgiu com o convite da Funalfa para que eu formasse um grupo que representasse os imigrantes italianos no desfile comemorativo do aniversário de 150 anos de Juiz de Fora no ano 2000. Após o desfile tivemos o convite para a primeira apresentação do grupo.
2. É um grupo amador ou profissional?
R. O grupo é amador, todos dançamos por prazer e amor à dança e à cultura, porém com características de um grupo profissional no sentido de comprometimento, responsabilidade, assiduidade nos ensaios e desejar que tudo saia “perfeito”.
3. O grupo tem uma sede oficial?
R. Após 15 anos, finalmente em 2014 o novo presidente da Associação São Francesco di Paola, o Sr. (nome), cedeu ao grupo uma salinha no sótão da *Casa d'Italia*, onde o grupo já mantém seu endereço desde a fundação. Até então mantinha os objetos pertencentes ao grupo na minha sala de aula nas dependências da Cultura italiana.
4. Como (nome oficial) e onde o grupo é registrado?
R. O nome oficial do grupo é: Associação Cultural Grupo de Dança Folclórica Italiana Tarantolato, uma associação sem fins lucrativos.
5. Qual é exatamente o seu cargo no grupo (Presidente, diretora, organizadora...)?
R. Sou a presidente do grupo.
6. Existe hierarquia no grupo?

R. Existe uma diretoria que, segundo o Estatuto, é eleita a cada dois anos formada por presidente, diretor cultural, diretor artístico, 2 tesoureiros, dois secretários e 3 membros do conselho fiscal.

7. Como o grupo se sustenta? Cobra-se cachê por participação em eventos?

R. Como somos uma associação sem fins lucrativos não cobramos um cachê, para a realização da apresentação pedimos transporte, um lanche e uma contribuição voluntária a qual usamos para manutenção dos trajes e acessórios, já que não cobramos nada do dançarino e emprestamos as roupas.

8. Há critérios objetivos para a escolha dos membros/participantes? Qual(is)?

R. Qualquer pessoa pode participar. Há uma lista de espera e à medida que for precisando de um novo dançarino, é chamado o primeiro da lista.

9. Quantos membros/participantes o grupo tem atualmente? Essa quantidade tem aumentado, diminuído, ou tem sido estável ao longo do tempo?

R. Atualmente temos 7 pares e uma pessoa na equipe de apoio. Geralmente notamos uma estabilidade.

10. Existe número limitado de membros/participantes?

R. Nunca ultrapassamos 9 pares devido à dificuldade de transporte, pois não gostamos de cortar ninguém das apresentações.

11. Você pode preencher as lacunas abaixo com a quantidade de membros/participantes por faixa etária?

- Menores de 18 1
- De 18 a 25 5
- De 26 a 30 4
- De 31 a 35 2
- De 36 a 40 0
- Acima de 40 3

12. Entre os membros/participantes há italianos? Quantos são descendentes de italianos?

R. Italianos não, há alguns descendentes.

13. O grupo Tarantolato é um sucesso e está muito vivo. Basta ver a quantidade de eventos de que participa. A que você atribui esse sucesso?

R. Como já disse antes de tudo seriedade e responsabilidade. Dançar com alegria também é fundamental. Costumo dizer que o Tarantolato tem um diferencial que é dançar com a alma e isso emociona as pessoas.

14. Como está a agenda do grupo para os próximos meses/anos?

R. Muitas apresentações são agendadas com menos de um mês de antecedência, mas já temos algumas agendadas para o segundo semestre.

15. Um grupo de dança de reconhecido sucesso como o Tarantolato certamente realiza ensaios. Qual a frequência dos ensaios?

R. Todos os domingos, as 16 às 18 h

16. Onde são realizados?
R. Temos o privilégio de ensaiar no salão da *Casa d'Italia*, que recentemente teve inclusive o palco todo restaurado.
17. O grupo tem a prática de atualizar repertórios musicais, coreografias etc.? Se sim, de que forma?
R. A cada ano tentamos apresentar uma coreografia nova. Representamos várias regiões da Itália. O nosso ritmo base é a tarantela, mas dançamos também a valsa, a polca, a mazurca, o saltarelo, a furlana. A última foi feita pelos professores de dança italianos, Marcella Bomba e Leonardo, ela da Região da Puglia e ele da Sicília, que vivem no Brasil, na Bahia, que através de um projeto da Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura da Funalfa, nos passaram uma coreografia da Pizzica que é uma variante da tarantela.
18. Usa-se a língua italiana nos ensaios? Os membros falam italiano mesmo que misturado com o português, ou só por diversão? Se sim, é pouco frequente, mediantemente frequente, ou muito frequente?
R. Não. Poucos falam italiano no grupo.
19. Independentemente da resposta anterior, na sua opinião o ambiente criado por danças folclóricas poderia estimular (ou estimula) o uso do italiano?
R. Alguns, sim, entram e se interessam em aprender a língua, mas a maioria tem a dança como primeiro plano.
20. Independentemente das duas respostas anteriores, você sabe dizer quantos membros/participantes sabem italiano (em qualquer nível)?
R. Talvez uns 3 ou 4 em diversos níveis.
21. Existe alguma relação de cooperação entre o grupo e o consulado ou o vice-consulado? Se sim, de que tipo?
R. Não.
22. Existe alguma relação de cooperação entre o grupo e a Associação de Cultura Ítalo-brasileira (Cultura Italiana)? Se sim, de que tipo?
R. Como disse sou professora na Cultura italiana há 27 anos. Não posso desvincular o Tarantolato da Cultura. O grupo nasceu da Cultura italiana já que fundei o grupo sendo professora na ACIB (Associação de Cultura Italo-Brasileira). Meu nome está sempre ligado às duas associações.
23. Existe alguma relação de cooperação entre o grupo e a Associação Italo-brasileira San Francesco de Paola? Se sim, de que tipo?
R. Sim, sempre tivemos apoio no sentido de usar as dependências, para ensaios ou quando fazemos festas e recentemente ganhamos a nossa sede. Sem falar na relação afetiva: o Tarantolato se orgulha de ser um grupo que representa a *Casa d'Italia* e tenho a certeza de que a *Casa d'Italia* tem orgulho de ter um grupo que a represente á altura.
24. Por que, lá no início, a Funalfa te procurou? Por causa da Cultura Italiana?

R. Primeiramente procuraram a diretoria da Cultura Italiana, mas ninguém estava interessado ou disponível em ajudar, assim a Alessandra, uma das organizadoras do evento, funcionária da Funalfa, me procurou particularmente e eu aceitei. Naquela época eu era professora e diretora de cursos.

25. Faltou responder onde o Tarantolato é registrado (Funalfa? Prefeitura? MEC?) E complementando, tem CNPJ?

R. Sim, é registrado como uma associação sem fins lucrativos e tem CNPJ.

26. Se vc tiver o estatuto em word ou PDF, pode me mandar?

R. Não tenho em PDF para te enviar.

27. A sua resposta - taxativa, não! - sobre a relação de cooperação com o consulado me leva a uma segunda pergunta: vc já pediu apoio de alguma forma? Já tentou se aproximar do consulado/vice-consulado?

R. Não, na realidade não tentamos nada de concreto. Mas é um pouquinho complicado, preferimos "andar com as próprias pernas".

28. Pelo que entendi, embora a salinha no sótão tenha sido conseguida só no ano passado, vcs já usavam o prédio da *Casa d'Italia*. No entanto, vc disse que recentemente ganharam a sede. Isso significa oficialmente? Foi cedida pela Associação San Francesco di Paola?

R. Desde 2000 quando fundei o grupo, o endereço já era na *Casa d'Italia*, oficialmente. Como eu te disse guardava o material do grupo na minha sala de aula. Agora temos um espaço físico só nosso.

29. Os convites para as apresentações no exterior foram aceitos? O grupo foi? Se não, qual foi a razão? E se sim, como foi o financiamento?

R. Sim foram aceitos. Entramos com projetos (um em Portugal outro em Praga) por duas vezes aprovados pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura, mas infelizmente não conseguimos empresas que pudessem financiar os projetos. (Estou te enviando em anexo o texto que enviamos à várias empresas para a apresentação em Praga) para que você possa entender melhor.

30. Na pergunta 24 vc diz que "o Tarantolato se orgulha de ser um grupo que representa a *Casa d'Italia* e tenho certeza de que a *Casa d'Italia* tem orgulho de ter um grupo que a represente à altura". O que vc quer dizer exatamente com *Casa d'Italia*, uma vez que ela é, a meu ver, somente um prédio onde funcionam 3 associações e o vice-consulado?

R. A Casa d'Itália é representada e administrada pela Associação São Francesco di Paola e é à esta associação a qual eu me refiro.

Anexo VII - Modelo de questionário aplicado aos informantes



EUROPA-
UNIVERSITÄT
VIADRINA
FRANKFURT
(ODER)



Entrevistas com descendentes de italianos no eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora

Dados dos informantes:

Identificação: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

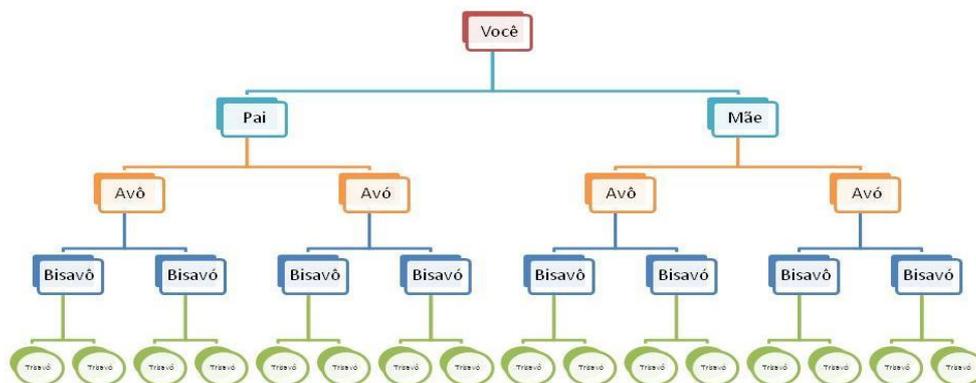
Naturalidade: _____

Nacionalidade: _____

Estado Civil: _____

Filhos? _____

Ascendência italiana:



Anexo VIII - Carta de José De Landa, da AAG ao cônsul italiano em Belo Horizonte, Luigi Boggiolo, de 26 de março de 1946

Juiz-de-fora, 26 de março de 1946.

Agregio Signor
Luigi Boggiolo
Belo Horizonte

In resposta al suo pregiato officio del 22 corrente mese, affrettosi informarla che stiamo facendo le - pratiche necessarie per il riconoscimento legale della Società Culturale e Beneficente "Anita Garibaldi".

Respettosamente
per la Commissione

José de Landa

Rua Barão de Juiz de Fora, 144.-

Anexo IX - Carta assinada por José De Landa, da AAG, Carmine Savino, do Colégio São José e Giovanni Tiglio ao cônsul italiano em Belo Horizonte, Luigi Boggiolo, de 18 de março de 1946

Juiz de Fora, 18 de marzo 1946.-

Ilmo. Sr. Dr. Luigi Boggiolo
Rua Tancois, 341
Belo Horizonte

Fregatissimo Signore.

Abbiamo l'onore di parteciparle che, in data del 13 del corrente mese, si fondò in questa città la "SOCIETÁ CULTURALE E BENEFICENTE ANITA GARIBALDI" i cui fini principali sono:-
A) congregare italiani e brasiliani per una maggiore intensificazione culturale e fratellanza;
B) prestare ai soci assistenza morale e sociale.

La società sarà isenta de qualunque colore politico e religioso, promuoverà la confraternizzazione fra italiani e brasiliani senza prevenzioni o preconcetti di sorta.

I sottoscritti, incaricati della compilazione dello statuto sociale e delle comunicazioni alle autorità italiane e brasiliane, avranno l'onore di, opportunamente, sottomettere all'approvazione di, V. S. copia dello statuto sociale.

Nei sensi della nostra più alta stima

Bahão de Juiz de Fora, 144

José de Landa

Colégio São José

Dr. Carmine A. Savino

Giovanni Senso Tiglio

Anexo X - Carta de José De Landa, da AAG, ao embaixador italiano no Rio de Janeiro Mario Augusto Martini, de 3 de maio de 1946

Associação Cultural e Beneficente Italo-Brasileira ANITA GARIBALDI

Juiz de Fora, 3 de maio de 1946.-

Exco. Sr. Dre. Mario Augusto Martini
Dignissimo Ambasciatore d' Italia
RIO DE JANEIRO

Eccellenza

Ho l'onore di informar-la che nel giorno 28 dello scorso mese, con la presenza di 58 aderenti, é stato discusso e approvato lo statuto della novella "Associação Cultural e - Beneficente ANITA GARIBALDI", copia del quale mi permetto aggiungere a questa, con l'elenco delle autorità sociali eliste nella medesima occasione.

La presa di possesso delle cariche sociali, avrà luogo el giorno due (2) del prossimo mese di Giugno, e sarebbe grande onore per noi tutti se Eccellenza Vostra volesse degnarsi di presiedere l'atto.

Nei sensi della mia piu' alta stima e considerazione

Secretário

José de Landa

Rua Barão de Juiz de Fora, 144

Anexo XI - Carta do vice-cônsul de Juiz de Fora, Ugo Scalabrino, à AAG, de 19 de julho de 1957

	TELESPRESSO N°. 504	
VICE CONSOLATO D'ITALIA JUIZ DE FORA (BRASILE)	Associação Italo-Brasileira Anita Garibaldi	
	<u>Juiz de Fora</u>	
POSIZ.: B.23	Juiz de Fora 19 luglio	1957
OGGETTO.: Sala a disposizione- RIF.: Uff.n°24 del 18 del corrente.		
<p>In risposta alla Loro lettera di data suin- dicata, ho il pregio d'informare che, con il fine del corrente mese, sarà messa a disposizione una sala al primo piano della Casa d'Italia. Al momento opportuno verrà avvertita cotes- ta Associazione, affinché provveda ad ammobigliare la stanza.</p>		
<p>Distintamente Il vice-consolo <i>Ugo Scalabrino</i></p>		

Anexo XII - Carta do presidente da Societá Dante Alighieri de Juiz de Fora, Franco Bocchini, à AAG, de 12 de maio de 1960

SOCIETÁ CULTURALE " DANTE ALIGHIERI "
Sede Centrale Piazza Firenze 27
ROMA-ITALIA
COMITATO DI JUIZ DE FORA

Spett.
PRESIDENZA dell'ASSOCIAÇÃO
ANITA GARIBALDI
Av. Barão do Rio Branco, 1262
C I T T A'

Juiz de Fora 12 maggio 1960
Ref.: -INVITO

La Societá Dante Alighieri, avendo organizzato una festa danzante che será realizzata sabato 21 corrente nel salone della Casa d'Italia, si sente onorata di rimettere a codesta spettabile Presidenza un biglietto d'invito, corrispondente al tavolo nº 59.

Grati per il piacere che ci será concesso accettando il presente invito, cogliamo l'occasione per porgere

Cordiali Distinti Saluti

*Responder
agradecendo o
pedido e sob o nome
de comparecimento
Rússia 14-6-60
Franco*

Dr. Franco Bocchini
Franco Bocchini
PRESIDENTE

Correspondenza: — Caixa Postal 71 — Juiz de Fora — Minas Gerais — Brasil

Anexo XIII - Carta do vice-cônsul de Juiz de Fora, Ugo Scalabrino, à AAG, de 07 de agosto de 1952



REPUBBLICA ITALIANA
VICE CONSOLATO D'ITALIA
JUIZ DE FORA
BRASIL

Juiz de Fora 7 agosto 1952

Come è di dominio pubblico, nella prossima settimana, approderà a Rio de Janeiro, la nave-scuola "AMERIGO VESPUCCI" portando il saluto della nuova Italia, e della sua gloriosa Marina di Guerra, attraverso i 340 ufficiali, guardie marine e marinai, al Brasile amico.

Da tutte le parti di questo vasto Paese, comitive di italiani, discendenti, amici dell'Italia, si recheranno a Rio a visitare la bello-nave.

Per accordi presi con il superiore Consolato di Belo Horizonte, domenica 17 agosto alle ore 11, saranno ricevuti i provenienti di Minas, ed a tal scopo quest'Ufficio Consolare, sta organizzando omnibus speciali in partenza, sabato 16 agosto alle ore 14 con ritorno da Rio il giorno dopo (domenica) alle ore 17.

Sarebbe opportuno che anche l'ANITA GARIBALDI, fosse largamente rappresentata, pregando di nominare una commissione che possa combinare con i rappresentanti della "DANTE ALIGHIERI", le modalità necessarie.

Distintamente
IL VICE-CONSOLE

Ugo Scalabrino

All'Associazione
ANITA GARIBALDI
Juiz de Fora

Anexo XIV – Solicitação de patrocínio ao Grupo Tarantolato com base no projeto aprovado pela lei estadual de incentivo à cultura da Secretaria Estadual de Cultura (MG)



GRUPO TARANTOLATO

Associação Cultural Grupo de Dança Folclórica Italiana Tarantolato

CNPJ: 04.584.166/0001-53 Inscrição Estadual: Isento
JUIZ DE FORA - MINAS GERAIS

(0**32) 3211-4604
(0**32) 3211-9749

A empresa:
Aos cuidados de:
Assunto: pedido de patrocínio do projeto aprovado na Lei Estadual de Incentivo Cultural da Secretaria Estadual de Cultura

Juiz de Fora, fevereiro de 2012.

Vimos pelo presente solicitar a Vossa Senhoria apoio, na forma de patrocínio, para nosso projeto aprovado na Edição 2011 da Lei Estadual de Incentivo Cultural da Secretaria Estadual de Cultura (Lei nº 17.615 de 04 de julho de 2008, regulamentada pelo Decreto nº 44.866 de 01 de agosto de 2008 que prevê renúncia fiscal do governo estadual ao ICMS devido pela empresa incentivadora que patrocinar o projeto aprovado.)

Nosso projeto "O Caipira dança tarantella em Praga" prevê apresentação de nosso grupo em julho próximo no "VI Festival Internacional de Folclore de Praga", na República Tcheca. O valor total está estimado em R\$ 69.000,00 (sessenta e nove mil reais).

Anexo encaminhamos resumo do projeto e proposta para a contrapartida do grupo oferecido à empresa patrocinadora, além do incentivo fiscal.

Na certeza de que poderemos contar com seu importante apoio, nos colocamos à disposição no aguardo da resposta.

Atenciosamente,

GRUPO DE DANÇA FOLCLÓRICA ITALIANA TARANTOLATO

Diretora-Presidente

Telefones de contato: (32) 3211-4604 [redacted] (32) 3211-9749 [redacted], (32) 8819-3977 [redacted]

email tarantolatojf@yahoo.com.br

Homepage: www.tarantolato.com.br

Facebook: <http://www.facebook.com/profile.php?id=100002750827669>

ENSAIOS: Avenida Barão do Rio Branco, 2585 Centro JUIZ DE FORA - MG

Anexo XV – termo de consentimento

Convidamos o (a) Sr (a) _____ para participar da Pesquisa **ETNICIDADE LINGUÍSTICA EM MOVIMENTO: OS PROCESSOS DE TRANSCULTURALIDADE REVELADOS NOS BRASILEIRÍTALOS DO EIXO RIO DE JANEIRO-JUIZ DE FORA**, sob a responsabilidade do pesquisador Mario Luis Monachesi Gaio, a qual pretende discutir os processos de transculturalidade identificados na formação e manutenção de núcleos étnicos híbridos compostos por descendentes de imigrantes italianos do eixo Rio de Janeiro – Juiz de Fora.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista e/ou enquete sociolinguística. As entrevistas consistem em perguntas a serem respondidas oralmente ou por escrito. As entrevistas orais serão gravadas e não serão divulgadas publicamente, assim como os nomes dos entrevistados não serão divulgados. A Enquete consiste em um formulário anônimo a ser preenchido pelos participantes cujos dados serão compilados e analisados estatisticamente.

Se depois de consentir em sua participação o (a) Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O(a) Sr.(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas seu nome não será divulgado. Para qualquer outra informação, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador no seguinte endereço: rua Dr. Gilson Salomão, 200, Juiz de Fora/MG, ou pelo telefone (32-32314377).

Os participantes de pesquisa, e comunidade em geral, poderão entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina/Hospital Universitário Antônio Pedro, para obter informações específicas sobre a aprovação deste projeto ou demais informações:

E.mail: etica@vm.uff.br

Tel/fax: (21) 26299189

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Assinatura do participante

Data: ____/____/____

Assinatura do Pesquisador Responsável